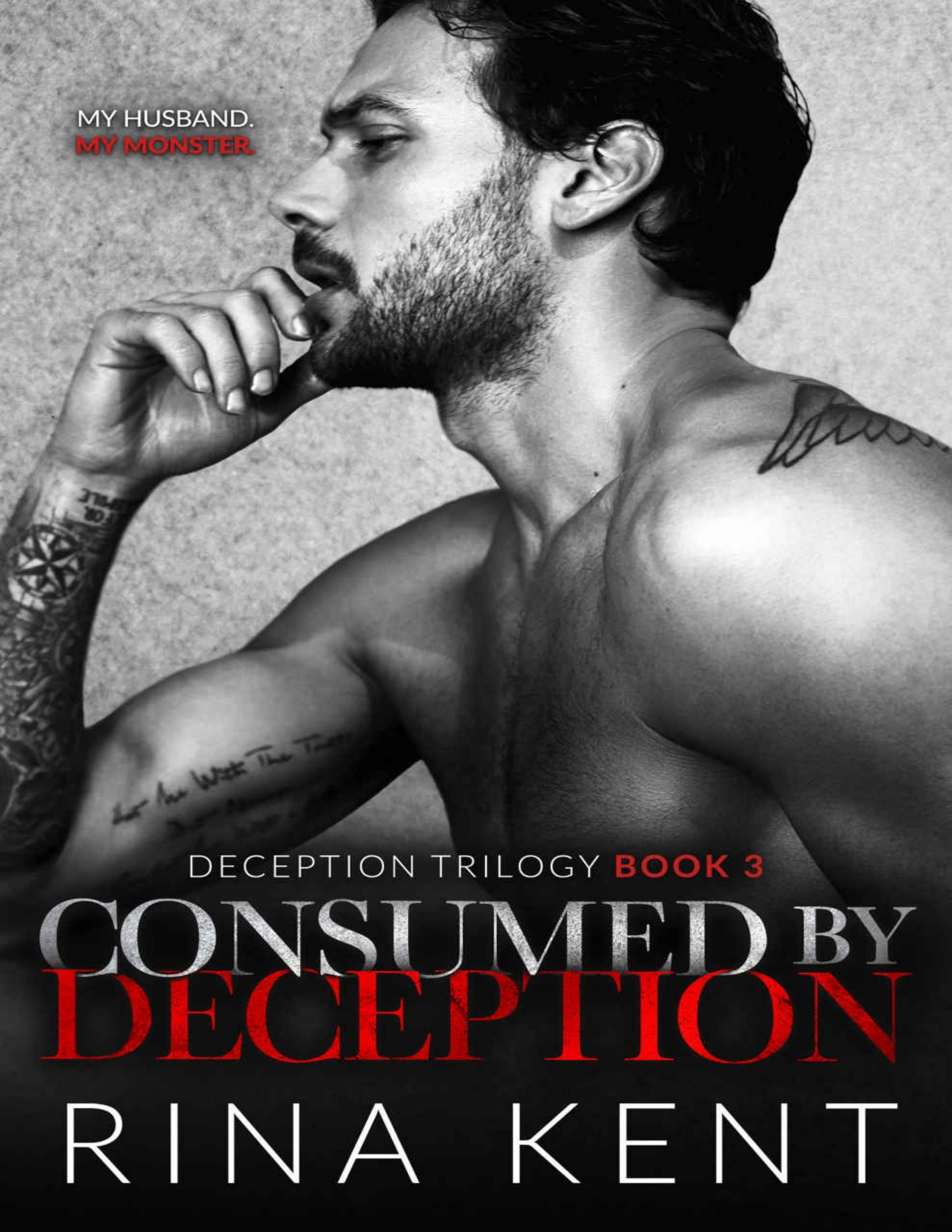




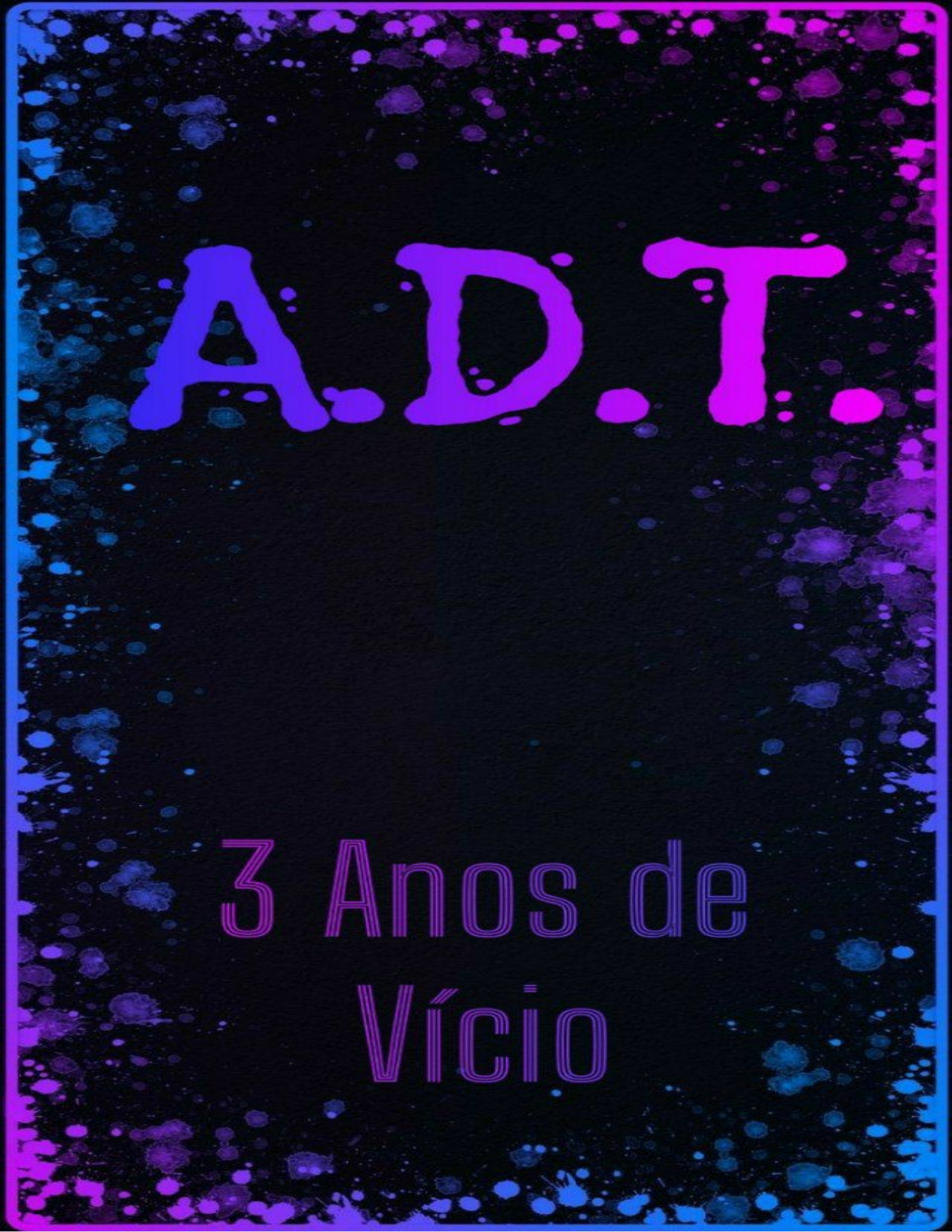
MY HUSBAND.
MY MONSTER.

DECEPTION TRILOGY **BOOK 3**

CONSUMED BY **DECEPTION**

RINA KENT





A.D.T.

3 Anos de
Vício

Sinopse

Meu marido. Meu Monstro.

A verdade nem sempre é o que parece.

Lia não percebe isso, mas ela vai. Em breve.

Eu escolhi esta vida. Esta estrada. Este arranjo distorcido.

Por ela, fiz um trato com o diabo.

Para ela, brinquei com o destino e a morte.

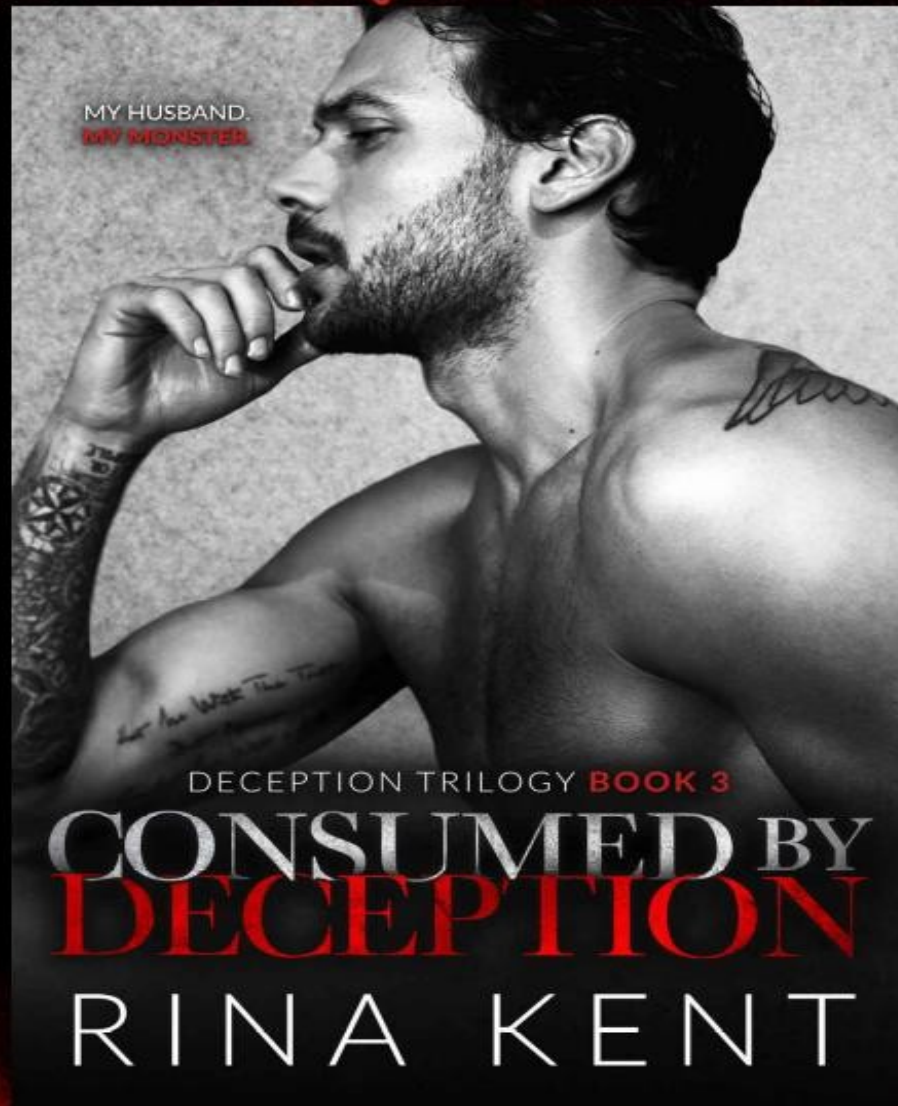
Não há como voltar atrás.

Eu a roubei e como qualquer ladrão, não vou devolvê-la.

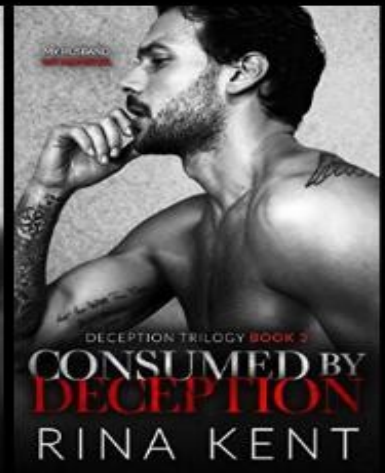
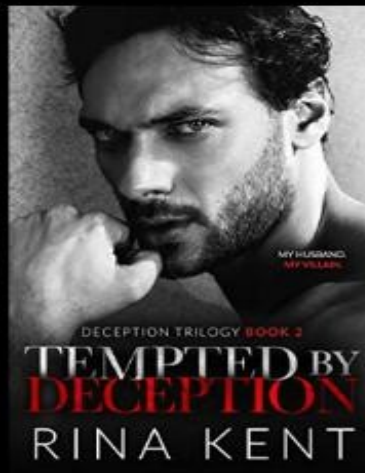
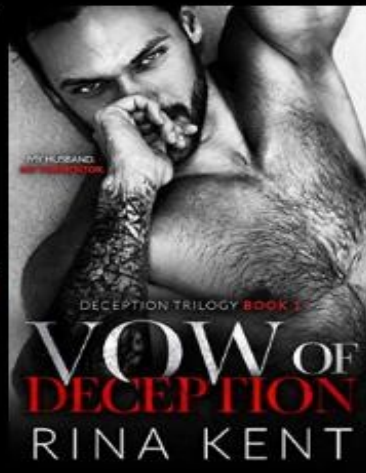
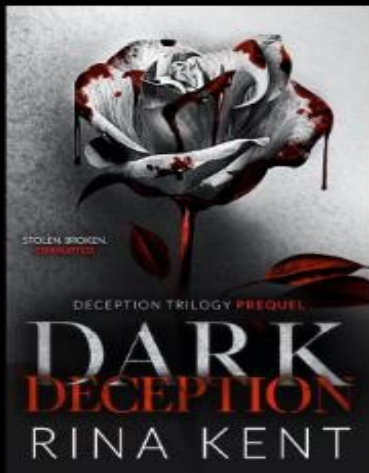
Lia é meu vício. Minha obsessão. Meu amor.

Minha.

Lançamento



A Serie



À menininha em mim que achava os heróis entediantes e se apaixonava pelos vilões.

Playlist

True Love – Coldplay

Let it Go – James Bay

Infinity – Jaymes Young

Flying High Falling Low – Walking on Cars

Breath – Breaking Benjamin

Lost it All – Black Veil Brides

Fallen Angel – Three Days Grace

Everyone Changes – Kodakline & Gabrielle Aplin

Learning to Breathe – Switchfoot

Remedy – Thirty Seconds to Mars

Closer to the Edge – Thirty Seconds to Mars

Make Believe – The Faim

My Heart Needs to Breathe – The Faim

Never Know – Bad Omens

Second Chances – Imagine Dragons

playlist no [Spotify](#).

Prologo

Adrian

Dez anos de idade

Eu sou empurrado para a noite fria e escura.

No início, eu não consigo acompanhar minha cabeça confusa enquanto eu pisquei para tirar o sono dos meus olhos. Eu levo um momento para me concentrar em meu entorno e ter certeza de que não estou sonhando com o último livro que li.

Os livros foram minha única fuga desde que tia Annika foi embora. Ela morreu sozinha em um acidente de carro brutal e meu pai não estava lá para ajudá-la. Em vez disso, ele estava conosco. Meus pais me levaram ao hospital para colocar um gesso no braço que mamãe quebrou. Eu não chorei. A dor no meu braço não doeu tanto quanto a dor constante e interminável no meu peito, e o fato de que tia Annika não estaria lá para me abraçar, que ela não conseguia mais tirar a dor é o que colocou um pare de chorar.

Papai estava orgulhoso de quão forte eu era e de que seu filho não derramou nenhuma lágrima. Pensei em contar tudo a ele, mas antes que ele

viesse me levar ao hospital, mamãe disse que se livraria de mim como se livrou da tia Annika se eu mencionasse alguma coisa ao papai.

Eu queria bater nele e na mamãe. Eu queria atirar os dois do carro porque, naquela época, pensei que teria tia Annika novamente se eles desaparecessem. Mas ela já tinha ido e agora apenas tem uma lápide. Uma que ninguém visita mais. Todo o calor e alegria que ela trouxe para a casa desapareceram desde que mamãe assumiu seu lugar. Papai se casou com minha mãe, embora seus amigos da Bratva não gostem dela.

Ela é muito inteligente para seu próprio bem. Eu ouvi um deles dizer. Acho que é porque ela insiste em saber tudo e se envolve o máximo possível. Ela briga muito com o papai porque ele não quer que ela ‘faça parte do negócio.’ Uma vez, mamãe disse que se ele a ouvisse, ele poderia ser o *Pakhan* e ele bateu em seu rosto. Eu não gosto quando papai bate na mamãe. Porque ela bate de volta e os dois estão gritando, quebrando coisas e sangrando.

Se eu entrar no caminho deles, mamãe me empurra contra a parede mais próxima e papai bate nela com mais força. Mas acho que é melhor se eles estão brigando, porque quando não estão, mamãe me dá um tapa por causa do menor erro e papai me faz memorizar livros e encontrar seus amigos da irmandade.

A julgar pela dor no meu braço, é a mamãe quem está me arrastando. Ela é a violenta, pelo menos em casa. Papai fica violento com ela, mas nunca comigo. Ele perde a paciência sempre que ela me machuca, e é por isso que ela só faz isso nas costas dele. Eu pisco enquanto sou levantado,

sem saber por que ela me puxou para fora da cama e mal me deu tempo para colocar meus sapatos antes de me levar para fora. Ela geralmente não me incomoda depois que adormeço.

— Depressa, Adrian! — Mamãe me empurra para frente, suas unhas vermelhas cravando no meu pulso e sua expressão pálida sob a luz suave que vem da rua.

— Mamãe...? Onde estamos indo?

— Agora, cale-se! — Seu olhar se desvia para o lado, então ela corre para seu jipe e me empurra para o banco do passageiro. — Afivele seu cinto de segurança.

Antes que eu possa perguntar de novo, ela corre para o lado do motorista e entra. Os pneus cantam e o carro corre na direção da saída. Minhas mãos estão instáveis quando coloco o cinto de segurança em volta de mim. Mamãe não se incomoda com o dela enquanto dirige pela rua vazia a uma velocidade que fisicamente me atrai e me rouba o fôlego.

Eu seguro no assento com as duas mãos enquanto estudo meu entorno. Está escuro, exceto por um poste de rua de vez em quando. Nenhuma outra pessoa ou veículo está à vista. Eu viro minha cabeça e vejo '2:25 da manhã' em vermelho neon no painel em frente à mamãe, que continua acelerando a cada segundo que passa. Ela nunca foi uma motorista cuidadosa. Ela é do tipo que buzina e grita com as pessoas e as xinga. No entanto, esta é a primeira vez que vejo seus nós dos dedos brancos e tremendo no volante.

— Mamãe? Onde estamos indo?

Sua cabeça se inclina em minha direção e ela está com uma expressão estranha, como se tivesse acabado de perceber que estou aqui. Então ela se concentra de volta na estrada. — Longe do fodido do seu pai.

Eu sei que eles têm lutado ultimamente e que os guardas do meu pai têm sussurrado sobre ela, mas eu pensei que eles iriam se reconciliar, como de costume. Eles têm fases em que são tolerantes com a presença um do outro, mas mal dura antes de começarem a se bater e xingar.

Ela dá uma volta enquanto acelera e eu bato na porta, machucando meu lado. Meu aperto aumenta no cinto de segurança. — Por que?

— Porque ele é um idiota, — ela rosna. — Ele poderia ser muito mais, mas está deixando seu medo dominá-lo. Se ele está tirando minha ambição, estou tirando seu precioso herdeiro.

— Isso significa que vamos morar juntos, só você e eu?

— Esse é o plano. Até que Geórgui pare de ser um idiota de merda.

Eu não quero morar sozinho com a mamãe. Pelo menos ela não me bate na presença do papai. Se ele não estiver lá, nada o impedirá. Ao mesmo tempo, não gosto da briga, então talvez se eles não estiverem juntos, será melhor.

— O idiota nem sabe até onde pode ir ou onde posso levar ele. Esse idiota, Nikolai, não merece ser o líder.

— Mas ele é o Pakhan, — eu digo baixinho.

— Isso não torna seu reinado absoluto. Lembre-se, Adrian, o poder é tomado, não dado. Se houver uma chance de ganhar, não faça perguntas ou hesite. Pegue.

— Mesmo que machuque os outros?

— Mesmo que machuque os outros. Eles são os únicos que se permitiram ser feridos, então você não precisa se preocupar com esses idiotas... — ela para enquanto olha para o espelho retrovisor e então bate no volante, xingando em russo.

Eu olho para trás e encontro vários carros atrás de nós.

— Filho da puta! — Mamãe bate forte no freio quando um carro passa na nossa frente horizontalmente e para.

Eu caio para frente, apenas o cinto de segurança me segurando no lugar. Três homens correm para fora do carro e, antes que eu perceba o que está acontecendo, nossas portas são abertas. Mamãe é arrancada de seu assento por dois deles enquanto Pavel, o guarda sênior do papai, solta meu cinto de segurança e me leva para fora, muito mais suavemente do que a maneira como os outros guardas lidavam com mamãe.

Pavel me faz parar na frente dele, com as mãos nos meus ombros enquanto ficamos entre o carro da mamãe e o que nos bloqueou. Ela está lutando contra os guardas que a estão detendo, xingando em uma mistura de russo e inglês. Ela tenta chutá-los com o salto pontudo do sapato, mas eles a mobilizam. Estou a poucos metros de distância, completamente

imóvel nos braços de Pavel. Não que eu fosse embora ou mesmo tivesse uma ideia de para onde ir.

Papai entra pela lateral. Embora mamãe seja uma mulher alta, ele é mais alto e mais musculoso, e tem um rosto carrancudo que nunca muda. Posso contar quantas vezes em minha vida o vi sorrir por um lado, e isso só acontece quando ele está com seus amigos Bratva.

Assim que ele se aproxima da minha mãe que luta, ela cospe na cara dele. Ele levanta a mão e dá um tapa na bochecha dela com tanta força que a cabeça dela gira para trás e o sangue explode de seu lábio inferior. A trilha desce pela pele clara de seu queixo e seu pescoço longo e gracioso. Eu estremeço, ainda não gosto que ele bata nela. Ele nunca fez isso com tia Annika, pelo menos não quando eu estava por perto. Mas ele sempre se torna violento com a mamãe.

— Vadia estúpida. — Papai enxuga o rosto com um guardanapo. — Eu sabia que você seria mais problemática do que vale a pena.

— Vai se foder, Geórgui! — Ela rosna, tentando chutá-lo, mas acaba no ar porque os guardas a estão mantendo como refém.

— Me foder? Eu? Foda-se, Dominika, e todos os problemas que você me fez passar desde que me casei com você. Eu disse para você não se envolver nos negócios da Bratva. Eu disse para você manter sua mente conivente para si mesma. Mas o que você fez? Você encontrou *capos* italianos e suas esposas pelas minhas costas e de Nikolai. Você achou que nunca descobriríamos, porra?

— Eu fiz isso para te dar o poder, seu idiota de merda! Nikolai é antiquado e você poderia ser mais forte do que ele, melhor do que ele.

— Ele é meu *Pakhan*! Ninguém planeja um golpe pelas costas de seu Vor. Não é assim que funciona, como eu já disse um milhão de vezes. Qualquer ato de traição é punível com a morte.

— Ninguém vai punir você se você for o maldito líder!

— Mas eu não sou. — Ele solta um longo suspiro. — Você traiu a mim e à irmandade, Dominika.

— Não. — Ela se contorce e luta, chutando e gritando.

Eu odeio essa visão da mamãe. Eu sempre soube que ela era maior do que a vida, mais forte também. Às vezes, totalmente odiosa. Eu nunca a perdoei por levar tia Annika embora, mas também não gosto de vê-la tão indefesa e sem saída.

— Você não pode fazer isso comigo! Eu sou a mãe do seu filho!

— Não a torna isenta de punição. — Papai retira sua arma e faz um gesto com ela para seus guardas. — Coloque ela de joelhos.

Os homens a empurram para baixo até que seus joelhos batam no chão, seus sapatos fazendo um som assustador no concreto enquanto ela se debate. — Não! Não! Você está escolhendo Nikolai em vez de mim?

— Estou escolhendo a irmandade ao invés de você. Se você não for punida adequadamente, Nikolai nunca vai perdoar o que ele pensa ser

minha traição. — Ele faz uma pausa, olhando para mim pela primeira vez esta noite. — Venha aqui, Adrian.

Pavel me dá um leve empurrão, depois me solta, mas me segue de perto. Minhas pernas parecem pesadas como tijolos quando as arrasto para onde papai está.

— Você já tem idade suficiente, então ouça com atenção, meu garoto. — Papai pressiona a arma contra a testa de mamãe e ela o encara com seu desafio arrogante de costume, nem uma única lágrima escapando de suas pálpebras — É assim que você pune os traidores, não importa o quão próximos eles estejam de você.

Ele puxa o gatilho.

Um grande estrondo ecoa em nosso entorno enquanto um líquido quente espirra em meu rosto.

Capítulo Um

Adrian

Trinta e seis anos de idade

Eu testemunhei a vida terminando bem na frente dos meus olhos.

Nem uma vez. Não duas vezes. Mas inúmeras vezes. Depois que vi a vida deixar o corpo da minha mãe quando eu tinha dez anos, tive uma epifania.

Ah. A morte é tão fácil.

A morte é o puxão de um gatilho, um respingo de sangue e olhos vazios. Se mamãe, a destemida Dominika que era mais forte do que a própria vida, fosse morta tão facilmente, então o ato não poderia ser tão difícil. É por isso que nunca temi a morte. Nunca desviei o olhar. Nunca hesitei na frente dela.

Na verdade, fui direto para ela. Eu a venci e a coloquei de joelhos na minha frente, como papai fez com a mamãe, depois atirei no rosto. Eu evitei as garras impiedosas da morte com tanta frequência que me achei imune a ela. De certa forma, a morte não significa nada para mim.

Não me toca. Não me tocaria. Esse foi o meu erro. O erro em meu sistema. Mesmo que eu nunca tenha temido o fim, ou qualquer coisa na verdade, desde a execução da mamãe, há algo que temo perder.

Ou alguém.

O mundo anda em câmera lenta, mas ainda é muito rápido e impossível de parar. Quando eu segui Lia aqui depois que ela mandou uma sócia para casa e tentou escapar, não foi isso que eu pensei que aconteceria. Lia despenca do penhasco como uma folha. Leve, minúscula e frágil pra caralho. Estendo a mão, mas tudo que pego é o ar. O pânico que nunca senti na minha vida estala minhas omoplatas e me congela no lugar.

Porra, não. Não é assim que vai acabar.

Eu escorreguei pela lateral do penhasco, deslizando sobre a terra até quase bater na água. Minha ferida no bíceps grita de dor e meus tendões ondulam a cada movimento. Pegando meu telefone, eu bato no ícone da lanterna até que um feixe de luz se espalha na minha frente, iluminando as ondas violentas que atingem as rochas.

A ideia de Lia presa lá fora, dilacerada pela água furiosa, aperta meu corpo e ataca meus nervos. Vejo uma pequena figura agarrada a uma pedra enquanto flutua na água, mas não se afasta. As vozes de meus homens se aproximam, e o corpo grande de Kolya é o primeiro a aparecer enquanto ele desce pela encosta.

— Pegue cordas! — Eu lati, então coloco meu telefone em uma pequena pedra, direcionando a lanterna para frente antes de mergulhar direto na água gelada.

O choque percorre meu corpo e minha ferida, a ferida que ela causou em sua tentativa de escapar de mim, mas eu ignoro todo o desconforto enquanto nado contra a correnteza. As ondas quebrando estão teimosamente tentando levar Lia para longe, para bater seu corpo delicado contra as rochas impiedosas e sugar sua essência de vida.

Quando a alcanço, descubro por que a água não conseguiu levá-la. Achei que ela estava enrolada em uma pedra, mas descobri que ela está presa entre duas. Uma delas não está visível, mas está prendendo sua metade inferior. Eu agarro seu pulso frio e úmido e paro de respirar enquanto espero por seu pulso. Uma fração de segundo se passa.

Dois... Três...

Uma pequena batida bate sob meu dedo congelado e eu finalmente inalo uma grande lufada de ar. Eu uso uma pedra como âncora enquanto puxo Lia do meio das outras duas. No momento em que ela está solta, eu coloco um braço em volta de sua cintura e seguro seu corpo congelado perto do meu. Fios escuros de seu cabelo cobrem seu rosto e eu os empurro para trás. Mesmo sob o brilho fraco da lanterna, posso ver que ela está pálida e seus lábios estão azuis, escurecendo um tom a cada segundo. Ela precisa de ajuda médica e ela precisa agora.

— Chefe! — Kolya chama da costa.

Eu olho para cima para encontrar ele, Yan, Boris e alguns dos meus homens parados na beira do penhasco. Meu guarda sênior joga a corda, mas ela é levada pela água. Ele faz de novo, e eu agarro no último segundo e enrolo no meio de Lia. Eu paro quando meus dedos encontram o material rasgado de seu vestido, então eu cuidadosamente tato ao redor.

Minha mão fica mais lenta quando encontro um corte em seu abdômen. Um corte profundo pra caralho que engole meu dedo. Eu rapidamente removo minha mão, mantendo-a imóvel. Isso é muito mais sério do que eu pensava se ela também está ferida. Essa complicação pode ser fatal em seu estado de congelamento.

— Nos puxe para fora! — Eu grito sobre a corrente.

Kolya e Yan puxam a corda enquanto os outros homens permanecem como uma segunda linha de ataque. Coloco Lia na minha frente para não tocar em seu ferimento, um dos meus braços em volta do seu peito e o outro segurando a corda. A água carrega nosso peso enquanto meus guardas nos arrastam para a costa. Kolya entrega a corda para os outros enquanto ele e Yan correm em minha direção.

Eu deixei Kolya levar o corpo de Lia apenas para que eu pudesse sair da água. Meus músculos doem com o esforço e minha ferida no bíceps pulsa com uma dor incandescente. No entanto, assim que estou em solo firme, puxo a corda ao redor de Lia e puxo seu corpo frágil para mim. Ela ainda está congelando pra caralho e seus lábios estão azuis e... errados.

— Um de vocês me dá uma jaqueta, — eu ordeno em russo.

Yan remove a sua e joga sobre o corpo de Lia, sem se preocupar em esconder seu olhar malicioso dirigido a mim.

— O hospital, agora! — Eu começo a escalar a lateral do penhasco, mantendo-a o mais firme possível.

A vida está deixando Lia aos poucos e, em breve, tudo acabará. Tudo sobre ela será apenas uma parte das minhas memórias. Não se eu tiver uma palavra a dizer. Ela pode ter pulado de um penhasco para escapar de mim, mas isso não vai acontecer nesta vida.

Ela é minha esposa. A mãe do meu filho. Porra *minha*.

E eu vou passar pelo próprio inferno se isso significar mantê-la lá.

Capítulo Dois

Adrian

A condição de Lia é crítica.

Não consegui superar essa informação desde que o Dr. Putin disse. Ele está na nossa folha de pagamento, mas como fui eu quem o trouxe para a Bratva, ele sabe quando deve guardar segredos para mim. Ele não vai contar a ninguém sobre o ferimento de Lia. Nem mesmo o próprio Pakhan. Isto é, se ele quiser proteger sua família da minha ira.

O ferimento no abdômen de Lia era realmente profundo e ela precisou de pontos para isso e, felizmente, nenhum órgão interno foi ferido. Sua temperatura congelante voltou ao normal, graças à rapidez com que a trouxemos aqui. Mas o fato é que ela ainda não abriu os olhos.

O Dra. Putin disse que não há inchaço cerebral, mas ela deve ter batido na água com força suficiente para causar um apagão. Isso foi ontem. Já se passou um dia inteiro desde que ela se jogou do penhasco. Um dia inteiro desde que ela abriu os olhos pela última vez. Um dia inteiro andando de um lado para o outro em seu quarto de hospital ou segurando sua mão delicada na minha.

Depois que coloquei roupas secas, nunca mais saí do lado dela. O Dr. Putin teve que suturar minha ferida no bíceps enquanto eu estava em seu quarto.

Eu manuseio a carne macia de seu pulso, deslizando meu dedo sobre as veias azuis visíveis. — O que você fez, *Lenochka*? Por que?

Se ela me ouve, não dá sinais disso. A pergunta é inútil, de qualquer maneira, pois já sei a resposta. Eu sei por que ela pensou em desistir. Para me deixar. Eu a estava sufocando, ela disse. *Eu a estava torturando*.

Essas palavras cavaram um buraco negro profundo em minha alma, talvez até pior do que quando ela confirmou que estava me traindo. Eu me tornei insuportável nos últimos meses. Cada vez que eu olhava para ela, me lembrava que ela deixou outro homem tocá-la, que ela o estava protegendo de mim, e minha raiva piorava a cada dia que passava.

Ela montou e aumentou e eu o tirei em sua boceta, bunda e carne. Eu a marquei e a machuquei para afastar a névoa vermelha. Mas isso não era suficiente. Sempre que eu terminava, a névoa voltava com força total, e tudo que eu podia ver era ela abrindo as pernas para outro homem. Ela gemendo, choramingando e chorando na frente de alguém que não sou eu.

Minha raiva se transformou em fúria e eu tive que dar um passo ou alguns, para trás para não machucá-la a ponto de não ter mais volta. Eu odiei o que ela tinha feito. Eu a odiava às vezes. E por causa disso, eu aparentemente a torturei, sufoquei e a levei à beira de um penhasco onde a morte era melhor do que estar comigo.

— Foda-se, — eu xinguei baixinho, passando a mão pelo meu cabelo.

Como poderei dar um passo em uma direção diferente agora? Porque eu tenho que fazer ou vou perder ela para sempre. A porta se abre e se fecha. Eu não levanto minha cabeça quando passos pesados ecoam no chão.

Ambos Kolya e Yan estão em minha visão periférica, as mãos cruzadas na frente deles. Meus dois guardas estão comigo desde que eu era jovem porque meu pai os preparou para ficarem de olho em mim. Kolya tem a minha idade, enquanto Yan é alguns anos mais jovem que Lia. Ambos são órfãos e são originários das favelas da Rússia, o que os torna o alvo perfeito para os esquemas de papai.

O que ele não esperava era que eu formaria uma conexão com eles e que sua lealdade seria absoluta para mim. Ele não. Não a irmandade. Eu. Ou pelo menos a de Kolya é. Yan tem mudado de lado entre mim e minha esposa desde que ela entrou em cena. O fato é que confio em meus homens. Não apenas passamos pela tirania de meu pai juntos, mas também por nosso treinamento militar. Um vínculo formado entre nós depois que nos vimos em nosso pior momento, e que não pode ser comprado com coisas materiais.

— Quem era? — Eu pergunto com calma apática. — Quem a ajudou?

— Rastreamos o sinal até a casa do Pakhan antes de ela ir para a floresta, — disse Kolya. — Então ela poderia ter encontrado alguém lá.

Eu bato meu dedo indicador contra minha coxa. — Não Sergei, já que ele não gosta dela. Se Vladimir estivesse lá, ele não teria se importado o suficiente com ela. Isso só deixa Rai.

— O que você vai fazer sobre isso? — Kolya pergunta. — Se você a atacar abertamente, todo mundo pode saber sobre o acidente da Sra. Volkov.

— Eu vou encontrar uma maneira.

— Isso não é o que é importante agora, — rebate Yan. — Lia quase morreu.

Minha cabeça se inclina para o lado para encontrar seu brilho severo. — Cuidado com a porra do tom se você não quer que sua língua seja cortada, e ela é a Sra. Volkov para você.

— Eu não me importo se você cortar minha língua ou meus membros, mas alguém obviamente precisa te dizer isso, chefe.

— Yan, — avisa Kolya.

— Cale a boca, Kolya. Você deveria ter dito isso a ele há muito tempo, mas você optou por não contar e cegamente ficou do lado dele. — Yan respira fundo pelas narinas, sua raiva ainda dirigida a mim. — Ela estava sofrendo e você sabia disso, mas escolheu acreditar que ela o traiu e deixou que ela suportasse sua ira implacável. Quando diabos ela poderia até trair você quando a seguíamos em cada passo? Ela perdeu a vida anterior e estava se adaptando à sua. Ela nunca tentou escapar depois daquela vez,

porque no fundo, ela queria estar com você e Jeremy, mas você teve que sufocá-la.

Eu solto um longo suspiro, optando por ignorar a insolência de Yan por enquanto. — Você terminou?

— Não. — Ele engole, sua voz perdendo um pouco da raiva. — Não sei por que diabos ela disse que te traiu, mas acho que foi porque ela descobriu que você a estava usando por ser filha ilegítima de Lazlo.

Eu estreito meus olhos. — Ela disse isso?

— Ela não precisava. Eu pude sentir isso.

— Então agora você compartilha uma conexão telepática com ela?

— Não...? — Ele pergunta, inseguro. É a escolha certa de palavras. Se ele tivesse dito que tinha essa conexão, eu o teria matado.

Já odeio que ela compartilhe uma amizade fácil com Yan. Que ela sorri para ele mais do que para mim ultimamente. E embora eu quisesse apagar isso desde o início, até eu percebi o quanto ela precisava de um amigo. Kolya também disse que seria mais inteligente deixá-la ser amiga de seu guarda do que o ver como uma ameaça.

— Basta falar com ela sem ser fechado. — Yan suspira. — Então você pode me matar.

— Também não vejo por que ela não deveria saber seu lugar no grande esquema das coisas, — diz Kolya.

— O que? — Eu pergunto.

— Ela é sua esposa há seis anos e se ela aprender sobre tudo, isso a preparará caso algo aconteça.

Yan o segura pelo ombro. — Porra, finalmente! Isso é o que eu venho dizendo o tempo todo.

Eu olho de volta para Lia. Eles acham que estou fazendo isso para mantê-la no escuro, quando tudo que fiz foi para protegê-la. A infância dela não foi das melhores e eu sei como ela se sente sobre o meu mundo, então tenho tentado ao máximo mantê-la o mais longe que posso. Isso, e eu não queria que ela conhecesse o destino de minha mãe se sua verdadeira identidade fosse descoberta.

Eu paro de tocar meu dedo. — Que tal a outra?

— A outra? — Yan franze a testa.

— A falsa Lia. — Eu dou a ele um olhar feroz. Mas pelo lado bom, mesmo ele não conseguia diferenciá-la da minha *Lenochka*.

— O nome dela é Winter Cavanaugh, vinte e sete anos, americana, — começa Kolya. — Ela está sem-teto por alguns meses depois de ter um natimorto. O pai da criança é desconhecido. Ela é viciada em álcool e vem de uma família de classe baixa.

— Há mais informações sobre os pais dela?

— Na verdade não, mas vou analisar mais a fundo.

— Que tal a condição médica dela?

— Ela está em coma.

— Mantenha-a na casa de hóspedes até que eu descubra o que fazer com ela. Eu não quero a sócia de Lia vagando pelas ruas.

— Sim chefe.

Os dedos de Lia se contraem na minha mão e seus olhos se movem sob suas pálpebras antes que ela os abra lentamente.

— Ligue para o Dr. Putin, — ordeno, depois me inclino para frente enquanto Kolya sai da sala.

Minha esposa pisca algumas vezes e, ao testemunhar a vida lentamente voltando para ela, faço uma promessa de recuperá-la, de consertar as coisas.

De alguma forma.

— Ei. — Eu acaricio seu queixo e bochecha. — Como você está se sentindo, *Lenochka*?

Ela olha para o teto, piscando lentamente, mas não dá sinais de me ouvir.

— Lia. Eu sei que você está com raiva de mim, mas olhe para mim.

Ela não faz. Em vez disso, ela está mole, sua expressão entorpecida tornando seus olhos azuis silenciados, quase como se uma névoa os cobrisse.

— Lia, — eu chamo novamente.

Nenhum som ou movimento.

— Há algo de errado com ela, chefe. — Yan está do outro lado, observando o rápido aumento de seus batimentos cardíacos na máquina, que emite um bipe em um ritmo alarmante enquanto ela permanece imóvel, olhando para o nada.

Seus lábios se contraem e ela emite um som. Eu me inclino para poder ouvir suas palavras. Elas são baixas, assombradas e me apunham direto na porra do peito.

— Winter... Meu nome é Winter...

Em seguida, seus olhos rolam para a parte de trás de sua cabeça e ela perde a consciência.

Capítulo Tres

Adrian

Winter.

Lia disse que seu nome é Winter.

Não só isso, mas ela também não disse nada além daquelas cinco palavras miseráveis. Ela tem entrado e saído da consciência nos últimos três dias. E quando ela acorda, ela não encara nada, nem mesmo reconhecendo a minha ou a presença de qualquer outra pessoa.

Dra. Putin disse que é puramente mental neste ponto e que sua reação corporal está relacionada a isso. Chamei sua psiquiatra ou, mais precisamente, ameacei-a para que ela viesse verificar Lia. A Dra. Taylor é uma mulher pequena, morena, de cabelo preto curto e postura ereta, que insistia em falar sozinha com minha esposa. Mas isso não me impede de olhar pela janela de vidro. Surpreendentemente, Lia está conversando com a terapeuta, e ela não parece estar repetindo o fato de que é Winter indefinidamente.

Kolya permanece em silêncio ao meu lado depois que mando um Yan resmungão voltar para casa para cuidar de Jeremy. Eu tive que voltar para pequenos intervalos durante os últimos dias para fazer companhia a ele antes de colocá-lo para dormir. Ele chorou na primeira vez que eu disse

que sua mãe tinha viajado e voltaria para buscá-lo em breve. Então ele se recusou a dormir em qualquer lugar, exceto no meu colo e na minha companhia.

Jeremy sempre se acostumou a ter sua mãe por perto, e não tenho a menor ideia de como fazê-lo mudar de situação. Por enquanto, ele precisa acreditar que ela está fora e voltará. Porque ela vai voltar. Mesmo que eu tenha que ameaçar e coagir todos os médicos e psicoterapeutas. Dra. Taylor sorri para Lia, então caminha até a janela e fecha as venezianas para bloquear minha visão delas. Estou prestes a entrar, mas sou interrompido quando a terapeuta sai e fecha a porta atrás dela.

— Porque você fez isso? — Eu pergunto com uma calma misturada com uma raiva profunda.

O fato de Lia não falar comigo, muito menos me reconhecer, é como ser picado por agulhas minúsculas. A dor não é aguda, mas é constante e ininterrupta.

Dra. Taylor desliza seus óculos de aro dourado sobre o nariz. Sua mão está tremendo e posso dizer que ela está intimidada por mim, mas ela encontra meu olhar de frente. — Porque você a está assustando.

— Ela me reconheceu? — Eu pergunto lentamente, esperançosamente, e até mesmo o corpo de Kolya se inclina para frente em antecipação à resposta.

— Não, ela não conhece, mas ela o reconhece como um perigo.

Eu finjo que essas palavras não me cortam como uma faca cega. — Ela disse isso?

— Sim.

— O que mais ela disse?

— Que há homens assustadores fora de seu quarto e que ela não fez nada de errado. Ela também parece acreditar que é Winter Cavanaugh e até mesmo relatou os eventos de sua vida. Pelo que você me contou, ela já conheceu Winter e conversou com ela, então o fato de ela saber todos os detalhes não é uma surpresa.

— O que há de errado com ela?

— Ela está se dissociando, Sr. Volkov.

— Dissociando?

— Aconteceu devido ao evento traumático que ela vivenciou, e outros fatores de sua infância, aliados aos traumas da vida adulta, são provavelmente os que a levaram a esse estado. Acredito que o caso dela seja uma forma de fuga dissociativa. Ela não percebe que está passando por uma perda de memória e inventou uma nova identidade para preencher as lacunas.

— E como faço para impedi-la de se dissociar?

— Você não pode. Ela atualmente acredita ser Winter e se você disser a ela o contrário ou forçá-la, ela pode piorar e desenvolver outros tipos críticos de dissociações.

– Você está me dizendo para sentar e não fazer nada?

– Algo parecido. Ela precisa encontrar seu antigo eu por conta própria. Sua neurose está muito forte agora. Em outras palavras, sua mente é muito frágil e ela é a única que pode reconstruí-la. Qualquer forma de coação terá o efeito oposto exato. Na verdade, as vítimas de dissociação escapam para suas mentes em resposta a um trauma ou abuso. – Ela enfatiza a última palavra, mesmo enquanto tenta evitar meu olhar.

Leva tudo de mim para não quebrar seu pescoço e mostrar a ela como é o verdadeiro abuso. Em vez disso, eu seguro minha calma para que possa obter as respostas dela. – O que ela precisa agora?

– Uma mudança de seu habitat normal seria ótimo. Ela também precisa de uma comitiva de apoio e nenhum diálogo crítico. Para abrir sua mente novamente, Lia precisa se sentir segura.

– E você não acha que isso vai acontecer se ela estiver na minha companhia.

– Eu não disse isso.

– Você estava pensando nisso.

– Bem, sim, Sr. Volkov. Eu te disse, ela te considera uma ameaça, e como ela realmente não se lembra de você, estar na sua presença vai piorar o caso dela.

– Que tal nosso filho? Ele tem cinco anos.

— Temo que, em seu estado atual, ele faça mais mal do que bem. Ela pensa que é Winter e que perdeu um filho. Se ela vir outra criança tão cedo, o tiro pode sair pela culatra e levar a mais complicações. Sua psicose é bastante volátil e imprevisível agora e é melhor não colocar pressão em seu estado mental. Dê tempo a ela e tente preencher a lacuna para ele, tanto quanto possível.

— E se eu falar com ela?

— Você falando com ela é a razão de ela estar tendo esses ataques de pânico. Ela acredita ser Winter e você continua a chamando de Lia. — Ela faz uma pausa. — É melhor colocar alguma distância entre vocês dois por enquanto.

Eu quero dizer a ela que isso não vai acontecer. Que de jeito nenhum vou deixar Lia sozinha. Que se foda a psicoterapia e todas as suas bobagens. Lia e eu vamos escrever nossa própria história e, para que isso aconteça, ela precisa ficar ao meu lado. No entanto, eu vi os ataques de pânico da minha esposa. Eu testemunhei a dormência em seus olhos e, antes disso, experimentei sua rendição completa quando ela pulou daquele penhasco.

No fundo, eu sei que preciso deixá-la ir. Mesmo que apenas temporariamente. Mesmo que isso signifique rasgar a porra de um pedaço do meu peito.

A Dra. Taylor diz algo sobre recomendar um colega psicoterapeuta para que eu a deixe em paz, mas eu a afasto com dois dedos. Ela se apressa pelo corredor, seus saltos clicando enquanto ela continua olhando para

mim e Kolya. Encaro a janela com persianas fechadas e, embora não possa ver Lia dentro, posso senti-la.

Ela se tornou uma parte de mim. No início, só me aproximei dela por causa de quem ela é e do papel que desempenha no meu sistema. No entanto, ela lenta mas seguramente tornou-se parte integrante da minha vida. Ela me fez perder o controle mais de uma vez quando me achei incapaz de tal blasfêmia. Lia não apenas me desafiou, ela também se infiltrou sob minha pele e colidiu em meus ossos.

Agora, eu tenho que deixá-la ir para seu próprio bem. Porque embora eu precise dela em minha vida e anseie pela suavidade que ela traz às minhas bordas irregulares, eu aparentemente a cortei muito fundo que não apenas alcancei a carne, mas também cortei tendões e veias. Eu disse a ela que estaria lá para ela até que suas cicatrizes sarassem, mas acabei adicionando algumas minhas.

— Ei, Kolya. — Minha voz está letárgica, baixa.

— Sim chefe.

— Você também acredita que sufoquei Lia?

Meu segundo em comando hesita antes de tocar os cabelos loiros curtos em sua nuca. — Honestamente? Eu acredito que vocês sufocaram um ao outro.

Eu o encaro. — Como assim?

— Você não deu a ela muitas opções e ela retaliou sendo fria e colocando distância entre vocês dois. Ela fez isso para se proteger, eu

acredito, mas você não é uma pessoa paciente, então a situação continuou aumentando até chegarmos a esta fase.

— Você sempre teve essas crenças?

— Sim.

— Então por que você não as expressou?

— Você não pediu minha opinião, então não vi necessidade de opinar.

— Achei que você estaria no assunto de Yan.

— Eu estou, parcialmente. No entanto, Yan pode ser imprudente. Devido a sua amizade com a Sra. Volkov, ele às vezes se esquece de seu personagem, chefe.

— Isso vai fazer com que ele seja morto um dia.

— Ele só se preocupa com ela.

— E você acha que eu não?

— Claro que não. Você apenas... mostra de forma diferente. — Kolya faz uma pausa. — O que você planeja fazer sobre esta situação?

Um longo suspiro me deixa enquanto estudo o padrão das venezianas fechadas através do vidro. Quando a terapeuta disse que Lia precisa de uma mudança de habitat, uma ideia começou a se formar na minha cabeça. Eu odeio isso, mas pode muito bem ser a única solução possível agora.

— Eu a deixarei ser Winter.

Kolya me observa atentamente como se eu tivesse uma segunda cabeça.

— Você irá?

— É isso ou vou perdê-la.

— E como você pretende fazer isso?

— Você ainda mantém contato com seu colega do Spetsnaz que era excelente em maquiagem de disfarce?

— Sim. Para que você precisa dele?

— Yan.

— Yan?

— Seu colega vai disfarçar Yan para ficar de olho em Lia.

— Ele não consegue ficar de olho nela como está?

— Não. Ela conhece seu rosto. Isso pode lembrar ela de mim e complicar seu estado. Ele precisa ter uma aparência diferente e ter outra formação.

— O que você quer que ele seja?

— Um sem-teto. Coloque Lia no abrigo que está sob nossa proteção e diga a Richard que ela deve ser tratada com cuidado, mas esconda sua identidade dele. Ele nunca a conheceu antes, então não deve ser difícil.

— Chefe, você tem certeza disso?

— Sim, Kolya. Vou deixá-la acreditar na mentira. Se ela quer ser Winter, que seja.

Porque mais cedo ou mais tarde, seu caminho será uma estrada de mão única para mim.

Capítulo Quatro

Adrian

Um mês depois

Nunca fica mais fácil. Não a parte sobre assistir de longe. Ou a parte sobre ir para uma casa vazia sem ela. Ou a parte em que Jeremy me pergunta quando sua mãe vai voltar. Digo a mim mesmo que é pelo bem dela, por sua saúde mental e para matar qualquer motivo que ela tivesse para pular do penhasco.

Digo a mim mesmo que ela se lembrará de mim, que um dia reconhecerá Yan, e então dirá a ele para levá-la para casa. Não aconteceu até agora. No mínimo, ela parece estar mais envolvida em sua vida falsa como Winter.

Eu odeio essa porra de nome e a mulher por trás dele que ainda está em coma na minha casa de hóspedes. Se Lia não a tivesse conhecido, ela não teria pulado daquele penhasco e nós não estaríamos aqui. Porém, provavelmente era apenas uma questão de tempo antes que Lia tentasse sua fuga. Conhecer Winter foi a gota de água que transbordou o copo, não a primeira.

O que mais odeio nessa situação são as condições em que ela vive. Minha Lenchka não deve dormir em abrigos ou nas ruas. Ela não deveria usar roupas de caridade e luvas rasgadas. Ela não deveria ser uma sem-teto.

Sua casa é comigo e Jeremy. Todos os dias, luto contra o desejo de levá-la e levar ela comigo, de levar ela para nossa casa, onde ela sempre deveria estar. Porém, algo me impede. A mudança nela.

Ao contrário de antes, Lia está sempre sorrindo agora e até mesmo rindo com Yan ou Larry, como ela o conhece. Assistir suas interações com ele me dá desejos diferentes, como estrangulá-lo até a morte. Não gosto que ela ria com ele, mas nem mesmo se lembra de mim. Eu odeio que ela tenha se vinculado a ele em um momento, mas teve apenas ataques de pânico quando eu estava ao lado dela no hospital.

Mas, ao mesmo tempo, gosto que ela seja mais despreocupada, que seus demônios não estejam levando a melhor sobre ela. Yan também mencionou que ela não teve um único pesadelo desde o dia em que ficou sem-teto.

Algumas semanas atrás, pedi a Emily, uma de nossas gerentes de loja de departamentos, que fizesse uma mudança em Lia enquanto ela tomou pílulas para dormir. A gerente da loja mudou minha esposa para se parecer com as fotos de Winter que encontramos nas câmeras de vigilância. Quando ela acordou no hospital, pedi que um médico diferente de Putin lhe desse alta, caso ela se lembrasse de algum detalhe do passado e de seu rosto.

Lia não teve dificuldade em acreditar que era Winter ou se adaptar à sua vida, como se sempre tivesse sido dela. Pode ser porque ela estava acostumada a conviver com os sem-teto devido à quantidade de voluntariado de que participou. Ela mencionou uma vez que eles eram livres. Nunca esqueci a expressão dela naquela época, a tristeza nela, e o quanto seus olhos brilhavam com um desejo secreto por essa liberdade.

Naquela noite, inventei uma desculpa para espancá-la, para puni-la para nunca sequer pensar em me deixar. Então eu a fodi como um louco, como se pretendesse expurgar essa ideia de sua cabeça. Mas, no fundo, reconheci que ela acreditava nisso. Na verdade, ela provavelmente enterrou em seu subconsciente até este momento. Ser sem-teto é semelhante à liberdade para ela.

Kolya para o carro na parte de trás do abrigo em que ela fica e nós esperamos. Meu segundo em comando pega seu telefone, provavelmente para verificar os e-mails dos hackers. Boris abre e fecha seu maço de cigarros, mas não acende nenhum. Sento no banco de trás, toda a minha atenção concentrada na porta do abrigo. Cada vez que alguém sai e não é ela, meu estômago cai com um tipo de decepção pungente.

Quando ela sai, eu a sinto antes de vê-la. É uma ligação estranha que eu não percebi que tinha com ela até o dia em que ela caiu daquele penhasco. Eu tiro essa imagem horrível da minha cabeça enquanto me concentro nela. Ela ficou mais magra, mas seus traços ainda são os mesmos, suaves, delicados e tão bonitos.

Ela ainda é a rosa frágil que quero proteger do mundo, atraí-la para o meu e engoli-la na minha escuridão. Lia enfia as mãos no casaco e corre rua abaixo, provavelmente para pegar uma cerveja e se embriagar.

Eu aponto para Boris. — Siga-a.

— Sim chefe. — Ele abre a porta do passageiro e sai, mantendo distância enquanto a segue de longe.

Minha atenção permanece nela até que ela vire a esquina com Boris em seu encalço. Provavelmente irei me juntar a ele depois de falar com Yan. Dizer que tenho negligenciado meu trabalho nas últimas semanas seria um eufemismo. Eu não consigo me concentrar em nada quando Lia está fora, porra. No passado, estava acostumado a observá-la no jardim ou a saber que ela estava em algum lugar em casa, sã e salva. Agora que ela não está lá, minha mente parece dispersa e não consigo fazer nada.

Embora eu precise. Para continuar protegendo ela e Jeremy, preciso estar no controle das coisas e não deixar nada passar por mim. O banco de trás se abre e Yan desliza para o meu lado, cheirando a lixo. Ele esfrega o nariz com as luvas sujas e pega um cigarro. Ele parece uma merda. Mas ele não parece se importar, contanto que proteja Lia.

O ex-colega de Kolya fez maravilhas nas características de Yan. Ele não apenas o fez parecer algumas décadas mais velho, mas também mudou seu mapa facial de uma forma que lhe deu uma aparência completamente diferente. Yan é atualmente Larry, um ex-veterano que tem maçãs do rosto salientes e cabelos grisalhos.

Ele está sempre ao lado de Lia, a menos que precise retocar seu disfarce, e é quando Boris, Kolya ou eu, ficamos de olho nela. Às vezes eu assisto mesmo quando Yan está com ela. Em parte para vê-la sorrir e em parte para dar ao meu filho da puta ataques de guarda no caso de ele tocá-la.

— Ela mencionou alguma coisa? — Eu faço a mesma pergunta que faço todos os dias.

Ele balança a cabeça uma vez, soprando uma nuvem de fumaça. — O de sempre. Ela realmente acredita ser Winter.

Eu bato meu dedo contra minha coxa para não socar algo. Eu deveria estar acostumado com isso agora, mas nunca estou. Todos os dias, espero que ela se lembre de mim. Que ela vai voltar. A Dra. Taylor mencionou que o estado de fuga pode durar de dias a meses, e que Lia acabaria se lembrando de quem ela realmente é. Já faz um mês e, no entanto, minha esposa parece mais interessada em ser uma pessoa completamente diferente.

Yan inspira profundamente sua fumaça e a libera. — Há algo que você precisa saber, chefe.

— Diga.

— Aquele filho da puta do Richard colocou as mãos sobre ela.

Meu corpo fica rígido. — *O que?*

— Ele a assediou e ela o chutou nas bolas, entre outras coisas, antes de partir.

Duas emoções passam por mim simultaneamente. O primeiro é a raiva. Um pressentimento sombrio me agarra pelo estômago ao pensar em Richard ou qualquer outro bastardo tocando minha Lia. Vou arrancar cada membro deles membro por membro e tomar banho em seu sangue para que aprendam a nunca foder com o que é meu.

O segundo é o orgulho da minha *Lenochka*. Ela lutou porque é isso que ela é no fundo. Uma lutadora. A primeira emoção é mais forte e potente, me obrigando a arrancar o coração de Richard de seu peito e despedaçá-lo.

Eu aperto minha mão em um punho. — Onde está Richard?

— Em seu escritório. — Yan bate no cigarro. — Porque pergunta?

— Por que você acha?

— Ele é o candidato a prefeito de Bratva, chefe, — interrompe Kolya do assento do motorista. — Não só Sergei não gostaria, mas também consideraria isso uma traição.

— O que Sergei não sabe não vai machucá-lo.

Saio do carro e vou até a entrada dos fundos do abrigo. Já que estive aqui inúmeras vezes para falar de negócios com Richard ou para ficar de olho em Lia, eu sei como me virar. O diretor do abrigo não sabe quem é minha esposa e ele nunca suspeitaria que ela está sob seu teto. Quando eu pedi para Kolya falar com ele sobre isso pela primeira vez, ele pensou que ela era uma prostituta que eu pretendia transar.

Esse foi o seu erro. No começo, eu o deixei acreditar nisso porque não poderia me importar menos com o que ele pensava. Mas quem diabos é ele

para acreditar que poderia tocá-la? Que ele poderia colocar suas mãos imundas sobre ela?

Eu torço a maçaneta da porta de seu escritório, abrindo a porta e passando para dentro. O lugar está em mau estado, com um sofá de couro falso e uma mesa de madeira barata. Richard está de pé ao lado de sua cadeira, esfregando um pedaço de algodão na bochecha que tem arranhões de unha. Meus lábios se contraem quando aquele sentimento de orgulho me atinge novamente.

Essa é a minha Lenchka.

O diretor do abrigo é um homem de meia-idade com nariz achatado e sobrancelhas espessas. Ele se veste com ternos baratos que o fazem parecer um palhaço aspirante a palhaço. Ao me notar, ele se endireita, a ganância feia brilhando em seus olhos suaves e cor de lama.

— Oh, — ele tropeça em suas palavras. — A-Adrian. Eu não sabia que tínhamos uma reunião hoje.

— Nós não temos.

Ele joga fora o algodão encharcado de sangue e pega outro em cima da mesa. — Espere, me deixe cuidar disso. Uma vadia estúpida me arranhou e me chutou nas bolas... — ele para quando eu puxo minha arma e o silenciador, então levo meu tempo para prendê-lo.

O suor escorre pela testa de Richard enquanto ele observa a arma com os olhos arregalados. — O-O que é isso?

— Continue. — Eu caminho em direção a ele. — Você estava na parte em que a vadia estúpida arranhou você e chutou suas bolas minúsculas.

Ele levanta as duas mãos no ar. — E-Ei... podemos conversar sobre isso, certo? Eu sou um trunfo para você.

— Não quando você toca na porra da minha esposa. — Eu coloco o cano em sua testa, então penso melhor e pego minha faca.

Vou tornar essa merda pessoal e apunhalá-lo até que todo o seu sangue saia. Ninguém toca em Lia e vive. Fodido nenhum.



Depois de terminar com Richard, não volto para Kolya e, em vez disso, escolho caminhar a pé. Para assistir Lia.

Ela está marchando na minha frente, alheia ao que a cerca e a mim. Ela continua tomando um gole de uma bebida que furtou quando Yan não estava por perto. Lia nunca foi alcoólatra e também não é agora. Ela apenas acredita que é Winter e porque Winter era uma alcoólatra, Lia pensa que ela também é. Eu me certifico de que Yan dilui sua cerveja quando ela não está olhando. Não vou permitir que ela desenvolva um vício do qual se arrependerá.

Minha esposa está usando um casaco e sapatos um pouco maiores. Yan mencionou que sempre reclama do frio e do inverno. Eu gostaria de poder levá-la para casa, lavá-la e colocá-la em uma cama quente. Depois do que aconteceu com a porra do diretor do abrigo, estou paranoico que o incidente se repita. Que ela não está mais segura, mesmo que meus guardas e eu quase sempre a vigiemos. E se eu perder ela e não conseguir chegar a tempo?

Ela para na frente de um pôster do balé da cidade de Nova York, franzindo a testa enquanto o estuda. Meus pés param a uma pequena distância, mas como de costume, ela não me nota.

Ela vai?

Lia permanece lá por vários longos segundos, seu corpo ligeiramente trêmulo antes de esmagar a lata e jogá-la no lixo. Nós vamos. Isso é interessante. Pelo menos ela se lembra de sua conexão com o balé.

Winter nunca foi uma bailarina. No entanto, Lia de alguma forma tem em mente que ela era e até disse a Yan que ela foi empurrada por uma bailarina malvada que a pediu para seduzir seu marido. Pelo que sei, Winter nunca foi casada, nem teve um relacionamento de longo prazo.

Dra. Taylor mencionou que Lia inventou sua versão de Winter e ela poderia ter usado referências de sua própria vida para preencher as lacunas. Eu me pergunto se Lia pediu a Winter para me seduzir. Afinal, ela queria que uma estranha tomasse seu lugar em minha vida. Como se isso fosse possível.

Depois de jogar fora a lata, Lia começa a atravessar a rua sem levantar a cabeça. Uma van acelera pela rua e ela está completamente alheia a isso. Eu não penso enquanto a agarro pelo cotovelo e a puxo de volta. Por um segundo, eu me delicio com a sensação de tocá-la, embora camadas de roupas estejam nos separando. *Mesmo que ela não cheire a rosas agora.*

Não cheguei tão perto desde o hospital. E ela nem se lembrava de mim na época. Ela teve lapsos de memória mais tarde e não se lembrava dos primeiros encontros comigo. O Dr. Taylor, que a visitou novamente, disse que era normal para alguém no estado de Lia apagar tudo de suas vidas anteriores. Aparentemente, apenas sua nova identidade importa e minhas tentativas de falar com ela apenas a fizeram escapar mais profundamente em sua mente.

Para um lugar onde eu não conseguia alcançar. Lia se assusta, mas depois dá o dedo para o motorista quando ele a ofende. Eu me certifico de memorizar sua placa de carro para que eu possa cortar sua língua mais tarde.

— Você está bem? — Eu pergunto.

Eu provavelmente não deveria estar falando com ela, caso ela tenha um ataque de pânico como no hospital, mas não pude resistir. Eu sinto falta dela. Tenho saudades da minha Lia, e o fato de ela não se lembrar de mim está devorando minha alma como as ondas quebrando que a engoliram naquela noite.

Lia finalmente olha para mim e faz uma pausa, seus olhos água se arregalando e sua respiração engatando de forma audível. Ela me observa

atentamente como se me conhecesse. Talvez não na superfície, mas no fundo de seu coração. A esperança floresce em meu peito porque eu sei, só sei que posso ter minha esposa de volta.

Capítulo Cinco

Lia

Quatro semanas depois

Eu acho que estou louca.

Ou isso ou tudo que acabei de descobrir é verdade e perdi quase dois meses da minha vida. Dois meses acreditando que era Winter. Dois meses fugindo da minha verdadeira identidade. Dois meses de... mentiras.

Flashback após flashback cortou minha cabeça maltratada com a força destruidora de uma tempestade. Minha vida passa diante de mim como um filme distorcido, onde o público não sabe o final até que ele os acerta no rosto.

Meu nome é Lia Volkov.

Não é Winter. Eu não sou uma sem-teto. Tenho marido e Jeremy é de fato meu filho. Winter sempre foi uma invenção da minha imaginação. Não, não minha imaginação. Ela é uma pessoa real cuja identidade usei para que pudesse escapar da minha. Por que...? Por que... eu faria isso?

Eu afundo contra a parede no beco escuro e estreito e olho para Luca através da minha visão embaçada. Quando planejei fugir com Jeremy e mandei uma mensagem de texto para meu amigo de infância pedindo

ajuda, não pensei que ele planejaria um baile de máscaras inteiro. Eu nunca teria imaginado que foi ele quem mandou o palhaço de circo para onde eu estava esperando no parque, a fim de distrair os guardas e Jeremy para que ele pudesse me puxar para este beco.

Este é o mesmo Luca que queria que eu não apenas espiasse Adrian, mas também o matasse, porque matei o mercenário que ele contratou para o trabalho. A bile sobe para minha garganta e eu bato a mão na minha boca enquanto a realização bobina dentro de mim, torcendo e puxando minhas cordas cardíacas.

Eu *matei* alguém.

Para proteger Adrian, não pensei duas vezes antes de acabar com a vida de uma pessoa. É por isso que fiquei louca. É por isso que em algum lugar da minha mente, ser Winter fazia mais sentido para a minha sanidade. Ela podia ser uma sem-teto, mas era livre e definitivamente não era uma assassina.

Luca estala dois dedos na frente do meu rosto, sua impaciência gravada em suas feições duras. A jaqueta de couro, o boné de beisebol preto e a máscara dão a ele o anonimato que ele religiosamente tenta alcançar. Não me lembro dele aparecendo em público com o rosto totalmente visível. O fedor de alvejante vindo dele enche minhas narinas. Ele sempre tem aquele cheiro característico, porque é obcecado por limpeza. Antes, eu pensava que ele tinha um TOC, mas talvez tenha mais a ver com limpar corpos e matar. Em algum lugar nos cantos sombrios da minha mente, reconheci o

cheiro quando era Winter. Eu estava perto de identificá-lo, mas não consegui.

— Eu não tenho o dia todo, Duquesa.

Emoções quentes e vermelhas borbulham em minhas veias enquanto deixo minha mão cair mole ao meu lado. — O que você fez comigo?

Ele levanta um ombro. — Eu abri seus olhos para a verdade. Eu disse a você que Adrian tem usado você o tempo todo porque você é filha de Lazlo Luciano.

Enfio um dedo rígido em seu peito. — O único que tem me usado todo esse tempo é você, Luca. Eu considerava você um amigo, mas você tem me manipulado o tempo todo. Você colocou em perigo a minha vida, a de meu filho e a de meu marido só porque isso serve aos seus planos.

— Manipulado? Que porra é essa, Duquesa? Você esqueceu por que Adrian está mantendo você ao seu lado?

— Isso é para eu resolver com ele. Você não tem nada a ver com isso.

Os olhos de Luca brilham com raiva desmascarada e ele agarra meu braço, seus dedos enluvados cavando em meu casaco. — Você está escolhendo ele em vez de mim?

— Estou me escolhendo em vez de você, Luca. Eu não quero mais nada com você. Deixe a mim e minha vida em paz e vá embora. Se você machucar Yan ou qualquer outra pessoa de quem gosto novamente, não hesitarei em atirar em você como atirei em seu homem.

Isso pode me deixar louca de uma vez por todas. Eu posso perder minha identidade e me tornar alguém totalmente diferente, mas se for para proteger minha família, eu faria isso de novo em um piscar de olhos.

Minha família.

Meu coração aperta com esse pensamento. Adrian e Jeremy são minha família. Acreditar que não tinha nenhuma relação com eles por dois meses foi a coisa mais cruel que eu poderia ter passado. Eu pensei que era uma impostora, que estava levando o marido e o filho de outra mulher quando eu tinha Adrian e Jeremy o tempo todo. Bem, pelo menos Jeremy. Adrian é... outra história.

A última vez que o vi como Lia, pulei do penhasco. Meus demônios levaram a melhor e não pensei em Jeremy. Não pensei na minha vida e nas pessoas que estava deixando para trás. Isso é o que acontece quando sua mente se torna seu pior inimigo. Quando seu único propósito é destruí-lo de dentro para fora. É impossível pensar além dos sussurros dos demônios e da necessidade de acabar com tudo. Além do pensamento de que, ao terminar, eu poderia fazer tudo ficar bem. Eu estava errada, é claro. Totalmente errada. E eu teria cometido um grande erro se não fosse por Adrian.

Ele me trouxe de volta.

Esse pensamento faz meu coração bater descontroladamente no meu peito, batendo contra minha caixa torácica. Mesmo quando escolhi ser Winter, meu marido me pegou de volta e me tratou como Lia. Ele também se recusou a me chamar de Winter, mesmo quando eu implorei. Mesmo

quando eu tinha acessos de raiva e exigia isso. Mesmo quando ele poderia facilmente ter me transformado em Winter. E isso toca um canto profundo e escuro da minha alma. Um que não tinha luz, esperança e saída. Aquele que considerava o penhasco meu último recurso.

— Você acha que pode ir contra mim, Lia? — Luca se aproxima até que seu peito quase achatar contra o meu. Seu aperto no meu braço é inflexível, como se ele planejasse torcer e quebrá-lo.

— Eu não quero, mas farei se for preciso.

— Eu pensei que éramos amigos.

— Eu também pensei assim, mas não sou amiga das pessoas que me usam.

— E quanto a Adrian?

Meu peito aperta com a menção de seu nome. Eu acho que é impossível para mim não ser afetada quando se trata do meu marido. — O que tem ele?

— Vou contar a ele tudo o que você fez ao longo dos anos.

— Eu vou falar com ele. Ele vai entender.

— Adrian? — Ele zomba. — Você está tão delirando, Duquesa. Ele é o tipo que executa as pessoas se elas têm o mero pensamento de contrariá-lo. Agora, se ele descobrir que sua esposa o está espionando, como você acha que ele vai reagir?

A ideia de ser o alvo da ira de Adrian me faz tremer. Ele é realmente assustador quando está com raiva e não apenas porque me magoa, mas também por causa de seu tratamento silencioso. Eu prefiro que ele me foda e me castigue até que eu não possa me mover, em vez de me dar uma bronca. Como se eu não tivesse sentido.

— Ele vai me perdoar se eu explicar, — minto para Luca.

— Ele vai perdoar isso, entretanto?

Antes que eu possa entender suas palavras, ele esmaga seus lábios nos meus com uma força cegante que me deixa momentaneamente atordoada. Seus lábios, ásperos e desagradáveis, provocam uma profunda sensação de nojo. Tudo o que posso pensar são os beijos de Adrian, a paixão por trás deles e como eles são capazes de me levantar e ainda me bagunçar. Eu bato a mão no peito de Luca e tento afastá-lo, mas ele agarra e continua me beijando. Mesmo quando eu aperto meus lábios.

— Então é por isso que você queria sair?

Meu corpo fica quieto com aquela voz. A mesma voz que existe em meus sonhos e meus pesadelos. A voz profunda com um tenor ligeiramente rouco que me salva da minha mente na maior parte do tempo. Só que não parece ser o caso agora. A julgar pela calma assustadora em seu tom, ele está aqui para desencadear sua ira. A cólera que me faz tremer toda.

Luca me empurra, forçando minha mão a soltá-lo, e então ele está correndo na direção oposta. Adrian acelera o passo atrás dele, sem me

lançar um olhar. Ele está segurando uma arma e, embora seu controle pareça fácil, seu corpo é tão rígido que ele parece prestes a se soltar.

Se ele for atrás de Luca em seu estado, não tenho dúvidas de que meu ex-amigo de infância o matará. Ele não hesitará em colocar uma bala nele e terminar sua vida. Afinal, ele está planejando o assassinato do meu marido todo esse tempo. Pego a mão de Adrian, a que está com a arma, mas ele me empurra de volta sem olhar para mim. Eu não o deixo ir, porém, minhas unhas cravando na manga de sua jaqueta.

Pela primeira vez desde que pegou Luca me beijando, os olhos de Adrian encontraram os meus. Eu gostaria que eles não tivessem. Eles são nítidos, duros e se parecem com o céu impiedoso acima. Quando ele fala, o tom de sua voz é calmo, mas áspero. — Me deixe ir.

Eu balanço minha cabeça freneticamente.

— Proteja ele o quanto quiser, Lia, mas vou matá-lo, porra. Hoje ou amanhã ou daqui a uma década. Isso vai acontecer.

— Eu não estou protegendo ele... — Eu engasgo com minhas lágrimas.
— Estou protegendo você.

Meu marido me encara e bate com o punho livre na parede acima da minha cabeça, o som horrível ecoando no pequeno beco. Seu corpo se amplia, quase como se estivesse dobrando de tamanho, enquanto suas feições ficam mais nítidas. Estar na companhia de Adrian sempre foi uma experiência, mas ser o alvo de sua raiva não é diferente do que bater em

um vulcão no ponto de erupção. Ele pode não me queimar, mas a ameaça está lá, esperando, ganhando a hora de me engolir inteira.

— Então agora você está me protegendo? Qual é o próximo? Você vai dizer que está transando com ele por minha causa?

Eu solto uma respiração instável, meu aperto forte na manga de sua jaqueta. — Eu nunca fiz, Adrian. Eu menti.

— Ele acabou de colocar a língua na porra da sua garganta. Qual parte disso é estar mentindo?

— Ele não tinha a língua dentro. Se você não estivesse tão cego por sua raiva, você teria visto isso e o fato de que ele forçou aquele beijo em mim.

— Então agora é *minha* culpa?

— Não... — Eu envolvo minhas duas mãos em torno de seu pulso, olhando para ele, esperando, implorando ao Adrian que acho que perdi.

Acontece que não. Mesmo como Winter, ele voltou para mim. Ele me tratou como se eu fosse importante. Ele me beijou. Ele se sentou e sorriu para mim. Eu quero aquele Adrian, não o monstro fechado que ele se torna quando está furioso. Ou pior, quando ele pensa que eu o traí. Ele viu Luca me beijando, então meu caso não parece muito bom, mas eu quero lutar.

Para ele. Para nós. Para o relacionamento que nunca tivemos propriamente.

— Eu me lembro... eu sei que não sou Winter e que sou Lia. Sei que você deve ter ficado de olho em mim o tempo todo em que pensei que era uma sem-teto e que você acabou me trazendo para casa.

Adrian me estuda atentamente, seu olhar inquisitivo me perfurando, me rasgando até chegar até a medula dos meus ossos. Se esperava alguma alegria ou alívio, não recebo nada. Um músculo se contrai em sua mandíbula e ele puxa o punho para trás de modo que possa bater contra a parede novamente. Eu recuo, mas é mais por preocupação com a ideia de ele machucar os nós dos dedos.

— Aparentemente, a primeira coisa que você fez ao se lembrar foi encontrar seu amante.

— Não, não... — Eu seguro sua mão, precisando de proximidade. — Eu sei o que parecia da sua perspectiva, mas não era o caso.

— Você obviamente planejava encontrar ele, Lia.

— É porque eu vi Winter na casa de hóspedes e pensei que não tinha lugar na sua vida. É por isso que eu queria sair.

Percebo como minhas palavras estão erradas no momento em que saem.

— Você queria ir embora, — Adrian repete lentamente, ameaçadoramente.

— Eu não quero mais. Juro.

Ele deixa sua mão cair da parede apenas para que ele possa me agarrar pelo queixo com dois dedos. Eles são rudes, feitos para punir e machucar, mas a única coisa em que estou focada é o sangue estragando seus dedos cortados.

Antes que eu possa alcançá-los ou tentar acalmá-los, Adrian inclina minha cabeça para trás com um aperto forte. — Você pode ter esquecido algumas coisas, então me deixe te lembrar, Lia. Você é minha esposa. Porra minha. Isso significa que você não protege outro homem na minha maldita presença. Não importa o quanto você tente protegê-lo, vou encontrar o bastardo e matá-lo. Então, vou manter minha promessa e foder você no sangue dele.

Eu vejo isso então. O fechamento. A raiva latente que acabará se transformando em indiferença. Isso foi o que aconteceu antes. Ele estava com tanta raiva que se recusou a me tocar por medo de me machucar e então se afastou. Eu fui estúpida o suficiente para deixar isso acontecer no passado. E, ao fazer isso, acabei me machucando. Desisti de todo o controle para meus demônios e os deixei ditar meu destino e minha vida.

Isso não será mais o caso. Mesmo que minhas entranhas estejam murchando com a ideia de ser rejeitada, mesmo que minha mente ainda esteja nadando em um milhão de cenários sombrios, eu sei de uma coisa com certeza.

Eu preciso manter Adrian. Eu tenho que impedir ele de se fechar para mim. E a única maneira de fazer isso é usar os métodos que ele usou

quando me queria com ele. Antes que meus nervos me dominem, eu me abaixo de joelhos. Desta vez, eu vou ser aquela que dá.

Capítulo Seis

Lia

Pela primeira vez desde que conheço Adrian, fico de joelhos. Não para que ele possa me punir ou me foder por trás, mas por ele. Porque eu quero dar algo a ele.

Normalmente, é ele quem inicia as atividades sexuais e eu estou lá para passear. Eu amo seu tratamento rude e impulso sexual sem remorso. Eu amo que ele nunca pareça se cansar de mim. E agora, eu quero usar isso para que ele não recue para suas paredes altamente construídas.

Devido à indiferença dele, enlouqueci da primeira vez. Fiquei tão louca que achei uma boa ideia mandar uma sócia estranha para ele, e então pulei de um penhasco. Acho que não posso mais fazer isso. Eu não posso lidar com esse lado dele. Então, escolho fazer algo que nunca fiz.

Adrian me encara com as sobrancelhas levantadas e olhos tão cinzentos que escurecem na escuridão. Eu nem me importo que estejamos em um lugar semi-público e que qualquer um possa passar e me ver de joelhos na frente dele. Sinto que, se não fizer isso agora, vou perdê-lo. Talvez não de imediato, mas vai acontecer a longo prazo como antes.

Eu pego seu cinto e o desabotoo, minhas coxas apertando com a lembrança da quantidade de prazer e dor que este cinto me trouxe ao longo

dos anos. Ele me deixa liberar seu pau e eu tenho que usar as duas mãos para agarrá-lo. Elas tremem ligeiramente em torno de seu comprimento, pois endurece em um instante ao meu toque.

— O que você está fazendo, Lia?

Olhando para ele, eu ofereço o que nós dois queremos. — Foda a minha boca, Adrian.

— Você realmente acha que eu quero depois do que acabei de testemunhar?

Eu deslizo minha mão da raiz para cima e para baixo, adicionando pressão até que eu o estou masturbando, imitando o mesmo nível de violência que ele costuma usar contra si mesmo antes de gozar em meus seios, bunda ou boceta. — Você quer. Você adora me punir.

Meu ritmo acelera, contando com o puro instinto enquanto eu me inclino e lambo o pré-sêmen da ponta e o chupo em minha boca. Um gemido profundo sai de seus lábios e eu o uso como um incentivo para acelerar o que estou fazendo. Uma estranha sensação de poder misturada com excitação me atinge. Minhas coxas apertam e meu coração bate tão forte que quase explode meu peito.

Sou eu que estou dando prazer a ele agora, a razão pela qual ele está liberando os ruídos apreciativos e engrossando na minha boca. Bem neste momento, eu sou a única que pode conceder a ele a libertação. Adrian afunda seus dedos fortes e magros em meu cabelo, depois me puxa de

volta por ele. Eu não solto a ponta de seu pau ou solto minhas mãos enquanto o encaro.

Sua altura está bloqueando a luz fraca que entra pela entrada do beco e ele parece um general, um guerreiro. Ou talvez ele ainda seja o diabo. Porque apesar da luxúria brilhando em seus olhos cinzas, suas feições são duras como granito, brilhando com a promessa de dor.

— Tire as mãos, Lia.

Eu as deixo cair no meu colo, ansiosa para deixá-lo assumir o controle. Eu posso adorar ter essas reações dele, mas acho que meu verdadeiro prazer sempre foi quando Adrian me possui totalmente. Corpo. Coração. E alma.

— Eu sei que você tem mandado mensagens para ele, — diz ele com uma calma fingida que me dá calafrios. — Você achou que eu não saberia só porque você excluiu as mensagens de texto?

Eu balanço minha cabeça e começo a me afastar para que eu possa falar, para que eu possa explicar, mas Adrian empurra seu pau no fundo da minha garganta. Meu reflexo de vômito entra em ação e eu bato ambas as palmas em suas coxas. Minhas unhas cravam em sua calça, mas isso não o detém enquanto ele se afasta um pouco antes de voltar para dentro e segurá-lo lá. Ele me sufoca, confiscando meu ar e me deixando por um fio.

— Eu só deixei passar para ver o quão longe você iria, Lia. O quanto você me trairia.

Quero negar, dizer a ele que pensei que era uma impostora, que tinha ciúme de mim mesma porque não o tinha. Porque eu acreditava que ele amava outra mulher e não a mim. No entanto, Adrian não me deixa espaço para respirar, muito menos falar. Meus pulmões queimam com a falta de oxigênio e as lágrimas grudam em minhas pálpebras com a maneira como ele continua segurando seu pau no fundo da minha garganta.

— Você o deixou foder sua boca também? Minha boca?

Tento balançar a cabeça, mas estou muito tonta e sem ar. Acho que vou desmaiar. Que eu irei desmaiar de ser sufocada por seu pau. No entanto, ele finalmente puxa seu comprimento, e eu gaguejo por ar, tossindo, meus pulmões doendo de esforço.

— A-Adrian, eu... — Antes que eu possa tomar um grande gole de ar, ele está batendo novamente com uma rotação implacável de seus quadris, empurrando todo o caminho.

Mesmo com ele fodendo minha garganta, ele ainda não está completamente dentro da minha boca. Ele é muito grande para isso e seu pau é muito grosso.

Sua outra mão agarra minha mandíbula com dois dedos e levanta meu queixo. — Você olhou para ele com essas malditas lágrimas nos olhos?

Eu balanço minha cabeça, mas o gesto mal está lá quando Adrian entra e sai da minha boca com um ritmo louco que está fora de controle. Estou com a cabeça leve, incapaz de respirar, e meu aperto em sua coxa é mais

para equilíbrio do que qualquer outra coisa agora. Eu sinto que se eu deixá-lo ir, vou cair. Ou talvez pior.

Meu marido usa minha boca como se fosse seu próprio recipiente de punição. Ele dirige, mantendo seu pau na base da minha garganta, em seguida, puxa para fora, permitindo-me uma lufada de ar antes que ele volte para dentro.

Eu não tento impedi-lo enquanto ele me usa, me pune e descarrega sua raiva em mim. No mínimo, minhas coxas se contraem cada vez que ele confisca meu ar. Cada vez que ele empurra com força sem remorso, me maltratando, pegando o que ele quer de mim. A baba escorre pelo meu queixo e lágrimas escorrem pelo meu rosto, mas ainda mantenho minha boca aberta sempre que ele puxa. Eu ainda o quero dentro, mesmo que minha mandíbula doa. No entanto, me punir não parece diminuir suas feições selvagens. Em vez disso, parece aprofundá-las, aumentá-las, aguçá-las.

— Passei dois meses, dois malditos meses, entretendo a sua crença de que você é Winter, e apenas quando penso que tenho você de volta, apenas quando começo a acreditar que você será diferente, você estraga tudo.

Um soluço sai da minha garganta, mas se perde no som dele fodendo minha boca ou mais precisamente, minha garganta.

— Essa boca é minha, Lia. Só minha.

Eu aceno freneticamente, embora ele não tenha feito uma pergunta. O aperto de Adrian aumenta em meu cabelo e seu corpo fica rígido. Acho que

ele vai gozar, mas não parece ser o caso. Ele continua e continua, seus quadris empurrando com uma crueldade que rouba meus pensamentos e minha respiração.

— Abra bem a boca, — ele finalmente grunhe.

Eu faço, colocando minha língua para fora um pouquinho.

Adrian solta meu queixo e puxa minha cabeça para trás usando meu cabelo. — Porra minha.

E com isso, ele goza em todos os meus lábios, língua e garganta. Eu engulo o máximo possível, mas um pouco de seu esperma rola pelo meu queixo, se misturando com a saliva e as lágrimas. Estou ofegante e doendo entre as pernas, mas ignoro tudo isso e me concentro em Adrian. Ele ainda está me agarrando pelo cabelo e, embora tenha acabado de gozar, seu pau já está semiduro como se estivesse pronto para mais.

Eu não paro de olhar para ele. Em parte por causa de como ele é absolutamente lindo, mas também porque eu sempre amei testemunhar o momento de êxtase em seu rosto logo após um orgasmo. Mas a parte mais importante é porque preciso saber que ele ainda me quer. Que o que aconteceu agora não foi apenas ele me punindo ou a mera fusão de nossos corpos, mas algo mais.

Adrian se enfia com uma das mãos e fecha o zíper, sem se preocupar com o cinto. Seu aperto ainda é duro e implacável no meu cabelo enquanto ele me puxa para cima. Eu tropeço em meus pés, agarrando seu bíceps para

me equilibrar. Estamos frente a frente, um pulso irregular contra o outro, e meu coração dá um salto no meu peito por estar tão perto dele.

Nunca pareceu comum ao longo dos anos. Adrian sempre terá uma parte de mim na palma de sua mão. Ele sempre vai me fazer parar e olhar.

Ele agarra meu queixo novamente. Desta vez, seus dedos traçam sobre meus lábios que ainda estão revestidos com seu esperma. — De quem é essa boca?

Eu nem mesmo penso enquanto sussurro. — Sua.

— De quem são essas lágrimas?

— Suas... — Ele se inclina e lambe minha bochecha, então morde levemente.

Eu estremeço, todo o meu corpo se afogando em uma onda de choque de emoções enquanto ele mordisca seu caminho até minha orelha e murmura em palavras quentes e sombrias. — É melhor você se lembrar disso, *Lenochka*.

Capítulo Sete

Lia

— Mamãe!

Abro os braços e me agacho enquanto Jeremy corre a toda velocidade em minha direção. Lágrimas estão brilhando em seus olhos enormes quando ele bate em meu abraço. Enquanto o abraço no meu peito e sinto seu cheiro de marshmallow e maçã, sinto que tudo ficará bem. Enquanto eu tiver meu filho, ficarei bem.

— Achei que você tivesse ido embora, mamãe. — Ele funga contra mim. — Eu estava brincando com os palhaços, mas então Boris os parou e você foi embora.

— Está tudo bem, meu anjinho. Estou bem aqui e nunca iria embora.

Falo sério desta vez, porque de jeito nenhum vou abandonar Jeremy de novo. Ele já sofreu o suficiente para sua tenra idade. Eu não me importo com o que acontecerá comigo, contanto que ele esteja seguro. Mesmo que isso signifique enfrentar a ira de seu pai.

Quando Adrian e eu saímos do beco depois que ele fodeu minha boca, me excitando sem ter que me tocar, Kolya, Boris e alguns outros guardas estavam esperando por nós perto de uma pequena área de estacionamento

com Jeremy. Adrian nos leva para o banco de trás do carro sem dizer uma palavra. Deus, eu odeio seu tratamento silencioso. Isso me dá nos últimos nervos e também dói porque sei que ele usa isso como um método para se afastar de mim.

Ele nem sempre foi falador, mas pelo menos usou sua voz, além de me mandar fazer coisas sexuais. Logo depois, estamos saindo no carro, com Kolya e Boris na frente e nós três atrás. Jeremy está sentado entre nós, aparentemente alheio à tensão que se espalha no ar enquanto ele me conta com entusiasmo sobre os palhaços e como eles eram tão engraçados.

Eu respondo quando ele faz perguntas, mas minha atenção está dividida enquanto continuo lançando olhares para Adrian. Ele está focado em seu telefone, parecendo nos cortar, embora ele fale com Jeremy quando ele pergunta algo a ele.

Então, sou só eu.

Se ainda fosse nos velhos tempos, eu teria focado em Jer e dado a Adrian o dedo médio figurativo. Mas essa falta de comunicação é o que nos arruinou em primeiro lugar.

Entregando a Jeremy uma garrafa de suco que eu tinha na bolsa para o nosso piquenique, finjo estar preocupada em consertar seu cachecol enquanto pergunto a Adrian. — Você nos seguiu?

Ele não me poupa um olhar, mas ele não me ignora e acena com a cabeça. Era uma pergunta redundante de qualquer maneira, considerando que ele apareceu não muito depois de Luca me levar. Ele deve ter

suspeitado de mim, já que perguntei se poderia sair com Jeremy na noite passada.

E aqui eu pensei que estava sendo inteligente. Eu deveria saber de tudo o que aconteceu no passado que Adrian está sempre um passo à frente. No entanto, eu realmente não conseguia me lembrar daqueles anos em que estava sendo Winter. Embora uma parte de mim sentisse certa familiaridade que fiz o possível para ignorar. Minha conexão instantânea com Adrian também faz sentido. O medo, a luxúria e o afeto vieram de dentro de mim.

— Por que você nos seguiu, papai? — Jeremy pergunta e leva tudo em mim para não beijar suas bochechas adoráveis.

— Porque eu queria ver você, *Malysh*. — Adrian bagunça o cabelo antes de voltar para o telefone.

Jer dá um gole em seu suco e franze a testa. — Que tal mamãe? Você não queria ver a mamãe?

— Claro que sim, — ele diz sem emoção.

— Talvez você possa vir conosco da próxima vez, papai.

— Pode ser.

— Seu papai tem trabalho a fazer, Jer. — Eu afasto o cabelo de seu rosto, adotando meu tom mais suave. — Ele não tem tempo para nós.

Adrian me encara por baixo de seus cílios, mas eu mantenho minha linha defensiva através de Jeremy. Eu odeio usá-lo, mas ele sempre foi o

único fio sólido que nos mantém juntos. E se essa é a melhor maneira de chegar ao meu marido, que seja.

— Talvez ele não queira ficar conosco, — continuo acariciando o cabelo de Jeremy.

Eu não teria ousado dizer essas palavras alguns meses atrás. Sempre mantive minhas palavras para mim mesma, estava furiosa por dentro, mas me recusei a deixar transparecer por fora.

No entanto, algo mudou desde que me confundi com Winter. Eu me libertei de maneiras que nunca pensei ser possível, e é somente por causa dessa liberdade que sou capaz de abraçar meu verdadeiro eu. Eu posso falar em voz alta sobre o que eu quero. Por mais que eu odiasse aqueles meses e a solidão que sentia, não odeio minha liberdade recém-descoberta. Ou minha voz.

Jeremy agarra a garrafa de suco enquanto encara o pai. — Isso é verdade, papai?

— Nem um pouco, *Malysh*. Eu adoro passar um tempo com você.

— E a mamãe? — Jer, bendito seja seu coraçãozinho, é o primeiro membro do meu fã-clube.

— E a sua mãe.

Ele é insincero, a julgar por seu tom apático, e é por isso que preciso golpear o ferro enquanto está quente.

— Então venha de férias conosco, — eu digo indiferente.

Um músculo tiques em sua mandíbula, mas ele rapidamente mascara.
— Falaremos sobre isso mais tarde.

— Ou podemos falar sobre isso agora, não é, Jer?

— Certo! Venha de férias conosco, papai.

Adrian me encara e eu o encaro de volta. Quando eu era Winter, seus olhos começaram a me incomodar em algum momento, porque eu não reconhecia que os conhecia intimamente, e ele pode ficar assustador sempre que dirige seu olhar intenso e impenetrável para mim. No entanto, eu me recuso a me encolher. Eu encontro seu olhar fixo por olhar, levantando meu queixo para uma boa medida.

Jer agarra sua manga, olhando para ele com aqueles olhos enormes que nenhum de nós pode resistir. — Papai, *por favor*.

Adrian solta um suspiro. — Tudo bem.

— Oba, papai!

— Semana que vem? Ou na que vem depois? — Eu empurro.

— Vamos ver.

— Em duas semanas, então. Ouça isso, Jer? Nós três iremos viajar.

Os olhos do meu filho se arregalam enquanto ele olha entre nós. — Que tipo de viagem?

— Vamos deixar seu pai nos surpreender.

— Sim! — Jeremy me beija e depois seu pai.

Adrian segura o telefone com mais força e posso dizer que ele não gosta do fato de eu indiretamente o ter forçado, mas preciso de mais tempo com ele fora do trabalho e de casa. Eu preciso reconstruir nosso relacionamento antes que seja tarde demais. Isto é, se ainda houver algo para construir. O pensamento me causa um arrepio e me paralisa até os ossos. Assim que chegamos em casa, Adrian sai primeiro, seguido por Boris. Kolya fica um pouco para trás pela primeira vez, não querendo ficar nos calcanhares de seu chefe.

— O que? — Eu pergunto quando ele continua olhando.

— Você... não deveria ter feito isso.

— Feito oque?

— Usar Jeremy para forçar sua mão. Isso é o que sua mãe fez. Ela usou o Chefe para que seu pai fizesse as coisas do jeito dela. Desnecessário dizer que ele odeia.

Merda.

Só quando eu acho que estou tornando as coisas melhores, elas acabam ficando piores.

Capítulo Oito

Lia

Adrian passa o resto do dia enfiado em seu escritório com Kolya.

Nenhuma surpresa nisso. Ao contrário de antes, no entanto, eu não fico sentada esperando. Eu não tenho uma festa de piedade para mim, reprimindo a dor de ser negligenciada ou lamentando porque ele não vem para mim. Que Lia foi morta no sopé daquele penhasco.

Posso não ter voltado ao normal depois da queda, mas agora estou bem ciente de quem sou. Algo mudou em mim depois daquela noite e vou abraçar essa mudança. Pode não ser o melhor, mas é melhor do que eu era antes.

Eu espero até a hora de Jeremy dormir, então leio uma história que o faz rir. Ele abraça minha cintura, lutando contra o sono de seus olhos metálicos enquanto eles caem. — Não me deixe, mamãe.

— Nunca, meu anjo. — Eu beijo o topo de sua cabeça.

Logo depois, ele perde a batalha para dormir. Eu gentilmente retiro seus dedos ao meu redor e o coloco sob o cobertor antes de me levantar. Por um momento, fico lá, observando-o e percebendo o quanto ele cresceu.

Parece que foi ontem que ele nasceu e tivemos que fugir para salvar nossas vidas. Meu filho tem sido resiliente desde o início.

Abandoná-lo com uma mulher estranha, mesmo com a promessa de me reunir com ele, piorou meu estado de espírito. Eu reconheço isso agora. É por isso que usei as informações que aprendi com Winter sobre a perda de seu próprio filho e confundi com o vazio que tinha por não ter Jeremy comigo. Então eu vim com uma identidade completamente diferente.

Preciso fazer uma visita a Dra. Taylor porque tenho que evitar que isso aconteça novamente. Sentir-se como outra pessoa, uma estranha, na companhia de meu filho e marido foi a pior experiência que já tive que passar. Pior do que ficar presa na caixa preta quando criança. Pior do que o fim da minha carreira.

Naquele momento, me vi como uma impostora que estava roubando a família de outra mulher e, Deus me ajude, eu queria roubá-la. Eu queria essa vida. Eu queria que Jeremy e Adrian fossem todos meus.

É irônico, considerando que gastei muito esforço tentando escapar de ser eu. Nunca soube o quanto estava apegada à minha vida até quase perdê-la. Até que Jeremy e Adrian não eram mais minha família. Acontece que sempre foram. Ou, pelo menos, Jeremy é. Preciso fazer algo a respeito de Adrian para que ele não me trate como uma estranha.

E a melhor maneira de fazer isso é aprender algumas informações antes de enfrentar ele. Felizmente, conheço a pessoa certa para isso. Depois de beijar a testa de Jeremy uma última vez, saio de seu quarto e desço as escadas. Visto um casaco e saio da casa principal.

O ar gelado esfria meus ossos e eu aperto o casaco em volta de mim enquanto atravesso a distância para a casa de hóspedes. Boris e outro guarda estão na frente, fumando e conversando em russo. Ao me ver, eles jogam seus cigarros e Boris se apressa para bloquear minha entrada. Ele tem quase a mesma constituição de Kolya, mas tem feições maldosas, lábios finos e nariz pontudo.

— Boa noite, Boris, — eu digo em meu tom mais acolhedor.

— Sra. Volkov, — ele cumprimenta com seu áspero sotaque russo.

Um frisson repentino passa por mim com esse nome. Quando pensei que era Winter, odiava porque tinha ciúme dela, de mim. Mas quando eu era Lia, me recusei a admitir o quanto adorava ter aquele sobrenome ligado ao meu.

— Eu preciso ver Yan, Boris.

Ele limpa a garganta. — Isso não será possível. Ordens do chefe.

— Você vai usar a força para me impedir?

Os olhos dele e do outro guarda se arregalam com a sugestão. — Claro que não. O Chefe nos mataria se tocássemos em você.

— Nesse caso, me deixe entrar.

— Eu terei que relatar a ele.

— Faça isso então. Diga a ele para vir e me impedir. — E com isso, passo por Boris, um pouco assustada, um pouco animada com o fato de que Adrian pode vir me buscar.

Mas antes disso, preciso obter as informações de que preciso. O quarto em que Yan está descansando fica no andar térreo, mas fico olhando para as escadas. Winter está lá em cima e provavelmente tem estado nos últimos dois meses. Ela é outro mistério que preciso resolver. Se Adrian sabia desde o início que ela não era eu, por que ele a machucou? Meu peito aperta com o pensamento de que eu a coloquei em perigo.

Ao mesmo tempo, juro que a vi olhando para nós quando Adrian e eu estávamos brincando com Jeremy no jardim naquela época. Isso também foi uma invenção da minha imaginação?

Balançando a cabeça, vou para o quarto de Yan e bato suavemente na porta.

— Entre, — ele diz com uma voz cansada.

Abro a porta, entro e me sento na cadeira ao lado da cama. Aquela que Kolya estaria ocupando se ele estivesse aqui. Para um cara estoico, Kolya se preocupa com Yan e mostra isso por meio da ação, embora ele provavelmente nunca admitisse em palavras.

Yan está sentado na cama, vestindo um moletom azul. Seu cabelo comprido está solto, caindo até o pescoço e dando ao rosto um toque mais suave. A cor de sua pele voltou ao normal e o fantasma da morte lentamente se retirou de suas feições. Ele está navegando pelos canais de TV sem se concentrar em nenhum em particular. Ao me ver, ele desliga a TV e se recosta nas inúmeras almofadas que o cercam.

— Você está bem?

Ele levanta um ombro e estremece. — Se entediado significa que estou bem, então claro, acho que estou.

Um pequeno sorriso pinta meus lábios. Sua atitude é outra, eu juro.

— Como você chegou aqui, afinal? Achei que Boris estava parado como um guarda do inferno na entrada da minha prisão.

— Eu tenho meus caminhos.

— Seus caminhos? Você vai nos colocar em apuros de novo, não é?

— Não valeria a pena?

— Porra, não. Ainda preciso do meu pescoço, muito obrigado.

Eu rio suavemente, então faço uma pausa enquanto ele morre. — Ei, Yan.

— Sim?

— Eu lembro.

— Você faz?

— Sim. Parei de pensar que sou outra pessoa ou algo assim.

Seus lábios se separam antes que ele solte um longo suspiro. — Porra, finalmente. Eu pensei que teria que começar a forçar as informações garganta abaixo.

— Por que você não fez isso?

— Você esqueceu a parte em que eu ainda preciso do meu pescoço? O Chefe já tem a missão de me cortar em pedaços e exibi-los no saguão de

entrada. Eu não preciso dar a ele mais incentivo. Além disso, a psiquiatra disse que você estava se dissociando, e forçar informações sobre você teria o efeito oposto e poderia piorar seu estado.

Eu chego mais perto. — É por isso que Adrian me deixou viver como Winter?

— Exatamente.

— Eu suponho que ele me observou de longe?

— Todos nós fizemos. Você não tem ideia de como ele estava mal-humorado durante aquele período, mais do que o normal, quero dizer. O seu pessoal realmente teve que aguentar sua ira. Ele batia em todos durante nossos treinos diários.

— Eu sinto muito.

— Não se desculpe por uma situação sobre a qual você não teve controle. A doença mental não é algo para se lamentar.

Lágrimas brotam dos meus olhos e eu as seco para impedir que derramasse. — Obrigada.

— Nós cavalgamos juntos e morremos juntos, mulher.

— Oh meu Deus, Yan! — Eu grito de excitação, um sorriso largo esticando meus lábios. — Você é o Larry?!

Ele pisca. — O primeiro e único.

— Eu não posso acreditar. Você não se parece em nada, exceto pela deformação do nariz. Você até falou com um sotaque diferente.

— Um cara dos disfarces cuidou do visual. Quanto ao sotaque... — Ele limpa a garganta e muda para um americano. — Eu vivi aqui a maior parte da minha vida, mulher. Eu posso falar como um americano. Só escolhi não fazer isso porque o sotaque russo me faz parecer assustador e durão.

— Seu pequeno bastardo. — Ainda estou rindo, muito feliz com o fato de Larry e Yan serem a mesma pessoa. Eles eram as únicas pessoas que eu poderia considerar um amigo, seja como Lia ou Winter.

— Quem você está chamando de pequeno? Tenho vinte e cinco anos, muito obrigado.

— Você ainda é mais jovem do que eu. Lide com isso.

— O que seja. — Ele revira os olhos. — Chefe sabe que você se lembra?

Meu humor desaparece quando me lembro do que aconteceu hoje. — Ele sabe, mas descobriu nas piores circunstâncias. Ele voltou a pensar que eu o traí. Não que ele nunca tenha parado.

— Ele não apenas pensa assim. Você colocou na cabeça dele e se recusou a negar.

— Eu fiz hoje e ele não acreditou em mim.

— Você pode culpá-lo? Você deixou essa ideia apodrecer e apodrecer em sua mente por meses.

— Eu sei. Mas ele também não é inocente.

— Então? Você vai falar sobre isso ou vai pensar em resolver isso daqui a alguns anos? Porque ele pode não ter tempo.

Meu coração troveja enquanto uma auréola sombria confisca meus pensamentos. — O que você quer dizer?

— Agora que você é Lia, você deve saber que ele matou Richard.

— Eu já descobri isso. Ele não fez isso para me colocar de volta ao seu lado novamente? — Embora eu esteja feliz por isso, os métodos de Adrian podem ser extremos. Ele realmente me assustou pra caralho naquela época.

— Não, ele fez isso porque a escória do Richard colocou as mãos em você.

— Oh. — Uma onda de algo quente passa por mim e, por algum motivo, não é nojo.

Meu marido disse que me protegeria e ele o fez. Mesmo quando eu o apaguei completamente.

— Isso não é tudo, Lia. Richard era o candidato a prefeito da Bratva e Sergei não está feliz por ele ter morrido. Se ele descobrir que é um trabalho interno, ele vai considerar isso uma traição.

— Ele... ele suspeita de Adrian?

— Sim, e ele colocou Vladimir na tarefa de derrubá-lo. Aquele filho da puta de mula não vai parar até provar que o Chefe está por trás disso. Igor, que nunca o perdoou por deixar Kristina de lado por você, também está planejando sua morte para que possa colocar seu filho mais velho no lugar do Chefe.

— Mas... mas... ele não é o bem mais valioso para a irmandade? Sergei não o abandonaria assim.

— Ele iria.

— Mas por que? Adrian é o pilar dessa irmandade estúpida. Eles não podem simplesmente expulsá-lo. — Estou tão furiosa por ele. Ele deu àqueles idiotas sua juventude e sua vida, mas eles tiveram a audácia de fazer isso por alguém tão insignificante como Richard?

— Eles com certeza podem. A morte de Richard permitiu que os Luciano pressionassem seu candidato e isso é um claro ato de traição.

Meu coração pula uma batida com a menção do sobrenome do papai. Meu pai biológico, a razão pela qual Adrian se aproximou de mim em primeiro lugar. — Mas ele não fez isso para beneficiar os italianos.

— Verdade, mas é assim que seria para Sergei e todos os outros.

— Merda.

— Merda, de fato, Lia. Portanto, não perca mais tempo.

— Eu não pretendo.

Yan hesita, passando a mão pelo cabelo enquanto me observa por baixo de seus longos cílios.

— O que é, Yan?

— Eu ouvi você naquela noite, você sabe.

— Que noite?

– Quando eu fui baleado.

– Oh.

– Você conhecia aquele homem. – Ele abaixa a voz. – Você o conhece.

– Sim, – murmuro.

– Ah, bem, que se foda. Mais uma complicação.

– Você vai contar a Adrian?

– Claro que não. Ele vai descontar em você.

– Mas Kolya disse que Adrian suspeita de você e acha que você levou um tiro como uma manobra.

– Ele não tem provas para concordar e não age sem isso. Eu vou ficar bem. Apenas se concentre em você.

– Obrigada. Estou tão feliz por ter você.

– Eu também. Ou então minha causa de morte teria sido o tédio.

Eu sorrio e olho para ele. – Você pode me fazer mais um favor?

– O que agora?

Eu respiro fundo. – Me conte tudo sobre quando eu era Winter.

Se tornar completa depende de mim e apenas de mim. Só quando juntar todas as peças da minha vida poderei dar o próximo passo. Se isso vai nos construir ou nos destruir, não tenho ideia.

Capítulo Nove

Adrian

A superestimulação da minha mente me impede de processar qualquer coisa.

Ou talvez eu esteja processando tanto que minhas células cerebrais estão queimando mais rápido do que consigo formar pensamentos. Desde que testemunhei Lia beijando seu amante, tenho visto uma névoa vermelha. Porra de vermelho escuro. Vermelho fúria.

E eu não poderia estragar matando o filho da puta porque ela o estava protegendo.

Novamente.

Ela apenas recuperou suas memórias e parou de me pedir para chamá-la pelo nome de outra mulher, mas a primeira pessoa que ela procurou foi ele. Amante dela. Porra de novo.

Eu bato meu punho contra a mesa e me deleito com o choque que reverbera pelo meu braço. Pelo menos a dor me distrai de pensamentos assassinos sobre ela. Sobre ele. Sobre todos. É temporário, mas é melhor do que nada.

O fato de que ela ficou de joelhos pela primeira vez, me disse para foder sua boca pela primeira vez, tornou as coisas ainda piores. Enquanto eu gostava da sensação de suas mãos em mim e da maneira como usei sua boca até o ponto de erupção, a gratificação terminou naquele exato momento. Porque agora, tudo que fico pensando é como ela só fez isso para protegê-lo. Para me distrair de segui-lo.

Eu sabia disso na época, eu sabia, mas eu tinha que tomar sua boca, tinha que puni-la. E a necessidade de mais ainda está pulsando em minhas veias. Talvez esse fosse seu plano o tempo todo, me seduzir para que ela pudesse me distrair.

— Você quer encerrar a noite, chefe? — Kolya pergunta de sua posição no sofá.

Deixando os monitores de vigilância, eu me levanto e vou até a janela, soltando um suspiro pesado enquanto olho para o jardim escuro lá fora. — Eu quero a localização dele, Kolya.

— Sim, mas assistir horas e horas de vigilância pública provavelmente será uma perda de tempo. Ele sabe como encobrir seus rastros e sempre usa máscara e boné. Só temos o perfil dele e é impossível obter uma identificação facial a partir dele.

Eu bato meu dedo contra minha coxa, então paro quando os pontos começam a se conectar na minha cabeça. Quando me viro para encarar Kolya novamente, a ideia se forma claramente. — Jaqueta de couro preta, máscara e boné... assim como o sequestrador da festa de aniversário de Igor, uma semana atrás.

— Você acha que é a mesma pessoa?

— Tenho quase certeza disso. — Eu ando em direção a ele e sento ao seu lado. — Puxe os dois vídeos.

Depois de alguns cliques, Kolya recupera uma imagem estática da pessoa que sequestrou Lia e atirou em Yan e a coloca lado a lado com as imagens que hackeamos das câmeras de vigilância pública hoje. As roupas são semelhantes, mas são padrão, então qualquer pessoa pode usá-las. É sua constituição que o denuncia. Ele tem o mesmo perfil e a mesma altura e largura.

Eu toco na tela. — É o mesmo filho da puta.

— Isto é. — As sobrancelhas de Kolya se franzem. — Por que ele sequestraria a Sra. Volkov, então?

— Porque ele não conseguia encontrar uma maneira de falar com ela. Estávamos de olho nela, mesmo quando ela era Winter, e ele não conseguia se aproximar, então ele teve que fazer uma manobra.

— Ainda não entendo por que ele precisava sequestrá-la, atirar em Yan e correr o risco de ser pego. Não pode ser apenas porque ele é seu amante.

O raciocínio de Kolya faz sentido, mas se o bastardo for tão louco por ela quanto eu, ele arriscaria. Porém, alguém de seu calibre, claramente treinado e com habilidade suficiente para evitar quase todas as câmeras de vigilância, não a teria abordado em uma festa realizada pelo *Pakhan*.

É como se ele quisesse levar para casa uma mensagem, uma espécie de ‘foda-se,’ para me dizer que pode chegar a mim a hora que quiser. Que meu sistema não é à prova de balas.

Meu sistema não é à prova de balas.

O pensamento estala linhas borradas na minha cabeça e a única outra vez em que meu sistema falhou corre para a frente. A tentativa de assassinato há cerca de um ano. A única vez que não consegui encontrar informações sobre quem tentou me matar. O incidente após o qual a depressão de Lia atingiu com mais força e ela admitiu que estava me traindo.

— Será que ele é o mesmo homem que participou do golpe no verão passado? — Eu pergunto a Kolya.

Ele se anima. — É uma possibilidade. Mas, considerando suas habilidades, ele não teria feito isso sozinho? Por que ele contrataria um mercenário para fazer isso em seu nome?

— A mesma razão pela qual ele contratou o Spetsnaz em que atirou e deixou cair no penhasco com o carro. Camuflagem. Ele provavelmente não quer que nada seja vinculado a ele.

— Por que ele iria querer matar você?

— Para ter Lia só para ele, — eu falo por entre os dentes cerrados. — Ele também pode estar trabalhando com um de nossos inimigos.

— Vou reorganizar o que temos até agora e olhar da perspectiva de que é a mesma pessoa em todos os três casos.

– Ele pode ser parente de Lazlo Luciano, dos Rozettis ou de um dos nossos.

– Como quem?

– Vladimir ou Igor. Espera. – Pegue meu telefone e disco o número para o qual nunca quis ligar para pedir ajuda.

Kirill atende após dois toques, parecendo tão presunçoso como sempre.

– Adrian. Que surpresa adorável. A que devo esta honra?

– O que você sabe?

– Vai direto ao assunto, eu vejo.

– Não perca meu tempo, Morozov.

– Sabe, caso ninguém tenha contado a você, ao pedir um favor, você deveria fazer isso muito bem.

– Minha bela fase está chegando ao fim, assim como qualquer acordo que possamos chegar juntos.

– Jesus. Você está tão mal-humorado quanto um velho.

– *O que você sabe?* – Eu enfatizo.

– O que te faz pensar que eu sei de algo?

– Você tem dado menos do que dicas sutis.

– Então você pegou aquelas. Aqui eu pensei que tinha que levar meu jogo de dicas para o próximo nível. O que você quer saber primeiro?

– O que você tem?

— E se eu dissesse que sei alguma coisa sobre o passado de sua esposa que você talvez não saiba?

Eu continuo batendo lentamente com o dedo indicador na minha coxa. De jeito nenhum ele sabe que ela é filha de Lazlo. As pessoas que têm conhecimento dessa informação estão mortas. Eu me certifiquei disso.

Então eu mantenho minha calma. — O que é?

— Você sabia que ela cresceu com um menino italiano?

— Um menino italiano?

— Sim. Vizinhos. Não pensei muito nisso no início quando olhei para ela, mas então, alarmes dispararam na minha cabeça.

— Você olhou para ela?

— Claro que sim. Vladimir, Igor e Sergei também. Você traz uma mulher do nada e anuncia que ela é sua esposa e mãe do seu bebê e acha que vamos apenas acenar com a cabeça? Você não comete erros, Adrian, então não importa o quanto você tente convencer a todos de que se casou com ela apenas por uma gravidez acidental, eu não acredito. Tenho certeza de que tudo fazia parte de um plano mestre. Agora, onde eu estava? Certo. O italiano. Embora parecesse normal, quando examinei mais a fundo ele e seus pais, não encontrei nada.

— Nada?

— Absolutamente nada. Nenhum cidadão normal cobriria seus rastros tão meticulosamente, não é?

– Não.

– Exatamente.

– Qual o nome dele?

– Luca.

– Sobrenome?

– Brown . Luca Brown. Toca algum sino?

– Não.

Ele estala a língua. – Para mim também não. Mas vou encontrar aquele filho da puta. Ninguém se esconde de mim.

– Me mantenha informado.

– Nossa, Adrian. Você não está cheio de amor hoje?

– Apenas faça o que lhe foi dito.

– E eu vou receber algo em troca?

– Sim.

– Fantástico. Adoro fazer negócios com você.

Eu fico olhando para o meu telefone, então me concentro em Kolya. – Por que você não me disse que ela tinha um vizinho italiano em sua primeira exibição dela?

— Não parecia ter importância na época. Ambos eram crianças e muitos em Nova York têm vizinhos italianos. Eu não senti que precisava ir mais a fundo.

Ele tem razão. Não deveria ter importado. Mas depois do que Kirill mencionou, suspeito que esse Luca está ainda mais envolvido do que eu jamais pensei. Só há uma outra pessoa que pode me contar os detalhes, mesmo que eu tenha que tirar eles punindo ela.

— Vamos encerrar a noite, Kolya. — Eu me levanto e meu segundo em comando me segue.

— Boris me enviou uma mensagem mais cedo e eu não queria incomodar você.

— Sobre?

— Sra. Volkov foi à casa de hóspedes para visitar Yan.

Eu cerro o punho. — Você não queria me perturbar ou estava protegendo o fodido?

Ele solta um longo suspiro. — Ambos.

— Ele sabe de alguma coisa, Kolya. Ele estava lá e está escondendo de mim.

— Eu sei.

— Você finalmente concorda?

— Sim. Ele também não me disse, mas é óbvio. Ele está protegendo a Sra. Volkov.

– De mim?

– Sim senhor. Você sabe que ele ainda está bravo com a maneira como você a levou até a beira daquele penhasco.

– Então agora você está do lado dele?

– Estou no seu lado. E para fazer isso, tenho que dizer as coisas como são. É assim que tem sido nas últimas três décadas.

Eu coloco um dedo em seu peito. – Descubra o que ele está escondendo ou eu o estou torturando no mesmo dia em que ele se levantar.

Com isso, saio do escritório e subo as escadas. Não me preocupo com o jantar, não tenho apetite algum. São dez da noite, então Lia deve estar no quarto de Jeremy. Eu vou lá, determinado a carregá-la e extrair as respostas de sua pele. A necessidade furiosa de mais que eu senti desde que pinteí sua boca com meu esperma retorna com uma vingança.

Surpreendentemente, quando chego ao quarto de *Malysh*, ele é o único dormindo lá. Fecho a porta silenciosamente e vou para o nosso quarto. Não me diga que ela ainda está com Yan? Se for esse o caso, eu vou...

Meus pensamentos e pés assassinos param na porta. A única luz vem de velas vermelhas que ficam em todas as superfícies, a penteadeira, as mesinhas de cabeceira e até as cadeiras. Os lençóis que eu nem sabia que tínhamos são vermelhos e o perfume de rosas flutua no ar.

Uma bandeja de comida está na penteadeira, cercada por mais velas e rosas. O cenário é parecido com o da noite anterior, mas a única diferença é

a mulher parada no meio do quarto, vestindo apenas um roupão de banho e acendendo mais velas.

— Oh. — Ela levanta a cabeça. — Você não deveria estar de volta por mais meia hora. Eu nem coloquei maquiagem...

Eu corro em sua direção e a agarro pelo braço. O isqueiro cai de sua mão para a cadeira e ela me encara, com os lábios entreabertos e a pele corada. Por um momento, quero acreditar que ela está fazendo isso por mim. Para nós.

Mas por que ela faria isso quando ela nunca fez isso antes?

Só há uma maneira de descobrir a verdade.

Capítulo Dez

Lia

Quando planejei isso, eu tinha um pensamento em mente, chegar até Adrian.

Eu não me importava se recebia sua raiva ou sua ira, contanto que ele expressasse isso em vez de reprimir todas as suas emoções como de costume. Para garantir que estava tudo preparado, trouxe as velas, os lençóis e a lingerie que comprei há um ano, mas nunca tive coragem de usar. Tive que escondê-las no fundo do armário como se fossem uma espécie de desgraça.

Naquela época, eu tinha mais medo da ideia dele e não queria ceder totalmente aos meus sentimentos ou a ele. Uma parte de mim ainda luta contra isso. Ainda sussurra no canto da minha cabeça que Adrian é um monstro e não há nada que vá mudar isso. No entanto, foi essa parte que me fez enlouquecer, porque neguei algo que tanto queria e, ao fazer isso, estraguei minha cabeça. Então agora, enquanto ele me segura pelo braço, as poças cinza-escuras de seus olhos brilhando com malícia, eu não fujo.

Eu encaro. Eu caio. Eu apenas fico no momento.

O que não é tão difícil, já que Adrian é capaz de confiscar toda a minha atenção simplesmente por estar lá. Arrepios explodem na minha carne de

onde ele está me segurando. A sombra em suas maçãs do rosto acentuadas dá a ele uma borda escura e letal. Ele é um homem tão bonito, com uma beleza tranquila que surge do nada e uma perfeição física que fica melhor com o tempo. Eu poderia ter ficado um pouco apaixonada por ele durante anos. Certo, muito.

— O que você pensa que está fazendo, Lia?

Eu amo o som do meu nome em seus lábios. Na verdade, gosto tanto disso que posso ter me aproximado apenas para ouvir com mais clareza no tom de sua voz. Sai dessa, Lia.

— Apenas jantar, — eu digo com indiferença.

— Isso não parece apenas um jantar para mim.

— Foi você quem me ligou mais cedo querendo um encontro, lembra?

— Quem disse que eu quero mais?

Eu ignoro como suas palavras doem, especialmente porque nunca tivemos um encontro antes, mas eu as contenho. — Bem, eu quero um encontro.

— Se por um encontro, você quer dizer que vai responder às minhas perguntas ou vou deixar sua bunda vermelha, então tudo bem, Lia. Vamos ter um encontro.

— E eles dizem que o romance está morto.

— Abandone o sarcasmo. Não combina com você.

— Eu acho que me cai muito bem.

— Lia... — avisa. — Não me responda ou sua bunda vai pagar o preço.

Um choque de excitação sobe pela minha espinha e finjo indiferença, tentando ao máximo não esfregar minhas coxas. — O jantar está esfriando.

— O que você está jogando? Você vai me seduzir para pedir algo depois? Para sair para que você possa encontrar o filho da puta, talvez?

— Não. — Eu balancei minha cabeça. — Eu nunca te traí, Adrian. Juro.

Ele me agarra por um punhado de meu cabelo e eu estremeço quando ele me puxa para trás. — Então este é o seu novo jogo? Negação?

Eu seguro seu pulso, não para removê-lo, mas para tocá-lo, para estabelecer uma conexão com ele para que qualquer fio vulnerável que existe entre nós não se quebre.

— Que tal eu te tratar da mesma forma, Lia? Devo trazer uma amante também? Vou amarrar você na cama e transar com ela bem na sua frente enquanto você assiste. É isso que você quer?

— Não! — Lágrimas encham meus olhos e um monstro de olhos verdes levanta a cabeça das profundezas da minha alma.

Não tenho dúvidas de que ele faria isso apenas para me ensinar uma lição, para me machucar tanto quanto eu o machuquei, e eu não acho que sobreviveria à visão de Adrian tocando outra mulher. Isso me quebraria a um ponto sem volta.

— Por que não? Você mandou sua sócia em minha direção, então não era isso que você esperava que acontecesse? Para eu transar com ela?

Lágrimas amargas escorrem pelo meu rosto e aperto meus lábios para evitar que tremam.

— Me responda, Lia.

Eu engasgo com um soluço antes de falar. — Eu não estava pensando direito naquela época.

— Você não estava pensando, mas obviamente pensou bastante sobre tê-la no seu lugar. Você a imaginou na minha cama? Você gostou dessa imagem?

— Não, não! Não! — Eu cavo meus dedos em sua pele. — Não me torture assim.

— Você quer dizer, como a maneira como você tem me torturado por meses?

— Eu não te traí e nunca seria capaz. Não quando você possui cada parte de mim.

— Eu possuo cada parte de você? — Seus olhos escurecem para um tom assustador.

Eu aceno, embora não seja muito perceptível com a forma como ele segura meu cabelo.

— Vamos provar então.

Ele me puxa para a cama, chutando os travesseiros cuidadosamente posicionados que coloquei lá. Eu não protesto enquanto ele me força a ficar de costas no colchão. Em vez disso, uma faísca de excitação retorcida corre

através de mim como nunca antes. A mão de Adrian agarra o manto e ele o puxa de mim. Eu não fui capaz de mudar para nada sexy ou me arrumar.

Minha nudez é completamente visível para ele e eu me deleito em seu olhar escurecido, na promessa ali. Eu tenho esse efeito sobre ele. Não é outra mulher que quebra sua fachada frígida e arranca o homem de dentro, sou eu. Só eu.

Meu marido monta em mim e agarra meus pulsos com uma das mãos, depois os joga na minha cabeça, usando a faixa do meu manto para amarrá-los à cabeceira da cama. Meu coração estremece com cada um de seus movimentos seguros e metódicos. Ele está me derretendo pedaço por pedaço, e não há nenhuma maneira no inferno de ser capaz de resistir a ele.

Não que eu queira. Se qualquer coisa, eu preciso desse lado dele. Preciso do prazer desenfreado e da paixão incontrolável. Eu preciso que ele não se segure. Normalmente, ele passa a me punir ou me foder quando minhas mãos estão amarradas.

Não dessa vez.

Adrian sai de cima de mim, alcança a mesa de cabeceira e pega alguns pedaços de corda. Antes que eu possa decifrar o que ele está fazendo, ele se dirige ao pé da cama e amarra um dos meus tornozelos ao poste, em seguida, faz o mesmo com o outro para que eu fique de braços abertos para sua visão.

Uma sensação estranha de excitação dispara por mim nessa posição. Estou completamente nua, amarrada, e o único que pode me salvar disso é o mesmo que me colocou nele.

Meu marido está parado na minha frente, na visão direta da minha boceta, enquanto ele desabotoa a camisa. As cristas duras de seu peito são reveladas a cada botão até que o material esteja aberto. Ele o arranca de seu corpo e o joga ao lado dele. Eu tenho uma visão irrestrita de seu peito nu e as tatuagens de manga cheia que sempre me deixam nervosa. Os músculos de seu abdômen ondulam e eu quero apertar minhas coxas, mas não consigo devido à minha posição.

Adrian tira o cinto, mas não a calça, então passa o couro em volta de sua mão forte e cheia de veias enquanto caminha para o lado da cama. Ou melhor, ele anda como um gato gigante com a mira voltada para uma presa para devorar. Mil arrepios explodem na minha pele e a antecipação torturante faz minha língua grudar no céu da boca.

— O que você vai fazer comigo?

Seus olhos cinzas se deleitam com a minha nudez enquanto ele fala com indiferença velada. — O que você acha que eu vou fazer?

— Me punir?

— Os traidores merecem mais do que meras punições.

— Eu não sou uma traidora.

Seu cinto voa no ar antes de cair em meus mamilos endurecidos. Eu grito, o som ecoando no silêncio enquanto uma dor lancinante explode em meus picos sensíveis. Puta. Merda.

— Com cada mentira que sair da sua boca, vou chicotear você.

— Eu não sou uma traidora.

Ele dá um golpe em meus seios de novo e eu lamento, mas desta vez a dor não fica no nível da superfície, em vez disso, fica mais profunda e escura para alcançar a parte doente e retorcida de mim que só Adrian pode tocar.

Um soluço sai da minha garganta e eu engasgo. — Eu não sou... ahhh...

Minha voz é cortada quando ele me chicoteia novamente. Eu pulo para fora da cama, mas as cordas me trazem de volta para baixo, impedindo minha fuga. Meus mamilos são vergões vermelho-sangue e rosa espalhados pelos meus seios. Adrian desliza a ponta do cinto sobre um botão duro e eu arqueio minhas costas. Uma sacudida de prazer me atravessa e se instala na base do meu estômago. Uma quantidade igual de prazer e dor passam por mim ao mesmo tempo. Estou delirando, soluçando e implorando por mais.

— Ele tocou esses mamilos, Lia?

— Não, eu juro...

— A quem pertencem esses mamilos?

— Você, — eu deixei escapar um murmúrio estrangulado.

Seu cinto desce sobre eles novamente. — Eu não ouvi isso.

— Você! — Eu grito.

— Correto. — Seu cinto desliza para baixo no oco do meu estômago e eu me preparo, respirando fundo e fungando através das minhas lágrimas que deixam listras quentes em minhas bochechas e pescoço.

Adrian tem a capacidade de me transformar em uma bagunça com um simples toque. É uma loucura o quanto ele vira meu corpo contra mim, então me faz desfrutar de sua depravação. Anseie, mesmo.

— Quando você começou seu caso, Lia?

— Eu não... não houve caso... ahhh... — Minha voz termina em um grito quando seu cinto encontra meu estômago.

— Vamos tentar de novo. *Quando?*

— Eu nunca... nunca...

Slap!

Eu arqueio para fora da cama, meus olhos se encheram de lágrimas até minha visão ficar embaçada, mas encontro seu olhar de frente. — Você pode me chicotear até a morte, mas eu não vou mentir... eu nunca olhei para ninguém além de você.

— Nunca olhou para outro homem além de mim? — *Slap!* — Então quem era o homem que você estava beijando, Lia? — *Slap!* — Quem diabos era ele?

Estou chorando e berrando quando ele termina. Qualquer som que eu faça é quebrado pela força dos meus soluços. Minhas coxas estão tremendo, meus mamilos estão latejando e um estado bizarro de excitação dolorosa toma conta de todo o meu ser.

— Adrian... por favor... pare...

— Você é a única que pode fazer isso parar, me dando o que eu quero. Pare de protegê-lo, porra.

— Eu estou... eu não estou protegendo ele.

— É por isso que você se recusa a me dizer quem ele é?

— É porque ele é perigoso... eu... eu não quero que você se machuque.

Ele ri, o som áspero, sem humor e puxa as cordas do meu coração. — Você já fez muito isso, *Lenochka*.

— Você me machucou também... — choramingo entre minhas fungadas. — Você me esmagou quando soube que só se casou comigo para me usar contra meu pai.

Seu cinto para no vale das minhas pernas. — Eu alguma vez usei você?

— Você pode ter. Eu estava vivendo em uma ansiedade maldita esperando que você fizesse isso a qualquer momento.

— Responda à pergunta. Eu te usei porra, Lia?

— Não...

— Não, eu não fiz. Eu não faria. Se eu tivesse planejado isso, não teria me casado com você. Na verdade, eu me liberei de todos os malditos membros dos Rozettis que sabiam de sua existência e depois escondi você de seu pai. Incluindo o bastardo que você me viu matar naquele primeiro dia na garagem do seu apartamento. Ele estava te seguindo e eu acabei com ele.

Meu queixo cai e, embora seja difícil me concentrar em suas palavras com a quantidade de dor e excitação constante atormentando meu corpo, eu as deixo filtrar em meu consciente.

— Você... você estava me seguindo?

— Por alguns meses antes de te conhecer, sim. Então, se eu quisesse usar você para chegar perto de Lazlo, eu o teria feito nessa época.

— Por que você não fez isso?

— Porque você se tornou fodidamente minha.

— Por que você não me disse isso quando eu o confrontei pela primeira vez? Por que você teve que me machucar até eu ter que te machucar de volta?

— Alguém de fora te ajudou e você disse que ele era seu amante.

— Ele não é...

Seu cinto desce na minha boceta e eu suspiro, minha boca permanece aberta.

— Não minta para mim, Lia.

— Ele não é!

Slap!

— Ahhh... por favor... eu acredito no que você acabou de dizer. Eu confio que você não pretendia me usar, eu realmente confio. Agora você tem que acreditar em mim... por favor... por favor...

Porque se ele não o fizer, seremos pegos em um ciclo vicioso e tóxico que irá destruir a nós dois.

— Por que eu deveria? Você insistiu em trair, lembra?

— Adrian... aceite como se eu estivesse implorando. Não faça isso conosco.

— Fazer o que?

— Nos mate novamente.

Linhas duras marcam suas feições e posso dizer que ele está à beira de alguma coisa, o quê, eu não sei.

Ele desliza o cinto entre minhas pernas, pela carne sensível da minha coxa, mas não me chicoteia. Na verdade, seu toque é calmante, tirando a dor e substituindo-a com felicidade carnal. Um que bate sob minha pele e se conecta com meus ossos. Eu puxo as amarras em meus pulsos e tornozelos, mas isso só os aperta em volta da minha carne tenra.

— Me dê algo, Lia.

— A-Algo sobre o quê?

— Sobre ele. Se ele não é seu amante, então você não deveria proteger ele.

Eu respiro fundo enquanto seu cinto desliza para cima e para baixo na umidade da minha boceta. Luca nunca me ajudou desde que me envolvi com Adrian. Na verdade, ele me usou e eu fechei os olhos, porque ele me fez lembrar da vovó e da minha infância. Se dependesse de mim, eu teria mantido ele e Adrian o mais longe possível um do outro. Mas, sabendo da natureza fechada do meu marido, ele continuará a torturar a mim e a si mesmo até obter as respostas de que precisa. Já que ele vai pegá-las, de qualquer maneira, por que eu deveria negar a ele?

— Luca, — eu sussurro. — O nome dele é Luca e ele era meu amigo de infância. Morávamos no mesmo bairro quando vovó era viva e estudamos na mesma escola.

Se ele aprecia a informação, ele não mostra. Sua expressão é tão vazia quanto seu comportamento. — Por que você teve que encontrar ele em segredo?

— Porque ele corre com a multidão errada.

— Que multidão?

— Não sei. Eu me mantive longe da vida dele porque é perigoso.

— Mas você acabou no meu. — Há um tom mais suave em seu tom e quase choro de gratidão.

— Você mesmo disse. Eu não tive escolha.

— E se você tivesse escolha?

Um soluço de alívio me deixa. — Eu escolheria isso, Adrian. Eu escolheria você.

Ele fecha os olhos por um breve segundo, grunhindo. Quando ele os abre novamente, ele diz. — Foda-se, *Lenochka*.

— Sim por favor.

— Sim, por favor, o quê? Foder você? Chicoteá-la? Possuir você?

— Qualquer... tudo... — Eu luto contra minhas amarras sem sucesso. — Por favor.

Ele joga o cinto fora e tira as calças enquanto se acomoda entre minhas pernas abertas. Estou tão molhada que sinto pingar entre minhas coxas e no colchão.

— Você quer que eu foda essa sua boceta apertada até gritar, *Lenochka*?

— Sim...

Ele me agarra pelos quadris e eu arqueio em seu toque. A estimulação de seu cinto me deixou ligada ao ponto de esquecimento, de modo que mesmo o mais leve toque de felicidade será o suficiente para me detonar.

— Você vai gritar por mim, Lia.

— Eu vou... ohhh... — minha palavra termina em um gemido enquanto ele mergulha dentro de mim com a deliciosa crueldade que estou acostumada com ele.

Meu corpo pula para fora da cama enquanto ele empurra dentro de mim com intensidade crescente. Seu tratamento áspero me deixa ofegante, soluçando e gritando. Isso me faz sentir viva. Os vergões de seu cinto provocam explosões de dor em meus mamilos e estômago. Ele se mistura com o prazer, crescendo na minha barriga e no meu núcleo.

Suas punições têm um efeito curioso e avassalador que me faz delirar e implorar por mais. Sempre vou querer mais com Adrian, ainda mais do que ele pode me dar. Como seu coração. A alma dele. É justo depois que ele confiscou a minha. Ele os está segurando na palma da mão, se vai esmagá-los ou revivê-los, ninguém sabe. Mas eu continuo segurando a esperança de que os seis anos que passamos juntos signifiquem algo. *Eles tem que significar.*

Adrian dirige todo o caminho para dentro de mim, atingindo meu ponto ideal antes de puxar para fora, então empurra novamente. Eu desmorono sem linha de segurança. E neste momento, eu não quero uma. Estou amarrada, completa e totalmente desamparada, mas não me sinto livre há muito tempo. O orgasmo vem com uma explosão repentina que eu não sinto até que me atinge. Não há nenhum aviso, nenhum sinal de perigo.

Apenas... liberdade.

— Adrian... Oh, sim... sim...

— Porra Lia, — ele grunhe enquanto seus movimentos ficam mais difíceis e mais longos. — Diga meu nome de novo.

— Adrian...

— Diga que você é minha.

— Eu sou sua... sua...

Ele grunhe e goza dentro de mim então, seu esperma quente me enchendo. Meu marido desaba em cima de mim e espero que ele tome um momento para recuperar o fôlego, mas em vez disso, seus lábios encontram os meus. Adrian está me beijando. Eu sei que ele fez isso quando eu pensei que era Winter, mas este é diferente. Este é para mim. Sua língua encontra a minha, e eu o beijo com abandono, deixando ele me devorar inteira.

E daí se não sobrar nada no final? Eu sei que ele estará lá para mim. Ele vai me pegar novamente. Ele vai me beijar novamente. Depois que eu disse a ele que o traí, Adrian parou de me beijar, e isso me matou lentamente. Agora que ele está de volta, isso deve significar que ele acredita em mim, certo?

Quando ele se afasta ligeiramente, estou ofegante, mas meus olhos estão caídos. Eu poderia adormecer beijando-o, deixando-o me explorar a noite toda.

— Não adormeça, *Lenochka*. Ainda nem começamos.

Capítulo Onze

Lia

Quando eu acordo, meu coração afunda. Adrian não está aqui. A julgar pela escuridão lá fora, ainda é noite. Ele vai voltar a sair do meu lado logo após o sexo como se eu fosse sua puta?

Achei que ele finalmente acreditou em mim. Achei que ele confiava em mim ou pelo menos começou a confiar. Acontece que não é o caso. Mas se ele pensou que eu iria me encolher e chorar até dormir enquanto ele passa a noite em seu escritório, ele pensou errado. Eu não vou sair do lado dele até que ele se abra totalmente para mim. Estou prestes a afastar as cobertas quando meu telefone vibra na mesa de cabeceira. Eu pego e verifico o texto.

Número desconhecido: Você teve que forçar minha mão, Duquesa. Agora você vai arcar com as consequências. Eu disse a Adrian que você me ajudou em sua tentativa de assassinato. Descanse em paz.

Não! Não...

Eu tropeço em uma posição de pé, lendo e relendo a mensagem de texto. Se Adrian acha que ajudei Luca, ele nunca vai me perdoar. Eu mal consegui alcançar seu exterior frígido. Deslizando em um roupão, eu corro

para a porta, mas meus pés param quando ela se abre e Adrian aparece na soleira. Seu rosto é uma máscara vazia, desprovida de emoções.

— Não é o que você pensa... posso explicar...

— Explicar o quê? Que você me queria morto? — Ele puxa uma arma e eu dou um passo para trás.

Ele me agarra pelo pulso e empurra a arma na minha mão, em seguida, aponta para seu peito. — Faça isso então. Termine o trabalho, *Lenochka*.

Minhas mãos tremem, o suor cobrindo minhas palmas. — Não... não... eu não quero você morto. Eu te amo. Estou apaixonada por você, há anos.

— Se você me amasse, não teria planejado meu assassinato. Vá em frente então. Puxe o gatilho.

— Não...

— É um mero puxar do gatilho e você vai se livrar de mim.

— Não.

— Atire!

— Não!

Um *bang* ecoa no ar e eu grito tão alto que meus ouvidos estouram.

Eu acordei assustada em braços quentes. Braços fortes e protetores que me cercam em um casulo. Adrian. Ele está me segurando em uma posição sentada no meio da cama, sua palma lentamente acariciando meu cabelo úmido de suor para longe do meu rosto. Meus dedos trêmulos tocam seu

peito e descem pelo bíceps tatuado até o antebraço, procurando mecanicamente por qualquer lesão.

— Estou bem, Lia. Foi só um pesadelo.

Eu ainda paro olhando para ele. — Um pesadelo?

— Sim. Você está bem. — Seus lábios encontram o topo da minha cabeça e roçam meu cabelo, criando um zumbido de conforto, de... segurança.

Minha cabeça repousa em seu peito enquanto eu recupero o fôlego, cavando nas cristas duras de seus músculos, usando-o como meu recanto, minha âncora. *Meu marido.*

Depois que ele me fodeu até que minha voz ficou rouca e nenhum som ou orgasmo sobrou em mim, eu não me lembro muito. Ele deve ter me desamarrado e me limpou em algum momento, ou eu não estaria nesta posição.

— Está com fome?

— Não. — Eu inclino minha cabeça para trás, mas não saio do casulo enquanto olho para ele. É noite lá fora e algumas das velas ainda estão acesas, seus tons vermelhos lançando um brilho quente em seu rosto.

Eu amo o rosto dele. Eu amo como ele é mais bonito do que um deus grego e tão letal. Mas, acima de tudo, adoro como suas feições de granito duro apenas suavizam ao meu redor. Como se ninguém no mundo fosse digno de seu lado gentil, exceto eu e Jer.

Enquanto ele continua a me abraçar, Adrian volta para a mesa de cabeceira e pega uma garrafa de água, remove a tampa e a coloca em meus lábios.

— Não estou com sede.

— Você deve estar. Beba ou você vai desidratar.

Tento pegar a garrafa, mas ele a mantém fora de alcance.

— Eu posso beber sozinha, — eu resmungo.

— Eu sei.

— Se você quer que eu beba água da sua mão, tudo o que você precisa fazer é dizer isso.

— Eu não quero que você beba água da minha mão. — Depois que ele toma um gole, ele agarra meu queixo. Sua boca encontra a minha e ele derrama a água nela. Ele mordisca meu lábio, então seus dentes o puxam e ele o chupa dentro de sua boca quente e úmida.

Quando ele termina, estou hiperventilando, meu queixo aberto e minha garganta mais seca do que antes de ele me dar a água.

Putá. Merda. Posso beber assim pelo resto da minha vida?

— Continue. Beba, Lia.

— Dos seus lábios? — Eu pergunto como uma idiota.

A boca de Adrian se contorce em um sorriso enquanto ele aponta para minha mão. É quando eu percebo que ele já colocou a garrafa entre meus dedos.

— Embora se você preferir meus lábios, eu posso arranjar isso.

— Não foi isso que eu quis dizer, — deixo escapar, em seguida, engulo metade da garrafa de uma vez para acalmar minha garganta seca e o constrangimento aquecendo minhas bochechas.

— Mais devagar. — Ele puxa a garrafa. — Ou você vai sufocar.

Eu fico olhando para ele, meu coração apertando atrás da minha caixa torácica. Eu o conheço há seis anos. Seis anos inteiros, mas vê-lo tão perto nunca fica enfadonho. Nunca fica entediado.

— Como você me encontrou naquela época? — Eu pergunto em voz baixa.

— Época quando?

— Aquela... noite no penhasco. A guarda de Rai era rápida, mas você ainda nos encontrou em um momento.

— Eu rastreei você.

— Me rastreou... espere um segundo. Você tem um rastreador em mim?

Ele bate na minha bochecha. — Dental.

Tento me afastar, mas o aperto de Adrian me mantém colada no lugar.
— Desde quando?

– Logo depois que eu casei com você.

– Oh meu Deus. Você já planejou me contar?

– Eu apenas fiz.

– Uau. Você é... você é...

– Impossível?

– Eu ia dizer um idiota. Eu não posso acreditar que você tem me rastreado o tempo todo. – Embora eu não devesse ficar surpresa e isso salvou minha vida, o fato é que ele está fazendo isso secretamente.

– É para sua segurança.

– Tem certeza de que não é por sua natureza controladora?

– Talvez um pouco.

– Muito. – Eu olho para ele. – O que mais você fez?

– Por onde devo começar?

– Vamos voltar ao início. Você disse que me observou por meses antes de aparecer no meu prédio.

– Eu fiz.

– Não acredito que nunca notei você.

– Você não poderia, mesmo que tentasse. Se eu não tivesse me mostrado naquele dia, você não saberia que eu existia.

– Por que você se mostrou?

- Para matar aqueles guardas Rozettis que estavam vigiando você.
- Mas você poderia ter desaparecido depois.

Ele acaricia minha omoplata, seus olhos escurecendo como se ele estivesse fazendo uma viagem ao passado. — Não depois que eu vi aquele medo delicioso em seus olhos, não. Eu tive que explorar isso... e você.

- Você é um sádico.
- Se você diz.
- E antes disso? Você fez de sua missão me vigiar?
- Correto.
- Você assistiu às minhas apresentações de balé?
- Sim.
- E ainda assim, você disse que não era um perseguidor.

— Perseguidor ou não, não importava. Na época, eu estava em uma missão de aprender seus hábitos, conhecer sua vida e, por fim, me tornar parte dela, para poder fazer algumas perguntas sobre Lazlo. Acontece que você não sabia de nada e até acreditava que o sobrenome era seu.

- Sinto muito, eu fui inútil, — eu zombei.
- Eu não sinto.
- Mesmo? Achei que tinha arruinado seu plano.

— Você fez. Você fragmentou meus padrões e cavou um lugar no meio deles. Você destruiu meu plano original e eu tive que bolar outro drástico para chegar perto de Lazlo sem envolver você.

— Eu presumo que funcionou?

— Sim.

— Então por que ele não está ajudando você a não ser suspeito por Sergei?

Sua mandíbula aperta. — Vejo que a boca de Yan está ficando solta.

Minha mão envolve seu bíceps tatuado enquanto eu imploro. — Estamos do mesmo lado. Eu só quero ajudar. Se eu fosse falar com meu pai, isso...

— Não.

— Você nem me deixou terminar.

— Você não precisa. A resposta é não.

— Mas...

— Não, Lia. Eu não te mantive longe todo esse tempo para trazê-lo agora.

— Somos marido e mulher. Devemos fazer isso juntos.

— É porque somos marido e mulher que estou protegendo você. Este assunto está fechado para discussão.

— Você é um ditador.

– De volta aos rótulos, eu vejo.

– Bem, você é um.

– E você só descobriu agora, *Lenochka*? Se eu não fosse, não teria sido capaz de trazer você das ruas.

Eu paro, olhando para baixo. – Você... me assustou naquela época.

– Eu tinha que fazer isso para que você soubesse que não havia saída.

– Eu... também estava atraída por você.

– Hmm. Você estava?

– Tanto que secretamente odiava sua esposa. Eu queria arrancar os olhos dela.

– Você estava com ciúmes de si mesma?

Eu escondo meu rosto em seu peito enquanto eu aceno.

– Olhe para mim, Lia.

Eu balanço minha cabeça, com vergonha de olhar para ele. Adrian agarra meu queixo e o levanta para que eu seja mais uma vez mantida prisioneira na tempestade que se forma em seus olhos. Está mais manso agora, mais macio, mas não tenho dúvidas de que explodirá a qualquer segundo, se necessário.

– O que mais você sentiu? – Ele pergunta.

– Inveja, principalmente. Eu queria você e Jeremy para mim mais do que qualquer coisa.

— Você nos tinha.

— Não durante aquele primeiro mês. Mas você acabou me trazendo para casa. Obrigada e sinto muito.

— Por que?

— Por mentir para você e por mais cedo. Eu não tive a intenção de usar Jeremy para fazer você se comprometer com as férias. Kolya disse que você não reagiu bem a isso.

— Primeiro Yan está do seu lado e agora Kolya? Boris e Ogla são os próximos?

— Eles só querem o que é melhor para você.

— Uh-huh.

Eu aperto seu bíceps com mais força. — Sua mãe era tão ruim assim?

— Eu disse que ela era uma vilã.

— Eu sinto muito.

— Tenho certeza de que ela está mais do que arrependida. Ela teve um final que se encaixa nos seus filmes da Disney.

— Que tipo de final?

— Ela sempre quis meu pai e o poder, e ela morreu com uma bala na cabeça por causa deles. Aconteceu quando eu tinha dez anos.

— Oh, Adrian... — Meu coração dói por ele como se a dor fosse minha. Ele pode não ter sido próximo de sua mãe, mas ela ainda era a mulher que deu à luz e o criou. A morte dela deve tê-lo afetado de alguma forma.

Não é à toa que ele cresceu e se tornou um cofre emocional. Deve ser difícil para ele sentir depois de tudo o que aconteceu em sua infância.

— Ela está no passado. Ambos os meus pais estão.

— Como seu pai morreu?

— Houve um golpe contra o *Pakhan* anterior, Nikolai, e ele o protegeu com seu corpo.

Eu engulo em seco. — Ele tinha que fazer?

— Não realmente, mas é esperado de nós proteger nosso *Pakhan*.

— Não faça isso.

— O que?

— Não o proteja com sua vida.

— Eu não vou. Eu tenho família, lembra?

— Não impediu seu pai.

— Eu não sou ele, *Lenochka*. Nunca.

Eu o abraço com força, enterrando meu rosto em seu peito. Vou ter certeza de que ele não é seu pai. Mesmo que seja a última coisa que eu faça.

Capítulo Doze

Lia

No dia seguinte, algo continua me incomodando. Tento ignorar e fingir que não existe, mas meus pés me levam de volta aqui, de qualquer maneira.

Qual é o sentido de enterrar minha cabeça na areia? Isso só piorou meu estado e conseguiu me empurrar daquele penhasco onde eu poderia ter perdido tudo. E eu fiz, de certa forma. Perdi temporariamente Jeremy e Adrian. Perdi a vida que estava lutando com unhas e dentes para proteger. Eu não me importo com o que tenho que fazer para nunca acabar em outro literal ou metafórico, precipício de novo.

Você é mais forte do que isso, Lia.

Minha mão treme na maçaneta enquanto eu lentamente giro e abro a porta. Mas, em vez de entrar, permaneço na soleira, olhando para a pequena abertura através da qual um pedaço da parede branca é visível. O som do bipe da máquina bate no meu peito e nos ossos. Eu esperava que Boris me impedisse de entrar na casa de hóspedes, ou que Kolya aparecesse magicamente ao meu lado e me dissesse em sua voz monótona que o chefe ordenou que eu ficasse longe.

Nada disso aconteceu.

Em vez disso, Boris deu um passo para o lado, sem se preocupar em me impedir. Depois da conversa franca que tive com Adrian na noite passada, posso dizer que ele está me dando mais liberdade. Ele não é o tipo de homem que dá uma segunda chance, como Yan gosta de me lembrar, então sou grata por ele estar tentando, por estar tomando um caminho diferente que não inclui punir ou me dar seu tratamento silencioso negligente.

Eu não sou uma idiota. Eu sei que a confiança recém-descoberta de Adrian é, na melhor das hipóteses, frágil. Se eu mostrar qualquer sinal de ficar do lado de Luca, ou de qualquer pessoa além dele, sua ira será a mais perigosa que já testemunhei. E porque ele está tentando, à sua maneira, eu preciso fazer o mesmo. Para me livrar dos meus pesadelos viscerais, preciso cuidar da fonte. Ou seja, a mulher deitada na cama.

Como é noite, há uma luz suave em seu quarto simples que parece saída de um hospital. A enfermeira provavelmente mantém a luz acesa para quando ela vier ver como ela está. Notei que ela saiu do prédio mais cedo e foi quando reuni coragem e vim aqui logo depois de colocar Jeremy na cama. Deixo a porta entreaberta ao me aproximar da cama em que Winter dorme. Seus olhos estão fechados desta vez, mas sua pele está menos pálida, um pouco corada, como se o sangue estivesse bombeando com mais força em suas veias.

Uma de suas mãos frágeis repousa sobre o estômago e a outra está ao seu lado, um tubo intravenoso perfura sua pele e é preso a uma bolsa pendurada acima de sua cabeça. Eu fico olhando para a porta para ter certeza de que está aberta e não estou presa aqui com ela. Ela pode estar

em coma, mas me assusta. Talvez não como quando eu pensei que ela era Lia e eu roubei seu marido, mas a sensação sinistra ainda está lá. Provavelmente é minha culpa estúpida.

— Eu sinto muito, Winter, — eu sussurro. — Eu não deveria ter envolvido você nesta vida. Eu não deveria ter cortado suas asas livres e forçado você a entrar nesta cama. Me desculpe.

Eu quero dizer mais, me desculpar mais e fazer as pazes, mas de que adianta? Ela fica imóvel enquanto eu estou saudável. Bem... quase saudável. Afinal, paguei pelo pecado que cometi vivendo como ela e perdendo minha família, mesmo que apenas por um tempo. Adrian também disse que minha cicatriz no abdômen é de quando caí do penhasco, não uma cicatriz de nascimento, porque eu acreditava na minha outra identidade. Eu senti a perda de Winter tão visceralmente porque, no fundo, senti falta de Jeremy ao ponto da loucura.

Eu me jogo em uma cadeira ao lado da cama dela. — Lamento ter feito você passar por isso, Winter.

— Ela se colocou nisso.

Eu levanto minha cabeça para encontrar meu marido encostado no batente da porta, os braços cruzados sobre o peito desenvolvido e as longas pernas cruzadas nos tornozelos. Ele está de calça preta, camisa branca e um casaco de cashmere marrom escuro aberto que vai até os joelhos. Ele está sempre vestido de forma simples, mas tão elegante. Ele deve ter acabado de trabalhar, porque a porta de seu escritório estava fechada quando passei por ela mais cedo.

- Você me assustou, – murmuro.
- Então você não deveria ter vindo aqui.
- Não posso continuar evitando ela para sempre enquanto vivemos sob o mesmo teto.
- Você não está morando sob o mesmo teto.
- Tudo bem. Mesma propriedade.
- Então eu posso movê-la para longe.
- Fora... para onde? – Pareço tão assustada quanto me sinto, provavelmente porque sei o que a vida significa no dicionário de Adrian, nada.
- Qualquer lugar menos Aqui.
- Não. Ela está assim por nossa causa. Precisamos assumir a responsabilidade.
- Responsabilidade por quê? Você a forçou a trocar de lugar com você?
- Claro que não.
- Então, não assumirei nenhuma responsabilidade por uma escolha que ela fez por conta própria.
- Bater na cabeça dela também aconteceu por causa de uma escolha que ela fez?
- Sim. Ela tentou fugir, tropeçou e bateu a cabeça.

— Mesmo? — Eu franzo a testa. Eu pensei que ele a fez ficar assim de alguma forma.

— Se eu a tivesse machucado, não teria vergonha de admitir. Ela tomou o seu lugar e só isso é punível com a morte segundo me consta.

— Existe algo que não é punível com a morte de acordo com você?

— Na verdade não.

— A morte deveria ser o último recurso possível, não o primeiro.

— Não para mim. Não acredito em segundas chances, *Lenochka*.

— Mas você... me deu uma. Certo?

— Você é a exceção.

Eu entendo o que ele está dizendo sem que ele precise expressá-lo em voz alta. Esta é a única chance que ele vai me dar, então é melhor eu usá-la bem. Não que eu já não soubesse.

— Como você sabia que eu estava aqui? — Eu opto por mudar de assunto. — Deixe-me adivinhar, Boris ou Kolya.

— Kolya.

Eu zombo. — Que perfeito braço direito. Você passa mais tempo com ele do que com qualquer outra pessoa, sabe. Se você voltasse na outra direção, ele teria sido sua esposa modelo.

— Você está com ciúme do meu segundo em comando, Lia?

— Claro que não!

— Se você diz.

— Pare com isso, Adrian. — Um pequeno sorriso levanta meus lábios, mas ele mantém sua expressão em branco característica.

— O que? Eu estou concordando com você.

— Você está me provocando.

— Hmm. É assim mesmo?

— Aí. Você está fazendo isso de novo.

— Eu estou?

— Sim!

Adrian empurra a porta e vem em minha direção. Eu respiro fundo, meu coração martelando em meus ouvidos. Agora que ele está se aproximando, estou presa naquele transe que é exclusivo dele. Aquele em que ele é a única coisa que posso respirar ou sentir. Isso não é saudável, não é? Eu não devo segurar cada respiração de sua boca pecaminosamente proporcional. Eu não deveria estar queimando de dentro para fora pelo simples fato de que ele está se aproximando de mim.

Por que eu tive que ir e me apaixonar por ele? Teria sido mais fácil se eu não tivesse sentimentos por ele. Ou se, pelo menos, tudo o que eu sentia por ele fosse medo. Quando ele para ao meu lado, eu só quero me jogar em seus braços e enterrar meu rosto em seu peito. Sua grande palma envolve meu ombro esguio e eu congelo no lugar, meu coração batendo tão

violentamente no meu peito que estou surpresa que ele não se soltou da minha caixa torácica.

Com a mão ainda no lugar, ele desliza os dedos pelo meu pescoço, sem pressa, deliberadamente até que minha respiração áspera fique mais alta do que o bipe da máquina.

— Você sabia que o vermelho sobe pela sua garganta e orelhas delicadas quando você está confusa ou mentindo? — Ele se inclina, sua voz gotejando sedução. — Ou quando você está excitada.

— Adrian... — Eu quero repreender, mas seu nome sai como um sussurro.

— Assim. Está acontecendo de novo. — Ele desliza o dedo sobre o ponto de pulsação no meu pescoço. — Suponho que você esteja excitada, *Lenochka*?

— Você gosta de me tirar do meu elemento?

— Sim.

— Por que?

— Porque eu sou o único que faz isso.

— Você é tão arrogante.

— E você gosta tanto de rótulos.

— Eu te disse. Estou apenas dando nomes às coisas. — Eu me concentro de volta em Winter porque se eu me permitir ser sugada para a órbita de Adrian, eu não serei capaz de escapar de jeito nenhum. É

impossível ignorar sua mão no meu ombro ou o movimento lento de seus dedos para cima e para baixo. — Então?

— E daí?

— O que vamos fazer sobre Winter?

— Eu posso continuar procurando por sua família. Embora pelo relatório de Kolya, ela não tenha uma. Ou como eu disse, posso transferi-la.

— Não faça isso. A enfermeira pode continuar cuidando dela aqui. Você não acha que devemos muito a ela?

— Não. Como mencionei, ninguém a forçou a vir aqui.

— Você pode ser tão cruel às vezes.

— Você quer dizer lógico.

— *Sem coração.* — Eu fico olhando para Winter. — Ela ficou tão feliz quando pensou que poderia viver uma vida de pessoa rica.

O movimento de Adrian para e sua mão permanece inerte no meu ombro. — E você estava tão pronta para desistir de sua vida por ela.

Não há acusação em seu tom baixo, mas não poderia ter sido mais claro se ele apontasse o dedo para mim.

Deixando minhas mãos descansarem no meu colo, eu fico olhando para elas. — Nunca quis desistir da minha vida. Eu estava apenas... presa.

— Presa, — ele repete daquela forma irritante que usa para me irritar.

— Sim, Adrian. *Encurralado*. Tipo, sem saída. Mas você não saberia o que esse termo significa, não quando tudo o que você quer magicamente se torna realidade.

— acredite em mim, não há mágica envolvida. Abri meu caminho e, embora não me importasse com quem foi destruído no processo, não pisei em você. Não pisei em você e continuei meu caminho como se você não fosse nada.

Eu olho para ele, para o rosto ameaçadoramente belo e os olhos cinzentos impiedosos. — Você realmente acredita nisso? Você honestamente acha que não pisou em mim?

— Sim. Se eu tivesse, você não estaria sentada na minha frente agora.

— Então, devo ser grata por não ter acabado como Winter?

— Não foi isso que eu disse.

— É isso que você quer dizer.

— É isso que você quer que eu queira dizer, Lia. Não projete seus equívocos sobre mim. — Eu solto um longo suspiro em uma última tentativa de acalmar meus nervos. Como se estivesse sentindo minha angústia, Adrian acaricia meu ombro. — Não se compare a ninguém, entendeu?

— Você diz isso como se não fosse enganado por Winter.

— Eu não fui. Um olhar em seus olhos e eu descobri que ela não era você.

— Tão simples?

— Tão simples.

Eu não sei por que isso arranca um pequeno suspiro de mim. O fato de que ele poderia ter me substituído por ela me devorou viva naquela época.

— Isso significa que você não teria... você sabe...

— Transando com ela?

Minhas bochechas esquentam enquanto eu olho para minhas mãos e aceno com a cabeça uma vez.

— O que você acha?

— Você tem um impulso sexual louco... então... pode acontecer. — As palavras queimam na minha garganta ao saírem.

— Ter um impulso sexual louco não significa que eu iria colocá-lo em qualquer lugar, *Lenochka*.

Minha cabeça levanta até que estou mais uma vez presa em seus olhos tempestuosos. — Não?

— Não. Você não é apenas minha esposa, a mãe do meu filho, e total e totalmente minha, mas também é a única mulher que eu queria desde a primeira vez que me implorou para te foder quando você estava bêbada.

— Naquela época... eu queria você...

— Desde quando?

— Desde a primeira vez que te vi.

- Eu pensei que você estava com medo de mim.
- Eu estava, mas isso não me impediu de querer você.
- Hmm. Você é uma masoquista.
- Cale-se. Você me fez uma masoquista.
- Eu não poderia ter transformado você em uma se as características não estivessem lá desde o início. Eu apenas as alimentei um pouco, talvez as tenha chicoteado até a submissão em algum ponto.
- Sádico pervertido, – murmuro baixinho.
- Eu nunca neguei isso.
- Quando você aprendeu que... prefere áspero e distorcido?
- Logo no início. Perto do final da minha adolescência.
- Você acha que sua educação teve algo a ver com isso?
- Provavelmente.
- Eu sinto muito.
- Por que você deveria sentir? Se não fosse pela minha educação, não seríamos compatíveis, *Lenochka*.
- Discordo.
- É assim mesmo?

Eu me levanto, forçando-o a me soltar enquanto envolvo meus braços em volta de sua cintura. — Acho que somos os mais compatíveis que poderíamos ser.

— O que te deu essa ideia?

— Em primeiro lugar, demos à luz o anjo mais lindo vivo e ninguém além de nós poderia ser os pais de Jeremy. Em segundo lugar, você conhece meu corpo melhor do que eu jamais conheceria e... você me salvou de mim mesma. Sem mencionar que você não me confundiu com outra mulher. Você ganha pontos extras por isso.

— Pontos extras, hein?

— Uh-huh.

— Posso usá-los esta noite?

Eu sorrio. — Absolutamente.

Adrian me levanta em seus braços e eu grito enquanto me aconchego em seus braços. Em meu prazer absoluto, pego um vislumbre dos olhos abertos de Winter olhando para mim.

Pisco uma vez, mas seus olhos estão fechados. Puta merda. Enquanto Adrian me carrega para fora de seu quarto, minhas unhas cravam em seu ombro enquanto eu continuo olhando para ela, esperando que ela abra os olhos.

Ela não faz. Mas tenho certeza de que os vi abrir um segundo atrás. Ou foi uma alucinação?

Capítulo Treze

Lia

— Você não precisava vir conosco, — digo enquanto caminhamos pelo shopping.

Quero comprar algumas coisas porque percebi como meu antigo guarda-roupa é enfadonho. Também quero comprar um novo casaco para Jeremy como preparação para nossas pequenas férias em família. Adrian disse que cuidaria disso, então não tenho ideia de para onde estamos indo. Isso não me impede de ficar animada com nossa primeira fuga como uma família, no entanto.

Demorou seis anos, mas finalmente está acontecendo. Depois de saber sobre o escrutínio que meu marido está passando, quero que ele se afaste do trabalho por um tempo para clarear a cabeça. Ele não concorda, mas eventualmente mudará de ideia. Quando contei a ele que queria ir às compras, ele insistiu em ir também. Kolya e Boris nos seguem e, embora estejam mantendo uma curta distância, estamos chamando a atenção aonde quer que vamos.

Jeremy parece alheio a tudo isso enquanto trota entre nós, uma mão na de seu pai e a outra na minha. É estranho como meu anjinho é animado e

brilhante, apesar de ter nascido em um mundo tão escuro. E é essa luz que me faz continuar.

Adrian inclina a cabeça para o lado. — Eu não tenho permissão para ir junto?

— Não foi isso que eu disse.

— Então o que?

Eu estreito meus olhos para ele ligeiramente. Estou bem ciente de que ele não confia em mim e provavelmente pensa que vou encontrar Luca como fiz há uma semana. Mas eu acho que, mesmo se ele começasse a acreditar em mim, ele não me daria rédea solta tão cedo.

Eu solto um suspiro. — Você não tem trabalho?

— Hoje não, não. — Ele acaricia a mão de Jeremy. — Você não está feliz por eu ter vindo, *Malys*?

— Sim Papai!

A atenção de Adrian volta para mim. — Viu?

Então agora é a vez dele usar Jeremy contra mim. Não é que eu não o queira conosco, é o motivo de sua adesão que me parece errado. Ele está de olho em cada movimento meu porque não confia em mim. Desde que divulguei o nome de Luca, ele tem me feito todo tipo de pergunta sobre ele. Seu sobrenome, detalhes de família e tudo mais. Surpreendentemente, não tive problemas para responder a essas perguntas. No entanto, eu não

poderia contar a ele sobre a outra parte. A parte de 'eu concordei em espionar você por Luca.'

Mal estamos saindo de uma fase sensível e caindo em algum tipo de entendimento. Eu não posso simplesmente estragar tudo. Adrian me beija e me abraça novamente. Ele não me olha como se quisesse me odiar e depois me jogar fora. E eu quero manter o que temos enquanto puder. Mas Yan está certo, vou contar a ele tudo sobre isso.

Em breve.

Entramos em várias lojas, compro jeans e experimento alguns vestidos decotados para os quais Adrian balança a cabeça. Quando saio do camarim com um vestido vermelho curto e decote profundo, Adrian me encara.

— Você está linda, mamãe, — diz Jeremy de sua posição ao lado de seu pai.

— Obrigado, meu anjo. Pelo menos você tem o bom senso de dizer isso.
— Eu corro minha mão sobre o material macio, olhando de volta para Adrian.

— Você está linda, mas não vai sair assim.

— Eu costumava fazer balé, lembra? Usávamos roupas mais curtas.

— Mas você não está mais e isso não é uma apresentação de balé. Você não usará um vestido curto.

Eu torço meu nariz, então murmuro baixinho. — Aposto que você não achou que eles eram curtos quando você estava me perseguindo.

— Eu ouvi isso, — diz ele enquanto me viro e vou para o provador. Claro, ele fez. É como se ele tivesse superpoderes quando se trata desse tipo de coisa. Ainda assim, eu sorrio com seu tom e a maneira como seu olhar continua me seguindo, mesmo enquanto eu me afasto.

No caixa, coloco alguns vestidos entre minhas outras compras pelas costas de Adrian. Ele apenas entrega a ela seu cartão e não se importa com o que está nas sacolas. Fora da boutique, Boris se oferece para levar as bolsas para mim. Eu digo a ele que estou bem, mas Adrian praticamente as arranca da minha mão e as empurra para sua guarda. Ele é impossível às vezes.

Tomamos milk-shakes de chocolate e sentamos em um banco. Ou melhor, Jeremy e eu. Adrian apenas nos observa com rara satisfação enquanto bebemos em uníssono. Logo depois, Jeremy diz que precisa usar o banheiro e Adrian o leva, deixando Kolya e Boris comigo do lado de fora.

Eu fico olhando para eles. — Você não está cansado de ficar em pé o dia todo?

— Estamos bem, — grunhe Kolya.

— Você está realmente tão mal-humorado quanto Yan diz.

Ele solta um som que lembra um escárnio, mas não diz nada.

— Eu me sinto mal por deixá-lo em casa. — Eu suspiro. — Você acha que ele está bem?

— O médico disse que ele está se curando e se movendo, então deve ficar tudo bem.

– Talvez eu compre algo para ele...

– Por favor, não. – Kolya olha para a porta do banheiro.

– Sim, não, – Boris concorda. – A menos que você queira testemunhar o assassinato dele nas mãos do Chefe.

Eu rolo meus olhos e continuo engolindo meu milk-shake.

– Lia?

Minha cabeça vira para o lado com a voz familiar. Stephanie, a coreógrafa do New York City Ballet, caminha em minha direção em um ritmo acelerado. Boris fica entre ela e eu, seu corpo sombreando seu corpo pequeno.

Eu me levanto. – Está tudo bem, Boris. Deixe ela passar.

Ele se move a contragosto e ela se junta a mim, seu olhar cauteloso enquanto ela observa os dois guardas. Eu não posso evitar o sorriso que se move em meus lábios ao vê-la. – Ei, Steph.

– Ei, garota! – Ela me abraça e eu faço o mesmo antes de recuar e sentar. – Olhe para você, viva e bem. Achei que você tivesse saído do país.

– Não, ainda estou aqui.

– Casada também. – Ela aponta para o meu dedo.

– Sim. Eu também tenho um filho de cinco anos.

— Uau. Você mudou, Lia. Se Philippe visse você, ele estaria chorando. Ele sempre disse que você era sua única musa e nada mudaria isso. Ele ficou deprimido depois... do que aconteceu.

Eu sorrio um pouco. — Vocês estão bem?

— Você sabe, o de sempre.

— Eu vi os pôsteres de *Giselle*. Desejo a vocês tudo de melhor.

— Obrigada. Você pode vir se quiser... — ela recua. — Ou não. Sem pressão.

— Vou pensar sobre isso.

Pensar em balé ainda dói, mas acredito que estou em um ponto da minha vida em que sou capaz de seguir em frente, mesmo que não totalmente.

— Você vai adorar o protagonista masculino deste.

Eu ri. — O que? Ryan não lidera mais?

Ela franze a testa. — Ryan parou de liderar há seis anos. Desde que você...

— O que?

— Ele desapareceu no dia em que você quebrou a perna, Lia. Ninguém sabe onde ele está.

— Mesmo?

– Procuramos por ele e sua família em todos os lugares, até mesmo registrando o desaparecimento, mas a polícia não conseguiu encontrar nenhum vestígio do homem.

Oh.

– Então ele desapareceu depois do meu acidente?

– Sim. No início, pensamos que ele se sentia culpado, mas quando não conseguimos alcançá-lo, algo parecia errado. Afinal, é Ryan. Ele não estragaria uma performance, não importa o quão culpado ele se sentisse.

O arrogante Ryan. O egoísta Ryan. O... Ryan que teve um ataque com Adrian.

Oh. Meu. Deus.

Ele não poderia ter.

– Temos Joel na liderança agora e ele é um querido. Ele fez Hannah encolher um pouco seu comportamento de vadia. Ela está tentando e falhando em chegar ao seu nível. Sem querer ser tendenciosa nem nada, mas você sempre será a minha favorita e de Phil. Eu sei que a vida continua e tudo, mas simplesmente não é a mesma sem você.

Eu sorrio para ela, e ela continua e fala sobre como Philippe está tornando sua vida um inferno e como ele se tornou um velho rabugento. No entanto, só consigo pensar nas informações que ela acabou de me dar. O fato de que Ryan desapareceu há seis anos.

E que provavelmente meu marido está por trás disso.

Capítulo Quatorze

Adrian

— Fique aí, papai.

— Eu vou.

— Você não tem que entrar. Eu sou um adulto.

— Você é, Malysh.

Meu filho sorri enquanto seus pés balançam no banheiro. Eu estou em sua visão direta, enquanto permaneço fora da cabine conforme ele instruiu.

— Não chamo mais para a mamãe, — diz ele. — Eu posso fazer isso sozinho.

— Isso é um bom menino.

— Isso mesmo. Eu sou. Eu vou ser grande como você e proteger a mamãe quando eu crescer.

— E o que eu vou fazer então?

— Tudo bem. Você também pode protegê-la.

Também. Como se ele estivesse sendo benevolente ao me permitir entrar na vida dela. O patife está puxando o Yan, eu juro. Meu telefone vibra e acho que é Kolya, mas o número muito familiar me faz pensar. Eu

faço uma longa varredura no banheiro vazio, em seguida, marcho até a entrada e a tranco.

— Onde você está, papai?

— Bem aqui. — Volto para a frente da baia de Jeremy, mas mantenho distância suficiente para que ele não se concentre no meu telefonema.

— Volkov.

Há uma pausa do outro lado, o som de um longo fluxo de água antes de sua voz suave e característica chegar. — Morozov.

— Você conseguiu a informação?

— Não.

— Então por que você está perdendo meu tempo?

Eu ouço um gorgolejo antes que o tom tenso de Kirill seja filtrado. — Isso também é importante. Espere... — Ele muda para inglês, falando com outra pessoa. — Oi, acho que nos entendemos melhor agora. Então, por que você não me diz o nome?

Ruídos inteligentes preenchem sua extremidade do telefone antes que haja um barulho característico na água. — Resposta errada, filho da puta.

— Ele volta para o russo. — Então... onde eu estava?

— Você está torturando alguém, Morozov?

— Afogamento simulado, para ser mais específico. Esta boceta tem algo meu. Mas não é isso que importa, Vladimir é.

— Vladimir?

— Minha inteligência me diz que ele está perto de resolver o assassinato de Richard.

Eu bato meu dedo contra minha coxa e sorrio para Jeremy quando ele sorri. Tenho mantido Vladimir em segundo plano, considerando tudo o que aconteceu. Mas se ele está chegando perto, então preciso lidar com isso de acordo. Ter Sergei suspeitando de mim é a pior coisa que pode acontecer em um momento como este, especialmente porque eu sei que ele vai exigir retribuição.

— Que tal você contar ao *Pakhan* o que aconteceu? — Kirill pergunta tão casualmente quanto mais gorgolejos vêm de sua extremidade. — Ele sempre foi benevolente com você.

— Esta é a única razão pela qual você ligou?

— A única razão? O que é mais importante do que... eu não sei, a porra da sua vida?

Estou começando a aprender que há muito. E para proteger isso, preciso permanecer são e salvo.

— Me consiga as informações que combinamos. — E com isso, eu desligo.

Desde que ouvi a informação que Lia me deu sobre Luca, o fato de ele ser seu vizinho e amigo de infância, meus homens e eu o examinamos exaustivamente. Isso não apenas confirma as suspeitas de Kirill, mas também levanta as minhas. Nunca foi uma coincidência. O fato de ele estar

em seu encalço e ter permanecido lá por todos esses anos. O fato de que ele corre riscos para encontrar ela. Ele sabe quem ela é e sua relação com Lazlo Luciano.

Ele não pode fazer parte dos Luciano a menos que esteja planejando um golpe contra seu *Don*. Todo mundo sabe que Lazlo tem sede de seus próprios filhos, mas ele nunca deixou sua esposa, mesmo quando ela não lhe deu filhos. Seu clã tenta agir como se ela fosse a culpada, mas ele ainda está com ela por respeito e dever. No entanto, em minha extensa pesquisa sobre ele, descobri que ele passou por uma cirurgia há décadas, que o deixou infértil.

Todo mundo no mundo do crime sabe que seus irmãos herdarão sua fortuna assim que ele morrer, mas considerando seu vínculo, qualquer um dos Luciano ficaria emocionado ao descobrir a existência de outro membro de sua família, a filha de Lazlo, nada menos. Então, Luca não poderia estar trabalhando para eles.

Isso apenas deixa a possibilidade de que ele esteja em um clã beligerante italiano. E os únicos que sabem sobre Lia e não mediram esforços para mantê-la escondida de Lazlo são os Rozettis. Agora, a questão é sua posição. A maior parte dessa família foi exterminada e a outra se escondeu como ratos. Eu tenho matado ativamente todos os guardas mais velhos que sabiam da existência de Lia para que eles não fossem atrás dela.

É por isso que Luca me quer morto? Ele provavelmente também tem planos para Lia assim que eu for embora. Planos que vou frustrar no

momento em que o encontrar. É uma questão de tempo antes que eu acabe com a vida dele, para que ele e sua família parem de perturbar a dela. Jeremy trota para fora da cabine e se recusa quando tento ajudá-lo a lavar as mãos.

Ele me dá um olhar horrível. — Eu sou um adulto.

— Claro que você é. Eu só vou levantar você e você vai lavar as mãos, certo?

Ele concorda. Eu seguro seu pequeno corpo enquanto ele ensaboa as mãos com muito sabão, então sorri para as bolhas. Eu não posso evitar o sorriso que se estende por meus lábios em como ele acha as menores coisas alegres. Eu era um garoto triste, porra, e sou grato que o destino do meu filho não seja o mesmo. Quando termina de lavar as mãos, ele se contorce.

— Eu posso andar sozinho, papai.

Aparentemente, meu filho está no estágio em que quer fazer tudo sozinho e julgaria quem cometeria o erro de tentar ajudá-lo. Balançando a cabeça, eu o coloco de pé e pego sua mão. Assim que saímos do banheiro, posso sentir a mudança na atmosfera sem ter que olhar duas vezes. Jeremy solta minha mão e corre para Lia antes de bater em suas pernas.

Ela sorri para ele, mas seu olhar penetrante cai sobre mim. Eu estreito meus olhos. *O que há de errado com ela agora?* Ela se levanta com uma força que balança seu corpo minúsculo, pega a mão de Jeremy e começa a caminhar na direção da saída. *Que porra é essa?* Achei que era ela quem queria vir aqui.

Boris a segue enquanto Kolya caminha ao meu lado. — Sra. Volkov encontrou uma velha amiga, senhor.

— Uma velha amiga?

— A coreógrafa do balé. Stephanie.

A imagem se forma claramente na minha cabeça e eu sussurro. — Porra.

— Stephanie contou a ela sobre o desaparecimento de Ryan e a Sra. Volkov congelou. Eu acredito que ela sabe, senhor.

— Claro que ela sabe. — Lia é inteligente o suficiente para conectar os pontos e descobrir exatamente o que aconteceu.

— O que você pretende fazer?

— Deixe-me lidar com ela.

Eu não queria que Lia descobrisse nas atuais circunstâncias, mas já passou da hora. Ela teria descoberto mais cedo ou mais tarde. Não é que eu tentei esconder isso propositalmente, mas as condições não eram certas na época. A julgar pela maneira como Lia olhou para mim, elas ainda não estão. Mas há uma coisa que minha querida esposa parece esquecer.

Uma vez, ela me rotulou de vilão, e esse é o rótulo mais preciso que ela já me deu. Como acontece com qualquer vilão, certo ou errado nunca é preto ou branco. É sempre cinza.

Capítulo Quinze

Lia

Quando chegamos em casa, estou furiosa. Não, isso é um eufemismo.

Sinto como se minhas emoções tivessem atingido o ponto de ebulição e agora vão transbordar, deixando apenas estragos para trás.

Não apenas tenho certeza de que meu marido está por trás do desaparecimento do meu ex-colega, mas ele também nunca pensou em mencionar isso para mim. Eu gostaria de estar sendo paranoica ou desconfiada ou que estivesse apenas presumindo o pior sobre a situação. Eu gostaria que o que estou pensando estivesse ligado às minhas inseguranças e memórias dolorosas.

Mas eu conheço Adrian há seis anos. E esses seis anos começaram comigo testemunhando ele terminar uma vida. Uma vida que ele acabou porque os italianos estavam me observando. Portanto, não, não estou paranoica em supor que ele machucou Ryan de alguma forma, que ele é a razão de um dançarino líder que era extremamente disciplinado quando se tratava de trabalho, desapareceu sem deixar vestígios.

Jeremy adormeceu no colo de Adrian na viagem de volta e levou tudo de mim para não gritar com meu marido enquanto seus homens estavam presentes. Depois de entrarmos, Adrian carrega Jeremy para seu quarto.

Vou direto para o quarto e mantenho a porta aberta para que eu possa assistir caso ele decida ir ao seu escritório e me ignorar.

Eu removo meu casaco e o jogo em uma cadeira próxima enquanto ando pelo quarto. Meu corpo está queimando de frustração reprimida a um nível que até o ar parece sufocante.

Logo, Adrian entra e fecha a porta atrás de si. Antes que o clique mal tenha ecoado no ar, estou na cara dele. — Há algo que você quer me dizer?

Ele se vira, tirando simultaneamente o casaco. Alheio à mudança de ambiente, ele leva seu tempo com a tarefa, sem pressa deslizando pelos braços e pendurando como se tivesse todo o tempo do mundo. Até sua expressão é neutra, imperturbável. — Tipo o que?

— Tipo, eu não sei, um incidente que aconteceu cerca de seis anos atrás?

— Muita coisa aconteceu há cerca de seis anos, *Lenochka*. Eu te conheci, transei com você pela primeira vez, coloquei um bebê em você e me casei com você. Você terá que especificar.

— Ryan, — eu grito. — Isso é específico o suficiente para você?

Uma sombra cruzando suas feições é a única mudança em seu comportamento antes que sua expressão composta retorne enquanto ele desabotoa os punhos de sua camisa e os rola sobre seus antebraços definidos. — Ryan quem?

— Você vai fingir que nem o conhece?

- Eu conheci alguns Ryans na minha vida.
- Meu co-líder, Ryan.
- Ex-co-líder.
- Então você se lembra dele.
- Sim. O que tem ele?
- O que você fez com ele, Adrian?
- Por que fazer uma pergunta para a qual você já sabe a resposta?

Eu cambaleio para trás, meu queixo quase bate no chão. – Você... você não vai nem tentar negar?

- Por que eu deveria?
- Você matou alguém!
- Ele não foi o primeiro nem o último.
- Não... não, Adrian! Ele não é como os criminosos que você matou. Ele era um dançarino com um futuro brilhante pela frente e você... você acabou com isso como se nunca tivesse existido.
- Assim como ele acabou com sua carreira.

Eu suspiro, cobrindo minha boca com minhas mãos trêmulas enquanto o choque do que ele disse ondula através de mim como um tremor secundário. A completa apatia com que ele fala me deixa sem palavras, incapaz de reunir meus pensamentos dispersos e colocá-los em palavras.

Tendo vivido mais de meia década com ele, eu deveria estar acostumada com seu lado frio e insensível agora. Eu deveria ter considerado sua indiferença normal. Mas acho que alguém como eu nunca será capaz de ignorar esse lado dele, e eu com certeza nunca vou entender isso.

Eu deixo minhas mãos caírem para os lados enquanto seguro um fio trêmulo de lógica. — Eu pulei mais cedo do que deveria. Foi um acidente, não foi culpa de Ryan.

— Sim, foi. Yan testemunhou isso e eu vi na filmagem. Kolya e Boris também. Aquele filho da puta poderia ter pegado você, mas optou por não fazer isso.

— E você viu tudo isso através de algumas filmagens?

— Correto, porque, ao contrário de você, eu leio o pior nas pessoas antes do lado bom. Na verdade, eu só vejo seu lado ruim, e aquele bastardo loiro merecia cada bala que eu esvaziei em seu corpo.

Meus lábios tremem e a náusea me assalta com o tom sádico de sua voz. O tom que sugere que ele gostou de cada segundo matando Ryan e não tem o menor remorso por isso.

— Você nem mesmo vê o que fez de errado, não é? — Eu sussurro.

— Eu acabei de dizer que ele foi o motivo do fim da sua carreira e você está dizendo que estou errado?

— Sim, Adrian! Você está errado porque consertou algo feio com algo muito mais feio. Você achou que eu ficaria grata por você ter matado alguém? Ou que eu ficaria lisonjeada por você ter feito isso por mim?

— Eu não esperava que você ficasse não. É por isso que nunca te disse.

— O que mais você não me disse? Existe uma fila de outros corpos que você matou para mim enterrado em algum lugar?

Adrian está na minha cara em uma fração de segundo, sua mão disparando para mim antes que eu possa escapar. Ele aprisiona meu queixo entre o polegar e o indicador, me forçando a olhar para ele. — E se houver? E se houver porra? Você me rotulou de assassino, demônio, monstro, perseguidor, maldito vilão. É isso que os vilões fazem, Lia. Matamos por nossos objetivos finais, e fazemos isso com frequência. Então tire sua cabeça das nuvens e pare de fingir que você não faz parte disso, parte de mim.

— Você pode me castigar o quanto quiser, mas não vai torcer minha moral. Eu nunca vou ficar bem com de assassinar pessoas.

— Eu não dou a mínima se você está bem por isso ou não, mas você não vai me questionar quando eu tomar uma decisão com a intenção de protegê-la.

— Uma decisão como matar Ryan? — Eu mordo.

— Como *torturar* e matar Ryan, sim.

— T-Torturar?

— Ele não teve o privilégio de morrer rápido, então eu...

— Pare! Eu não quero ouvir os detalhes.

— Você trouxe isso à tona, então você ouvirá tudo sobre como eu cortei suas preciosas pernas e pisei em cima delas. Como eu enfiei uma faca em sua carne e cortei os tendões enquanto ele chorava, implorava e se urinava.

— Eu disse pare! — Minha voz engasga enquanto as imagens horríveis enchem minha cabeça.

— Isso é o que eu faço, Lia. Eu não posso parar quando se trata de você. Se eu tivesse a chance de voltar no tempo, eu teria acabado com sua vida miserável naquele dia no clube quando ele se atreveu a colocar a porra das mãos em você. Se eu tivesse, você não teria perdido o balé.

— Mas eu perdi, Adrian. Eu já tinha perdido. Matar Ryan o trouxe de volta?

— Não, mas foi um pequeno preço a pagar. Ele merecia morrer por obrigá-la a ficar naquele peitoril da janela com a intenção de terminar sua vida.

— Você me levou a ficar em um penhasco pronta para terminar minha vida, também. Você merece morrer por isso?

Lamento as palavras assim que as digo. Merda. Estou tão chateada com ele que não filtrei meus pensamentos. Não é isso que eu quis dizer, saiu errado, mas antes que eu possa retratá-los, Adrian fala com uma quietude arrepiante. — Provavelmente. Mas eu não posso morrer, porque isso vai deixar você e nosso filho desprotegidos.

— Não é... eu...

Ele achatou o polegar contra meus lábios, interrompendo qualquer palavra que pudesse formar. — Shhh. Você me irritou o suficiente por um dia. Você não quer que eu a castigue mais do que já estou planejando.

Minhas coxas apertam com a promessa de sua punição para mim. Meu corpo não reconhece a raiva que ainda sinto de Adrian e suas ações. Ou talvez importe e não dê a mínima, tendo se acostumado com a frieza de coração de meu marido. Ele nunca vai mudar, não importa o que eu faça. Ele está apenas conectado de forma diferente e ele não dá a mínima para como isso parece aos olhos dos outros.

Até o meu.

Na verdade, ele está disposto a ir além para me moldar aos seus caminhos. Mas isso nunca vai acontecer. Porque eu matei alguém, e mesmo ele sendo um criminoso, aquele incidente mexeu tanto com minha cabeça que estou surpresa por ter conseguido sobreviver. Por muito pouco.

Adrian remove sua mão. — Dispa-se.

— O-O quê?

— Você me ouviu.

— Mas por que...? — É a primeira vez que ele me pede para tirar a roupa. Normalmente, é ele quem faz isso, tendo prazer em arrancar minhas roupas do meu corpo e rasgar minha calcinha.

— Não faça perguntas. Quando eu disser para você se despir, você se despirá, Lia.

Eu recuo diante do tom autoritário dele, mas não é por medo, pelo menos, não inteiramente. Minha calcinha está encharcada de excitação com o comando em sua voz e minhas mãos instintivamente vão para a parte de trás do meu vestido. Não sei se é a maneira intrusiva que ele está me observando ou o desconhecido que está esperando por mim, mas minha mão está instável no zíper enquanto o deslizo desajeitadamente para baixo.

Eu deixo o vestido cair em volta dos meus pés e permaneço na minha calcinha. Esta está longe de ser a primeira vez que estive neste tipo de posição na frente de Adrian, mas a novidade de como isso começou faz com que meus nervos e ansiedade aumentem simultaneamente a cada segundo que passa.

Ele dá um passo para trás, cruzando os braços desenvolvidos sobre o peito, e seus músculos se alongam sob a camisa. — Tudo isso.

Eu rapidamente desabotoei meu sutiã, deixando juntar-se ao vestido. Meus mamilos atingem o pico instantaneamente, e isso tem menos a ver com o ar frio e mais por causa de seu olhar aquecido e escuro. Ele parece prestes a me devorar ou me espancar. Ou talvez me devorando enquanto me espanca. Um arrepio sobe pela minha espinha enquanto coloco meus dedos em cada lado da minha calcinha e a deslizo pelas minhas pernas para que fique empilhada com o resto das minhas roupas.

No momento em que me levanto novamente, um tremor perceptível está atormentando meu corpo. Que diabos? Por que parece minha primeira

vez com ele? Ou nunca, na verdade. Porque não me lembro de ter ficado tão nervosa ou excitada na primeira vez que fiz sexo. O fato de que ele está apenas olhando, sem tentar me tocar, adiciona um tipo diferente de antecipação, uma que se enrola na base do meu estômago e se espalha até meu núcleo.

— O que agora? — Eu pergunto em uma voz baixa e ofegante que surpreende até a mim.

Ele balança a cabeça uma vez. — Você não pode perguntar isso. Na verdade, você não pode perguntar nada. Esta é a sua punição, então se eu disser para você ficar assim até amanhã, é exatamente o que você fará.

Ele não seria tão cruel a ponto de fazer isso. Embora... ele disse que eu o irritei, então talvez esse seja exatamente o seu plano.

Uma estranha sensação de apreensão me envolve e tento agarrar meu braço com a mão, mas Adrian balança a cabeça novamente. — Largue.

Eu faço, tremendo enquanto permaneço completamente exposta. Tudo é visível para ele, desde minha cicatriz no abdômen até a cicatriz mais velha na perna e as poucas estrias que tenho devido à gravidez. Às vezes, sinto vergonha do meu corpo, principalmente desde o fim da minha carreira. Não sou mais a dançarina magra e tonificada com pernas atléticas e corpo esguio. Embora eu não tenha engordado muito, não estou tão em forma como estava há seis anos.

No entanto, Adrian nunca olhou para mim de forma diferente. Não apenas a fome persistiu em seu olhar, mas também parece se intensificar

cada vez que ele me toca sexualmente. Já se passaram anos, seis longos anos, cheios de todos os tipos de coisas que deveriam tê-lo desligado, mas ele nunca olhou para mim de forma diferente de como está agora.

Com luxúria crua. Com uma necessidade furiosa de me tocar.

Acho que é assim que eu sempre olhei para ele também, mesmo quando não queria mostrar. Mas para mim, a excitação vem junto com meus sentimentos por ele. Eu o queria mais desde que percebi o quão irrevogavelmente apaixonada por ele estou.

— Vire-se e ande até a cama, — ele comanda.

Eu faço isso, adicionando um balanço suave aos meus quadris enquanto sinto seu olhar selvagem nas minhas costas e bunda. Posso sentir sua necessidade de propriedade, mesmo sem ele ter que dizer isso.

— Fique de joelhos ao pé dela, rosto contra o colchão e bunda para cima.

Eu respiro fundo em meus pulmões famintos e caio na posição. Ele nem me tocou, mas a fricção do edredom contra meus seios me faz sufocar um gemido. A presença de Adrian atrás de mim é tão real quanto o ar, impossível de ignorar ou viver sem. O som dele desafivelando suas calças ecoa no silêncio do quarto e eu cavo meus dedos no colchão quando me viro para assistir.

— Olhos à frente, Lia.

Eu obedeço mesmo enquanto solto um suspiro de frustração. Por que ele é o único que pode assistir? Ditador.

— Pegue suas nádegas e abra. Mostre aquele buraco apertado.

Eu engasgo com minha própria respiração por um segundo, meus dedos tremendo enquanto obedeco ao comando. Deus. Ele está tão cheio de ordens pervertidas hoje. O fato de que ele nunca me disse para fazer isso antes adiciona mais estímulo ao meu núcleo já escorregadio. E ele nem mesmo me tocou.

Eu estou puxando as bochechas da minha bunda, totalmente ciente de que minhas costas e os sucos que revestem minha boceta estão em sua linha de visão direta.

— Você precisa aprender uma lição sobre não questionar minhas decisões, Lia.

— Mas...

— Shhh. Se você vai abrir a boca para discordar, é melhor mantê-la fechada.

Eu o sinto ajoelhado atrás de mim, seu calor irradiando pelas minhas costas e carne exposta. — Vou começar com sua bunda e, em seguida, sua boceta antes de chicotear você, e então vou voltar ao início e fazer tudo de novo.

Minha respiração engata e minhas coxas tremem com a imagem que ele pintou em minha cabeça.

— Já faz muito tempo que eu não comi sua bunda apertada, não é?

Eu aceno com a cabeça no colchão.

– Use suas palavras.

– Sim...

– Quanto tempo?

– Três meses. – *Desde antes que eu pensava que era Winter.*

– Você tem contado, minha *Lenochka*?

Posso sentir o sangue subindo aos meus ouvidos, quase estourando-os.

– Sim.

– Mmm. Você sente falta de ser fodida na bunda até gritar, não é?

Eu engulo.

– Responda.

– Sim eu sinto.

– Me diga para te foder.

– Me foda, Adrian. – Eu nem mesmo hesito, as palavras saem da minha boca tão naturalmente.

– Mas isso significa que você vai gostar quando eu quiser puni-la.

– P-Por favor...

– Talvez possamos chegar a um acordo, então. – Ele se move atrás de mim. – Não se mexa.

Eu não movo, meu coração batendo com intensidade crescente enquanto ele se reposiciona. Um líquido frio cobre minhas costas e antes

que eu possa me concentrar no lubrificante, Adrian me agarra pelo quadril e bate dentro de mim de uma só vez. Eu suspiro, minhas unhas cravando em minha bunda com a força de seu impulso.

Putá. Merda.

Eu posso senti-lo enterrado tão profundamente em mim, seu pau puxando meu buraco com uma ferocidade que realmente dói.

— Eu te disse. Isso deveria ser uma punição. — Seu sussurro quente e escuro assalta meu ouvido enquanto ele penetra em mim com um vigor feroz. Minha parte superior do corpo desliza para frente e para trás na cama com cada movimento urgente. Tento agarrar o colchão para me equilibrar, mas a voz de Adrian me impede. — Nem pense em liberar essa bunda. Continue segurando para mim.

Ele puxa devagar, quase na metade, em seguida, volta para dentro em sincronia com o meu grito. Tento me mexer, mas ele dá um tapa na minha bunda, arrancando um gemido gutural de mim.

— Mova-se de novo e vou deixar essa bunda vermelha enquanto fodo com ela, Lia.

Suas palavras brilham contra minha carne e chocam em meus ossos. E o único pensamento que tenho é que talvez eu queira isso. Talvez sua depravação corresponda à minha, afinal. Por outro lado? Por que minha boceta está molhada com a promessa de seu castigo brutal?

A dor logo se mistura com o prazer quando ele empurra de volta, seus quadris girando para atingir um lugar mais profundo com cada impulso.

Sua mão livre encontra meu clitóris inchado e ele o trabalha com torções e golpes magistrais que me deixam ofegante, implorando e incapaz de respirar corretamente. É inacreditável o quanto ele segura meu corpo, como ele pode me levar até um estado de abandono completo em questão de minutos. Mas eu acho que não é apenas meu corpo que ele é capaz de possuir dessa forma estimulante, mas assustadora.

Também é meu coração e minha alma. Nem importava quando eu pensava que era uma pessoa diferente. Eu me apaixonei por ele do mesmo jeito e estou começando a pensar que não há saída para mim, afinal.

— Entenda isso, Lia. Eu mataria por você uma e outra vez se fosse necessário, e você nunca, jamais questionará isso. — Suas estocadas são mais longas, mais duras, como se ele estivesse direcionando o assunto para casa com elas.

Eu não duro. Eu não posso. Com o ataque duplo na minha bunda e clitóris, eu me desfaço com um grito rouco, chamando seu nome como um canto sagrado.

Merda.

Talvez eu seja tão defeituosa quanto ele, porque estou tendo um orgasmo enquanto ele promete matar por mim no futuro. Que ele nunca vai parar de matar por mim. Que ele é realmente um monstro.

Meu Monstro.

Capítulo Dezesseis

Adrian

Se a terapeuta me odiava antes, ela deve me odiar mais agora.

É evidente pela maneira como ela fica me olhando por baixo dos óculos de aro dourado sempre que acompanho Lia em suas sessões. Ela está fazendo terapia extensiva desde que a encontrei no parque. E porque não confio em ninguém para manter minha esposa segura, eu a tenho levado ao escritório da psiquiatra e então espero até que ela termine.

Hoje, no entanto, Dra. Taylor está parada na porta de seu escritório e abotoa o paletó quando nos aproximamos. — Você gostaria de se juntar a nós hoje, Sr. Volkov?

— Por que eu deveria?

Lia me encara com uma expressão esperançosa. Ela está usando um vestido florido e prendeu o cabelo em um rabo de cavalo, o que destaca sua pele macia. Até mesmo seu perfume de rosa está mais forte do que o normal hoje. — Eu... pedi por isso. Você pode estar comigo quando eu falar. Dra. Taylor diz que pode ajudar, já que você desempenha um grande papel na minha vida.

— Vamos então. — Eu entrelaço meus dedos com os dela e entramos. O que? Não vou perder a chance de testemunhar Lia falar sobre tudo o que aconteceu.

Estou bem ciente de que a Dra. Taylor a está ajudando. Lia não apenas emergiu lentamente de seu casulo, mas ela também não teve alucinações ou qualquer um daqueles pesadelos viscerais recentemente. Depois que ela descobriu sobre a morte de Ryan há alguns dias, pensei que ela direcionaria sua desaprovação para dentro e deixaria apodrecer dentro dela, mas ela falou o que pensava. E naquela noite, ela não teve pesadelos.

Lia e eu nos sentamos no sofá de couro marrom em frente à cadeira da terapeuta. Seu escritório é inteiramente branco, desde as paredes, passando pela mesa, até as molduras das poucas pinturas da natureza. A única quebra de cor é o marrom do sofá e da cadeira da Dra. Taylor. O cheiro de baunilha preenche o espaço, mas pode estar vindo da própria terapeuta.

Depois de pegar um bloco de notas, ela começa a perguntar a Lia sobre sua semana, e minha esposa é surpreendentemente receptiva. Eu me concentro nas inflexões alegres em sua voz enquanto ela fala sobre Jeremy aprendendo novas palavras e como fomos às compras alguns dias atrás.

Ela faz uma pausa por alguns segundos, sua expressão caindo e também sua voz. — Dra. Taylor, se eu descobrir que meu marido fez algo ruim por minha causa, como devo reagir?

A expressão da terapeuta permanece calma enquanto ela pergunta em um tom suave. — Como você se sente?

— Ruim. Eu não quero que ele tenha feito isso. Mas, ao mesmo tempo, entendo por que ele fez. Ou, mais especificamente, sei que sua natureza é diferente da minha e seu cérebro não está conectado como o resto de nós, então, para ele, essa decisão foi lógica.

Eu fico olhando para ela, então como sua mão treme na minha. Foi preciso coragem para ela admitir o fato de que, de certa forma, ela tem empatia por mim. Mesmo que isso vá contra seus princípios fundamentais.

A terapeuta faz algumas anotações em seu bloco e pigarreja enquanto desliza sua atenção para mim. — O que você acha do que Lia disse, Sr. Volkov?

Encaro Lia enquanto falo. — Eu acho que você é corajosa por ver o meu lado, mesmo que você não precisasse.

— Mas nós somos marido e mulher. Eu deveria ver o seu lado... assim como você deveria ver o meu, Adrian.

Eu sei aonde ela quer chegar. Lia quer que eu veja o quanto ela odeia a parte mafiosa da minha vida. A caça, matança e tortura. E embora eu entenda seu ódio, não há como escapar da realidade de nossas vidas. Se qualquer coisa, deixar a Bratva significaria que eu perderia sua proteção. Estaríamos vulneráveis e fugindo. E esse não é um destino que eu infligiria a ela e ao nosso filho.

Mas, para mantê-la e proteger sua mente, preciso parar de ser forte com sua mentalidade frágil. Vou esperar até que ela se reconstrua e ficar com

ela a cada passo do caminho. Um dia, ela vai perceber que o mundo em que vivemos não importa.

Nós somos os únicos que o fazemos.

Capítulo Dezessete

Lia

Uma semana depois, saímos de férias. Este não é o lugar que eu tinha em mente quando sugeri uma pausa. Na verdade, é provavelmente o último local em que eu pensaria. Mas aqui estamos. Na Rússia.

Eu deveria saber que a natureza imprevisível de Adrian atacaria novamente. Ele nos levou em um voo particular para uma casa com telhado de tijolos vermelhos no campo, com uma cabana menor situada ao lado. É cercado por quilômetros de terra, coberto por neve que se forma camada sobre camada sobre outras camadas. Árvores alinham-se na propriedade, criando uma sensação aconchegante na calçada que leva à casa. Quando Kolya nos trouxe até aqui, mal vimos outras casas no caminho.

Não é uma surpresa que Adrian não nos levasse a um lugar cheio de gente. Ele é muito paranoico com a segurança para fazer isso e, de certa forma, prefiro áreas menos lotadas também. Nunca gostei muito do mundo exterior, mesmo antes de me casar com ele. Se eu pensei que Nova York estava fria, a Rússia está congelando. Estamos falando de temperaturas abaixo de zero. A única maneira de cruzar a distância do carro até a casa é

porque Adrian carrega Jeremy animado com um braço e me segura com o outro.

Yan, Boris, Kolya e dois outros guardas nos escoltaram. Yan insistiu em vir, dizendo que sua lesão está completamente boa e, embora Kolya fosse contra, Adrian surpreendentemente permitiu. Meu amigo disse que é porque seu chefe quer ficar de olho nele. Assim que entramos, eu solto um suspiro de alívio. O calor imediatamente se infiltra em meus ossos e afasta o frio impiedoso de fora. Sinceramente, tenho um grande respeito pelas pessoas que sobrevivem a invernos tão rigorosos ano após ano.

O local está totalmente aquecido e parece já ter sido preparado para nós. É pequeno, aconchegante e tem uma sensação de chalé. O piso de madeira escura também parece ser aquecido. Uma área de estar com sofás grandes e incompatíveis fica logo após a entrada e em frente ao que suponho ser a cozinha. Existem escadas estreitas de madeira que levam ao segundo andar, onde suponho que os quartos estão localizados.

Adrian coloca Jeremy no chão e nosso filho corre em direções diferentes antes de olhar boquiaberto a neve da porta de vidro que se abre para a varanda. — Mamãe! Podemos fazer um boneco de neve?

O mero pensamento de voltar para aquele frio me faz estremecer.

— Agora não, Malysh. — Adrian sorri para ele. — Há uma tempestade chegando esta noite.

— Então amanhã? — Jer pergunta esperançosamente.

— Sim.

— E você vai se juntar a nós, papai?

— Eu vou.

— Sim! — Ele pula para cima e para baixo, em seguida, corre direto para a perna de Adrian.

Kolya e Boris trazem nossas malas para dentro e acenam com a cabeça quando estão prestes a sair.

— Onde você está indo? — Eu pergunto.

— A outra cabana, Sra. Volkov, — Kolya diz.

— Para ficar de guarda, — Boris elabora.

— De jeito nenhum! Você não está montando guarda neste frio congelante.

Adrian me encara e eu o encaro de volta. — O que? Certamente você não os está obrigando a sair quando há uma tempestade se aproximando. Eles vão congelar até a morte.

— Eles não vão, — ele diz com leve exasperação.

— Claro que eles vão. Você viu toda a neve?

— Sim, e eles também. Somos russos e podemos lidar com o frio.

— Não.

— Não? — Ele repete com claro ceticismo, como se não acreditasse que acabei de dizer não a ele na frente de seus homens.

— Sim, não. Isso deveria ser um período de férias, não uma forma de testar sua resistência no frio. Quem nos alcançaria aqui?

— Você ficaria surpresa, — Adrian diz e acena para seus guardas, que acenam de volta e saem.

— Volte para o jantar, — eu grito atrás deles. — Traga Yan e os outros também.

Eles não dão nenhum sinal de me ouvir e continuam seu caminho. Assim que a porta se fecha atrás deles, Adrian se eleva sobre mim, seu rosto uma máscara de frieza que reflete o exterior. Ele fala baixo o suficiente para que Jeremy, que está preocupado em correr com seu soldadinho de brinquedo pelo parapeito da janela, não ouça. — Nunca, e quero dizer nunca, me desafie na frente dos meus homens de novo, a menos que você esteja com vontade de ser punida na presença deles.

— Eu não quis dizer isso, — atiro de volta no mesmo tom. — Mas eu não vou ficar parada enquanto você os tortura.

— Está se sentindo muito apegada a eles, Lia?

— Claro que eu faço. Eu conheço esses homens há seis anos, Adrian, e apesar deles serem uma extensão de você, eu me acostumei com eles e não desejo mal a nenhum deles.

— Cuidado, *Lenochka*, — ele grunhe. — Você está me tentando para me livrar deles.

— Você é impossível, sabia disso?

— Não é impossível, não. Eu sou meramente possessivo e não tenho controle quando se trata de você. Eu não gosto quando você fala de qualquer outro homem.

— Como... eu devo responder a isso?

— Você não vai. Só não coloque nenhum homem antes de mim.

— Não consigo simplesmente parar de falar com ou sobre outros homens.

— Sim você pode. — Ele faz uma pausa. — Dentro do razoável.

— Você nem mesmo sabe a definição certa de razão, Sr. Volkov.

Seus lábios se contraem um pouco. — Eu posso conjurá-lo. Sob as circunstâncias certas.

A visão de seu sorriso sempre me deixa de bom humor, não importa o assunto, e eu me encontro refletindo isso mesmo enquanto balanço minha cabeça.

— Mamãe! — Jeremy puxa meu casaco. — Você trouxe minha zona de guerra?

— Eu fiz.

— Vamos construir!

Eu gemo e o sorriso de Adrian se alarga.

— Parece que sua mãe ainda não aprendeu como montar sua zona de guerra, *Malysh*.

— Ei, isso não é verdade! — Eu cutuco ele. — Nem todo mundo é bom nessas coisas.

— *Malys* e eu somos. — Ele levanta um Jeremy sorridente em seus braços. — Não é mesmo?

— Sim papai!

Ele bate no nariz do nosso filho e ele ri. — Devemos ensinar a sua mamãe?

— Eu não acho que ela vai aprender, papai.

— Jer! Seu pequeno traidor.

Ele me dá um sorriso tímido. — Está tudo bem, mamãe. Você conta histórias melhor do que papai.

Eu coloco a mão no meu quadril. — Eu faço muitas coisas melhor do que seu papai.

— Mesmo? — A voz de Adrian goteja com rara diversão. — Como o quê?

— Como dar banho em Jer.

— Papai também faz bem.

— Mas sou melhor.

— Não, mamãe. Você é o mesmo.

— Eu dei à luz você, Jer. Seu papai, não. — Eu sorrio para Adrian.
Supere isso, senhor.

— Mas vocês fizeram isso juntos. — Jeremy franze a testa. — É por isso que tenho mamãe e papai.

— Ele simplesmente fez algo fácil e fui eu que fiquei grávida de você por nove meses, depois dei à luz você.

— Algo fácil? — Adrian fala arrastado.

— Cale a boca, — eu sussurro-sibilo.

Jeremy olha entre nós, olhos arregalados como sempre que ele descobre algo. — Se for fácil, faça de novo e me dê uma irmãzinha.

— Não é tão fácil, — eu deixo escapar.

— Mas você acabou de dizer que é, mamãe. Você não pode fazer isso de novo? Eu quero uma irmãzinha. — Ele puxa o casaco de Adrian. — Papa, por favor?

— Veremos, *Malysh*.

— Sim!

— Nós vamos? — Eu murmuro.

— Por que? — Adrian pergunta. — Você não quer?

— Não é que eu não queira. É que... eu nunca pensei sobre isso. — Bem, isso é uma mentira. Eu tenho e muitas vezes me pergunto por que ele nunca insistiu em ter outro filho ou por que não comentou quando voltei ao controle de natalidade após o nascimento de Jeremy. Mas eu pensei que ele só precisava de um herdeiro e não queria lidar com outra criança.

— Você pode começar agora, — diz ele, sempre tão casualmente, depois se dirige a Jeremy. — Vamos construir essa zona de guerra, *Malysh*.

— Sim papai!

Eu os sigo até a sala, tirando meu casaco no caminho. Agora que ele plantou a ideia de outra gravidez em minha mente, é a única coisa em que consigo pensar. *Eu quero outro filho?*

A resposta para isso é tão confusa por outros fatos, começando por quem Adrian é e os muitos segredos que ainda estou escondendo dele. Vou precisar resolver isso antes mesmo de pensar em trazer outra existência inocente para a equação. Pai e filho se ocupam construindo a zona de guerra e eu mal ajudo. Eu realmente não gosto de nada que tenha a ver com montagem. Minha mente simplesmente não está conectada dessa forma. No entanto, adoro fazer parte desta pequena família e ter o privilégio de assistir Adrian e Jeremy de perto e testemunhar sua ligação.

É sutil, visível apenas quando eles estão fazendo uma atividade juntos, como agora. Ambos estão quietos e se entendem sem falar às vezes. Embora Adrian esteja muito ocupado para ter muito tempo para Jeremy, ele está lá quando é importante. E nosso filho é um anjo tão compreensivo. Ele nunca incomoda Adrian ou exige coisas dele. No entanto, ele sempre o admira e meu marido nunca está muito ocupado para olhar para trás.

A visão de Adrian em sua camisa e calça casual, os músculos relaxados e o rosto sereno enquanto segura Jer no colo, é uma experiência. Adoro vê-lo assim, fora do escritório e longe do negócio da máfia, e apenas... um pai.

Eu poderia vê-lo assim por uma eternidade, embora eu tenha um pouco de ciúme da conexão fácil que ele tem com nosso filho.

— Você pode me dar esse pedaço, mamãe? — Jeremy aponta para o que está ao meu lado.

Eu passo para ele e ele sorri, aninhando-se no colo de Adrian. Continuo observando-os um pouco, mexendo no contêiner de Lego. — Por que você nos trouxe para a Rússia de todos os lugares?

Adrian permanece em seu elemento, juntando algumas peças. — Jeremy precisava vir aqui mais cedo ou mais tarde.

— Alguma razão em particular?

— Ele é russo e precisa de mais contato com suas raízes. — Ele vira Jeremy para encará-lo. — *Malysh*, aqui é onde seu avô e ancestrais nasceram. Viemos de Yaroslavl e temos muitas gerações. Você é o último membro.

Os olhos de nosso filho se arregalam. — Eu sou?

— Sim você é.

— Obrigado, papai.

— Ele nasceu nos Estados Unidos, — eu digo.

— Isso não o torna americano.

Reviro os olhos, mas opto por sondar em vez de me concentrar nisso. — É isso que seus pais fizeram com você também?

— Fizeram o que?

— Trazendo você para a Rússia.

Seus movimentos vacilam em uma peça de Lego e então ele a encaixa no lugar. — Meu pai sempre me trazia aqui, especialmente no Natal.

— E sobre sua mãe?

— Não antes de ela se casar com meu pai.

— Você... veio aqui com sua madrasta?

Ele acena com a cabeça uma vez e posso ver a sombra que escurece sua expressão sempre que seu passado é mencionado. — Lembra quando você me perguntou o que significava a tatuagem do mapa da Rússia?

Eu aceno freneticamente. — Você disse que é por causa de umas férias que você nunca pôde ter.

— Sim. Eu deveria ter vindo aqui com tia Annika, mas ela faleceu antes que eu tivesse a chance.

— É por isso que você nos trouxe aqui?

— Provavelmente. — A palavra é suave, baixa, como se pesasse sobre ele.

Eu envolvo meu braço em volta de seu bíceps e inclino minha cabeça contra a crista dura de seus músculos. — Nós nunca deixaríamos você, Adrian.

Ele me encara com olhos cinza derretidos. — Mesmo?

— Eu prometo, — murmuro, em seguida escovo um beijo rápido em sua bochecha.

Bem quando eu me afasto, ele captura meus lábios em um beijo lento e devorador que rouba meu fôlego e, aparentemente, minha lógica, porque por um breve segundo, esqueço que Jeremy está lá.

Eu coloco a mão em seu peito e o afasto. Ele libera meus lábios com um rosnado baixo. Jeremy nos encara com um sorriso, e mesmo enquanto minhas bochechas queimam, eu não posso deixar de sorrir de volta.

Porque neste momento? Essa paz? Parece o início da nossa felicidade.

Se ao menos os fantasmas do passado não nos alcançassem.

Capítulo Dezoito

Lia

Nossas férias são surpreendentemente... quentes.

Apesar do tempo gelado e das tempestades de gelo, os dias que passamos no interior da Rússia são muito intensos. E, estranhamente, isso não é inteiramente devido às punições de Adrian à noite ou como ele incendeia meu corpo sempre que pode.

É o fato de que estamos passando um tempo ininterrupto juntos e com nosso filho. O fato de que nenhum trabalho o está afastando de nós. O fato de termos construído um boneco de neve juntos antes de Jeremy e eu atacarmos Adrian em uma luta de bolas de neve.

Perdemos, aliás, e foi a melhor perda que já experimentei. Jer e eu acabamos rindo até bufar quando Adrian nos enterrou sob suas bolas de neve impiedosas. Adoro ver meu marido despreocupado, sem o peso infinito que normalmente enrugam suas feições ou o faz analisar tudo em excesso. Desde que pisamos na Rússia há uma semana, ele parece ter deixado todos os seus fardos para trás nos Estados Unidos e está me dando a única coisa que eu sempre quis: ele.

Muitas vezes fantasiei em roubá-lo de seu trabalho e exigir que ele me escolhesse em vez de suas infinitas responsabilidades Bratva. Mas eu parei

devido ao meu orgulho estúpido. E medo. Eu estava com muito medo da natureza de Adrian para abraçá-lo completamente. Na verdade, ainda estou.

Eu não acho que nunca vou ter medo dele. Sempre haverá aquele leve toque de terror sobre o quão perigoso ele é e o quão monstruoso ele pode chegar para garantir que seus objetivos sejam alcançados. No entanto, sou forte e madura o suficiente para ignorar esse medo e me concentrar no que ele é. Quem é ele.

O homem que me mostrou um mundo diferente, um mundo onde sou cuidada e estou antes de qualquer coisa. O homem que lutou por mim quando eu não tinha vontade de lutar por mim mesma. O homem que me salvou, mesmo quando me torturou. Que pegou minha mão quando pensei que não havia mais esperança para mim. O homem que me deu o presente mais precioso na forma de Jeremy e o criou comigo. Ele me deu luz, mesmo quando ele próprio sempre estava acostumado com as trevas.

E tê-lo só para mim nos últimos dias foi mais estimulante do que qualquer coisa que experimentei na memória recente. Eu sei que ele se mantém atualizado conversando com seus guardas, especialmente Kolya, em voz baixa, mas ele não deixa isso ocupar seus dias e noites. Jeremy e eu ocupamos.

Temos noites de cinema e manhãs preguiçosas. Nós cozinhamos juntos e bagunçamos a cozinha antes de Adrian me enxotar para que ele possa limpá-la. Caminhamos juntos sempre que não está nevando forte, e Adrian está até ensinando Jeremy a esquiar. À noite, depois que colocamos nosso

filho para dormir, Adrian adora meu corpo ou inventa algum tipo de punição apenas para que ele possa satisfazer suas tendências sádicas e minhas tendências masoquistas.

Mas hoje, há uma mudança de planos. Depois que Jeremy está na cama, convido os guardas para que possamos jogar jogos de tabuleiro. Algo com o qual Adrian não está muito feliz, e ele diz que não há nenhuma maneira de todos os guardas virem e nós ficarmos desprotegidos.

Então Yan manda os dois guardas mais jovens para fora, enchendo suas mãos com lanches. Espero que Kolya e Boris o repreendam, mas eles apenas se sentam no sofá em frente a mim e Adrian. Depois que Yan termina sua missão de livrar-se dos guardas mais jovens, ele se acomoda na cadeira à minha direita.

Apertando o lenço de lã que está colocado sobre meus ombros, inclino meu pescoço para absorver o calor da lareira. Embora a casa esteja totalmente aquecida, sinto-me como uma gatinha no ambiente aconchegante. Preparei inúmeros lanches e coloquei uma caixa de cerveja na mesa ao lado do tabuleiro de Scrabble que Jeremy encontrou em sua exploração da casa.

Adrian passa o braço em volta do meu ombro, seus dedos cavando em minha pele. Não é forte o suficiente para doer, mas é firme o suficiente para implicar que ele não está satisfeito com a minha ideia de passar a noite brincando com seus guardas.

Seus lábios roçam a concha da minha orelha enquanto ele sussurra palavras quentes. — Diga a eles que você não está se sentindo bem e suba para o quarto. Agora.

— Não, — eu assobio.

— Se você não fizer isso, vou chicotear você com força e, em seguida, foder com a mesma força para que você não seja capaz de se mover amanhã.

— Valeria a pena, — murmuro, mesmo enquanto meu núcleo lateja com a promessa.

É oficial. Adrian me arruinou além do reparo.

— Eu me sinto mal por eles, — digo a Yan, que abre uma garrafa de cerveja e bebe, dando um suspiro de contentamento. Kolya e Boris estão vestidos com uniformes do exército e Adrian está com seu traje formal, mas meu amigo está vestindo uma camisa casual e calças com uma jaqueta.

Estou feliz que ele esteja bem o suficiente para se mover e até mesmo beber agora. Eu também o vi correndo com Adrian e os guardas durante seus treinos matinais. E sim, essas pessoas malucas realmente correm na neve quando está abaixo de zero grau.

— Eles vão sobreviver. — Yan levanta uma mão desdenhosa. — O frio fará deles homens. Eles têm sorte de não estarem nas Forças Especiais.

— Isso é brutal? — Eu pergunto.

— Brutal? — Yan zomba. — Tente mortal. Tente, nós somos os escolhidos para sair desse treinamento com vida. Lembra de arrastar quilos de pneus na porra da congelante Sibéria, Borya?

O rosto estoico de Boris vacila por um segundo quando ele balança a cabeça, e até mesmo os lábios de Kolya se retorcem, provavelmente lembrando das mesmas circunstâncias.

— Parece que o frio não fez de você um homem, Yan, — Adrian diz com indiferença, então toma um gole de cerveja.

— Como você pode dizer isso, chefe? Eu era o segundo na minha unidade.

Adrian levanta uma sobrancelha. — Não primeiro.

— Nem todo mundo é uma aberração perfeccionista como você e Kolya.

Eu fico olhando para Adrian. Yan me disse que já esteve nas Forças Especiais antes, mas nunca mencionou o posto. — Você foi o primeiro?

— Ao contrário de Yan.

— Ele está latindo e sem mordidas, — Kolya concorda com seu chefe, abrindo uma garrafa de cerveja.

— Oh, foda-se, Kolya. — O temperamento de Yan aumenta. — A posição não é importante, mas a habilidade. O que você acha, Boris?

— Eu também fui o primeiro na minha unidade. — Boris joga uma noz na boca. — Respeito.

— Para ser o primeiro. — Kolya mostra um sorriso raro e levanta sua garrafa de cerveja.

Meu marido e Boris o imitam, bebendo enquanto Yan segura sua garrafa, olhando para eles antes de suspirar pesadamente.

— Parece que você é o único perdedor aqui, Yan. — Kolya sorri.

O guarda mais jovem dá o dedo por baixo da mesa e não posso deixar de sorrir. Esses homens são todos implacáveis, vindos de origens perigosas que lhes permitiram não apenas sobreviver às Forças Especiais, mas também se destacar nisso, e embora possam ser competitivos nisso, eles se sentem como uma família. Uma fodida sem dúvida, mas ao mesmo tempo, é muito leal e protetor. Uma família à qual quero pertencer.

— Vou fazer você engolir suas palavras até o final desta noite, Kolya. — Yan ajeita as mangas. — Há cinco de nós. Como vamos fazer isso?

— Eu não estou jogando, — Adrian anuncia.

— Vamos. — Eu o cutuco. — Não seja um destruidor de diversão.

— Se eu jogar, vou ganhar todas as rodadas e arruinar a sua diversão real.

— Ele tem razão. — Yan revira os olhos. — Não se deixe enganar pela fachada silenciosa. O Chefe é extremamente competitivo e garante a vitória em tudo.

— Exceto enviar você de volta para o Spetsnaz. — Adrian bebe sua cerveja. — Embora isso possa ser arranjado rapidamente agora que estamos aqui.

Yan estremece. — Você não se esqueceu disso?

— Nunca. Agora jogue. Eu serei o juiz.

Yan pigarreja. — Lia e eu contra Kolya e Boris.

— Não. — Adrian se opõe.

— Por que não? — Eu pergunto.

— Seria chato. Você e Kolya contra Boris e Yan seriam mais divertidos.

Ou melhor, ele está fazendo tudo ao seu alcance para me impedir de formar par com Yan. Mas seja como for, Adrian sempre será Adrian.

— Espere. — Yan se levanta. — Me deixe pegar algumas bebidas de verdade.

Eu franzo a testa, sem entender o significado por trás de suas palavras enquanto ele desaparece na direção da cozinha. Um minuto depois, ele reaparece com uma garrafa de vodca e copos. Boris e Kolya resmungam em aprovação. Certo. Claro, a cerveja não é uma bebida de verdade para eles.

Os três definitivamente se encaixam no estereótipo de quanto os russos amam sua vodca. Adrian geralmente prefere conhaque, mas ele empurra a cerveja para fora do caminho quando vodca está à vista.

No começo, sou muito covarde para experimentar vodca pura. Eles nem mesmo misturam em um coquetel ou bebem diluído. No entanto,

depois que Boris dá um nocaute no primeiro round, eu bebo um copo inteiro para esfriar meu orgulho ferido. Queima minha garganta e tusso algumas vezes, batendo no peito para fazê-lo ir embora.

— Pega leve, — Adrian sussurra em meu ouvido, seus dedos desenhando círculos em meu ombro.

— Estou bem. — Eu aponto para Boris. — Você irá cair. Você também, Yan.

Meu amigo levanta o queixo. — Lamento dizer isso, mas você será um dano colateral, porque a destruição de Kolya é minha missão esta noite.

— É o contrário. — A calma usual de Kolya vacila enquanto ele monta suas peças à sua frente.

Mais uma vez, Boris e Yan assumem a liderança. Eu juro, Boris é como uma enciclopédia que sempre vem com as palavras certas. Tomo outro gole da minha vodca, murmurando para Kolya para me dar uma palavra de seis letras que começa com R, mas ele sai vazio.

— Real, — exclamo.

Boris me encara com uma presunção incomum. — São cinco letras.

— Realeza.

— Isso é sete. — Yan dá um gole em sua bebida. — Desista já, e passe.

Eu não tenho as letras corretas para soletrar qualquer forma de realeza, de qualquer maneira. Com meus dois blocos em branco e um monte de vogais, estou apenas batendo no escuro em busca de ideias.

Adrian coloca meu lenço sobre meus ombros e sussurra em meu ouvido, discretamente o suficiente para que ninguém perceba. — Regius.

Eu não quero trapacear, realmente não quero, mas com minhas lacunas, posso fazer funcionar, e a maneira como Boris está sorrindo e Yan continua nos provocando está me dando nos nervos. Então, eu me abaixo e alinho as letras no lugar após a R.

— Isso é trapaça, Sra. Volkov, — Boris me encara com um olhar.

— Você está me acusando de ser uma trapaceira? — Há uma ligeira difamação no final das minhas palavras.

— Chefe disse essa palavra a você.

— Não, ele não fez.

— Ele não fez isso, — disse Kolya ao mesmo tempo.

— Espere um minuto! — Yan bate seu copo na mesa. — Você deve ser imparcial, chefe.

— Eu tenho sido, — Adrian diz sempre tão casualmente com uma cara de pôquer perfeita que não trai nada.

— Você obviamente não fez isso. — Yan se move entre nós dois.

Meu marido continua tão controlado como sempre. — Você tem provas?

— Bem não.

— Você tem, Boris? — Quando o outro guarda balança a cabeça, Adrian continua, — Então suas acusações são nulas e sem efeito. Continuem.

Ambos resmungam, mas juntam seus pedaços enquanto Kolya sorri. Eu sorrio para Adrian, murmurando. — Eu não sabia que você era um trapaceiro.

— Eu não sou, normalmente, — ele sussurra de volta contra minha bochecha.

— Você acabou de fazer.

— Só para você, *Lenochka*.

Ganhamos aquela rodada, mas Boris e Yan acabam nos esmagando na próxima com tanta força que meu orgulho está ferido. Como resultado, acabo bebendo mais vodca do que deveria e dizendo a Yan que ele e eu não somos mais amigos, ao mesmo tempo que agi como uma péssimo perdedora com Boris.

Em algum momento, Adrian puxa o copo de vodca da minha mão. — Isso é bebida o suficiente por uma noite.

— Nããão, certo. Ops. *Beeem*. Quer dizer, estou totalmente bem. Eu sei eu sei. Essa palavra deveria estar fora do meu vocabulário agora. Você odeeeia. — Eu bato minha mão contra sua bochecha, olhando para o olhar pacífico em seus olhos cinzentos. — Você sabia que você é tããão bonito?

— Essa é a nossa deixa para ir. — As pernas de Boris estão instáveis enquanto ele se levanta. — Foi ótimo vencer você, Kolya. Sra. Volkov.

Eu aponto o dedo para ele. — Vou ter uma revanche e vencê-lo.

— Espere. O que? — Yan balança a cabeça, os olhos meio fechados. Nós dois bebemos mais esta noite. — Acabou? Eu estava apenas começando a chutar a bunda mal-humorada de Kolya.

— Levante-se. — Kolya o agarra pelo braço bom e ele balança. — E vai demorar uma vida inteira antes de você chutar a minha bunda.

Yan dá um soco no peito dele e, embora não pareça forte, Kolya cambaleia um pouco. — Vou quebrar aquele gelo um dia, você tem a porra da minha palavra.

Kolya o empurra na frente de si, acena para nós, em seguida, sozinho puxa Yan para fora, recusando a ajuda de Boris.

— Eles saíram. — Eu aponto para a porta depois que ela se fecha atrás deles. — Mas eu não terminei de jogar.

— Estou mais do que farto. — Adrian levanta meu queixo, seus longos dedos criando uma fricção deliciosa contra minha pele. — Ninguém consegue ver você bêbada além de mim.

— Eu não estou bêbada. — Eu soluço e rio, escondendo o som com as costas da minha mão. — Ops. Talvez um pouco.

— Um pouco?

— Certo, muito. — Eu acaricio minha bochecha contra sua mão e suspiro. — Você é tão quente.

— Eu sou?

— Sim, mesmo quando você é frio. Mesmo quando você me dá o tratamento do silêncio, você é tão atencioso e caloroso. Isso é uma coisa que eu não quero que você mude.

— O que mais você não quer que eu mude?

— Hmm. A maneira como você olha para mim.

— E como eu olho para você?

— Como se você quisesse me amarrar e me foder.

— Eu quero te amarrar e te foder.

Eu rio enquanto a excitação formiga entre minhas pernas. — O tempo todo?

— Se eu puder evitar. — Sua voz cai para um alcance sedutor.

— E se você não puder? E se eu ficar velha e enrugada e o sexo não for mais o mesmo?

— Eu vou encontrar uma maneira.

— E se algo acontecer e eu não conseguir fazer sexo? — Não sei por que estou fazendo essas perguntas, mas por algum motivo, me sinto vulnerável e a única maneira de lutar contra isso é cutucando o peso que está no meu peito.

Os dedos de Adrian deslizam sobre a crista do meu nariz, em seguida, traçam um caminho até minha bochecha como se ele estivesse me gravando em algum canto de sua cabeça. — Se algo acontecer com você, isso não vai me afastar. Se houver alguma coisa, isso vai me aproximar,

Lenochka. O sexo desempenha uma parte de quem somos, e adoro como você se submete ao meu domínio, mas não é a razão pela qual estou casado com você há seis anos.

— O que é então?

— Você.

— Apenas eu?

— Só você.

Eu engulo em seco, sentindo a umidade brilhar em meus olhos. Uma estranha onda de emoções me oprime até que fica difícil respirar, quanto mais pensar. São duas palavras. *Só você.* Mas é como se ele enfiasse a mão dentro de si, arrancasse uma parte e me oferecesse na palma da mão.

— Nunca mude, certo? — Eu sussurro.

— Lia, o que eu disse sobre essa palavra?

— Ops. Isso significa que você vai me punir agora?

— Oh, vou fazer mais do que punir você.

Meu coração salta uma batida quando olho para ele. — O que? — Eu pergunto, minha voz ofegante e abafada.

— Eu prefiro mostrar a você.

Eu grito quando ele me varre do chão e em seus braços, e então eu caio na gargalhada.

Felicidade.

Nunca ousei sonhar com isso antes, mas deve ser a sensação de ser feliz, e agora, finalmente estou ousando experimentá-la ao máximo. Por favor, deixe ficar assim para sempre.

Capítulo Dezenove

Adrian

Lia se agarra a mim com seus dedos delicados enquanto eu a carrego para o quarto. Eu, por outro lado? Estou pensando em maneiras de puni-la e fodê-la depois que ela me deixou esperando a noite toda. Não há nenhuma maneira no inferno de eu deixar meus guardas perto dela no futuro. Esta vez foi o suficiente. Na verdade, é mais do que eu teria preferido.

Se dependesse de mim, ela não teria nenhum contato com eles. Uma certa obsessão sombria toma conta de mim sempre que ela fala, quanto mais sorri, para outros homens, mesmo que sejam meus próprios guardas. Isso provoca a besta dentro de mim que está pronta para sair e massacrar qualquer homem em sua vizinhança, de modo que eu sou o único a quem ela dá atenção.

Eu chuto a porta de madeira atrás de mim e Lia enfia suas mãozinhas na minha camisa, rindo enquanto se contorce. Suas bochechas estão rosadas e suas pálpebras murcharam de tanto beber. Outro lado dela que não quero que mais ninguém testemunhe. Ela está tão linda, corada e com o azul de seus olhos suavizando. Não há nenhum traço da tristeza que parece ter assombrado sua vida.

Ela parece um pouco... travessa. Uma característica que ela raramente mostra, ou nunca. Lia sempre foi o tipo suave e elegante que guarda suas emoções para si mesma. Ela disse que odeia meu tratamento silencioso, mas não percebe que costuma usar a mesma tática. Na verdade, foi ela quem se afastou primeiro e se recusou a me deixar entrar, não importa o quanto eu a persuadissem.

Ela sempre via o pior em mim e, como resposta, recorri a métodos enérgicos para mantê-la. Até certo ponto, era porque isso é tudo que eu sei, mas eu também fiz isso porque o pensamento dela me deixando me transformou em uma porra de uma besta. Mas ela não parecia ter esses pensamentos sobre como fugir desde o dia em que a encontrei no parque. Na verdade, ela se sente mais próxima, especialmente desde que viemos para a Rússia.

Ela estava certa. Eu a trouxe aqui como uma homenagem distorcida à viagem que nunca tive a chance de fazer com tia Annika. No entanto, acabou sendo muito mais para nossa família. Mesmo que, no fundo, eu ainda esteja dividido por causa da infidelidade dela. Apesar de ser naturalmente desconfiado, uma parte forte de mim acredita que ela não me traiu, no entanto, também há a parte cautelosa.

A parte que foi cortada ao meio quando ela confirmou que tinha um amante. A parte que acredita que tudo isso é uma farsa e que, mais cedo ou mais tarde, ela vai voltar a tentar fugir. Que, se tiver escolha, ela não olhará duas vezes antes de partir. Eu pensei que tinha me acostumado com as pessoas indo embora quando eu era criança. Primeiro tia Annika, depois

mamãe, depois meu pai. Mas a ideia de Lia se juntar a eles atinge um acorde completamente diferente. Um que me mantém acordado à noite, quebrando a cabeça para encontrar uma solução.

— Me ponha no chão, — ela balbucia.

— Por que?

— Pare de fazer perguntas pelo menos uma vez. Confie em mim.

Eu levanto uma sobrancelha enquanto a coloco de pé. Ela tropeça e eu agarro seu cotovelo para firmá-la.

Lia envolve suas mãos nas minhas e suspira profundamente enquanto balança os pés. — Eu amo suas mãos. Elas são tão fortes e masculinas. Você ainda tem veias nelas.

— É assim mesmo?

— Mmm-humm. Mas você sabe o que eu mais amo nelas?

— O que?

— Como elas são rudes, embora ainda sejam atenciosas. — Ela achata minha palma em seu coração batendo. — Vê o quanto eu amo isso?

Um gemido profundo escapa do meu peito quando sinto seu batimento cardíaco irregular e vejo como suas bochechas ficam vermelhas e brilhantes. Lia não é do tipo que baixa a guarda ou me toca livremente. Provavelmente é o álcool, mas eu me deleito em cada momento em que ela perde suas inibições.

Afinal, a noite não foi um desperdício completo. Não só posso testemunhar esse lado dela, mas também posso ouvir sua honestidade. Ela nunca se permitiu ficar bêbada perto de mim depois daquela primeira vez no restaurante. É como se ela estivesse com medo de abrir mão da minha companhia. Porque ela não confiava em mim, mesmo quando me queria. Mesmo quando ela buscou meu carinho.

E eu não permiti que ela ficasse bêbada quando pensava que era Winter, porque ela não era ela mesma e não teria escolhido fazer isso livremente. Ela fez esta noite, no entanto. Minha esposa escolheu de bom grado me mostrar essa parte dela. Lia solta minha mão, mas eu a mantenho contra seu esterno, me deleitando com a sensação de sua respiração irregular.

Ela desabotoa minha camisa, seu toque instável, mas determinado até que ela revela meu peito. Suas palmas achatam meus músculos peitorais e eles flexionam sob seu toque terno. Sua garganta engole enquanto ela desliza as mãos pelo meu abdômen, seus dedos delicados parando na minha pele de vez em quando até que ela encontra meu cinto e o abre.

Seus movimentos são trêmulos e desajeitados na melhor das hipóteses, mas eu não tento ajudá-la, curioso para onde ela está levando isso. Minha esposa se abaixa de joelhos na minha frente enquanto suas mãos trêmulas deslizam pela minha calça e cueca boxer. Um grunhido sai de meus lábios e uma sensação carnal de luxúria endurece meu pau.

A única vez que Lia me chupou foi naquele beco, e foi só porque ela o iniciou. Embora eu tenha constantemente pensado em fazê-la pegar meu

pau na parte de trás de sua linda garganta, nunca agi sobre isso, porque eu precisava que ela quisesse. Eu queria que ela ficasse de joelhos por mim, não porque ela tinha que fazer, mas porque ela queria.

Como agora.

Ela liberta meu pau, suas pequenas mãos envolvendo-o e sua língua se lança para lambar seus lábios.

Meus dedos cavam em seu cabelo escuro enquanto eu gemo no fundo da minha garganta. — Porra, Lenchka.

— Você gosta disso? — Ela me encara com seus olhos enormes, ainda me acariciando de cima a baixo.

— O que você acha?

— Eu acho que você gosta. — Ela gira a língua em torno da coroa, lambendo as gotas de pré-sêmen. — Mmm. Eu amo o seu gosto.

Putá merda. É a primeira vez que ela fala coisas sujas e isso é estranho e excitante.

— Por que você não fodeu minha boca antes, Adrian?

— Pela mesma razão que você nunca se ajoelhou antes, *Lenchka*.

— E isso é?

— Você não queria.

Ela balança a cabeça com uma carranca gravada profundamente entre as sobrancelhas. — Claro que sim. Eu simplesmente não expressei isso.

Não houve um dia em que eu não quisesse você. Nem mesmo quando pensei que te odiava.

Estou prestes a gozar ali mesmo, antes mesmo de ela abrir a boca e me levar para o fundo da garganta.

Suas palavras são o afrodisíaco mais forte que já me atingiu. O conhecimento de que ela estava comigo em sua mente, provavelmente tanto quanto eu a tinha na minha, incha um canto escuro do meu coração com um calor estranho. Lia tenta me chupar com força, mesmo com as pálpebras meio fechadas e os joelhos bambos. Minhas mãos empunham seu cabelo e quando empurro para o fundo de sua garganta, ela afrouxa seu aperto, me permitindo usar sua boca para entrar e sair de seu calor úmido.

Minha esposa engasga, com lágrimas nos olhos e baba escorrendo pelo queixo. Eu amo essa visão dela, a submissão em seu olhar e em sua postura, mesmo enquanto ela está engasgando com meu pau. Ela não luta comigo, não tenta me afastar enquanto eu confisco seu ar. É por isso que Lia sempre foi especial para mim. Ela leva o chicote de minhas punições e volta para mais. É como se ela confiasse que eu nunca a machucaria além do reparo e que eu apenas a satisfarei.

Minha aspereza combina com sua suavidade. Eu saio de seu calor úmido, permitindo que ela respire. Ela suga de forma audível, suas bochechas manchando com novas lágrimas, mas imediatamente abre os lábios, mostrando a língua levemente. Porra.

Agarrando seu cabelo com mais força, eu bato dentro, meu ritmo aumentando. — Você não se cansa, *Lenochka*?

— Mmm, — ela gagueja em torno do meu pau duro.

— Você gosta de ter sua boca fodida por mim?

Ela balança a cabeça freneticamente e estende a mão por baixo do vestido, tocando-se como se quisesse me mostrar como ela gosta.

— Você está molhada porque estou usando sua boca com tanta força?

— Mmm. — Seus movimentos se aceleram por baixo de seu vestido, assim como minhas estocadas.

Eu puxo para fora dela com um gemido animalesco, mesmo que meu pau esteja tão duro, é doloroso pra caralho.

Lia lambe os lábios, seus dedos fazendo uma pausa enquanto a decepção grava em suas feições delicadas. — Por que você parou?

Eu a agarro, levanto-a e jogo na cama. Ela cai de costas com um grito de prazer enquanto eu puxo sua saia até a cintura.

Ela morde o lábio inferior, luxúria e algo semelhante à adoração brilhando em seus olhos. — É hora do meu castigo?

— Tenho outra coisa em mente. — Eu não me preocupo em remover sua calcinha e, em vez disso, rasgo contra sua boceta inchada. Ela faz um som assustado e sedutor sempre que eu faço isso e eu tinha a missão de ouvi-lo sempre que possível.

Lia abre as pernas e eu entro dentro dela com uma facilidade que nunca tinha experimentado antes. Ela se arqueia para fora da cama, as solas dos pés cavando na parte de trás das minhas coxas. Meu ritmo permanece lento, sem pressa, enquanto eu dirijo em seu calor apertado. Ela sempre sentiu como minha casa, aquela para onde penso sempre que estou longe.

— Oh, Adrian... — Seus lábios permanecem separados sem mais palavras saindo, apenas gemidos, enquanto eu levo meu tempo investindo em seu corpo com estocadas profundas e longas. Eu rolo meus quadris, deixando-a sentir cada golpe, cada toque.

Cada pedaço de conexão. Minhas mãos estão sobre ela, apertando, agarrando. Meus lábios encontram os tenros dela, beijando-a com o mesmo ritmo das minhas estocadas, então eu estou chupando seu pescoço, encontrando meu caminho para sua camisa e removendo-a com uma mão para que eu possa me deliciar em seus mamilos rígidos.

— Adrian... oh, Deus... — Ela ofega, segurando em mim enquanto ela lateja ao meu redor, então grita, seus músculos me ordenhando enquanto ela se desfaz.

Seus gemidos suaves e sexy, sons guturais ecoam no ar, atraindo meu próprio orgasmo. A corrida é forte e potente e preciso de tudo que tenho para durar. Eu gozo dentro dela o mais longo que já tive, meu sangue correndo para onde estamos conectados. Meus gemidos reverberam em torno de nós enquanto jorros do meu esperma a encham e gotejam por toda a sua boceta.

Minha esposa é a única mulher que já me fez sentir louco com uma sensação de prazer animal. Tão carnal que eu quero que nunca acabe. Mas não é apenas o prazer que bate sob minha pele sempre que estou dentro dela. É algo mais profundo, mais sombrio e iria assustá-la se eu alguma vez encontrasse as palavras para expressá-lo. Lia envolve seus braços em volta do meu pescoço e esmaga seus lábios nos meus, beijando-me com um desespero que flui no meu sangue e atinge a porra dos meus ossos.

— Eu te amo, — ela sussurra contra minha boca, sua respiração gaguejando. — Eu te amo muito, Adrian.

Eu gemo, suas palavras endurecendo meu pau mais uma vez, como se eu não tivesse apenas me esvaziado dentro dela. Antes que eu possa agir sobre isso ou soltar minhas próprias palavras, ela sorri um pouco, sua respiração escurecendo e suas pálpebras fechando. Em seguida, uma lágrima escapa quando ela adormece. Eu a beijo, sentindo o gosto do sal e suas palavras não ditas.

Eu a puxo para mim e ela se aconchega em meu abraço, suspirando quando eu cubro nós dois. Dormimos abraçados com tanta força, ela é a única coisa que eu respiro. Ela cheira a rosas, sexo e pertencimento. Lia é a única pessoa que eu sempre quis que pertença a mim, não importa o quão ilógico e impossível isso seja.



Uma batida na porta me tira das garras do sono. Eu verifico o relógio na mesa de cabeceira para descobrir que são apenas seis da manhã. Lia está espalhada por todo o meu peito, respirando contra a minha pele.

Outra batida vem antes que a voz de Kolya surja. — Emergência, chefe.

O sono imediatamente deixa meu cérebro enquanto eu lentamente coloco minha esposa em suas costas e a cubro. Kolya não é do tipo que chamaria uma situação de emergência, a menos que as coisas estejam realmente saindo do controle. Visto uma calça e uma camisa, que não me incomodo em abotoar enquanto saio do quarto, fechando a porta atrás de mim.

Meu segundo em comando está no corredor, seus olhos injetados de sangue e uma carranca gravada entre as sobrancelhas. Ele mal vestiu o uniforme do exército, o que significa que também foi tirado do sono.

— O que é, Kolya?

— Sergei está exigindo seu retorno imediato.

— Pelo que?

— Vladimir. — Kolya passa a mão agitada pelo cabelo loiro. — Ele apresentou evidências de que você está por trás da morte de Richard.

— Que tipo de evidência?

– Não sei, mas é forte o suficiente para que Sergei e os outros fiquem furiosos. Eles têm me ligado sem parar na última hora, desde que não conseguiram falar com você.

Se eles estão colocando seu peso nisso, é definitivamente sério.

– Prepare-se para partir.

– Chefe, não. Você tem que esperar até encontrar algo para rebater suas acusações. Ficar aqui um pouco mais acalmará sua raiva.

– Ou piorar. Sergei vai pensar que sou culpado.

– Você é culpado, chefe. Você não deveria ter matado Richard.

– Ele tocou em Lia. Eu o mataria mil vezes se tivesse a chance de repetir.

Ele passa a mão pelo cabelo novamente. – Há algo mais.

– E agora?

– Sra. Volkov pode não ser o que sempre pensamos.

– O que isto quer dizer?

– Como Yan estava bêbado ontem à noite, consegui fazê-lo falar.

– Sobre?

– A noite em que ela foi sequestrada. Chefe... Yan ouviu tudo. Ela conhecia o homem e, pelas informações que coletamos, ele era de fato Luca Brown.

— Eu suspeitava disso. Mas por que isso faria de Lia não ser quem pensamos que ela poderia ser?

— De acordo com Yan, Luca disse que ela tinha uma missão.

— Que missão?

— Ele não mencionou isso, mas o negócio é o seguinte, chefe. Se minhas especulações estiverem corretas, tem algo a ver com sua tentativa de assassinato na festa de Mikhail no ano passado. Como Luca contratou aquele Spetsnaz que ele matou e jogou do penhasco há algumas semanas, todas as evidências apontam para a probabilidade de que ele também contratou o mercenário que encontramos morto na festa.

As palavras de Kolya me atingem como um raio e tenho que parar um momento para firmar minha respiração. — O que Lia tem a ver com isso?

— Sra. Volkov foi quem puxou você para baixo antes de a arma disparar. Não pensei muito sobre isso na hora, apenas imaginei que ela teve um reflexo rápido. No entanto, os fatos são que ela viu algo antes de você ou eu ou mesmo Damien e Kirill vermos, e ela não poderia realmente ter reflexos mais rápidos do que nós quatro ou os guardas de Kirill e Damien. Acredito que a única maneira que ela conseguiu derrubar você tão rápido é porque ela sabia sobre o golpe de antemão.

Mesmo que eu o esteja ouvindo e de alguma forma eu mesmo chegue à mesma conclusão, não quero acreditar. — Yan poderia ter mentido.

— Não quando ele está bêbado. Ele me implorou para não dizer uma palavra, disse que acredita que ela não teve intenção e que deve ter tido seus motivos. Mas que razões poderiam ser essas?

— Kolya... — eu grito. — Você está dizendo que a porra da minha esposa participou da minha tentativa de assassinato.

— E é por isso que é a única tentativa de assassinato que não conseguimos resolver. Você está cego demais por ela para ver.

— Cale-se.

— Ela traiu você, chefe. Todas as evidências apontam para ela.

— Eu disse, cale a boca. — Eu levanto meu punho e dou um soco no rosto dele. Ele cambaleia para trás, sangue explodindo de seu lábio.

Meu guarda sênior se endireita na minha frente novamente e pela primeira vez desde que estávamos crescendo, ele me agarra pela gola da minha camisa, levantando a voz. — Acorde, Adrian. Você é um traidor da Bratva por causa dela e se não usar seu cérebro, será executado por Sergei. Eu não dou a mínima se você me matar, mas não vou permitir que você morra agora, depois de quão longe você chegou.

Eu respiro tão forte que meu pulso ruge em meus ouvidos. Meu peito dói a ponto de explodir, porque sei, no fundo, que Kolya está certo.

E isso pode muito bem ser o fim.

Capítulo Vinte

Lia

A dor se aloja na parte de trás da minha cabeça quando abro os olhos. A umidade se agarra aos meus cílios enquanto eu pisco as lágrimas para longe. Eu estava chorando? Mas por quê?

Eu embalo minhas têmporas enquanto tento me lembrar do pesadelo que acabei de ter e por que estou prestes a chorar. Meus dentes batem e decido não refletir sobre o pesadelo. Em vez disso, mantenho as memórias da noite passada. Uma dor tenra floresce entre minhas pernas, mas é o tipo delicioso, o tipo que traz um sorriso aos meus lábios. Lembro de cada um dos toques de Adrian, a maneira como ele era atencioso, apaixonado, mas também lento, levando seu tempo em possuir meu corpo.

Embora Adrian tenha os melhores cuidados posteriores, a noite passada foi a primeira vez que ele foi tão afetuoso durante o ato em si. Como se ele quisesse se gravar sob minha pele e ficar lá. Não que ele precise. Ele vazou pela minha corrente sanguínea como uma poção potente há muito tempo. Uma coisa é certa, algo mudou entre nós ontem à noite, porque, de certa forma, me sinto mais perto dele agora do que nunca. Mas doeu confessar meus sentimentos pela segunda vez e ele ficar em silêncio novamente.

Tento me convencer de que estou acostumada com isso, que já estou ciente da incapacidade de Adrian de ter esses sentimentos, que seu cuidado e atenção são suficientes. Mas acho que sou muito gananciosa para me contentar com isso. Estou muito ávida pelo toque que senti ontem, pela forma como ele me segurou, me beijou e adorou cada centímetro do meu corpo como se fosse a primeira e a última vez que ele estaria comigo.

A dor de cabeça da ressaca vale a pena. Embora eu preferisse que ele estivesse ao meu lado esta manhã. Será que ele foi treinar com Kolya e os outros como de costume? Ou talvez Jeremy tenha tentado invadir o quarto e Adrian decidiu tomar café com ele.

Levo meu tempo acordando, tentando não desencadear minha dor de cabeça já cegante. Quando me endireito para sair da cama, me assusto quando noto Adrian sentado em uma cadeira perto da porta. Ele está vestindo uma camisa branca e calça preta, os cotovelos sobre os joelhos e as mãos formando uma torre em seu queixo.

Eu sorrio, mas ele desaparece enquanto eu olho para as profundezas sem alma de seus olhos cinzentos. Eles são sombrios, frios e absolutamente selvagens, como naquele dia em que ele matou aquele homem bem na minha frente. A única diferença é que agora eles estão focados em mim. Ele provavelmente estava me olhando assim o tempo todo em que eu dormia.

Uma estranha apreensão me agarra pela garganta enquanto puxo as cobertas até o queixo, sentindo que preciso de todas as barreiras possíveis agora. — Adrian...? O que há de errado...

— Vou fazer algumas perguntas e você vai responder, — ele me corta, sua calma como mil agulhas picando em minha pele ao mesmo tempo. — Minta e será a última coisa que você vai dizer.

Meu coração bate violentamente no meu peito e minha respiração se estilhaça em pedaços fragmentados. Adrian só foi tão frio comigo quando pensou que eu o estava traindo. Mas eu pensei que ele acreditou em mim por algumas semanas. Achei que tivéssemos começado uma nova página.

— Você se lembra da última festa de aniversário de Mikhail, Lia?

Oh Deus. *Ah não.*

Por que ele está perguntando sobre isso? Ele descobriu? Claro, ele fez. Adrian não é um idiota. Ele não teria falado naquele dia se não tivesse um propósito por trás disso.

Meus lábios estão secos e rachados enquanto falo. — Eu posso explicar.

— Não perguntei se você poderia explicar, perguntei se você se lembra do último aniversário de Mikhail. Responda a porra da pergunta.

A umidade se acumula em meus olhos quando murmuro. — Sim.

— Você me salvou naquele dia porque magicamente aconteceu de você notar o mercenário. — Ele se levanta e eu me encolho contra a cabeceira da cama. — Veja, eu não acredito em magia, Lia, mas eu escolhi naquele momento. Eu escolhi acreditar em uma coincidência, em um acaso estatístico que você viu o assassino antes que Kirill, Damien, Kolya ou eu pudéssemos.

Uma lágrima escapa da minha tampa. — Adrian... por favor...

— Você planejava me matar desde o começo, Lia? É isso que você e Luca combinaram?

— Não, não, eu juro. Eu não... não... queria te matar...

— Mas você planejou isso?

— Não...

— Eu disse para não mentir para mim. — Ele para ao meu lado, olhando para mim. — Eu disse que seria a sua última, porra.

Pego seu pulso com as duas mãos e, embora minha pele esteja fria, preciso estabelecer algum tipo de conexão entre nós. Para manter a esperança de que nos conhecíamos há anos e que isso deveria significar algo. — Ele apenas me pediu para ficar de olho em você, dizendo que me contaria sobre a morte dos meus pais em troca. Mas eu parei. Eu juro, eu nunca quis te machucar.

— Você só queria me matar. Porra me trair. — Ele me agarra pelo pulso e me puxa para fora da cama.

Eu grito enquanto tropeço e quase caio de joelhos. Seu aperto é duro e implacável, com a intenção de infligir dor. — Isso não é verdade... por favor... por favor... me escute. Eu sei que você está com raiva, mas...

— Raiva? Não estou com raiva, Lia. Estou furioso, desapontado, com dor bem aqui. — Ele bate no centro do peito. — Tudo o que fiz foi proteger você, mesmo quando você poderia ter sido uma grande desvantagem para

mim. Casei com você em vez de usá-la como um peão, quando sabia que Sergei teria minha cabeça se soubesse de suas origens. Mesmo quando eu tinha plena consciência de que Igor planejaria minha morte se descobrisse que eu abandonei e humilhei sua filha, uma russa, uma das minhas, para se casar com uma italiana. Mas o que você me deu em troca? Você me traiu, você pegou o treinamento que eu dei a você e me apunhalou pelas costas com ele.

— Não... — Estou soluçando, lágrimas salgadas são a única coisa que posso sentir. — Não, eu não...

— Só existe uma punição para a traição, Lia.

Eu respiro forte e entrecortado, balançando a cabeça repetidamente. — Adrian, por favor, eu sei... eu sei que não deveria ter falado com Luca, mas ele era o único amigo que pensei que tinha. Percebo agora que ele estava apenas me usando. Naquela época... naquela época... eu estava muito sozinha, com muito medo e precisava de alguém quando você estava sendo muito duro e distante.

— Então você escolheu um amante?

— Eu disse que ele nunca foi meu amante! Você acha que eu poderia pensar em outro homem depois de conhecê-lo?

— Você obviamente fez isso desde que planejou minha morte. Estou curioso, o que você planejou fazer depois que eu morresse, começar de novo com ele?

Eu balanço minha cabeça violentamente até meu pescoço doer. O pensamento de Adrian morto traz novas lágrimas aos meus olhos.

— Porra, me responda, Lia! Você se sentou e planejou a maneira perfeita de me matar?

— Eu nunca planejava te matar, nem mesmo quando você me machucou, nem mesmo quando pensei que te odiava. — Eu o empurro com todas as minhas forças. — Eu matei por você, seu idiota de merda! Eu matei o homem que Luca trouxe naquele dia, porque o pensamento dele te machucando me fez perder a cabeça! É por isso que minha depressão bateu forte depois, é por isso que eu era como um zumbi a ponto de não conseguir prestar atenção em meu próprio filho! Matar um homem, mesmo que fosse um criminoso, me atingiu com força e eu não consegui sobreviver. Mas você sabe qual é a pior parte? Se fosse para protegê-lo, eu repetiria em um piscar de olhos.

Adrian não diz nada, seu peito subindo e descendo com velocidade alarmante. Nós nos observamos por vários longos segundos, minhas fungadas e sua respiração áspera enchendo o ar.

— Foi você quem o matou? — Sua voz é baixa, mas firme.

— Sim, e eu removi a bala para que você não soubesse que era eu.

— Por que você não me contou?

— Por causa da maneira exata como você está agindo agora. Eu sabia que você não acreditaria em mim, que você pensaria que eu o traí. Nunca, Adrian, juro. Eu não poderia, mesmo que quisesse.

— Por que não?

— Porque eu te amo, — minha voz quebra com a força destruidora dos meus soluços. — Estou apaixonada por você, e isso significa que prefiro me machucar e pular de um penhasco em vez de lhe causar dor.

— Caralho, Lia. — Ele fecha os olhos, respirando fundo, depois me empurra para sentar na cama. — Me conte tudo.

— Isso... isso significa que você acredita em mim?

— Me conte tudo, — ele repete. — Não deixe nenhum detalhe de fora.

Enrolo as cobertas em volta de mim enquanto recito o que aconteceu nos últimos seis anos, começando com quando Luca me abordou para ficar de olho em Adrian, depois para nossas reuniões no banheiro do abrigo, e eu até conto a ele sobre as migalhas de informação que eu compartilhei com Luca.

É inútil esconder qualquer coisa de Adrian neste momento, não quando ele parece estar prestes a jogar tudo fora.

— Então, você tem se encontrado com ele regularmente, — ele diz com uma calma enganosa depois que eu termino. — Pelas minhas costas.

— Não significava nada. Eu prometo.

— Como poderia não significar nada quando você fazia isso religiosamente?

— Eu te disse, eu só precisava de um amigo. Depois... depois de matar aquele homem, me afastei de Luca. Naquele dia no parque, eu disse a ele

que não tínhamos mais nenhum tipo de relacionamento e que cada um de nós deveria seguir caminhos separados. Ele me forçou aquele beijo porque eu não estava mais do lado dele.

— Devo ser grato por isso? Devo ficar grato por você ter parado de encontrar o homem que estava planejando me matar, Lia?

— Não... não foi isso que eu quis dizer...

— Se eu não tivesse descoberto, você teria levado seu segredo para o túmulo ou teria reacendido seu relacionamento com Luca e vindo atrás de mim novamente?

— Não nunca! Eu... eu queria te contar tudo sobre isso, mas não consegui reunir coragem. Você... você pode ser tão assustador às vezes e eu não queria que perdêssemos o que temos.

— Bem, parabéns. Nós já fizemos.

Meu coração cai no fundo do meu estômago. O quarto gira e, embora eu esteja sentada, parece que vou cair no chão. — O-O quê?

— Vista-se.

— Por que?

— Vista-se, porra.

Eu pulo para a posição de pé, deixando as cobertas caírem no chão enquanto vou para o armário. Minhas mãos estão úmidas, tremendo e as lágrimas não param de escapar das minhas pálpebras, embaçando minha

visão e rolando pelo meu rosto e pescoço. Devido ao meu estado, demoro um pouco para colocar minha calcinha e um vestido de lã preta.

Meu marido observa cada movimento meu com sua expressão fria. Quero perguntar a ele o que ele quis dizer com suas palavras, quero implorar por outra chance, mas o medo de seu tratamento frio e rejeição mantém meus lábios trêmulos fechados. Assim que coloco meu casaco, ele me agarra pelo braço, me arrasta para fora do quarto e desce as escadas. Não consigo acompanhar seus passos largos e acabo tropeçando e quase caindo algumas vezes.

— Adrian... — Minha voz falha. — O que quer que você esteja planejando fazer, não... por favor... não...

Ele abre a porta da frente e eu cerro os dentes quando o ar gelado me atinge e satura meus ossos. O céu está sombrio, quase invisível enquanto a neve cai e embaça o horizonte. Ainda estou implorando e suplicando enquanto Adrian me arrasta na direção da floresta. Nossos pés formam buracos nas grossas camadas de neve à medida que avançamos e avançamos até que a casa desapareça de vista.

— Adrian... Adrian...

Ele me puxa para frente e eu tropeço antes de cair de joelhos, de cara na neve. Eu levanto minha cabeça para olhar para sua expressão fechada.

— Sergei descobriu que eu matei Richard e ele exigirá retribuição por tal traição. — Sua voz é mais fria do que a tempestade de neve implacável.

— Você... você... não quer dizer...

— Só existe uma punição para traidores, Lia. — Ele tira a arma da parte de trás da calça. — Morte.

Capítulo Vinte e Um

Lia

Seis anos.

Levei seis anos para me encontrar nesta posição novamente. Eu fico olhando para o cano da arma. E não qualquer arma, a de Adrian.

Ele não está apontando para mim. No momento, está em sua mão ao meu lado, mas eu sei exatamente o que está por vir. O que ele planeja fazer.

Meus lábios se abrem, permitindo que minhas lágrimas salgadas se infiltrem em minha boca, mas não estou chorando por causa da morte. Eu estava pronta para isso no dia em que minha carreira acabou, e só fiquei viva por causa de Adrian e do presente que ele me deu na forma de Jeremy.

A razão pela qual não consigo parar o fluxo de lágrimas ou a dor que está partindo meu peito ao meio é por causa da dor em seu belo rosto, refugiando-se em seus olhos hipnotizadores. O fato de que ele pensa que eu o traí ou que eu desejaria mal a ele.

— Eu confiei em você, Lia, ainda mais do que eu confiei em mim. Você era a luz que eu não podia ter e fiz tudo o que pude para protegê-la e não deixá-la queimar. Você foi a única pureza que vi no mundo e fiz o possível

para não manchá-la. Do meu jeito fodido, eu queria preservá-la, ir contra minha natureza e mantê-la, mas eu deveria saber que era apenas um sonho irreal.

— Você fez. Você me protegeu, você... me deu uma razão para viver depois que eu pensei que tudo tinha acabado. Sempre chamei você de monstro, mas foi preciso esquecê-lo para perceber que você é o monstro de que preciso. Então... por favor... por favor, me dê outra chance. Nos dê outra chance, para Jeremy, para nossa família. Eu... não me importo se você me punir por uma eternidade, desde que você esteja comigo. Por favor...

A neve gruda em seus ombros e cabelo escuro enquanto ele olha para mim com os lábios torcidos no que parece ser dor. — Eu não posso.

— Adrian...

Ele me agarra pelo braço, me colocando de pé e batendo a frente do meu corpo contra o dele. Seus lábios encontram os meus e eu soluço contra eles enquanto ele me devora, sua língua mergulhando dentro para se banquetear com tudo o que tenho a oferecer e mais um pouco.

Meu marido me beija com um desespero que combina com o meu e uma paixão que desperta a minha. Ele me rouba os pensamentos até ser a única coisa presente, como se eu existisse para ele, pela maneira como ele me beija como se fosse o primeiro e o último.

Eu engasgo com minhas lágrimas, os dedos cavando em sua camisa quando seu braço envolve minha cintura. Ele me levanta do chão para que eu fique suspensa, exceto por seu domínio sobre mim. Ele joga a arma fora

e me joga contra o tronco de uma árvore enquanto sua língua ainda está enganchada na minha, rodopiando e me devorando. Ele usa a outra mão para puxar meu vestido e casaco.

Uma picada de frio atinge minha pele nua e eu assobio, mas meus dedos se movem por conta própria, desfazendo sua calça com uma urgência que nunca experimentei antes. Eu o quero com um desespero que me deixa sem fôlego. Eu preciso tê-lo, não perdê-lo, e se isso tiver que acontecer apenas por meio do sexo, então que seja.

Meus lábios nunca deixam os dele enquanto eu liberto seu pau duro e o guio para o meu núcleo dolorido. Minhas pernas envolvem sua cintura em um abraço de aço enquanto ele desliza minha calcinha para o lado e entra em mim de uma vez.

Eu suspiro em sua boca, beijando-o com energia renovada, meus braços abraçando seu pescoço e segurando os cabelos curtos em sua nuca. Ele entra em mim, uma mão segurando a árvore atrás das minhas costas para me equilibrar e a outra segurando meu queixo, inclinando minha cabeça para que ele possa me beijar mais profundamente, confiscando mais da minha respiração.

Minhas costas deslizam para cima e para baixo na superfície áspera da árvore enquanto ele entra em mim com estocadas profundas e cruas que combinam com os golpes impiedosos de sua língua. Um calor escaldante flui em minhas veias, apesar do tempo gelado, da neve e do branco que quase nos enterra. Estou ancorada no momento, na vida, pelo aperto forte e protetor de Adrian.

A ideia de perdê-lo me preenche com um vazio tão grande que ouço seu eco em meu peito dolorido. Eu o seguro com mais força, o beijo mais rápido enquanto minhas lágrimas queimam minha pele e encharcam a dele. Chegamos juntos ao orgasmo, o meu detonando dentro de mim com uma força arrepiante enquanto seu esperma aquece meu núcleo.

Ele se afasta da minha boca e eu libero seus lábios com um gemido baixo. Pelo menos ele estava comigo enquanto me fodia, mas agora, ele não está. Agora, temos que tocar o chão depois de levitar. Eu abraço seu pescoço com mais força, enterrando meu rosto em sua pele e inalando seu perfume amadeirado em meus pulmões.

Ele puxa para fora de mim, me forçando a soltar minhas pernas de sua cintura enquanto alisa meu vestido e casaco. Sua palma forte pousa no meu quadril para me manter estável, já que atualmente estou pendurada em seu pescoço, meus pés não tocando o chão.

— Me solta, Lia. — A ordem é silenciosa, não tão firme como de costume.

Eu balanço minha cabeça furiosamente contra seu pescoço.

— Você vai congelar até a morte.

— Eu não me importo. Congelar até a morte é melhor do que tudo o que você está planejando.

— Olhe para mim.

— Não...

— *Lenochka*, olhe para mim.

Eu não consigo resistir quando ele me chama por esse apelido ou quando ele abaixa sua voz para um alcance persuasivo. Não o liberando, eu me afasto para poder olhar para ele através da minha visão embaçada. Adrian enxuga minhas lágrimas com a ponta do polegar, mesmo quando as novas caem.

— Quando eu tinha dez anos, minha mãe traiu meu pai conversando com outras organizações criminosas pelas costas dele. Ela tinha tanta fome de poder que, sozinha, planejou um golpe contra o *Pakhan* na época com a intenção de tornar meu pai o homem número um da Bratva. Quando ele descobriu, ele a perseguiu, forçou-a a ficar de joelhos e atirou entre os olhos dela bem na minha frente. É assim que os traidores são tratados na irmandade, não importa quem sejam ou qual seja sua posição.

Eu choramingo, tremendo em seu aperto, mas não é por causa de sua ameaça subjacente, é o fato de que ele testemunhou a execução de sua mãe quando criança. Meu coração dói por ele, mesmo que ele esteja planejando fazer o mesmo comigo. Acho que é isso que significa amar. É sentir a dor de quem você ama, apesar do que ele está tramando para você.

— Você... você vai me matar agora?

— Nunca. — Sem hesitação. Sem dúvidas.

— E... não é isso que você deve fazer?

— Pode ser. Mas, como você, não posso te machucar, *Lenochka*, mesmo que minha própria vida esteja em jogo.

— O que... o que você quer dizer com que sua vida está em jogo? — Eu não gosto do som disso. Na verdade, odeio tanto que estou tremendo e tremendo por um motivo totalmente diferente do frio.

— Lembra quando você me perguntou se eu alguma vez te amei?

Eu aceno, novas lágrimas surgindo em meus olhos.

— Eu não entendia minhas emoções na época, mas entendo agora. Amo você, Lia. Eu sempre amei. Mas minha forma de amor não é doce ou suavidade. Não é nada nobre ou delicado. Meu amor é egoísta e vil. Meu amor é o tipo em que matarei pessoas para protegê-lo e apagarei outros para vingar você. Meu amor é possessivo, obsessivo e não conhece limites, não quando te conheci e certamente não agora.

Um ruído indefeso sai da minha garganta. Mesmo que suas palavras sejam tudo que eu gostaria de ouvir, as circunstâncias sob as quais ele as diz me encham de uma agonia crua.

— E porque meu amor é egoísta, vou colocá-lo à frente de tudo o mais.

— Adrian...

Antes que eu possa organizar meus pensamentos, ele me pega, carregando-me como uma noiva, e volta para a casa através da tempestade de neve embaçada. Há um carro esperando do lado de fora, na frente do qual todos os guardas que vieram conosco estão parados. Kolya me encara com sua expressão estoica e Yan não encontra meu olhar.

— Boris e Yan, vocês ficarão aqui para proteger Lia e Jeremy com suas vidas, — anuncia Adrian. — O resto virá comigo.

— Ir com você para onde? — Eu sussurro com uma voz assustada.

Ele me coloca de pé, acariciando meu cabelo atrás da orelha. — Eu gostaria que pudesse ter sido diferente entre nós dois. Eu gostaria de ser o homem que você merece, em vez do vilão que você tem.

— O que você está falando? Por que você está dizendo coisas assim?

— Crie bem o Jeremy. Meus homens serão capazes de garantir sua segurança.

— Porque não você? Por que seus homens fariam isso?

— Eu te disse, Lia. O castigo da traição é a morte.

— Não... não... — Eu agarro sua mão em uma tentativa impotente de pará-lo. O pensamento de para onde ele está indo e o destino que o aguarda me fazem engasgar e choramingar ao mesmo tempo. — Não vá para Sergei.

— Se eu não fizer isso, ele virá aqui.

— Então... me deixe falar com ele, me deixe contar a ele sobre Richard e...

— Isso vai te matar.

— Mas...

— Não. É final.

— Adrian, por favor. — Eu cavo meus dedos em seu braço.

Ele beija o topo da minha cabeça e remove minha mão de seu corpo, em seguida, vai para o carro sem olhar para trás. No início, estou congelada no lugar, com lágrimas quentes formigando em minhas bochechas. Só quando ele está dirigindo é que eu saio dessa. Saber que ele vai para a morte me queima como mil chamas no meio do frio congelante.

— Adrian! — Eu grito, correndo atrás dele. — Adrian, não! Não me deixe... não!

Meu pé fica preso na neve e eu tropeço, mas continuo mancando atrás do carro enquanto ele desaparece lentamente. — Não, não...

Soluços altos e assustados ecoam no ar e eu percebo que eles são meus quando meus pulmões queimam com a necessidade de alcançá-lo, para impedi-lo de caminhar para sua própria morte

— Adrian! Adrian!! — Eu grito a plenos pulmões. Meus pés cedem e eu caio de joelhos no meio da neve.

Eu me levanto de novo, meu peito tremendo com a força dos meus gritos e guinchos enquanto corro atrás do carro. Braços fortes me agarram, me impedindo de ir mais longe. Acho que ouço as vozes de Yan e Boris, mas não consigo entender o que estão dizendo.

Só estou focada no ponto preto que está lentamente desaparecendo no branco. E com isso, minha vida desaparece também.

Capítulo Vinte e Dois

Adrian

Um peso pressiona meu peito desde que deixei a Rússia. Ou mais precisamente, desde que deixei Lia. A visão dela correndo atrás de mim, chorando e gritando no meio da neve congelante, ainda se repete na parte de trás da minha cabeça.

Eu corro a mão no meu rosto para dissipar essas imagens. Se eu pensar nela, não serei capaz de seguir com meu plano. Eu não serei capaz de salvar ela e nosso filho. Embora descobrir que ela se encontrou com Luca pelas minhas costas foi como ser apunhalado por mil facas cegas, acreditei em cada palavra que ela disse.

Se fosse o velho eu, não teria. Se qualquer coisa, meus problemas de confiança teriam levado o melhor de mim e eu teria descontado nela. Mas esse não é o caso agora. Não apenas confio nela, mas tudo o que ela disse fez sentido, preenchendo as peças do quebra-cabeça que faltavam.

Após a tentativa de assassinato, sua saúde mental piorou drasticamente e sua descida ao fundo do poço foi rápida. Na época, pensei que fosse por presenciar a tentativa de assassinato, já que ela sempre se estressou com esse lado da minha vida. No entanto, saber que ela matou alguém com as próprias mãos explica como ela frequentemente entrava em transe.

E ela fez isso por mim. Lia, que tremia na frente de uma arma, matou alguém para me proteger. Eu provavelmente não deveria estar orgulhoso desse fato, mas estou. Mesmo se eu quisesse estrangular seu cúmplice com minhas próprias mãos.

— Encontre Luca e mate-o, — digo a Kolya, que está sentado ao meu lado no banco de trás, enquanto Fedor e outro guarda ocupam a frente.

Estamos indo direto do aeroporto para Sergei. Não parei em casa, apenas liguei para Oglá para informá-la sobre o curso de ação a tomar quando eu partir, assim como passei o voo inteiro dizendo a Kolya o que ele fará daqui em diante.

— Com todo o respeito, senhor. Luca não é o problema agora.

— Ele é. Já que ele está tão envolvido com ela e sabe que ela é filha de Lazlo, suas raízes são mais profundas do que eu pensava. Ele quer machucá-la e a manipulou o tempo todo, o que significa que ele provavelmente é um dos Rozettis. Ele provavelmente foi designado para ficar de olho nela e a tem usado desde então. Lembra do guarda que traiu seu segredo sobre esconder Lia de Lazlo depois que o torturamos? Ele disse que Lia é o trunfo deles contra os Luciano e eles vão usá-lo sempre que quiserem. Eles sequestraram sua mãe enquanto ela estava grávida e a casaram com um dos seus para mantê-la sob seus cuidados.

— Lazlo não saberia sobre a mãe dela? A gravidez? A avó dela?

— Ela não era sua avó verdadeira, Kolya. Ela era apenas uma mulher que conheceu Rachel Gueller em algum momento de sua vida, e os Rozettis pagavam bem para fingir ser a avó de Lia.

— Por que Lazlo não sabia que tinha uma filha em algum lugar e simplesmente nunca prestou atenção nela?

— Ele não tem herdeiros, Kolya. Acredite em mim, se ele soubesse que tinha um filho em algum lugar, não hesitaria em trazê-lo para a família.

— E agora?

— Eu quero Luca e qualquer um com quem ele trabalhe mortos. Já que ele sabe sobre as origens de Lia, ele é um perigo para ela.

— Você é aquele que está em perigo no momento. Você poderia forçar a mão de Lazlo contando a ele sobre ela. Se você o trouxer, Sergei pode perdoá-lo.

— Não.

— Chefe.

— Se Lazlo descobrir sobre ela, ele saberá que eu o enganei o tempo todo e não vai parar por nada até que ele a leve. Ela está bem protegida longe dele.

— Com todo o respeito, ela não estará protegida quando você morrer.

— Sim, ela estará. Você vai ter certeza disso.

Ele solta um suspiro profundo, permanecendo em silêncio por um segundo a mais. — Vale a pena?

— O que vale a pena?

— Perder tudo por ela?

Um pequeno sorriso roça meus lábios. — Absolutamente.

Fedor para o carro em frente à casa de Sergei, depois acompanha a mim e a Kolya para dentro.

Passamos por uma enorme pintura de anjos lutando contra demônios na entrada. É uma obra de arte que Nikolai e Sergei adquiriram no mercado negro e exibiram onde é visível para qualquer pessoa que entrar. A exibição de poder dos *Pakhans* anteriores e atuais, mesmo nos menores detalhes, é intrigante. Através da pintura, eles inconscientemente fazem seus convidados escolherem um lado. Anjos ou demônios. Bem ou mal.

Sempre pensei que estava acima desses jogos mentais, mas agora, enquanto olho para os rostos paranormais furiosos congelados em seu grito de guerra, não posso deixar de sentir uma leve pontada de desconforto. Outra coisa que esperavam realizar colocando a pintura aqui.

O guarda sênior de Sergei para Kolya e Igor na parte inferior da escada e fala em russo áspero. — Apenas Volkov tem permissão para subir.

Kolya dá um passo ao meu lado. — Eu vou com ele.

— Apenas Volkov, — o guarda repete, puxando sua arma.

Kolya enfia a mão no coldre para tirar sua própria arma sem dúvida, mas eu balanço minha cabeça para ele. Sigo o guarda de Sergei escada

acima em direção ao seu escritório, mas antes de eu entrar, o guarda se coloca entre mim e a porta. — Sua arma.

Esta é a primeira vez que me pedem para deixar minha arma na porta. Embora eu tenha imaginado que Sergei não me chamou para o chá, se ele está indo tão longe a ponto de me desarmar, este pode muito bem ser meu atestado de óbito. Abro minha jaqueta, pego minha arma e a entrego ao guarda. Ele me revista por qualquer arma escondida antes de bater na porta e abri-la para mim.

Demoro um momento para entrar. Se fosse há alguns anos, eu não daria a mínima em ser convocado, mas se fosse há alguns anos, eu não teria deixado meu sistema falhar comigo. Eu não teria sido ilógico. Eu não estaria... vivo.

Porque, embora eu tenha executado o ato de viver antes, nunca vivi de verdade até que Lia entrou na minha vida. Eu quis dizer o que disse a Kolya antes, Lia vale a pena falhar em meu sistema, cavar minha própria cova e me colocar nesta posição desfavorável. Eu faria tudo de novo se isso significasse tê-la.

O guarda me segue para dentro, então fecha a porta e fica na frente dela, caso eu tente escapar. Não que eu fosse. Sergei está sentado na sala de estar com Igor e Vladimir em frente a ele, suas expressões tão duras quanto granito. Quatro de seus guardas estão em posições eretas perto da varanda.

Eu paro diante de Sergei e não me preocupo em cumprimentá-lo. — Você perguntou por mim?

— Sim, eu perguntei por você. — Sergei agarra o braço da cadeira com força. — Você não acha que tem alguma explicação a dar, Volkov?

— Que tipo de explicação?

— A morte de Richard. — Vladimir se levanta e me encara. Embora tenhamos quase a mesma altura, ele é mais corpulento e tem um olhar mais penetrante. — Eu sei que você o matou.

— Prova?

— Gravações. Você provavelmente não sabia que ele gravou secretamente tudo o que aconteceu em seu escritório.

Ele não poderia ter. Se ele fizesse, meus hackers teriam descoberto quando limparam seus arquivos digitais depois. A não ser que...

— Como você os achou? — Eu pergunto.

— Isso não importa, o conteúdo importa.

— Como você os encontrou, Vladimir? Se você tivesse feito isso antes, você teria apresentado isso, mas presumo que você tenha recebido ajuda externa. Alguém enviou a você esses arquivos recentemente.

— Por que diabos isso importa?

— Quem os enviou para você?

— Você não está em posição de me questionar, Volkov. É o contrário. Por que você não nos conta por que matou nosso candidato a prefeito?

— Eu irei se você me disser quem lhe enviou as gravações e como.

– Ou eu posso simplesmente matar você sem ouvir sua explicação.

– Diga a ele, Vladimir, – Sergei diz depois de assistir a conversa em silêncio.

O homem na minha frente torce o nariz ao receber ordens para fazer exatamente o que ele não deseja fazer. – Eles foram enviados para mim.

– Por quem?

– Era um endereço criptografado. Eu não consegui rastreá-lo.

Quem quer que tenha essas gravações invadiu os arquivos de Richard logo depois que eu saí e antes de mandar meus hackers lá para uma limpeza completa. Mas se ele tinha essas gravações de mim o tempo todo, por que esperar até agora para usá-las? Eles poderiam ter me ameaçado com elas ou enviado para Vladimir mais cedo. A menos que seu único objetivo seja se livrar de mim. Mas por que agora, de todos os tempos?

– O fato é que você matou Richard, que poderia ter se tornado um trunfo para nós. – Igor me encara. – Por que?

– Suponho que você ouviu as gravações e já sabe por que eu fiz isso.

– Diga Adrian. – A voz de Sergei aumenta a cada palavra. – Nos esclareça a porra do motivo pelo qual você colocou em risco o futuro da irmandade nesta cidade.

– Ele tocou na minha esposa e teve que morrer.

– Você sabe o que também morreu com ele? – Vladimir rosna na minha cara. – Nossas chances de ter um prefeito sob nosso controle. Então

me diga, Adrian, ele só morreu porque tocou na sua esposa ou porque você está brincando de casinha com os italianos? Porque, agora, o candidato deles é prefeito e adivinha o quê? Lazlo está dizendo a ele para recusar nossos carregamentos.

— Cuidado com a porra da sua boca, Vladimir. Não fale de minha esposa ou minha honra novamente. — Eu fico olhando para Sergei. — Eu disse a você meu motivo, *Pakhan*. Se você acha que sou capaz de trair a irmandade depois de tudo que fiz por ela, então faça o que você deve.

— Você escondeu de mim quando poderia ter me contado.

— Não, eu não poderia.

— Por que não?

— Porque você teria exigido que eu eliminasse a razão pela qual tomei tal decisão e me desviou do meu pensamento lógico.

— Estou exigindo agora. Se divorcie da mulher que está confundindo seu pensamento e vou esquecer este incidente.

— *Pakhan*, — Vladimir e Igor dizem ao mesmo tempo.

Tendo vivido minha vida inteira na irmandade e testemunhado a brutalidade de Nikolai e Sergei, eu sei que esta não é uma chance que o *Pakhan* ofereceria a ninguém. Eu deveria aceitar isso curvando minha cabeça e sendo grato.

No entanto, eu permaneço firme. — Não.

Sergei se levanta e Vladimir sai do caminho, permitindo que o homem mais velho encontre meu olhar com o seu mais severo. — Você está recusando uma maldita ordem direta, Volkov?

— Sim.

— Ou você faz o que lhe é dito ou enfrentará consequências terríveis.

— Vou enfrentar as consequências.

— Você prefere morrer do que se divorciar daquela mulher?

— Eu sei que você não vai parar se eu me divorciar dela. Assim que eu fizer isso, você terá total liberdade para matá-la.

— Com o que você se importa? Você só se casou com ela por Jeremy.

— Eu não vou me divorciar dela, *Pakhan*. Se você quer punição, acredite em mim.

— Você sabe qual é a punição pela traição, Volkov.

— Totalmente. Eu assisti minha mãe sendo executada por meu pai, por ordem de seu irmão.

— E você está me dizendo que está pronto para encontrar o destino de um ninguém sem nome?! — Ele grita, seu rosto ficando vermelho.

— Sim.

— Estou desapontado com você, Volkov. Você deveria ser melhor do que isso. — Ele me dispensa com uma mão. — Tire ele da porra da minha vista até que eu decida como matá-lo.

Igor me encara com sua neutralidade usual. — Se você tivesse se casado com minha Kristina, nada disso teria acontecido com você e, se tivesse, eu teria defendido sua causa. No entanto, você escolheu um ninguém e terminará como ninguém. Geórgui deve estar rolando em seu túmulo.

Que se foda meu pai e que se foda Igor.

Apesar de tudo, casar com Lia foi a melhor decisão que tomei na minha vida. Dois guardas me agarram pelos braços. Eu não luto enquanto eles me levam para fora do escritório. Provavelmente na minha última parada.

O único pensamento que me mantém calmo é que Lia e Jeremy estão seguros.

Capítulo Vinte e Três

Lia

Não sei como me encontro de volta em casa. Embora eu tenha uma ideia. Yan e Boris devem ter me arrastado de volta enquanto eu chutava, gritava e chorava.

Minha energia diminui quando me sento no sofá, meus membros, tremendo. O calor formiga contra minhas extremidades congeladas, mas não consegue chegar dentro e derreter o gelo que vem formando camadas geladas em volta do meu coração desde o momento em que o carro de Adrian desapareceu na neve.

Uma xícara quente toca minha mão e eu olho para cima para encontrar Yan olhando para mim. — É um chá quente.

— Eu não quero chá quente. — Uma onda de novas lágrimas turva minha visão. — Eu quero ir para Adrian.

— Isso é impossível, Lia. Você também será morta.

— Eu não me importo. Prefiro morrer do que viver sem ele.

— Que tal Jeremy então? Como ele vai sobreviver sem vocês dois?

Um soluço fica preso na minha garganta com a lembrança de nosso filho, de como Adrian disse que eu deveria criá-lo bem para nós dois. Não.

Ele vai fazer isso comigo. Ele tem que voltar. De jeito nenhum ele vai me deixar sozinha depois de tudo que passamos.

— Eu sinto muito. — Yan está sentado ao meu lado, ainda embalando a bebida, mesmo quando Boris está de pé diante de nós em sua posição inflexível.

— Sobre o que? — Eu fungo.

— Eu estava bêbado e acabei contando a Kolya o que ouvi na noite em que fui baleado. Foi assim que Chefe conseguiu juntar tudo sobre você e Luca.

Eu balancei minha cabeça. — Eu não me importo com nada disso. Isso viria à tona mais cedo ou mais tarde.

— É verdade? — Boris pergunta.

— O que é verdade?

— Você traiu o chefe?

— Boris. — Yan balança a cabeça para seu colega.

O outro guarda o encara. — O que? Ele foi para o *Pakhan* pronto para morrer por ela. Se ela o traiu, quero saber.

— Por que razão? — Yan bate a xícara na mesa e se levanta. — Você vai contra a ordem do seu chefe e machucá-la? Porque você terá que passar por mim primeiro.

Eu agarro o braço de Yan e puxo com a pouca força que me resta para que ele se sente. Ele concorda hesitantemente, e eu balanço minha cabeça

para Boris. — É verdade que conversei com Luca, mas nunca machucaria Adrian. Eu sei que você não acredita em mim, mas eu... eu não fiz.

Boris aperta os lábios, mas não diz nada. Como Kolya, ele sempre foi leal a Adrian e sempre vê as coisas da perspectiva de seu chefe. Mas eu entendo seu ceticismo sobre me proteger quando ele pensa que eu sou a razão por trás de toda essa bagunça.

Focando novamente na situação em questão, eu enfrento Yan. — Certamente podemos fazer algo?

— Não.

— Se eu falar com Sergei e contar a ele o que aconteceu no abrigo...

— Se isso fosse uma opção, Chefe a teria considerado.

— Você não pode estar sugerindo que todos nós nos sentemos aqui e não façamos nada?

— Por enquanto, é o que faremos. Kolya trará identidades diferentes para você e Jeremy e então podemos ir para outro lugar...

— Não. — Eu o interrompi, pondo-me de pé e olhando para os dois guardas. — Você afirma ser muito leal ao seu chefe e, no entanto, está satisfeito em apenas ficar sentado aqui, esperando por notícias de sua morte.

— acredite em mim, Sra. Volkov. — Boris range os dentes. — Se dependesse de mim, eu estaria lá fora com ele, morrendo por ele se necessário.

– Então por que você não está?

– Porque a última ordem dele foi proteger você e Jeremy.

Um estremecimento de corpo inteiro me oprime e estou tremendo de novo. – Não posso ficar aqui e não fazer nada. Eu não vou.

Yan suspira, seus ombros caem. – Chefe disse...

– Seu maldito chefe me deixou e foi para a morte, Yan. A opinião dele não importa. – Eu ando pela sala, minhas pernas tremendo e as lágrimas ardendo em meu rosto. – Deve haver algo que possamos fazer.

Uma ideia surge na minha cabeça e eu paro, olhando entre Yan e Boris.
– Meu pai.

– Seu pai? – Yan pergunta.

– Lazlo Luciano. Você disse que a falta de cooperação dele com a Bratva é parte da razão pela qual Sergei, Vladimir e Igor estão bravos com Adrian.

– Não, Lia.

– Sim, Yan. Se eu falar com ele, ele pode ajudar.

– Ou ele pode trancar você. Ele não tem filhos e se descobrir que sempre teve uma filha, não vai deixar você ir. Sem mencionar que ele vai descobrir que Adrian se casou com você para chegar até ele.

– Não saberei a menos que tente.

– Esta é uma má ideia.

— É a único que temos. — Eu fico olhando para Boris. — O que você acha?

— Acho que Chefe vai nos matar. — Ele faz uma pausa. — Mas ele não será capaz de fazer isso se estiver morto.

Yan endireita os ombros. — Eu sou contra isso.

— Sua opinião não importa. — Eu fico ao lado de Boris. — É dois para um.

Yan aponta o dedo para Boris. — Eu ficarei esperando quando Chefe pegar suas bolas.

— Terei prazer em deixá-lo se ele continuar vivo.

Ambos os guardas se encaram, mas mesmo com a expressão estoica de Yan, eu sei que no fundo, ele percebe que esta é nossa única chance de resgatar Adrian. Isto é, se ele ainda estiver vivo. O pensamento de sua morte traz uma nova onda de lágrimas aos meus olhos.

Não. Eu saberia se ele tivesse morrido. Eu teria sentido no canto do meu coração com o nome dele gravado nele. Esse canto está sangrando desde que ele saiu.

— Mamãe?

Minha atenção se volta para Jeremy, que está tirando o sono dos olhos e se aproximando de mim lentamente. Ele está vestindo seu pijama com naves espaciais desenhadas e seu cabelo está desgrehado.

Seu queixo treme enquanto ele me encara. — Porque você está chorando?

Eu limpo meus olhos com as costas das minhas mãos e me agacho para ficar no nível dos olhos dele. — Não é nada, meu anjo. Mamãe só está um pouco triste, certo?

Meu coração pula uma batida com a forma como eu disse 'certo' e estou prestes a me corrigir quando lembro que Adrian não está aqui. Não há nenhuma polícia de vocabulário com que se preocupar e isso traz uma nova onda de dor de cabeça.

Jer puxa a manga do pijama para baixo da palma da mão e a esfrega contra minha bochecha. — Está tudo bem, mamãe. Papai e eu vamos fazer isso melhorar.

Preciso de tudo em mim para não desmoronar ali mesmo, por que essas palavras? Elas são as mais verdadeiras que já ouvi. Adrian e Jeremy sempre o tornaram melhor. Não importa o quão difícil tenha ficado, tê-los ao meu lado sempre ajudou, mesmo quando eu estava cega demais para ver.

— Onde está o papai, mamãe?

Eu abraço Jeremy no meu peito, alisando seu cabelo. — Ele não está aqui, meu anjo, mas a mamãe o trará de volta.

Capítulo Vinte e Quatro

Lia

Nunca pensei em conhecer meu pai antes. Quando vovó me contou quem ele é e o que faz, achei que tinha sorte de nunca ter estado em seu caminho e decidi continuar assim. Eu nem tentei descobrir seu nome ou cavar para descobrir sobre ele. Em parte porque pensar nele trouxe de volta memórias dolorosas da Itália e da morte de meus pais. Em parte porque eu não queria ser pega nesse tipo de vida.

Depois que soube que Adrian se aproximou de mim por causa de quem é meu pai, doeu tanto que desejei que ele nunca tivesse me tido. Desejei que meu pai verdadeiro fosse o gentil Paolo Morelli, que cuidou de mim e de minha mãe. Desejei não ter nenhuma relação com Lazlo Luciano.

Agora é diferente. Agora, estou bem ciente de que ele é possivelmente minha última chance de manter vivo o amor da minha vida, de lutar por minha família e protegê-la. Adrian sempre foi nosso escudo, e agora percebo o quanto eu considerava isso garantido. Eu até esqueci que tipo de horrores nos aguardam lá fora sem ele. Agora, é minha vez de salvá-lo.

— Isso é ruim, — Yan resmunga enquanto paramos na frente da casa de Lazlo em uma das seções exclusivas do Brooklyn.

Voamos para cá o mais rápido que pudemos e levamos treze horas que não tenho sobrando. Tenho tentado ligar para Adrian, Kolya e Fedor, mas tudo que recebi são seus correios de voz. Yan tentou me acalmar, dizendo que eles provavelmente estavam em uma reunião, mas eu quase tive um colapso cada vez que não conseguia alcançá-los. A única coisa que me manteve composta foi Jeremy.

Meu filho está de volta em casa com Boris e Ogla, que surpreendentemente também concordaram com meu plano. Yan é o único que não fez isso e tem reclamado de mim durante todo o caminho até aqui, mesmo quando ele insistiu em ir junto.

— Se você odeia tanto isso, você poderia ter deixado Boris vir em seu nome.

Ele zomba. — De jeito nenhum. Eu disse ao chefe que iria protegê-la com minha vida e é isso que pretendo fazer. Além disso, nem pense em me trocar por Boris. Um, ele é chato. Dois, sou mais jovem e melhor de olhar.

— Eu não estava. — Eu sorrio para ele. — Estou feliz que você esteja aqui comigo.

— Você nunca vai se livrar de mim, mesmo que o Chefe tenha um ataque de ciúme e me mande de volta para o Spetsnaz. Vou encontrar uma maneira de rastejar de volta aqui.

— Você diz isso como se eu fosse deixar.

Ele me dá um sorriso torto. — Claro que não.

Eu fico olhando para a casa enorme. Suas paredes são altas, não permitindo nenhuma visão de dentro, e várias câmeras piscam em cada canto. Meu pai está em algum lugar neste lugar. Ainda é surreal pensar que tenho um pai vivo.

— Você está pronto, Yan?

— Eu deveria te perguntar isso. Os Luciano são brutais, Lia. Lazlo e seus irmãos têm governado as famílias italianas em Nova York com punho de ferro e não hesitarão em derramar sangue se isso servir aos seus objetivos.

— Você se esquece de algo, Yan. Não importa o quão brutais eles sejam, eu sou o sangue deles e isso deveria contar para alguma coisa. — Pelo menos eu espero que sim.

— Vamos ver.

— O que devemos fazer agora? Existe um sino?

— Não haverá necessidade disso. — Yan inclina a cabeça na direção de uma câmera que pisca. — Eles já nos viram.

Com certeza, o portão se abre com um som alto e assustador e eu empurro antes de me ancorar no lugar.

Um guarda com um rosto pontudo e uma estrutura volumosa que faz com que seu terno pareça anão vem para fora e fica na nossa frente com os ombros retos. Quando ele fala, é com um acentuado sotaque italiano. — Sra. Volkov, a que devemos esta visita?

Bom. Ele me reconhece. Yan disse que sim, que não importa o quanto Adrian tenha me mantido escondida e fora dos holofotes, todos no mundo do crime têm como missão saber sobre sua família.

Endireitando meus ombros, eu falo em um tom firme. — Gostaria de encontrar Lazlo Luciano.

— Temo que isso não seja possível sem um convite pessoal de *Don*.

— Ele iria querer me encontrar.

O guarda permanece inalterado. — Ainda é impossível, *Signorina*.

Eu fico na frente dele, encontrando sua impassibilidade com um olhar feroz. — Me escute. Vim aqui para encontrar Lazlo e não irei embora enquanto não o fizer.

Ele me encara, mas não diz nada.

— Eu sou filha dele, — eu sussurro. — Diga a ele que sou sua filha ilegítima com Rachel Gueller.

O guarda estreita os olhos.

— O que você está esperando? — Yan cospe fora. — Faça.

— Não acredito em você, — diz o guarda.

— Eu não poderia me importar menos se você acredita em mim ou não, mas garanto que você vai se arrepender se ele descobrir que eu vim aqui e você me rejeitou só porque se recusa a checar com ele.

O guarda nos encara por um segundo antes de se virar e entrar.

— Está feito? — Eu sussurro para Yan.

— Ele provavelmente está ligando para ele. Agora é tudo com Lazlo.

Apenas um minuto se passa, mas parece uma eternidade até que o guarda volte. — O Don verá você agora.

Meu coração bate forte quando eu compartilho um olhar com Yan. O guarda nos leva para dentro, mas antes que possamos entrar na mansão, ele balança a cabeça para Yan. — Só a *signorina*.

Os ombros do meu amigo ficam rígidos. — Eu vou com ela.

O guarda dá um passo à frente, olhando para ele, provavelmente pronto para expulsá-lo à força.

Eu toco a mão de Yan e mostro um sorriso corajoso. — Eu vou ficar bem, Yan. Espere por mim aqui.

Ele não parece convencido, mas também não age como um estúpido e causa confusão quando somos obviamente muito menos numerosos que os incontáveis guardas que vimos em cada canto da propriedade.

— Última porta à esquerda, *Signorina*, — o guarda me diz, apontando para dentro.

Sigo o caminho que ele me mostrou, descendo um longo corredor com várias pinturas renascentistas penduradas nas paredes. Quando chego à porta, meu batimento cardíaco está irregular e irrequieto.

Você pode fazer isso, Lia.

Depois de inspirar profundamente, bato na porta.

Um rude — Entre, — me impele a abri-lo e entrar.

Música de piano suave enche o lugar. *Chopin.*

Eu esperava encontrar um escritório, mas é uma sala de jantar. A grande mesa acomoda mais de cinquenta pessoas, como a de um castelo, e as cadeiras que a rodeiam são altas e com bordas douradas. Na cabeceira da mesa está sentado um homem que parece ter quase 50 anos, mas seu cabelo é completamente branco, embora seja espesso. Seu físico parece adequado para alguém de sua idade, com os músculos preenchendo seu terno. Uma cicatriz desce diagonalmente pelo rosto, nas bochechas. Seus olhos, entretanto? Eles são exatamente da mesma cor que os meus, azul, misterioso. Assombrada.

Este é meu pai.

Eu já o vi algumas vezes antes nos banquetes da Bratva, mas nunca parei para olhar para ele, nem mesmo para ver a semelhança entre nós. Sempre mantive uma barreira entre mim e aquela parte da vida de Adrian, à qual Lazlo pertencia. Ele está sozinho na sala de jantar. Nenhum guarda ou membro da família presente. Ele não está preocupado que eu possa fazer algo com ele? Embora ele pudesse me dominar facilmente se fosse esse o caso. E ele provavelmente tem alguns guardas escondidos em lugares invisíveis.

Ele está cortando um pedaço de bife na frente dele enquanto me observa com seus olhos penetrantes. Eu fico a alguns assentos de distância, encontrando seu olhar.

— Sra. Volkov, — ele diz lentamente, com um sotaque italiano distinto.
— Meu guarda me disse que você afirma ser minha filha.

— Não é uma afirmação. — Eu engulo meus nervos. — Eu sou sua filha com Rachel Gueller.

— Como você sabe desse nome?

— Ela era minha mãe.

— O nome da sua mãe era Morelli.

Eu franzo a testa.

— Você pensou que eu não faria uma verificação de antecedentes da esposa de Adrian quando ele é meu aliado mais próximo na Bratva?

— Então você sabe que meu pai era Paolo Morelli e que eu nasci na Itália.

— Correto. É por isso que gostaria de saber por que afirma ser minha filha.

— Minha mãe foi forçada a deixar os Estados Unidos depois que engravidou de mim e se casou com meu pai, padrasto.

— Onde você quer chegar? — Ele continua cortando o bife, mas não leva nada à boca. — Adrian está ciente do que você está fazendo? Se ele sabe...

— Ele não saberá, porque está em perigo. — Eu me aproximo dele em passos rápidos, mas se meus movimentos bruscos alarmam Lazlo, ele não toma nenhuma providência. Em vez disso, ele me observa de perto quando

estou um passo à frente dele. — Não tenho certeza do que mais dizer para fazer você acreditar em mim e provavelmente estou perdendo meu tempo, mas saiba de uma coisa, minha mãe era feliz na Itália e com meu padrasto, mas às vezes, eu a via chorando sozinha. Às vezes, ela me abraçava e dizia que gostaria que fosse diferente. No dia em que aqueles homens vieram e mataram ela e papai, eu desejei que fosse diferente também. Sei que alguém me escondeu e contrabandeou para os Estados Unidos, mas não tenho ideia de quem foi ou por que o fez. Tudo o que tenho certeza é que tinha algo a ver com você e os Rozettis e que Luca poderia estar trabalhando com eles...

Eu paro quando ele libera os utensílios e estende a mão em minha direção. Estou prestes a recuar quando Lazlo envolve os dedos em torno do pingente que está aparecendo no meu casaco.

Seus olhos se arregalam enquanto ele passa as pontas dos dedos pela superfície com cautela infinita. — Como você conseguiu isso?

— Mamãe me deu.

— Eu dei para Rachel. Ela disse que era um presente precioso e ela o passaria para o nosso filho se tivéssemos um. — Ele me encara com o que parece admiração. — Você... é minha filha.

— Eu acredito que sim.

— E eu nunca soube que você existia.

— Acho que alguém tentou muito fazer isso, mas você não sabia.

— Ou algumas pessoas. — Sua expressão aperta. — Você mencionou um Luca?

— Você o conhece?

— Luca Rozetti.

— O sobrenome dele é Brown.

— É a merda do Rozetti. Ele e sua família tentaram todos os truques sob o sol para me destruir, mas eu nunca pensei que eles iriam tão baixo a ponto de esconder você de mim. — Ele se levanta e acaricia meu rosto. — Minha filha. Meu sangue.

Eu engulo com o tom de sua voz, com a forma como seus olhos suavizam como se ele estivesse encontrando um tesouro perdido há muito tempo.

— Eu deveria ter encontrado você antes. Se eu soubesse que Rachel tinha você, eu a teria seguido. — Ele bate na cicatriz em sua bochecha. — Eu deveria ter percebido que algo estava errado quando ela me deu isso.

— Mamãe fez?

— Sim, embora tenha sido um pouco por acidente. Ela não aceitou bem meu noivado com minha esposa atual e segurou uma faca, então eu a deixei em paz. Eu estava tentando desarmá-la quando ela me cortou. Essa foi a última vez que a vi.

— Como é que você... não a machucou por isso?

— Eu a machuquei o suficiente escolhendo outra mulher ao invés dela. Você, no entanto, eu não sabia sobre você. Se eu tivesse, teria sido diferente.

— Você teria se casado com minha mãe?

— Não. Mas eu teria criado você.

— Deve ser por isso que ela escolheu ficar longe.

Eu posso dizer que ele não gostou da minha resposta, mas ele não insiste no assunto.

— Como você sabia? — Ele faz uma pausa, estreitando os olhos. — Adrian descobriu e manteve você longe de mim?

— Não, não, ele não o fez.

— Então quem te contou?

— Luca.

— Imundo Rozetti. — Ele pragueja baixinho em italiano.

— Qual é o seu problema com eles, afinal?

— Sempre temos guerras territoriais. No entanto, eles cometeram o erro de matar meu pai, então, por sua vez, estamos matando todos eles.

Típico.

Sua expressão se suaviza quando ele aperta minha mão. — Estou feliz que você veio, Lia. Você é um presente que finalmente recebi.

— Se eu sou um presente, por favor me ajude.

— Fale.

— Meu marido, Adrian. Ele foi levado por Sergei porque eles acreditam que ele matou Richard Green para ajudá-lo e trair o Bratva. Você é o único que pode corrigir o mal-entendido.

— Eu não me envolvo nos assuntos internos da Bratva e eles não permitem a entrada de estranhos.

— Você disse que me ajudaria em qualquer coisa.

— Não quando se trata de negócios da Bratva. Além disso, não acredito que foi por mero acaso que Adrian acabou se casando com você. Ele sabia da sua relação comigo há anos, mas escolheu manter isso em segredo, e só por isso, não vou ajudá-lo.

— Ele é meu marido e pai do meu filho. Se você não o ajudar, pode esquecer que já teve uma filha.

— Você está me ameaçando, Lia?

— Se for necessário. Não quero ameaçá-lo e realmente quero que sejamos diferentes e que eu o conheça, então, por favor, ajude-o. Me ajude.

— Você vai me permitir a chance de conhecê-la?

— Sim, eu vou.

Ele grunhe. — Vou tentar, mas não tenha muitas esperanças. Sergei não gosta quando alguém se envolve em seus assuntos internos.

Um enorme sorriso estica meus lábios. — Eu tenho um plano.

Capítulo Vinte e Cinco

Adrian

É estranho o quanto alguém pensa quando não há mais nada para fazer.

Estou sentado no chão gelado, com as costas apoiadas na parede igualmente fria. Minhas pernas estão dobradas e minhas mãos ficam moles em cima dos meus joelhos. Meu cérebro tem estado em um estado de aceleração constante desde que Sergei me trancou em seu porão ou melhor, em sua câmara de tortura.

Eu sei o que ele está fazendo. Ao me colocar em uma sala fria com dispositivos de tortura dispostos sobre a mesa, ele está mostrando o que ele poderia fazer comigo antes da minha morte. Vladimir já revelou suas intenções me socando algumas vezes até que ele estourou meu lábio e machucou meu peito. Ele disse que era apenas uma introdução, até que ele consiga permissão para se livrar de mim.

No entanto, há algo que nem ele nem Sergei parecem entender. Eu não dou a mínima para ser torturado ou morto. Infligir esse tipo de destino a inúmeras pessoas me preparou totalmente para aceitá-lo assim que vier.

Mas isso foi antes de me casar com Lia. Em algum ponto, protegê-la tornou-se a prioridade da minha vida e eu sobrevivi, se não por nada,

apenas por esse propósito. Agora que é impossível para mim viver, não consigo parar de pensar em como será a vida dela depois que eu morrer.

Sei que Kolya, Yan, Boris, Ogla e os outros farão o possível para garantir que ela e Jeremy sejam bem cuidados. Não só venho de uma família rica, mas sempre investi em vários empreendimentos para aumentar esses ativos. Tenho fortuna suficiente para sustentá-los por gerações e eles nunca teriam que se preocupar com dinheiro. Mas isso ainda não me deixa à vontade, provavelmente porque pensei que sempre estaria lá para eles. Que eu passaria o resto da minha vida protegendo-os do mundo.

Eu não deveria ter feito suposições. Normalmente não faço isso, mas não será a primeira vez que vou contra meus princípios e cursos normais de ação por causa de Lia.

Tudo começou quando eu não a usei assim que soube que ela era filha de Lazlo e, em vez disso, optei por mantê-la. Isso continuou quando rompi meu noivado perfeitamente lógico para me casar com ela. Depois disso, todas as minhas decisões foram tomadas com o único propósito de protegê-la, mantê-la mais perto e acorrentá-la a mim, mesmo que isso significasse machucá-la no processo. Agora que vou embora, a ideia de deixá-la sozinha dói mais do que eu pensei que faria.

Dói a ponto de estar considerando outras opções para resolver a situação atual. Se eu seguir o que Sergei quer e me divorciar dela, posso escondê-la em um lugar que ele não consegue encontrar. Serei capaz de visitá-la com frequência...

Não.

Ele faria de sua missão terminar a vida dela. Além disso, eu ficaria louco se ela não estivesse à minha vista o tempo todo. Eu sempre acharia que algo aconteceu com ela e que ela está ferida, ou pior, morta. Mas isso não é melhor do que não saber como ela está? Eu poderia inventar maneiras de desafiar Sergei, para fugir se for preciso. Ir para outro canto do mundo onde estamos apenas Lia, Jeremy e eu.

A irmandade é tudo que conheço desde que era menino. A única casa que eu tinha, mesmo depois da morte dos meus pais. Quando meu pai foi morto a tiros em uma das tentativas de assassinato de Nikolai, eu já estava insensível naquele ponto e não pensei duas vezes sobre ele. Porque eu ainda tinha um lugar ao qual pertencia a Bratva.

Mas estou pronto para jogar tudo fora se isso significar manter Lia segura e comigo. Soltando uma respiração profunda, eu me levanto cambaleando. Estou prestes a bater na porta e exigir falar com Sergei quando ela abre. Vladimir e Kirill aparecem na soleira. O homem corpulento me encara com um grunhido nos lábios enquanto Kirill está sorrindo.

Isso deve ser um bom sinal. Vladimir nunca gostou de mim de verdade, principalmente porque acredita que sou tratado melhor do que o resto dos irmãos e porque pensa que quero machucar sua amada Rai, a neta anterior de *Pakhan*, a quem ele jurou proteger Kirill, no entanto, sempre estive do meu lado, mesmo quando ele manipulou seu caminho para descobrir meus segredos para que ele pudesse usá-los para forçar minha mão.

— Saia, — Vladimir diz. — O *Pakhan* quer ver você.

Eu saio e olho para o sol da manhã brilhando nas janelas compridas.

— Por que, Adrian. — Kirill envolve um braço em volta do meu ombro.

— Eu o deixo por um momento e você é espancado pelo nosso bruto, Vladimir?

O último grunhe. — Ele mereceu.

— Ninguém merece seus socos, — Kirill diz com indiferença absoluta, então sussurra. — Você tem surpresas.

— O que você está falando?

Kirill levanta uma sobrancelha. — Você quer me dizer que não planejou toda a situação?

— Que situação?

Kirill franze a testa. — Eu sei que você planejou isso, então nem finja que você não está ciente disso.

Antes que eu possa perguntar o que diabos ele está insinuando, Vladimir abre a porta da sala de jantar. Se Sergei está me trazendo aqui, ele deve ter organizado uma reunião interna para a irmandade. Com certeza, todos estão presentes. Igor, Mikhail, Damien, Rai e Kyle. Seus guardas seniores estão todos aqui, assim como Kolya. Ele está perto da minha cadeira que ficou vazia à direita de Sergei.

Vladimir e Kirill ocupam seus assentos habituais. Sem saber se tenho ou não permissão para sentar na mesa do Pakhan, eu permaneço de pé.

— Você está uma merda, Adrian, — Damien diz enquanto mastiga um doce. — Essa é a primeira vez.

Rai coloca sua xícara de café na mesa e fala em um tom reprovável. — Você não deveria ter batido nele, Vlad.

— Eu faria de novo. Ele nos traiu, porra.

— Agora. — Kirill sorri. — Traição é uma palavra forte, Vladimir. Ele só teve um lapso de julgamento, muito raro, que deve ser levado em consideração.

— Ele ainda colocou o melhor interesse de outra organização antes da irmandade. — Igor me encara. Ele nunca me perdoou por escolher Lia em vez de sua filha e provavelmente nunca o fará.

— Não intencionalmente, no entanto. — Mikhail franze a testa, sua confusão clara. — Certo, Volkov?

Damien zomba. — Algum de vocês realmente acredita que Adrian faria qualquer coisa sem um plano prévio? Ele planeja tudo e tem problemas de controle maluco. Até eu posso descobrir isso.

— Eu acredito nisso. — Kyle pega a mão de Rai na sua e beija os nós dos dedos dela. Ele é magro, bonito demais para seu próprio bem e britânico. — Se alguém tocasse na minha esposa, eu o massacraria com minhas próprias mãos, mesmo que fosse o maldito presidente.

Pelo menos ele entende.

Vladimir olha para Kyle e depois para mim. — Isso não lhe dá o direito de colocar em risco os negócios da irmandade.

— E seja reservado sobre isso, — diz Igor.

— Podemos apenas escolher um castigo e acabar com isso, — sugere Mikhail.

Damien levanta a mão. — *Pakhan*, eu! Eu quero dar um soco no rosto de Adrian algumas vezes.

Kirill joga um guardanapo nele. — Cale a boca, Orlov.

— *O que?* Vladimir fez isso, por que não posso?

— Você não tem nada a dizer? — Rai me encara. — Você deveria explicar.

— Eu já fiz para o *Pakhan*. Não tenho mais explicações a oferecer.

— Você deveria, — Kirill grunhe. — Faça valer a pena.

— Eu matei Richard porque ele agrediu minha esposa e a teria estuprado se ela não se defendesse. Eu faria tudo de novo se tivesse a chance. Se você considerar essa traição, pode ir em frente e me punir por isso. Não tenho mais nada a dizer sobre o assunto.

Sergei me encara. — Eu deveria matar você.

— Faça isso, *Pakhan*, — diz Vladimir.

— *Pakhan*, — Kirill fala em um tom apaziguador. — Ele tinha uma razão convincente.

— Uma que ele escondeu de nós até descobrirmos por conta própria, — responde Igor.

— Eu planejava matar você para dar o exemplo, — continua Sergei. — Mas eu tive uma visita curiosa tarde da noite.

— De quem? — Mikhail pergunta.

Vladimir estala a língua.

— Lazlo Luciano e seu subchefe. — Sergei entrelaça os dedos na mesa. — Ele disse que compartilharíamos seu novo prefeito e até nos daria uma concordância com os cartéis com os quais ele assinou, mas tinha uma condição.

— *O que?* — Damien enche a boca com um cupcake. — Não nos deixe em suspense, Pakhan.

— Ele só vai lidar com *Adrian*.

Embora eu tenha pedido a Lazlo para me ajudar no passado, eu sabia que ele não faria isso tão prontamente, e certamente não com seu subchefe presente. Nicolo Luciano é muito cauteloso e sempre questionou qualquer movimento antes que Lazlo pudesse aceitá-lo. O irmão mais novo não concordou em compartilhar seu poder conosco quando eles planejaram secretamente nos colocar de lado depois de terem acabado de esmagar as outras famílias italianas.

O momento é perfeito demais, muito... conveniente. Como se Lazlo tivesse um grande empurrão.

Não pode ser. Eu estreito meus olhos para Kolya e ele abaixa a cabeça. Que porra?

— Se fosse qualquer outra pessoa ou qualquer outra circunstância, você teria uma bala na cabeça agora. Mas precisamos dos italianos e dos cartéis, e você garantirá que eles estejam sob nosso controle. — Sergei se levanta. — Isso não significa que você ficará livre de qualquer punição. Vou pensar em algo adequado à sua traição.

Eu concordo. — Estou livre para ir agora?

— Sim. Este é o seu primeiro e único ataque, Volkov.

Com outro aceno de cabeça, me viro e saio da sala de jantar. Kolya segue atrás de mim, e Fedor, que estava fumando em um canto longe de todos os outros guardas, se junta a nós, apagando o cigarro no caminho.

Eu controlo meu temperamento até que estamos no carro e estamos saindo da casa de Sergei. Encaro Kolya, que está sentado ao meu lado no banco de trás. — O que diabos aconteceu?

— Lazlo veio ao encontro de Sergei.

— Não é isso que estou perguntando. Como diabos ele estava convencido? A resposta determinará se você permanecerá vivo ou não, Kolya.

— Eu presumo que a Sra. Volkov se encontrou com ele.

— Você *presume*?

— Eu vi o rastreador se movendo quando estávamos no avião. Me mate se quiser, mas tive que fechar os olhos porque sabia que era a única maneira possível de mantê-lo vivo. Felizmente, funcionou.

Porra!

Eu o agarro pelo colarinho. — À custa de revelar as origens de Lia. À custa de arrastá-la para tudo isso. Agora, Lazlo nunca vai deixá-la ir.

— Quem se importa? Ela é sua esposa e fez a coisa certa ao ir para Lazlo. Se ela não tivesse feito isso, Sergei teria colocado uma bala na sua cabeça. Você não será capaz de protegê-la se estiver enterrado a quase sete palmos de profundidade, chefe.

Eu o liberto com um empurrão forte, meus dedos queimando com a necessidade de enfiar meu punho através de uma parede. Ou uma pessoa. A realidade da situação condenada bate em mim com uma violência que sangra em minhas veias.

Eu estou vivo. Eu estou. Mas a que preço?

Porque a partir de agora, será impossível manter Lia fora dos holofotes.

Capítulo Vinte e Seis

Lia

Eu não tenho conseguido dormir. Cada vez que tento, pensamentos sobre o estado de Adrian inundam minha mente. Ele está seguro? Ele está ferido?

E esses pensamentos me mantiveram acordada a noite toda, mesmo depois que meu pai ligou e disse que falou com Sergei. Adrian ainda não apareceu e Yan não pode alcançar Kolya ou Fedor.

Durante toda a noite, ou abracei Jeremy ou andei de um lado para o outro em seu quarto. Eu não poderia voltar para o quarto principal, não quando Adrian não estava lá. Além disso, minhas entranhas estão se torcendo com uma sensação estranha. Como se algo estivesse errado e eu devesse consertar.

Mas o que?

Deve ser sobre a situação de Adrian, embora, além do meu encontro com Lazlo, eu não tenha ideia do que mais posso fazer. Yan e Boris e até Ogla, estão me proibindo de visitar Sergei, dizendo que isso vai fazer mais mal do que bem.

Se Adrian não voltar para casa hoje, vou para a casa do *Pakhan*. Tenho que fazer algo além de ficar sentada esperando que uma bomba caia. Não pode ser tão assustador quanto conhecer meu pai, o próprio Don, depois de trinta anos sem nunca o conhecer. Mas mesmo que seja assustador, estou pronta para enfrentar o que quer que a vida jogue no meu caminho.

Estou pronta para lutar. Chutar. Arranhar.

Uma potente onda de energia está girando dentro de mim desde o momento em que percebi que não tenho escolha a não ser dar um passo à frente para salvar nossa família. Pode não ter começado da maneira mais convencional e não somos perfeitos de forma alguma, mas ainda é nossa família. Minha e de Adrian.

Cubro até o queixo um Jeremy adormecido e me levanto. Já é de manhã cedo e com certeza Yan ouviu algo sobre Adrian. Depois de colocar meu casaco, vou para fora e faço o meu caminho para a casa de hóspedes. Meus pés param quando vejo uma sombra na janela à frente.

No início, acho que estou imaginando coisas de novo. Que minha mente está jogando um jogo doentio comigo depois de me deixar sozinha por semanas. É o estresse? É por isso que estou vendo pessoas que não deveriam estar lá?

A sombra, Winter, desaparece da janela. Eu agarro meu pulso e cravo minhas unhas na pele, e meus lábios se abrem quando a dor explode no local atacado. Você sabe o que? Parei de pensar que estou louca. Minha mente faz isso muito bem sem eu contribuir para isso também.

Eu solto meu pulso e marcho para a casa de hóspedes. Um dos guardas me cumprimenta na entrada e eu aceno de volta enquanto passo por ele. Subindo as escadas de dois em dois degraus, luto para manter a respiração sob controle. Quando chego ao quarto de Winter, meu coração está batendo tão alto que posso ouvir em meus ouvidos.

Eu entro e, ao contrário do que testemunhei há menos de um minuto, Winter está na cama, as máquinas apitando em um ritmo moderado enquanto ela dorme. O som errático da minha respiração áspera assusta a merda fora de mim quando eu sinto mãos invisíveis fechando em torno da minha garganta.

Mantendo minha voz calma, digo. — Abra os olhos. Eu vi você.

Nenhum movimento. É como se ela fosse uma estátua. Mas eu sei o que vi e não foi minha imaginação. Estou melhor agora, não tenho alucinações ou deixo minha mente assumir o controle total da minha vida.

— Winter... eu não sei por que você está fingindo estar em coma, mas é melhor se você acordar e me contar.

Nada. Eu arranco o lençol de seu corpo, mas ela permanece a mesma, quase como uma morta. Se eu quiser chegar até ela, preciso usar algo que a provoque.

— Estamos jogando você para fora, Winter. Terminamos de lhe dar um teto sobre sua cabeça e injetar alimento em sua corrente sanguínea quando você não significa nada para nós. Ou uma organização de caridade cuidará de você ou eles simplesmente a deixarão para morrer.

A pulsação no monitor aumenta. Sim, está afetando ela. Agora, tudo que tenho que fazer é continuar até que ela ceda, mesmo que eu não queira dizer nenhuma das palavras.

— Se você não abrir os olhos e me dizer por que está fingindo estar em coma, vou garantir que este seja o último dia em que você viverá...

Um grito alto ecoa no ar quando ela salta para frente, puxando uma seringa de debaixo do travesseiro. Eu recuo, mas ela pula em cima de mim, fazendo com que o tubo intravenoso seja arrancado de seu braço.

Nós duas caímos no chão e ela monta em mim, colocando a seringa no meu pescoço. Seu peito sobe e desce com tanta força que é quase anormal. Seus olhos, da mesma cor que os meus, são evasivos, largos, praticamente enlouquecidos.

— Você não podia simplesmente me deixar em paz, sua vadia? — Ela rosna.

A agulha da seringa roça meu pescoço e eu engulo em seco antes de suavizar minha voz. — Por que... por que você fingiu estar em coma?

— Porque seu maldito marido disse que me torturaria para obter respostas assim que eu abrisse meus olhos. — Ela respira com dificuldade. — E toda essa porra de casa está cheia de guardas e pessoas, então eu não poderia simplesmente sair. Se ele descobrisse que eu acordei, ele teria me matado.

Oh.

Ela deve ter estado ansiosa o tempo todo, ganhando tempo e fingindo que estava dormindo. Mas pelo lado bom, eu não estava imaginando coisas quando a vi pela janela na outra vez ou quando ela olhou para mim outro dia. Eu não sou louca.

— Está tudo bem, Winter. Eu vou te ajudar.

— Você acabou de dizer que me mataria.

— Isso foi só para você desistir do ato.

— Como vou saber se você não vai me entregar ao seu marido mafioso?

— Eu nunca faria isso. Eu coloquei você nessa bagunça e vou tirar você de lá. Eu prometo.

— Eu não acredito em você... — Seus lábios tremem. — Todo mundo aqui me quer morta.

— Isso não é verdade, Winter. Eu não quero te fazer mal.

— É por isso que você me enviou, sabendo que seu marido me reconheceria imediatamente e tentaria atirar em mim?

— Eu não sabia disso... mas deveria saber. Eu estava tão desesperada que queria acreditar que ele seria enganado, mesmo que isso fosse logicamente impossível. Eu sinto muito.

— Ele vai me matar. — Suas mãos tremem na agulha.

— Eu não vou deixar. Você tem minha palavra. Na verdade, vou deixar você sair pela porta agora.

— Você irá?

Eu concordo. — Então, por favor, deixe cair a seringa.

Ela me encara como se quisesse acreditar em mim, mas, ao mesmo tempo, ela não confia em mim. Eu permaneço imóvel, persuadindo ela com meu olhar, esperando que ela me deixe ir. Winter não é uma pessoa ruim, mas ela é uma sem-teto, então ela não confia facilmente e ela tem todo o direito de não confiar, considerando como a vida a chutou enquanto ela já estava para baixo. Demora um bom tempo antes de puxar a agulha do meu pescoço e se levantar lentamente. Eu faço o mesmo para que estejamos uma de frente para a outra.

— Obrigada, — eu digo.

— Me tire daqui.

Abro a boca para concordar quando a porta se abre. Meus lábios se abrem quando ninguém menos que Adrian entra. Ele puxa sua arma e Winter pula para trás. Eu corro na frente dela quando o tiro é disparado.

Capítulo Vinte e Sete

Lia

Eu não penso duas vezes enquanto pulo na frente de Winter. Porque não tenho dúvidas de que Adrian não hesitará em matá-la se perceber que ela representa um perigo para mim. Quando o tiro ecoa no ar, fecho meus olhos, pronta para a chama de dor.

Não vem nada.

Meu olhar frenético vai para Winter enquanto a encaro. Além do tremor e de sua pele pálida, não parece que ela foi atingida também. Braços fortes me abraçam por trás, me girando, e eu olho para Adrian. Sua testa está franzida e há sangue seco em seus lábios. Ele é robusto, machucado e não está com a postura normal, mas está vivo.

Ele voltou.

Oh Deus. Ele está de volta e está vivo.

— Você tem a porra de um desejo de morte, Lia? — Ele me sacode, ameaça e o que parece ser dor vinca suas sobrancelhas. — Por que você entrou na frente da bala? Se eu não tivesse mudado a direção no último segundo, você teria levado um tiro.

— Eu... eu não podia deixar você prejudicar Winter.

— Ela tem uma porra de uma seringa.

— Ela não ia me machucar.

Kolya entra e arranca a seringa de sua mão. Ela não luta, não que ela pudesse, e o deixa confiscar sua arma. Lágrimas rolam por suas bochechas quando o segundo em comando de Adrian puxa seus braços para trás, prendendo seus pulsos com uma das mãos.

— Eu não queria... por favor, não me machuque. — Ela balança a cabeça, os olhos encontrando os meus. — Lia, por favor.

Eu me solto do aperto de Adrian e os encaro. — Kolya, deixe ela ir.

Ele não se move, seu olhar encontra o de seu chefe. Portanto, dirijo minha atenção para meu marido.

— Adrian... diga a ele para deixar ela ir.

Seu olhar crítico estuda Winter de perto, obviamente tentando descobrir por que ela está acordada. — Não até que eu tenha certeza de que ela não é um perigo.

— Ela não é.

— Você não sabe disso. — Meu marido me puxa para o lado dele com uma mão firme em volta da minha cintura e se dirige a Kolya. — Fique de olho nela até novo aviso.

Ele se vira para sair e joga por cima do ombro. — E diga a Yan e Boris para planejarem a porra de seus funerais.

E com isso, ele me arrasta para fora do quarto e da casa de hóspedes. Eu me contorço, tentando fugir, mas o aperto firme de Adrian me impede de fazer qualquer coisa significativa. Quando entramos na casa, ele me libera por causa da minha agitação constante.

Eu planto meus pés no chão e coloco a mão em meu quadril. — Qual é o seu problema? Winter não fez nada de errado.

— Ela pensou que poderia tomar o seu lugar. Isso é o suficiente para ser considerado errado no meu dicionário.

— Eu fiz isso. Fui eu quem a convenceu, então se você quer punir alguém, me puna.

— Oh, vou punir você, Lia, e não tem nada a ver com Winter. — Ele me agarra pelo cotovelo. — Que porra você está fazendo aqui? Você deveria ter ficado na Rússia como eu ordenei.

— E esperar pacientemente por notícias de sua morte? — Eu aponto um dedo em seu peito. — Eu nunca faria isso. Não vou ficar quieta quando puder te ajudar.

— Me ajudar se expondo a Lazlo? Você acha que ele vai te deixar em paz agora?

— Eu não me importo com nada disso. A única coisa que eu conseguia pensar era em te trazer de volta com vida. — Minha voz falha e as lágrimas que resisti na noite passada invadem meus olhos. — Como você pôde fazer isso comigo? Como você pode me deixar para trás como se eu não significasse nada?

— Nada? — Sua mandíbula e voz se contraem. — Se você não significasse nada, eu não teria caminhado para a morte por você.

— Quem te pediu para caminhar em direção à morte por mim? Desde quando você é um herói? Você é um vilão, então aja como um e assuma a responsabilidade por suas ações.

— Minhas ações?

— Você me deixou viciada em você e incapaz de funcionar a menos que eu consiga minha dose, então não ouse pensar que pode ir embora e esperar que eu o deixe ir sem lutar. — Lágrimas caem em cascata pelo meu rosto e minha garganta se fecha com a força por trás das minhas palavras.

— *Lenochka...* — Ele estende a mão para mim e eu saio de seu alcance.

— Não me venha com *Lenochka*. Estou com raiva de você agora. Você tem ideia da quantidade de cenários que passaram pela minha cabeça quando corri atrás do carro e não consegui alcançá-los? Achei que seria a última vez que te veria, que ficaria viúva, que Jer ficaria órfão. Você teria me matado junto com você e acabado com a vida que você gastou muito tempo e esforço para salvar. O que você estava esperando? Que eu superaria você e pegaria os pedaços da minha vida como se você nunca tivesse estado nela?

— Com o tempo, sim. Não era isso que você sempre quis? Uma vida longe de mim?

— Idiota. Idiota do *caralho*. Você acha que eu posso viver longe de você quando foi você quem deu sentido à minha vida? — Eu fungo. — Eu só disse essas palavras por causa dos meus medos e nunca as quis dizer.

Seus olhos geralmente selvagens se suavizam, apesar do mapa de hematomas em seu rosto. — Não?

— Não! E você, então? Você realmente quer que eu siga em frente? E se eu encontrar outro homem, hein?

Toda suavidade desaparece e seus olhos se enfurecem com um cinza intenso enquanto ele aperta a mandíbula. — Kolya iria matá-lo.

— Ele não poderia matar todos eles.

— Ele poderia.

— Então eu iria encontrá-los nas costas de Kolya.

— Lia... — avisa.

— O quê, Adrian? *O que?* Você é quem queria que eu seguisse em frente.

— Que se foda. — Ele envolve um braço em volta da minha cintura e me puxa para ele, achatando minha frente contra seu peito duro enquanto ele respira com dificuldade. — Você acha que eu iria querer você com outro homem? Isso é como me estripar com minhas próprias mãos. Você é minha e eu só quero que você continue minha, não de outra pessoa.

— Então não diga que você vai me deixar de novo. Você é minha última parada e pretendo ficar, não seguir em frente.

— Você também é minha última parada.

Meu coração palpita e meu estômago se agita com a ternura e determinação em seu tom. Ficamos assim por alguns segundos, absorvendo as existências um do outro. Quero abraçá-lo e chorar em seu peito como naquela vez no hospital depois que minha carreira acabou.

Já se passaram muitos anos, mas ainda olho para trás, para aquela memória, como o momento em que comecei a me apaixonar por ele. O balé era a única coisa que fazia sentido na minha vida e quando o perdi fiquei sem rumo e sem propósito. Tudo parecia inútil e vazio.

Ele foi a exceção. Ele não apenas preencheu lentamente as lacunas, mas também me proibiu de fugir. Ele se tornou meu escudo e continuou mesmo quando eu arranhei a armadura e tentei destruí-la.

Um suspiro profundo o deixa. — Você tem que ter em mente que só vai piorar agora.

Eu pisco, puxando-me para fora do meu devaneio. — Piorar como?

— Lazlo obviamente vai pensar que escondi sua existência dele de propósito. Sergei e todos da irmandade ficarão de olho em nós dois. E ainda há aquele filho da puta, Luca, e ninguém sabe onde ele está se escondendo.

Minha palma está em seu peito e eu a acaricio levemente. Eu não quero parar de tocá-lo, senti-lo, ter certeza de que ele está realmente aqui e não morto. — Só pode piorar por algum tempo antes de melhorar.

Ele acaricia minha bochecha com a ponta dos dedos. — Eu não seria tão otimista se fosse você, *Lenochka*.

— Eu sou. Tudo o que você mencionou é assustador, mas nada disso me apavora tanto quanto a ideia de perder você. Enquanto estivermos juntos, posso superar qualquer coisa.

— É assim mesmo?

— Absolutamente. — Eu corro meus dedos sobre o corte em seu lábio e franzo a testa. — Dói muito?

— Não tanto quanto a ideia de nunca mais te ver ou de te deixar desprotegida.

— Então, nunca mais pense nisso de novo. Falo sério, Adrian. Você não conseguiria se livrar de mim mesmo se tentasse. Fizemos votos e pretendo mantê-los.

— Achei que você não gostasse desses votos.

— Quem disse que não?

Ele levanta uma sobrancelha. — O fato de que você me implorou para não casar com você.

— Eu odiei a maneira como você me forçou a isso sem falar comigo sobre isso enquanto eu ainda estava de luto pelo fim da minha carreira, mas nunca me arrependi de ter me casado com você. Era para acontecer mais cedo ou mais tarde.

— Exatamente como eu disse a você. Você finalmente está voltando às minhas palavras.

— Cale-se. — Eu fico na ponta dos pés e ele abaixa a cabeça para que eu possa roçar meus lábios nos dele.

As lágrimas ainda grudam em minhas pálpebras, mas são lágrimas de felicidade. Lágrimas de alívio. Porque, ao contrário de ontem, finalmente posso respirar. Eu finalmente tenho o ar de que estou privada desde o momento em que ele me deixou para trás naquela tempestade de neve.

Agora, tenho meu oxigênio de volta. E pretendo manter assim, mesmo que tenha que recorrer a formas que Adrian não aprovaria. O que meu marido não sabe é que ele não é o único empenhado em me proteger. Eu faria o mesmo.

Com minha vida, se for preciso.

Capítulo Vinte e Oito

Lia

Depois de ir consolar Winter e me certificar de que ela está confortável e sem Kolya sendo sua guarda do inferno, passo o resto do dia com Adrian e Jeremy. Nosso filho pergunta por que seu papai está ferido e eu digo que ele foi atropelado por bandidos. Meu marido ergueu as sobrancelhas para isso, mas não disse nada.

À noite, no entanto, Adrian me deixa para colocar Jeremy para dormir e vai para seu escritório. Eu sei exatamente o que ele vai fazer e não vou ficar parada e permitir que aconteça. Assim que Jer adormece, vou para o escritório e entro sem bater na porta. Com certeza, Adrian está sentado atrás de sua mesa enquanto Kolya, Boris e Yan estão em uma fila, suas posturas rígidas.

— O que você está fazendo aqui, Lia? — Meu marido não esconde seu descontentamento com a minha intromissão. Ele nunca gosta de mim perto de seus homens, a não ser por necessidade.

Embora eu tenha gostado da companhia de Yan no passado, fiz como minha missão ficar longe dos negócios de Adrian. Posso contar quantas vezes estive dentro de seu escritório, e a maioria delas tinha algo a ver com sexo.

Eu fiz um grande esforço para não me envolver no mundo da máfia, mas eu deveria saber que isso me alcançaria mais cedo ou mais tarde. Talvez ficar longe tenha sido a escolha errada. Eu deveria saber que minhas origens teriam um papel importante em minha vida.

Endireitando meus ombros, vou até a mesa de Adrian, como uma espécie de linha de frente para os homens que estão atrás de mim. — Eu sei o que você planeja fazer e não vou permitir.

Adrian bate o dedo indicador na superfície de madeira algumas vezes antes de parar. — O que você acha que eu vou fazer?

— Você vai punir Yan e Boris por me trazerem para casa. Não foi culpa deles. Eu insisto.

— Tudo bem, — diz ele com desdém. — Agora você pode ir.

— Não até que você me dê sua palavra de que não os machucará.

— Lia... — Um músculo aperta em sua mandíbula e ele parece estar controlando seu temperamento. — Este não é o seu lugar.

— Sim, ele é. Eu sou sua esposa e isso me dá o direito de tomar decisões tanto quanto você. Se eu não tivesse convencido Yan e Boris a seguir meu plano, você não estaria sentado nessa cadeira.

— Eles desafiaram ordens diretas e mostraram insubordinação.

— Para o seu bem!

— E isso a colocou em perigo.

— Está tudo bem, — diz Yan com um sorriso em sua voz atrás de mim.
— Estávamos preparados para isso.

— Nós podemos aguentar, — Boris concorda.

— Bem, eu não posso. Não vou permitir que vocês sejam punidos por algo que comecei. — Eu fico olhando para Adrian. — Então?

Ele forma uma torre com os dedos em sua mandíbula afiada, seu rosto e voz ainda fechados. — E então?

— Você vai prometer não machucá-los ou devo ficar aqui a noite toda até que você faça?

— Lia...

Eu me jogo na cadeira em frente à sua mesa e cruzo os braços. — Acho que vou ficar então. Não se preocupe comigo. Continue com o seu negócio.

Adrian estreita os olhos em mim e eu olho de volta, sem piscar. Permanecemos assim pelo que parecem minutos, ambos nos recusando a recuar. Se fosse eu do passado, eu teria me encolhido de seu intenso olhar implacável agora. Eu gostaria de terminar o conflito e escapar de sua aspereza brutal.

Mas perder minha identidade e viver como uma pessoa completamente diferente me ensinou a encontrar minha força interior. Para chegar dentro de minhas partes intocadas e revivê-las. Além disso, cansei de dar a Adrian reinado total sobre nossas vidas depois que ele usou esse privilégio para escolher a morte. Ele se casou comigo apesar do passado e dos meus

problemas mentais, apesar de quem eu sou filha, e agora, ele vai aprender o que isso realmente significa e as consequências que vêm com isso.

— Saia. — Sua voz ganha um tom agudo.

— Me dê sua palavra primeiro.

— Lia.

— Adrian.

— Você sabe que não vou deixar isso passar, não é?

Um arrepio repentino desce pela minha espinha com a promessa velada por trás de suas palavras. Eu estava bem preparada para ser punida por desafiá-lo, mas ouvir isso teve um efeito completamente diferente.

No entanto, isso não me impede de saber por que estou aqui. — Eu não me importo.

Meu marido aperta os lábios antes de soltar um suspiro. — Tudo bem.

— Tudo bem, o quê?

— Eu não vou machucá-los.

— Eu tenho sua palavra?

— Você tem. Você também tem minha palavra de que vai pagar por este pequeno show.

Eu me levanto e jogo meu cabelo por cima do ombro, em seguida, coloco a mão em sua mesa e me inclino para frente para que meu rosto

fique a poucos centímetros do dele e ele possa ter uma visão do meu decote. — Tudo bem por mim.

Seus olhos esquentam, ficando selvagens, e eu dou um passo para trás antes que ele me puxe para a mesa e me foda aqui e agora.

Eu não saio imediatamente, no entanto. — Oh, também. Estou deixando Winter ir.

— Não.

— Por que não? Ela não fez nada.

— Ela é sua sócia. Eu não posso deixá-la andando por aí sem supervisão. Se eu fizer isso, outros a usarão em seu benefício.

— Outros como quem?

— Como *Luca*.

Eu engulo na borda em seu tom. — Certo então. Quer dizer, tudo bem. Mas não podemos mantê-la trancada. Ela é inocente.

— Ela vai ter que ficar assim.

— Até quando?

— Até eu decidir para onde enviá-la.

— Você não a *enviará* a lugar nenhum. Ela é uma pessoa, não um gado.

— Eu a *enviarei* se eu achar necessário.

Eu amplio minha postura, olhando para ele. Eu amo esse homem, realmente amo, mas ele é tão apático às vezes que me deixa louca. Bem, ele

é apático na maioria das vezes. Os momentos em que ele não está são poucos e distantes entre si. Por que eu não poderia amar alguém normal?

Oh, certo. Porque eu não estou nem perto do normal.

— Vou passar um tempo com ela. — Eu me viro e saio antes que ele possa dizer qualquer coisa.

Vou até a cozinha, aqueço a sopa e a caçarola de presunto que Ogla fez para o jantar, coloco numa bandeja e uma maçã e saio. Fedor e outro guarda me cumprimentam na entrada da casa, mas não se atrevem a me impedir. Todos eles me olham de forma diferente desde que Adrian foi dispensado por Sergei. Até Kolya, que parecia me odiar antes de deixar a Rússia, me agradeceu assim que voltaram.

É como se eu ganhasse o respeito deles ou algo assim. Yan estava sempre do meu lado, mas todos os outros eram cegamente leais a Adrian. Eu acho que eles devem perceber o quão tola foi sua decisão e que eles poderiam realmente tê-lo perdido. Eu poderia realmente tê-lo perdido. Esse pensamento me dá vontade de chorar de novo, mas respiro fundo, me recusando a seguir esse caminho. Encontro Winter em seu quarto, sentada em sua cama com os joelhos abraçados ao peito. Ela levanta a cabeça ao me ver e a esperança brilha em seus olhos azuis.

— Estou livre para ir agora?

Sento na cadeira ao lado da cama e coloco a bandeja na mesa de cabeceira. — Receio que não.

— Mas você prometeu.

— E eu vou manter essa promessa, mas não agora, Winter. Sua semelhança comigo te coloca em perigo imediato. Existem pessoas que querem me machucar e não hesitariam em fazer isso através de você.

Ela abraça os joelhos com mais força, os nós dos dedos ficando brancos.

— Eu... eu não posso passar todos os meus dias enfiada aqui. Eu sinto que estou ficando louca.

— Você pode ficar comigo e com Jeremy. Não somos realmente divertidos, mas somos melhores do que nada.

Ela inclina a cabeça para o lado, olhando para mim com interesse total.

— Por que você está fazendo tudo isso?

— Isso?

— Me ajudando.

— Porque eu sei como é estar sozinha, e como sua cabeça pode torturar a si mesma e a você.

— Obrigada, — ela sussurra. — Você não deveria se preocupar com alguém como eu.

— Que tipo de bobagem é essa? Todo mundo merece ser cuidado. — Eu descubro a comida. — Vamos, coma.

Ela estende a mão hesitante, então agarra a tigela de sopa, sem se preocupar com a colher enquanto bebe direto dela, terminando em alguns segundos. Mas ela demora com a caçarola de presunto, comendo devagar.

— Posso te perguntar uma coisa? — Ela pergunta entre mordidas.

— Certo.

— Você ainda quer escapar de seu marido?

— Não, — eu digo e quero dizer isso.

— Por que não?

— Eu nunca quis deixá-lo em primeiro lugar. Eu estava apenas... em um ponto em que estava perdida e pensei que deixá-lo era a escolha certa. Demorou muito para reconhecer que não era verdade e finalmente ver onde estão minhas verdadeiras prioridades.

— Muito legal. — Ela sorri um pouco. — Eu gostaria de saber onde estão minhas prioridades, além da minha próxima refeição.

— Você vai chegar lá. Vou te ajudar.

— Você irá?

— Definitivamente. Todo mundo merece uma segunda chance. — Pego a maçã e começo a cortá-la. — Me conte mais sobre você.

Passamos boa parte da noite conversando. Winter me conta sobre sua educação e como a vida era difícil e que, até me conhecer, ela sempre pensava em cometer suicídio, mas não tinha coragem de continuar com isso. Meu coração se parte por ela e por todas as merdas que ela passou, apesar de sua tenra idade. Acabo falando sobre balé e tudo o que aconteceu com ele. Winter me abraça quando chego à parte sobre minha tibia quebrada. Embora eu achasse que tinha superado essa parte da minha

vida, lágrimas brotam dos meus olhos com a lembrança e tenho que respirar fundo para não chorar.

Eu sugiro que ela fale com Dra. Taylor, já que ela me ajudou tremendamente com a terapia depois que voltei a ser Lia. Eu relutantemente a deixo quando ela boceja, prometendo a ela que ela poderá pelo menos ir comigo e Jer ao jardim amanhã. Na casa principal, coloco a bandeja vazia no balcão da cozinha e coloco os pratos na máquina de lavar.

— Eu cuidarei disso.

Eu pulo, colocando a mão no peito ao ouvir a voz monótona de Ogla.
— Você me assustou. Faça barulho, sim?

A mulher mais velha me encara com sua expressão esnobe característica. Ignorando o comentário dela, continuo colocando tudo na máquina de lavar, em seguida, pressiono o botão *Ligar*. Ogla observa todos os meus movimentos com atenção de falcão, com as palmas das mãos colocadas sobre o estômago, mas não diz uma palavra ou tenta sair.

É a primeira vez que ela voluntariamente passa mais tempo do que o necessário comigo. Ela geralmente está pronta para me deixar para trás e continuar com seus negócios.

Eu me inclino contra o balcão, cruzando os braços sobre o peito. — Se você tem algo a dizer, vá em frente, diga e poupe-nos do suspense. Se isso é sobre Winter e como Adrian pretende mantê-la trancada...

— Obrigada.

Se meu queixo pudesse atingir o chão, seria agora mesmo. — O que você acabou de dizer? Acho que estou ouvindo coisas.

— Obrigada por trazer o Chefe de volta. Você é a única que poderia ter feito algo assim.

Eu engulo para não engasgar com minha própria saliva, então limpo minha garganta. — Eu... eu fiz o que qualquer esposa faria por seu marido.

— Não, você foi além disso. — Ela faz uma pausa. — No começo, eu pensei que você era a escolha errada para ele.

Eu estreito meus olhos para ela. — Você preferiu Kristina, não é?

— Sim.

— Uau. Sua honestidade é cortante.

— Ela foi a escolha mais lógica para ele enquanto você estava... bem, desinteressada principalmente, então pensei que talvez ele tivesse cometido um erro grave. No entanto, ao longo dos anos, percebi que você pode ser o mais adequada para ele.

— Por que?

— Porque você o aceita do jeito que ele é. Nem mesmo seus pais fizeram isso.

Meu interesse desperta e eu me endireito um pouco. — Você está aqui desde que os pais dele estavam vivos, certo?

— Verdade.

— Desde sua madrasta?

— Sim.

— Como era o relacionamento dele com ela?

— Como o seu e o de Jeremy, sem cantar e dançar.

— Ele perdeu. — Eu sorrio, então suavizo minha voz. — E quanto a ele e sua mãe?

— Não era bom. Ela só o usava contra o pai.

— E o pai dele permitiu isso?

— Não quando ele estava por perto, mas ele não podia pará-la quando não estava.

— Pelo menos a relação dele com o pai era boa.

— Não exatamente. O falecido Sr. Volkov tinha... muitas expectativas do Chefe quando ele era apenas um menino.

— Não consigo acreditar como os pais dele foram cruéis. Mas acho que foi isso que o transformou em quem ele é hoje.

— Sim. Desde a morte de sua mãe, Chefe se tornou um adulto preso no corpo de uma criança, e ele se fecha cada vez mais à medida que envelhece.

— As linhas duras ao redor de seus olhos suavizam pela primeira vez desde que a conheci. — Até você.

— E-Eu?

— Ele saiu de sua maneira de fazer as coisas para você. Antes de você aparecer, ele nunca fazia refeições em horários regulares, não importa o quanto Kolya e eu resmungássemos sobre isso. Então ele me pediu para preparar lanches para que ele pudesse levar para você. Depois disso, ele pelo menos começou a jantar. E desde que se casou com você, ele arranja tempo para tomar café da manhã e almoçar com você também.

— Eu não sabia disso.

— Há muitas coisas que você mudou sobre ele.

Eu chego mais perto, com fome por mais. — Tal como?

— Sentimentos. Ele costumava fazer de sua missão sufocá-los, mas você os traz para fora. Em um ponto, a maioria deles era com raiva, no entanto.

— Bem, ele me deixou louca também.

Seus lábios se movem no que se assemelha a um sorriso, mas não chega lá. — Tenho certeza que sim.

— Obrigada, Oglá.

— Pelo quê?

— Estar lá para esta família. Para ele.

— Sou eu que devo agradecê-la por salvar a vida dele, mesmo que haja um preço a pagar.

— Um preço a pagar?

— Sergei e Lazlo não vão deixar isso passar. Certamente você sabe disso.

Eu sei. É por isso que tenho que fazer algo sobre isso antes que eles façam. O ataque é a melhor defesa. Trazer Adrian a bordo será a coisa mais difícil neste plano, no entanto. Mas, novamente, eu tenho meus encantos de esposa para usar. A guarda de Adrian está um pouco abaixada quando ele está dentro de mim ou depois que me fodeu, e não me importo de usar isso a meu favor.

Capítulo Vinte e Nove

Lia

Alguns dias depois, insisto em levar Winter para ver Dra. Taylor. Claro, o tirano Adrian não gosta e até diz que minha segurança está em risco, especialmente se alguém que está assistindo descobrir que eu tenho uma sósia.

Então, me certifiquei de que Winter e eu nos vestíssemos de maneira diferente e até a ajudei a descolorir o cabelo dela para deixá-lo loiro brilhante. É estranho como um mero fator, como a cor do cabelo, pode mudar tanto em uma pessoa. Quando estou ao lado dela e nos olhamos no espelho, há muito menos semelhança entre nós.

Na verdade, sou um pouco mais baixa que Winter e meu cabelo escuro emoldura suavemente meu rosto. O azul dos meus olhos se destaca de uma forma cintilante, quase recatada. Eu nunca tive um olhar penetrante ou mesmo um brilho convincente. Winter, por outro lado, tem o cabelo preso em um rabo de cavalo, o que realça as maçãs do rosto que passei algum tempo destacando com maquiagem. Seus olhos também são de um azul intenso, mas até agora, tudo parecia estar escondido sob a superfície.

Tenho quase certeza de que ela está engarrafando algo dentro. Eu posso dizer por seus olhares distantes e como ela foge para sua mente às vezes. Se

há alguém que entende o que significa estar perdida, sou eu. E farei tudo ao meu alcance para garantir que ela não chegue perto de ter um colapso como eu fiz no topo daquele penhasco.

Eu ligo meu braço com o dela e sorrio para ela no espelho. — Pronta?

— Sair, sim. Para ver o psiquiatra? Não sei.

— Eu não vou coagir você se você não estiver pronta. A menos que você mesmo dê esse passo, ninguém pode ajudá-la. Mas eu quero estar lá para você, se você me permitir.

Ela toca a gola de seu casaco, meu casaco. Faço uma nota mental para levá-la às compras para suas próprias roupas, para que ela não seja forçada a usar as minhas. — Você não precisa fazer isso, Lia. Eu sou grata por apenas... ser tratada como se fosse normal.

— Você é normal. Se alguém disser o contrário, não vou deixá-los escapar impunes.

Ela sorri um pouco, então acena com a cabeça. — Certo. Estou pronta.

Saímos do quarto de Winter na casa segura. Assim que descemos, ela se sacode fisicamente ainda mais para o meu lado, seu corpo enrijecendo. A razão por trás de sua reação está na saída.

Yan não percebe o que está ao seu redor enquanto dá uma tragada no cigarro com uma das mãos e verifica o cartucho da arma com a outra. A luz do dia entra pela porta entreaberta e lança uma sombra severa em seu rosto. Yan pode ser lindo, mas ele pode realmente parecer assustador

quando está falando sério. Especialmente para aqueles que não o conhecem.

Dou um tapinha na mão de Winter para acalmá-la. Ela geralmente tem medo de Adrian e de todos os seus homens, mas ela só tem esse desejo de se esconder sempre que Yan está à vista. Espere... aconteceu algo entre eles nas minhas costas? Ele não poderia ter machucado ela, certo?

Não. Meu amigo não faria isso. Eu limpo minha garganta e Yan levanta a cabeça, mas em vez de esconder sua arma, ele faz um show ao encaixar o pente no lugar, sua atenção fixa em Winter. Ela estremece visivelmente, seus lábios se separando.

Quando estamos perto da porta da frente, aponto para o carro, onde Boris está ao volante. — Vá na frente.

Ela basicamente tropeça nos próprios pés, ainda olhando para Yan e sua arma enquanto corre para fora. Quando ela passa por ele, ele sopra uma nuvem de fumaça em seu rosto que instantaneamente fica vermelha. Ela não para, porém, até que ela esteja ao lado do carro.

No momento em que ela está fora do alcance da voz, agarro Yan pela manga de sua jaqueta. — Que diabos está fazendo?

Ele sorri. — Colocando o temor de Deus nela para que ela não tente nada engraçado.

— Ela não faria.

— Você não sabe disso.

— Você soa exatamente como Adrian agora.

— Ei! Eu sou mais novo. Não posso soar como ele. Além disso, ele não está totalmente errado. Ela parece desligada.

— Porque ela está assustada e sem teto. Qualquer um estaria errado nessa situação. Pare de piorar as coisas.

— Veremos.

— Falo sério, Yan.

— Eu falo sério também. Se ela representar qualquer tipo de ameaça, estou atirando entre os olhos. — Ele faz um gesto para fora. — Hora de ir.

Eu balanço minha cabeça enquanto saímos da casa segura. Winter está inquieta perto do carro, provavelmente pensando se ela quer ficar dentro do mesmo veículo com Boris. No entanto, ao ver Yan, ela abre a porta com dedos trêmulos e salta para dentro.

Yan inclina a cabeça para observá-la e eu estalo meus dedos na frente de seu rosto. — Pare com isso.

Ele levanta o ombro e se senta no banco do passageiro. Estou prestes a me juntar ao Winter quando uma vozinha me chama. — Mamãe!

Eu me agacho enquanto Jeremy se joga em mim em um abraço. Descansando meu nariz em seu couro cabeludo, inalo seu cheiro de marshmallow. — Vou sentir sua falta, meu anjo.

— Está tudo bem, mamãe. Eu vou brincar com o papai.

— Tenho certeza que você vai. — Eu me endireito e vejo Adrian que está parado atrás dele.

Uma carranca está gravada em suas belas feições e seus ombros se enchem de tensão. Se dependesse dele, ele teria me acorrentado à cama ou pelo menos viria comigo. Mas devido a tudo o que aconteceu dentro da Bratva, ele está sob escrutínio próximo e receberá uma visita dos reis da irmandade hoje.

Mas ele também disse que vai brincar com Jeremy enquanto eu estiver fora com Winter. Depois de acariciar o cabelo de Jeremy, dou um passo em direção a Adrian e coloco a mão em seu peito. — Nós ficaremos bem.

Ele faz um som vago, mas não diz nada.

— Adrian... eu disse que não gosto do seu tratamento silencioso.

— Não é um tratamento silencioso. Eu só não quero você lá fora e em perigo.

— Eu não vou. Você tem tão pouca fé em Boris e Yan?

— Depois que eles foram contra minhas ordens, sim, eu tenho. É por isso que estou mandando Fedor e outros dois em um carro separado.

— Eu nem estou surpresa.

— Como você não deveria estar.

Eu toco meus lábios nos dele, com cuidado para não reabrir o corte no canto de sua boca, mas Adrian envolve seu braço em volta da minha cintura e mordisca meu lábio inferior até que eu o abro com um gemido.

Quando ele me solta, estou tonta. A boca de Adrian encontra meu ouvido e ele sussurra. — Seja boa.

Eu mordo meu lábio inferior. — Eu recebo uma recompensa por isso?

— Depende de quão boa você é, — sua voz cai com o domínio das trevas.

Jeremy puxa meu casaco e Adrian relutantemente me deixa ir. Depois de beijar meu filho pela última vez, eu sento no banco de trás ao lado de Winter. Ela está grudada no canto mais distante do veículo, sua atenção em Yan, que está com a arma no colo. Eu o cutuco e ele finge não notar. Achei que nunca diria isso sobre meu amigo, mas ele pode ser um grande idiota.

Durante a viagem, tento distrair Winter dos dois homens na frente e do carro atrás de nós. No início, ela parecia assustada demais para ouvir, mas com o tempo, ela começou a falar também. Quando viramos uma esquina, algo pega em minha visão periférica. Olho pela janela porque juro que acabei de ver um homem com roupas de couro preto, um boné de beisebol preto e uma máscara, andando de motocicleta, olhando para o nosso carro apesar dos vidros escuros.

Estico o pescoço para procurar na multidão de pessoas e carros, mas não há vestígios dele. Isso foi minha imaginação, certo? Fora isso, acho que acabei de ver Luca.

Capítulo Trinta

Lia

Nós estamos em uma festa

Bem, não exatamente, mas é algo semelhante a uma. Sergei está oferecendo um banquete para celebrar a unificação das famílias Bratva e Luciano. Tipo, minha família. Ainda não consigo entender essa ideia, mas acho que é muito cedo. Já se passou uma semana desde que quase perdi Adrian. Uma semana desde que conheci meu pai pela primeira vez e pedi a ele que me ajudasse.

Meu marido, que atualmente está colocando uma mão firme nas minhas costas, está vestindo seu smoking que pode ser responsável por me fazer apaixonar ainda mais por ele. Ele parece tão delicioso em trajes formais, como se tivesse nascido para esse tipo de aparência. Adicione suas características marcantes e sua aura intocável, e ele é um espetáculo para ser visto.

Estou usando um vestido de cetim na altura do joelho com um decote um tanto profundo que revela uma dica do meu peito. Sua cor azul escura complementa meu tom de pele e me faz parecer elegante. Quando eu estava me vestindo, Adrian ficou olhando feio para o decote e me pediu

para trocar. Mas já estávamos atrasados, então coloquei um lenço e o retirei assim que entramos no carro.

Essa é uma das razões para seu mau humor, mas a principal razão é que eu insisti em vir para esta celebração. Ele foi contra, dizendo que Sergei só ficaria mais bravo se me vir e que Lazlo não me deixaria em paz. Embora ambas as coisas sejam verdade, eu cansei de me esconder como uma boneca de porcelana.

Se há algo que aprendi ao perder temporariamente minha identidade e tudo o que se seguiu, é que não posso continuar assistindo minha vida como uma espectadora. Tenho que agir, mesmo que acabe sendo errado. Pelo menos terei tentado, não ficado sentada, esperando que outra pessoa tome as decisões.

Além disso, um casamento é para dois. Eu preciso ficar de pé ao lado de Adrian e ajudá-lo como Rai faz com seu marido, Kyle. E daí se Adrian sempre tinha a última palavra antes? Isso não vai acontecer mais e eu provei isso insistindo em vir aqui. Eu tive que pagar por isso quando ele deixou minha bunda vermelha com seu cinto na noite passada a ponto de eu mal conseguir sentar hoje, mas valeu a pena.

Paramos em frente à sala de estar onde Sergei está sentado com Igor e Mikhail. Ele deixa Adrian beijar sua mão, mas quando chega a minha vez, ele a puxa e me encara. — Ora, não é esta a razão pela qual Adrian está perdendo a lógica?

Um músculo trabalha na mandíbula de Adrian. — *Pakhan*. Eu te disse...

Ele levanta a mão, silenciando meu marido sem dizer isso e me encara com um olhar severo. — Você tem uma explicação sobre sua implicação nesta situação, Lia? Uma desculpa?

Eu respiro fundo. — Eu fui uma vítima, e não vou me desculpar por isso. Adrian fez o que tinha que fazer.

— Você está falando comigo?

— Estou apenas respondendo à sua pergunta. — Eu endireito meus ombros, embora minha mão treme em torno da minha bolsa. — Fizemos votos, *Pakhan*, de cuidar e proteger um ao outro, e esses votos são tão preciosos para mim quanto os códigos de honra da irmandade. Não estou pedindo que você goste de mim, pois sei que isso não será possível, mas, por favor, tente entender nossa situação.

Ele estreita os olhos em mim como se estivesse pensando em me punir ou não pela insolência. Adrian aperta seu aperto na minha cintura até doer. Não tenho certeza se é em antecipação às próximas palavras de Sergei ou por causa de como eu falei. Talvez ambos. Alguns segundos se passam antes que Sergei acene para mim. Eu aceno, parabenizando-o pelo acordo com os Luciano e dou um passo para trás.

No começo, Adrian não me solta, mas então ele sussurra em meu ouvido. — Fique perto e não cause problemas.

— Você também, — eu sussurro de volta e fico na ponta dos pés para beijá-lo na bochecha.

Sua expressão vacila um pouco enquanto ele é pego de surpresa. Já que ele tem como missão manter distância de mim na frente de sua preciosa Bratva, eu fiz o mesmo e nunca mostrei nenhuma demonstração de afeto antes. Porém, agora é diferente. Agora, pretendo que o mundo descubra que ele pertence a mim tanto quanto eu pertenço a ele.

Eu escorrego de seu aperto e volto para a festa. O lugar fervilha com muitos convidados em trajes formais. Há música de piano suave tocando, mas é um tanto abafada pela tagarelice constante. De acordo com as outras reuniões de Sergei, esta é fortemente protegida e tem um bar aberto e mesas espalhadas onde os hóspedes podem sentar e conversar.

Eu costumava odiar esses eventos com paixão. Em parte porque Adrian me tratou como uma estranha para eles e em parte porque sempre senti que eu era uma estranha, uma fraude. Que eu tinha levado o homem de outra mulher. Mas acho que posso superar isso agora. Por mais bagunçado que seja, acredito que Adrian e eu sempre fomos feitos um para o outro.

Ele não seria tão compatível com Kristina. Assim como eu não estaria com qualquer outro homem. Estou prestes a pegar algo para beber quando Rai acena para mim do outro lado do corredor. Eu aceno de volta, encontrando ela e seu marido no meio do caminho. Ela está embalando sua barriga crescente enquanto Kyle segura seu braço para ajudá-la a se equilibrar enquanto ela se apressa em minha direção.

Ele é alto e musculoso de uma forma esguia. Ele tem cabelo castanho e olhos de cobalto profundos que às vezes parecem sem fundo, quase como se não houvesse emoções por trás deles. Ele costumava me assustar,

porque mesmo tendo uma personalidade extrovertida, sempre parecia que ele a usava como uma fachada para esconder seu lado mais sombrio e distorcido. Um lado que Rai abraçou sem tentar mudá-lo.

— Calma, princesa. — Kyle repreende de uma forma adorável. — Você não consegue continuar caminhando no ritmo a que está acostumada.

— De quem é a culpa de eu estar inchada? — Ela o cutuca.

— Minha?

— Exatamente. Então pare de reclamar.

Seus olhos brilham com malícia. — Não.

Ela o encara de brincadeira, então balança a cabeça. — Você não tem jeito.

— Para você? Foda-se, eu tenho, princesa. — Ele a encara com um olhar misterioso que ela obviamente entende, porque o vermelho sobe do pescoço às bochechas.

Uau. Esta é a primeira vez que a vejo corar. Achei que ela era mais forte do que o mundo e incapaz de sentir vergonha ou algo parecido. Parece que ela só se sente assim perto do marido. Ela parece incrivelmente feminina agora, ao contrário da dura e leve Rai com a qual estou acostumada.

Ela limpa a garganta, dando uma cotovelada em Kyle. — Estou com sede.

— Eu volto já. — Ele pisca para ela e acena para mim. — Sra. Volkov.

Assim que ele desaparece, Rai pega minhas mãos nas dela. — Como você tem estado? Você está bem?

— Eu deveria te perguntar isso. Você está muito adiantada?

— Segundo trimestre e está chutando minha bunda, eu juro. — Ela sorri. — Kyle está tornando isso mais tolerável.

— Estou feliz por você tê-lo ao seu lado.

— Eu também. Eu não teria sido capaz de fazer isso sem ele. Adrian te ajudou durante a gravidez?

— Tremendo. Ele cuidou de tudo.

— Ele parece desinteressado, mas estou começando a achar que foi tudo uma fachada. Ninguém pensaria que ele iria contra o tio vovô por você, mas ele se recusou a se divorciar de você, mesmo que isso significasse salvar a vida dele.

Meus lábios se abrem. — Ele fez?

— Sim. Todos o chamaram de estúpido, incluindo Kirill, que é seu aliado. Eu, entretanto? Fiquei impressionada. Até o Sergei está.

— Sergei?

— Sim.

— O mesmo Sergei que parece querer minha cabeça?

— É tudo uma atuação. Se há algo que meu tio-avô aprecia mais do que a irmandade, é a lealdade. Adrian mostrou lealdade a você e estava pronto

para pagar por suas ações com a vida e Sergei não perdeu isso. Dê-lhe tempo e ele mudará de ideia.

— Você acha?

— Tenho certeza. — Ela faz uma pausa. — Agora, me diga, como faço para parar de querer fazer xixi o tempo todo?

Eu rio enquanto ela entrelaça seu braço com o meu. Sempre adorei a companhia de Rai e sinto que ela é a aliada de que mais preciso na irmandade.

Depois de falar sobre sua gravidez por algum tempo e dar dicas de quando eu estava grávida de Jeremy, limpo minha garganta. — Posso te perguntar algo pessoal, Rai?

— Estou interessada em ver o que você acha que é pessoal. Atire.

— Eu sei que você e Kyle tiveram um casamento arranjado, mas parece que vocês sempre foram iguais em seu relacionamento. É por causa da sua personalidade? Ou você fez algo para chegar lá?

Ela passa o olhar sobre mim como se apenas agora descobrisse algo. — Eu sei do que se trata.

— Você sabe?

— Você quer ser igual a Adrian.

— Eu sou tão óbvia?

— Mais ou menos. Mas, ei, Kyle e eu temos muito tempo atrás, então a dinâmica tem sido diferente desde o início e não pode ser comparada a você e Adrian.

— Mas ele sempre toma as decisões e é tão fechado sobre isso que às vezes dói. — Meu queixo treme. — Eu sei que ele se preocupa e prova isso com suas ações, mas sempre que pergunto algo que vai contra sua agenda, é como se eu estivesse lidando com um homem completamente diferente.

— Isso porque ele está acostumado a ter suas ordens seguidas e reage mal ao contrário. Ele é um homem de poder desde que o conheço.

— Isso significa que eu tenho que manter minha boca fechada?

— De jeito nenhum. — Ela franze a testa como se o que eu acabei de dizer fosse uma blasfêmia. — No entanto, você pode ter que usar métodos não convencionais.

— Como... tentá-lo?

Ela sorri. — Isso funcionaria também. Mas pense por que Adrian está tão apaixonado por você.

— Ele está apaixonado por mim?

— Ele está.

— Qual parte?

— Sua suavidade, Lia. Sua delicadeza, sua elegância. Ele às vezes a observa como se quisesse perfurar o ar por te deixar com frio.

Chamas explodem em minhas bochechas. — Não, ele não faz.

— Sim ele faz. No início, considerei algo insignificante, mas desde que comecei a olhar de perto, é tão óbvio.

— Mesmo?

— Definitivamente. Então você não precisa recorrer a nenhum método para conquistá-lo. Seja você mesma. — Ela esfrega meu braço. — Eu mencionei o quão orgulhosa estou de você por falar isso ultimamente?

— Obrigada.

— Se Kirill ou Damien causar algum problema, eu irei esfaqueá-los para você.

— Tenho certeza de que Adrian venceria você.

— Ele iria! Além disso, sinto muito sobre Vlad. Ele só tem os melhores interesses da irmandade em mente, mas às vezes pode ser uma mula.

Sim ele pode. E a única razão pela qual Rai iria se desculpar em seu nome é porque ele é seu protetor e aliado vitalício. Agora que sei que ele está caçando Adrian com a intenção de removê-lo e até mesmo matá-lo, nunca mais vou confiar nele. O inimigo do meu marido é meu inimigo.

Eu passo mais algum tempo com Rai, mas logo depois, Kyle vem buscá-la para que ela possa se sentar. Aceno para eles enquanto me dirijo ao buffet para comer um pouco e aceno para alguns dos membros da família Luciano, como a esposa de Lazlo, Sofia, e dois de seus irmãos. Não tenho certeza se ele contou a eles sobre mim, mas eles não mostraram uma reação, considerando quem eu sou para eles.

Encontro-me procurando pelo próprio homem. Não o vejo desde que Adrian e eu chegamos aqui. Ele possivelmente não perderia esta reunião, pois é basicamente em sua homenagem. Mesmo que tenha se passado uma semana, ainda não sei como lidar com o conhecimento de que meu pai é um Don. Que esta é uma espécie de versão bagunçada de *O Poderoso Chefão*.

Adrian ficou furioso quando soube que eu prometi ter um relacionamento de pai e filha com Lazlo em troca de salvá-lo. Mas isso iria acontecer mais cedo ou mais tarde. Nenhum segredo pode ser enterrado para sempre, e isso inclui meus laços com a família Luciano. Porém, eu não tenho ideia de como lidar com esses laços. Se Adrian não tivesse desaprovado tudo que fiz desde que saí da Rússia, ele teria me ajudado a fazer um brainstorming.

— *Carina.*

Eu engulo meu pedaço de lagosta com a voz distinta de Lazlo enquanto me viro para encará-lo. Ele sorri para mim, as rugas ao redor de seus olhos insinuando os muitos anos que ele passou na Terra, provavelmente arruinando a vida de pessoas como meu próprio marido. Meu pai pega minha mão e a beija com um carinho claro que me faz sorrir.

— Oi, — eu saúdo. — Como você está?

— Não estou bem. Eu descobri que tenho uma filha, mas ela não parece querer falar comigo.

— Isso não é verdade. É só... — Eu abaixo minha voz, chegando mais perto dele para que ninguém mais nos ouça. — Sergei não sabe sobre você e eu, e se ele descobrir, ele não vai perdoar Adrian.

Ele libera um som de desaprovação. — Que faz de nós dois.

— Você prometeu não censurá-lo por isso.

— Claro que eu vou. Ele vai responder por esconder você de mim.

— Mas você prometeu.

— Isso não tem nada a ver com a minha promessa. Preciso de sua explicação de por que ele se casou com minha filha.

— Eu pensei que você queria um relacionamento comigo.

— Sim, e é por isso que estou sendo paciente e não fiz nada. — Ele pega minha mão e dá um tapinha, a cicatriz em seu rosto não é tão horrível quanto eu pensava, mesmo sob tanta luz. — Mas eu vou, *Carina*. Você é uma Luciano e precisa conhecer sua família.

— E se eu não estiver pronta?

— Essas palavras são suas ou de Adrian?

— Minha.

— Então eu vou esperar você estar pronta. E se Adrian atrapalhar, não vou ficar parado.

— Você realmente vai esperar?

— Eu esperei todo esse tempo por um filho do meu próprio sangue. Você acha que eu não posso esperar mais um pouco?

Eu sorrio, genuinamente desta vez. — Obrigada.

— Não, obrigado por existir, *Carina*. Você fez a vida desse velho valer a pena. Agora, deixe-me apresentá-la à sua família.

— Mas achei que você deveria esperar.

— Eu estou esperando. O que encontrar sua família tem a ver com isso?
— Lazlo me leva para frente e me apresenta a sua esposa, irmãos e até mesmo suas mulheres, como a esposa de Adrian. Por enquanto, enquanto ele sussurrava em meu ouvido. Ao contrário do que eu esperava, não é estranho e eles não parecem maliciosos. Eles são mais curiosos do que qualquer outra coisa.

Nicolo, irmão de Lazlo e subchefe dos Luciano, me observa atentamente enquanto eu falo sobre o tempo e converso um pouco. Ele já sabe? Lazlo só me deixa quando Sergei o chama. Espero que eles subam para a reunião de costume, mas eles não vão. Logo depois, Adrian aparece entre os outros líderes da irmandade e caminha em minha direção. No início, acho que ele está indo para Kolya e Yan, que estiveram assistindo das sombras a noite toda, mas ele vem direto para mim.

Eu pisco para ele quando ele para na minha frente. Esta é uma das poucas vezes que ele prestou atenção em mim no meio das reuniões da irmandade. Normalmente, entramos e ele me ignora a noite toda até termos que sair.

Vamos para casa?

Embora eu sinta falta de Jer e Winter, já que passamos a maior parte do nosso tempo juntas agora, não podemos ir embora. Sergei consideraria isso uma insolência. Adrian me encara e permanece em silêncio enquanto seu olhar escurecido causa estragos dentro de mim. Tudo o que ele faz comigo é sexual em sua entrega. Seja a maneira como ele olha para mim ou como ele me segue cada vez mais. Até sua voz tem um alcance especial que ele só usa quando fala comigo. Ele não precisa me tocar para me agradar. Só estando lá é suficiente.

Espero que ele me conduza para fora, mas ele me oferece sua mão. — Dance comigo.

Fico sem palavras por um segundo, meu olhar passando de sua mão para seu rosto. — O-O quê?

— Posso ter esta dança, Sra. Volkov?

Eu fico olhando para o chão e percebo que o concerto para violino de Tchaikovsky está tocando. Alguns casais estão dançando, incluindo Rai e Kyle.

— Você realmente quer dançar? — Eu sussurro para que ninguém ouça.

— Por que mais eu iria perguntar a você?

— Mas todo mundo está aqui.

— Exatamente. — Ele sorri, apontando para sua mão.

Eu pego com um sorriso enorme no rosto. Sempre observei todos que dançam com inveja, desejando que Adrian e eu estivéssemos entre eles, mas nunca tive coragem de pedir, nem mesmo quando estávamos em bons termos. Meu marido envolve um braço possessivo em volta da minha cintura e eu coloco a palma da mão em seu ombro forte enquanto balançamos lentamente com a música.

— Eu não sabia que você dançava, Adrian.

— Eu não danço.

— Você faz agora.

— Porque você está linda.

— Você está dançando porque estou linda?

— É um motivo perfeitamente bom.

— Isso é realmente tudo?

— Não. Eu preciso reivindicar meu direito para que nenhum filho da puta olhe para você.

— Você não fez isso antes.

— Eu pensei que estava protegendo você antes, mas que se foda. Se você vai estar no centro das atenções de qualquer maneira, estarei ao seu lado em cada passo do caminho.

— E... você não vai tentar me esconder de novo?

— Acredite em mim, eu faria se pudesse. Se dependesse de mim, eu teria adorado você longe dos curiosos, onde você está segura, mas você não está mais feliz apenas com isso, e eu nunca iria levá-la à beira de um penhasco novamente, *Lenochka*.

A umidade se acumula em meus olhos e eu o abraço, descansando minha cabeça em seu peito. Porque eu sei, só sei que algo diferente simplesmente floresceu entre nós. Confiança.

Capítulo Trinta e Um

Adrian

Embora eu tenha planejado isso a noite toda, executá-lo é complicado. Eu posso ter escapado da ira de Sergei da outra vez, por pouco, mas este é totalmente diferente. Ele não é o único envolvido.

Também tem Lazlo, e a julgar pela maneira como ele fez Lia fazer a ronda para conhecer os membros de sua família, não tenho dúvidas de que em breve ele anunciará ao mundo que ela é sua filha. A única razão pela qual ele está recuando é porque ela provavelmente pediu a ele. No entanto, Lazlo Luciano nunca foi um homem paciente, especialmente quando se trata de coisas que considera seu direito.

Ele é conhecido por ser brutal e implacável quando se trata de questões familiares. E só por isso, não tenho tempo a perder. Então, assim que terminarmos o jantar, eu me levanto. Lia me encara com aqueles olhos enormes e implorantes. Ela é tão bonita, às vezes dói fisicamente. Como agora mesmo.

Passei o jantar inteiro observando cada movimento dela, a vibração de seus longos cílios, a contração de seus lábios quando ela falava ou comia. Eu até deixei Damien se dirigir a ela apenas para que eu pudesse ouvir o teor de sua voz e a centelha recém-descoberta em suas palavras.

Minha *Lenochka* tem evoluído lenta, mas seguramente, e não quero perder nenhum segundo disso. Esta é uma nova forma de obsessão? Possivelmente. Não tenho dúvidas de que, assim como a personagem dela, minha obsessão por ela continuará crescendo para se igualar.

Lia graciosamente se levanta e desliza a mão pelo meu braço. Normalmente, ela não me tocava em público ou em particular, até recentemente, mas minha *Lenochka* está mudando.

Não se trata apenas de como ela procurou seu pai e enfrentou essa parte de sua vida, ou como colocou o pé no chão para proteger meus homens e Winter. Ela está se integrando aos poucos nos aspectos criminosos da minha vida, que ela costumava abominar. É como se ela finalmente aceitasse seu papel de minha esposa sem que eu tivesse que forçá-la. Se qualquer coisa, ela é quem está exigindo coisas.

— O que você está fazendo? — Ela murmura, achatando seu pequeno corpo ao meu lado.

O perfume de rosas enche minhas narinas e eu a inspiro, gravando-a na memória. Ela sempre será minha rosa solitária, a rosa resiliente que eu arrancaria da beira da estrada uma e outra vez, mesmo que seus espinhos me fizessem sangrar. Ela é minha rosa. Seus espinhos, assim como seu perfume exótico, são meus e somente meu.

Depois de me encher de seu perfume, digo. — Preciso falar com Sergei, *Lenochka*.

Ela balança a cabeça, sua garganta delicada balançando com um gole.
— Ainda não. Ele vai te matar.

— Você tem tão pouca fé em mim? Hmm. Parece que eu não tenho punido você completamente o suficiente ultimamente.

Suas bochechas adquirem um tom profundo de vermelho. — Pare com isso. E você fez ontem à noite.

— Aparentemente, não o suficiente. — Eu acaricio sua mão que está enrolada em meu braço. — Eu vou ficar bem.

— Eu quero ir com você.

— Não. Sergei não reage bem a você.

— Rai me disse que é uma atuação e que ele aprecia como você mostrou lealdade a mim.

Eu levanto uma sobrancelha. Parece que Rai realmente gosta de Lia, se ela se esforça para acalmá-la. Mas, novamente, ela não teria ido contra mim e arriscado minha ira para ajudar Lia a escapar se esse não fosse o caso.

— Ele aprecia minha lealdade, não a sua, *Lenochka*. Eu não quero você lá quando ele descobrir quem você é.

Ela faz beicinho. — Porque eu sou uma mulher e minha existência não importa?

— Porque você é minha esposa e eu prefiro morrer mil vezes a colocá-la em perigo.

Eu posso dizer que ela não está convencida, mas ela não insiste no assunto. No entanto, ela hesita antes de soltar meu braço. Agarrando suas bochechas com as duas mãos, eu a viro ligeiramente e escovo meus lábios contra sua têmpora. Estou bem ciente dos espectadores, assim como antes, quando dançamos. Eles estão todos chocados com o quão perto estou de Lia esta noite em comparação com todas as outras reuniões. Damien e Kirill até me perguntaram sobre a mudança repentina.

É simples.

Eu cansei de tratar minha esposa como uma estranha quando ela sempre foi a única pessoa importante em uma sala cheia de pessoas. A única pessoa que vejo. Eu relutantemente a solto e vou para o lado de Sergei. Ele está me observando também, embora permaneça calado sobre isso.

Depois de me certificar de que Lia está na visão direta de Yan, paro ao lado de nosso Vor. — Uma palavra, *Pakhan*.

— Por que?

— É do seu interesse. — Eu fico olhando para Vladimir, que está me observando a noite toda, sem dúvida esperando que eu escorregue. — Você também.

Kirill desliza para o nosso lado com passos silenciosos e reajusta seus óculos. — Quanto a mim?

— Eu também. — Damien pula com menos sutileza. — Por que todo mundo me deixa de fora?

— Hoje não. — Eu aponto para Kirill com uma inclinação de cabeça, e ele felizmente entende a dica e arrasta um Damien protestando para longe.

Vladimir e eu seguimos Sergei até seu escritório enquanto Igor, Mikhail e até mesmo Lazlo e seus homens nos encaram. Na verdade, a atenção de Lazlo está em mim. Eu o ignorei tanto quanto possível na semana passada, e se eu não fizer algo sobre isso, ele fará as coisas do jeito dele. Mas preciso cuidar de mim mesmo antes de estendê-lo a estranhos.

Assim que estamos no escritório, Sergei se senta na sala de estar e Vladimir e eu nos juntamos a ele.

— O que é? — O *Pakhan* se apoia em seu punho. — Suponho que tenha a ver com a esposa, que uma vez você mencionou não significa nada?

— Sim. Há algo sobre ela que você deve saber.

— O que, por favor, diga, pode ser isso?

— Ela é filha de Lazlo Luciano.

— O que?

— Que porra é essa? — Vladimir diz ao mesmo tempo que Sergei.

O Vor se endireita, mas não solta o punho. — Isso é uma piada de mau gosto, Volkov?

— Não, *Pakhan*. Na verdade, ela é a razão pela qual Lazlo Luciano exigiu trabalhar apenas comigo. Eu sou seu genro.

— O que é essa insolência? — A voz de Sergei endurece. — Você tem me enganado o tempo todo?

— Não.

— Então você nega saber quem ela era antes de se casar com ela? — Vladimir pergunta.

— Não. Eu sabia desde o começo. Lazlo e Lia, no entanto, descobriram apenas recentemente.

— Você espera que eu acredite nisso? — Sergei sibila.

— Eu não tenho nenhum interesse em mentir para você. Se eu fizesse, teria mantido isso em segredo.

— Por que você não fez isso?

— Ao contrário do que você pensa, não gosto de guardar segredos de você, *Pakhan*.

— Você não parece quando se trata de sua preciosa esposa.

— Eu fiz isso para protegê-la desta vida. Até recentemente, ela nem sabia o quão intimamente relacionada era com o nosso mundo.

O silêncio enche o escritório, mas não é desconfortável nem sufocante. Vladimir está perdido em pensamentos, provavelmente considerando maneiras de acabar comigo, enquanto Sergei continua me avaliando antes de falar. — Quando você descobriu a conexão dela com Lazlo?

— Antes de me casar com ela. Eu pretendia usá-la contra ele.

— Me deixe adivinhar, você mudou de ideia?

— Não. Ainda pretendo usar Lazlo para o benefício da irmandade. Ele tem um talento especial para os cartéis sul-americanos e isso nos ajudará no longo prazo. Minha lealdade é com a Bratva, não com ele.

— Mas ele é seu sogro.

— Isso o torna um aliado, não meu chefe.

— Matar Richard não apoia sua teoria, — grunhe Vladimir.

— Eu já te disse porque fiz isso. Pare de reclamar como uma velha, Vladimir.

Ele me encara. — E agora? Você espera que deixemos isso passar também?

— Isso é o que eu esperava. — Eu encontro o olhar de Sergei.

— *Pakhan*, — Vladimir aperta a mão em um punho. — Você não pode perdoar o bastardo por seu desrespeito duas vezes seguidas.

Sergei permanece em silêncio, mas não quebra o contato visual comigo. Estou plenamente ciente de que ele não quer me perder e, embora eu não tenha revelado minhas relações familiares com os Luciano para não envolver Lia, Sergei e até mesmo o filho da puta, Vladimir, sei que isso beneficiaria a fraternidade. Especialmente com o quão fechado Lazlo e seu povo podem ser.

No entanto, Sergei é antiquado e Vladimir está fechado. Eles não me deixariam escapar, não importa o quão valioso eu seja, pela única razão de que eles não querem abrir um precedente. Incontáveis homens foram

mortos por menos do que isso e se eu for perdoado facilmente, isso refletiria mal no poder de Sergei e nos códigos de honra da irmandade.

Parece que o *Pakhan* precisa de um incentivo, então digo. — Tudo o que você precisa fazer é fechar os olhos para isso como eu estive fechando os olhos para o fato de que sua filha desviou dinheiro da V Corp e fugiu.

Tanto Sergei quanto Vladimir me encaram com olhos arregalados. A maneira como eles me subestimam é um pouco insultante. Eles realmente pensaram que eu não descobriria que a filha macia de Sergei, Anastasia, não está, de fato, continuando seus estudos na Rússia como eles mentiram para todos?

Fui eu quem investigou o caso de desfalque da V Corp. No entanto, quando estava mais perto de revelar o culpado, Rai descobriu uma maneira de devolver o dinheiro com a ajuda de seu tio-avô e de Vladimir. Os três pensaram que poderiam me enganar, mas não devem saber como meu sistema funciona. Anastasia Sokolov era muito protegida, muito submissa, que nunca olhou os homens em seus olhos, mas ela era inteligente. Durante um ano inteiro, durante seu estágio na V Corp, ela conseguiu enviar pequenas quantias em dinheiro para uma conta em um banco no exterior. Ela não só conseguiu enganar seu pai, mas também Rai e Vladimir, que fizeram de sua missão proteger ela ainda mais do que ela já era.

No entanto, ela nunca foi capaz de me enganar.

Vladimir mascara seu choque. — Do que diabos você está falando, Volkov?

— Eu tenho provas. Documentadas.

O rosto de Sergei fica vermelho. — Você está me ameaçando?

— Se eu fosse te ameaçar, eu viraria a palavra de cabeça para baixo, encontraria Anastasia, então a colocaria de joelhos na frente da irmandade para que ela pague por seu pecado. A punição da traição é a morte, de acordo com suas palavras, *Pakhan*.

Vladimir salta, puxando sua arma e apontando para mim.

Eu nem mesmo vacilo. — Me matar só trará o funeral de Anastasia adiante. Meus homens farão como sua missão encontrar e garantir que ela desapareça de uma vez por todas.

— Não se eu matar todos eles.

— O que te faz pensar que todos os meus homens estão aqui, Vladimir? Talvez alguns deles estejam no encalço de Anastasia enquanto falamos.

— Porque agora? — Sergei pergunta. — Por que você não jogou esta carta antes?

— Porque agora posso usá-lo para dois propósitos. — E é minha última carta contra ele, Vladimir e Rai. Se os três estiverem ao meu lado, os outros também entrarão na fila.

Igor seguiria o exemplo de Sergei. Mikhail geralmente segue o fluxo. Kirill e eu já trocamos informações e ele é meu aliado, especialmente com o segredo que estou guardando sobre sua cabeça. Isso só deixa Damien, mas

vou encontrar uma maneira de controlar esse cavalo selvagem mais cedo ou mais tarde.

— Ele merece a morte por ameaçar você. — Vladimir pressiona sua arma contra minha têmpora. — Me deixe matá-lo, *Pakhan*.

— Eu não estou ameaçando meu *Pakhan*. Estou sugerindo um acordo. Se você quiser que eu encontre Anastasia, mantendo ela sob o radar, eu irei.

— Você pode? — Ele pergunta lentamente.

— Sim. Tudo que você precisa fazer é dar a ordem.

Vejo o momento exato em que Sergei decide que valho mais do que regras estúpidas, que meu sistema e minha existência são um dos maiores ativos da irmandade. Vejo o momento exato em que ele confia em mim novamente, embora ele nunca vá admitir em voz alta.

Ele apenas gesticula para Vladimir com a mão. — Sente-se. Adrian está falando.

No momento em que saio do escritório de Sergei e da presença irritante de Vladimir, um peso foi tirado do meu peito. Vai levar tempo, mas o resto da irmandade voltará a ser as peças de xadrez do meu tabuleiro. Eles continuarão a fazer parte do meu sistema, como sempre fizeram desde o início.

Enquanto estou andando pelo corredor, meus pés param quando percebo um movimento na minha visão periférica. Em um piscar de olhos, estou cercado por Lazlo, seu subchefe, Nicolo e alguns de seus guardas.

Nicolo aponta sua arma para meu estômago. Não é o dia de ser mantido sob a mira de uma arma?

Lazlo me encara. — Uma palavra, Volkov.

Capítulo Trinta e Dois

Lia

Tive uma sensação horrível desde que Adrian desapareceu com Sergei e Vladimir. Eles não iriam machucá-lo, certo?

Pelo que Kolya me contou, foi Vladimir quem socou Adrian e o mandou para casa com aquela aparência. Devo falar com Rai sobre isso, já que ela é próxima de Vladimir? Não. Adrian quer que eu tenha fé nele. Além disso, eles não fariam nada com ele com todos esses convidados presentes.

Pelo menos, é o que digo a mim mesma. Sento-me a uma mesa, segurando uma taça de champanhe que Yan trouxe para mim. Eu me sinto muito melhor sabendo que ele e Kolya estão por perto.

— Que coisa, se não for a mulher da hora.

Eu olho para cima para encontrar Kirill olhando para mim antes que ele e Damien casualmente ocupem as cadeiras à minha frente. No passado, eu teria sido cautelosa com eles, com medo, até. Eles são homens altos e largos e sua reputação é apenas de violência, tortura e sede de sangue. Mas depois de viver com Adrian por todos esses anos, eu percebo que eles nunca poderiam ser tão assustadores quanto ele às vezes pode ser.

— A mulher da hora? — Eu pergunto a Kirill.

— O sempre tão reservado Adrian estava pronto para dar sua vida por você. Como você chama isso?

— O que Adrian está fazendo com Sergei? — Damien toma um gole do que tenho certeza de que é vodca que ele trouxe com ele. — Há alguma ação que eu preciso saber?

— Acho que não. — Levo a taça de champanhe à boca.

Kirill ajusta seus óculos, olhando para mim atentamente. — Você é surpreendentemente... mais.

— Mais o que? — Eu pergunto.

— Mais tudo, embora eu suspeitasse que Adrian estava fingendo quando se tratava de você.

— Você fez? — Damien limpa as gotas de vodca do lábio superior.

— Claro. Nem todos nós somos idiotas.

— Quem você está chamando de idiota de merda? — Damien aperta a mão em punho. — Quer sair e testar isso?

— Você provavelmente não deveria, — eu digo distraidamente, observando as escadas, esperando que Adrian apareça. — Kirill pode não recorrer à violência, mas ele era uma espécie de capitão das Forças Especiais e ouvi dizer que isso é importante na Rússia.

O silêncio me cumprimenta e eu olho para trás para encontrar os dois homens olhando para mim com expressões peculiares.

— O que? Só porque eu não falava, não significa que não sabia dessas coisas.

— Adicione esse fato à sua lista de coisas a saber, Lia. — Damien sorri.
— Eu ainda posso chutar a bunda de Kirill e bater nele.

— Ou é o que você deseja. — Kirill sorri. — Você ouviu Lia. Só porque eu não uso violência, não significa que não posso. Simplesmente deixo a força bruta para tolos como você.

— Quem você está chamando de idiota de merda?

Damien e Kirill continuam suas brigas, mas minha atenção se afasta deles quando percebo algo acontecendo ao meu redor. Primeiro, Lazlo deixou seu círculo e foi em direção ao banheiro. Seu irmão, Nicolo, o seguiu logo depois, embora em uma direção diferente. Então, vários guardas italianos deixaram suas posições e se espalharam. Pode ser minha paranoia, mas aprendi com Adrian como reconhecer um padrão. Eles podem não ter ido juntos ou para o mesmo lugar, mas há algo acontecendo.

Ele vai responder a mim.

As palavras de meu pai mais cedo me levaram a pular. Damien grita atrás de mim, mas eu não o estou ouvindo enquanto acelero meu passo subindo as escadas, ignorando a dor nos saltos. Quando chego ao topo, vejo Lazlo, Nicolo e os outros forçando Adrian a entrar em um dos quartos. Eu saio em uma corrida e entro antes que eles possam fechar a porta.

— Pare com isso, — falo com Lazlo com voz firme. — Você prometeu.

- Lia, vá embora, — Adrian me diz em um tom fechado.
- Não.
- Estamos apenas batendo um papo, — diz Lazlo.
- Então você não se importará se eu me juntar a você. — Eu chuto a porta. — Afinal, sou a principal razão por trás disso.
- Você não é. — Lazlo encara Adrian. — Suas mentiras são.
- Ele não mentiu para você.
- Só escondeu a verdade para servir à sua agenda, — Nicolo intervém.
- E eu verei o fim disso.

O segundo em comando de meu pai, Nicolo Luciano, tem mais ou menos a idade do meu marido, mas tem o olhar de um homem sábio que viu o futuro e não gostou dele. E por causa disso, ele voltou no tempo para massacrar qualquer um que pudesse contribuir para tornar esse futuro uma realidade.

No passado, sempre fui cautelosa com ele, ainda mais do que com Lazlo. Porque, embora meu pai seja Don Corleone, todos no circuito criminoso sabem que seu subchefe, meu tio, é o verdadeiro mandante por trás da ferocidade sangrenta dos Luciano. Rai uma vez me contou sobre suas câmaras de tortura secretas que fazem os inimigos de Nicolo se encolherem de medo. Ele é conhecido por ser sádico e absolutamente aterrorizante para aqueles que ele considera uma ameaça para sua família.

E farei tudo ao meu alcance para garantir que meu marido não se enquadre nessa categoria. Nicolo não parecia não gostar de mim quando meu pai me apresentou a ele mais cedo, mas isso poderia ser apenas uma fachada.

— Falaremos outra hora, Lazlo. — Adrian vem para o meu lado. — Eu tenho que levar Lia para casa.

— Não. — Eu dou um passo à frente. — Parei de desempenhar um papel secundário em minha própria vida, então, se você tem algo para discutir, faça agora.

Lazlo balança a cabeça com um sorriso. — Você leva sua teimosia como a minha, ao que parece.

— Ótimo, então você sabe que não vou desistir. — Eu agarro a mão de Adrian na minha, apertando para impedir o nervosismo de emergir. — Eu não me importo com o que você acha que ele fez de errado. Este homem é meu marido e pai do meu filho, seu neto, e se você o machucar, nunca mais vou falar com você, muito menos ter qualquer tipo de relacionamento com você.

— Lia. — Lazlo se aproxima. — Ele mentiu para mim e nos separou.

— Porque ele queria me proteger desta vida. Ele mal me trouxe a essas reuniões pela mesma razão. Fui eu que insisti em fazer parte da vida dele. Se dependesse dele, ele teria me mantido em uma gaiola dourada onde ninguém me alcançaria, muito menos me machucaria.

Don encara Adrian com o que parece ser um respeito recém-descoberto, e eu sorrio internamente. Eu sabia que não importa o quão bravo ele esteja com Adrian, ele se identificaria com aquele lado protetor dele. Achei que fosse uma característica que eles tinham em comum e acertei.

— Isso ainda não dá a ele o direito de tirar você de mim.

— Eu entendo, mas dê um tempo e você vai superar isso.

— Não.

— Por favor, por mim?

Ele grunhe.

Posso dizer que sua determinação está vacilando, então recorro a uma última tentativa. Meu aperto fica mais forte na mão de Adrian, e então eu sussurro. — Por favor... papai.

Os olhos do meu pai se arregalam e ele permanece em silêncio por um segundo antes de falar. — O que... você acabou de me chamar?

— Se você quiser que eu diga de novo, me dê sua palavra de que deixará Adrian ir.

— Você é surpreendentemente manipuladora, *Carina*.

Aprendi com os melhores. Eu olho para Adrian com um sorriso e ele está me olhando com uma expressão vazia. O que isso significa? Ele está bravo comigo?

— Tudo bem. — Lazlo se aproxima ainda mais.

Meu olhar desliza de volta para ele, minhas esperanças crescendo. — Me dê sua palavra.

— Dou minha palavra de que não vou machucar Adrian.

— Obrigada.

— Agora, repita o que você disse antes, *Carina*.

Eu solto a mão de Adrian e abraço Lazlo por um breve segundo, então me afasto. — Obrigada, papai.

Ele me estuda novamente, parecendo surpreso antes de limpar a garganta. — Nos encontraremos novamente, Volkov.

E com isso, ele sai da sala, seguido por meu tio, que lança um olhar penetrante para Adrian, e o resto de seus guardas.

Assim que a porta se fecha atrás deles, eu caio contra a parede, recuperando o fôlego. — Deus. Essa foi por pouco. Eu deveria ter descoberto que Nicolo sabia de tudo.

Meu coração bate tão forte que é como se eu tivesse acabado de fazer um treino. Embora eu soubesse que esses tipos de provações eram assustadores, não pensei que seria totalmente assustador.

— Porque você fez isso?

Eu levanto minha cabeça com a pergunta silenciosa de Adrian. Ele está olhando para mim com a mão no bolso e a mesma expressão de antes.

Endireitando-se, eu franzo a testa. — Como assim por quê? Para você.

– Quem disse para você chamá-lo de papai por mim? Agora, ele não vai perder você de vista.

– O que te faz pensar que eu quero ficar fora de sua vista? Acontece que gosto dele e quero um relacionamento com ele. O que há de errado nisso?

– Não sei. Vamos ver. O fato de que ele é a porra do Don e sua vida é constantemente ameaçada pelos Rozettis, e a porra sabe com quem ele faz inimigos?

– Você está sendo um hipócrita agora, porque nós dois sabemos que sua vida está ameaçada o tempo todo também, e ainda assim, eu ainda estou com você, não estou?

– Eu não coloco você em perigo.

– Oh, então que tal o ataque depois que eu mal dei à luz Jeremy ou da outra vez na reunião de Rai?

– Eu protegi você.

– Depois que você me forçou a esta vida.

– Então esse é o seu problema? O fato de que eu te forcei?

– Não. Bem, sim. Mas é o fato de que você ainda está fazendo isso agora. Você não me respeita o suficiente ou confia em mim o suficiente para me deixar tomar minhas próprias decisões.

– Não se trata de respeito ou confiança. É sobre a porra da sua segurança, Lia. Posso debater sobre qualquer coisa, menos isso.

— Mas você não faz! Você apenas mapeia a estrada e espera que eu a siga.

— Você não tinha problemas com isso antes.

— Claro que sim. Por que diabos você acha que eu pulei daquele penhasco de merda? — Eu respiro profundamente para não ter um colapso. — Só porque eu não falei, não significa que estava bem. Fui ferida inúmeras vezes e profundamente. Não vou continuar a engarrafar tudo dentro e deixar apodrecer e depois me comer viva. Eu não sou mais aquela Lia, Adrian.

Ele fica quieto por um segundo antes de sua voz calma preencher o ar.

— Eu posso ver isso.

— Me dê algo então.

— Não vou deixar você se colocar em perigo e ficar quieto sobre isso, Lia.

— Isso não foi o que eu quis dizer. — Eu empurro a parede e coloco a mão em seu peito. — Eu cansei de me conformar com as sobras. Eu preciso mais de você.

— Você me tem, *Lenochka*. Tudo de mim.

— Não onde importa.

— O que isto quer dizer?

— Posso ter seus cuidados e proteção, mas não tenho seu coração.

— Você tem.

— Se eu fizesse, você teria me dado mais liberdade. Mas você ainda tem essas paredes onde não tenho as chaves das portas. Eu sei que é por causa da sua infância, eu sei que você não confia que eu não irei embora se você abrir aquelas portas, mas você precisa me dar essas chaves. Já me abri totalmente para você, então é hora de você fazer o mesmo. É hora de você... deixar ir.

O peito de Adrian aperta contra a minha palma, e posso sentir seu batimento cardíaco disparando, mesmo enquanto ele tenta manter sua calma eterna. — Você pode pedir qualquer coisa e eu abaterei tudo em meu caminho para que seja seu, mas eu não posso te dar o que sou incapaz.

Lágrimas inundam meus olhos. — É realmente isso que você pensa?

— Não é o que eu penso. É a verdade.

Meu coração se parte, seus pedaços se estilhaçando na cavidade do meu peito e formigando a pele. Não importa se eu não acredito que o que ele está dizendo seja verdade, que tenho certeza de que ele pode desistir se tentar. Se ele mesmo não acredita e mantém suas emoções trancadas, não vou conseguir entrar de jeito nenhum. E isso dói mais do que eu jamais imaginei.

— Lia... — Ele enxuga meus olhos, tirando as lágrimas que rolam. — Não chore.

Eu empurro sua mão. — Não me toque.

Sua mandíbula aperta. — Eu sei que você está chateada, mas eu te disse, não tocar em você está fora de questão.

— Mesmo que você me dê repulsa? — Estou tentando magoar neste ponto, mas não me importo. Foi ele quem me machucou primeiro.

Eu arranquei meu coração e coloquei em uma bandeja na frente dele e ele simplesmente ignorou.

Ele me agarra pelo queixo, inclinando minha cabeça para trás para que possa me olhar com seus olhos punitivos. — Mesmo se eu te repulsar.

— Te odeio.

— Lia, — ele avisa.

— O quê, Adrian?

— Pegue isso de volta.

— Não.

— Se você não fizer isso, vou foder com você.

— Eu ainda vou te odiar.

Ele me apoia contra a parede, segurando meu queixo e eu ofego quando meu traseiro atinge a superfície sólida. O som é engolido por seus lábios nos meus. Seu beijo é implorante, dominador e duro, com o objetivo de me punir e me fazer cair de joelhos na frente dele. Eu não faço, no entanto.

Em vez de me submeter a ele como de costume, mordo com força seu lábio inferior até que um gosto metálico explode na minha língua. Se eu pensei que isso iria impedi-lo, estou longe de estar certa. Ele agarra meus

pulsos e os bate acima da minha cabeça na parede, mas não solta minha boca.

Sua língua se lança para fora, lambendo o sangue antes de morder meu lábio. Ele não corta a pele, mas eu choramingo com a força selvagem disso. Como se isso não bastasse, ele desliza a outra mão entre minhas pernas. Eu tremo com seu toque selvagem, como sua palma força seu caminho contra a carne sensível da parte interna da minha coxa.

Ele torce minha calcinha e a arranca. O movimento sempre, sem dúvida, deixa minha boceta molhada e doendo. Adrian enfia dois dedos implacáveis dentro de mim, arrancando um gemido da minha garganta. *Putá merda*. Não importa quantas vezes ele me toque, cada vez que ele o faz, meu corpo anseia por sua aspereza e impiedade, seus castigos e seu sadismo.

Talvez eu não tenha esperança, afinal, porque no momento em que ele começa a bater dentro de mim, não consigo resistir ao aperto na base do estômago ou à pulsação dos meus mamilos. Meu corpo se prepara para o impacto e meus membros tremem incontrolavelmente enquanto sons eróticos deixam meus lábios.

Justamente quando o orgasmo está prestes a me atingir, Adrian remove seus dedos e sua boca, me deixando ofegante. Meus lábios formigam, sentindo-se machucados, e meu peito sobe e desce com força enquanto eu olho para ele.

Ele rapidamente desabotoa as calças e libera seu pau duro como pedra. Eu solto um gemido carente quando ele sem esforço me levanta com uma mão, me incitando a envolver minhas pernas em torno dele.

Eu faço, porque eu preciso do orgasmo que ele não me deu agora. Adrian costuma dar antes de receber, mas isso é considerado um castigo, então ele não vai me dar esse prazer facilmente. Ele empurra dentro de mim, despertando novamente o acúmulo de antes. Seu ritmo é duro e longo, destinado a atingir o mais fundo que puder. Com meus pulsos acima da minha cabeça, estou completamente à sua mercê e, agora, ele não parece ter nenhuma de sobra.

Arrepios ainda explodem em minhas paredes com cada mergulho delicioso, sua virilha atingindo meu clitóris inchado. O prazer se aprofunda e aumenta até que tudo que posso ouvir é o som dos tapas de carne contra carne e meus soluços desesperados por mais. Estou perto, tão... perto.

— Diga que você me ama, — ele murmura.

— Não... — Minha voz treme.

— Diga, Lia.

— N-Não.

Seu ritmo diminui e quase choro de frustração. Ele não pode fazer isso comigo agora.

— Adrian... não...

Seus olhos cinzentos são os mais severos que eu já vi, como uma tempestade prestes a explodir. — Diga a porra das palavras, Lia.

— Eu te odeio, — eu soluço, movendo meus quadris para manter o atrito.

— Se você não as disser, vou deixá-la quente e incomodado aqui e agora.

Seu ritmo diminui ainda mais até que ele mal se move dentro de mim.

— Adrian...

— Diga. Isso.

Minhas paredes desmoronam e eu me odeio neste momento e o odeio. Porque ele me fez sentir assim e está usando isso contra mim. Mas, acima de tudo, odeio ter caído tão fundo que não conseguiria encontrar uma saída, mesmo se quisesse, mesmo tendo esses sentimentos doendo.

— Eu te amo, — eu sussurro entre fungadas.

O ritmo de Adrian aumenta quase que instantaneamente, dirigindo-se a mim com um ritmo mais profundo que me rouba o fôlego. Ele puxa todo o caminho para fora, então empurra de volta enquanto provoca meu clitóris. — Novamente.

— Eu te amo... — Estrelas se formam atrás de minhas pálpebras tão violentas quanto as palavras que saem da minha boca. — Eu te amo, Adrian...

O orgasmo não é apenas forte, é interminável, prolongando-se por tanto tempo que estou chorando, as lágrimas rolando pelo meu rosto e queixo. Adrian bate seus lábios nos meus enquanto ele força mais e mais rápido até que ele encontra sua própria liberação. Minhas pálpebras caem enquanto seu esperma quente embebe minhas paredes internas.

Ele não para de devorar minha boca e misturar seu sangue com minhas lágrimas e nossa saliva. Sua língua se enrosca na minha, seus dedos cavando com mais força na carne macia dos meus pulsos enquanto ele me consome, me beijando tão forte quanto ele me fode.

No momento em que ele arranca sua boca da minha, liberando meus pulsos e puxando para fora de mim, estou tão atordoada que esqueço momentaneamente onde diabos estou ou o que acabou de acontecer. Só quando minhas pernas trêmulas tocam o chão é que tudo volta para mim. Eu pedi a ele para se abrir e ele não apenas recusou, mas ele me mostrou brutalmente que nunca o fará.

Adrian pega alguns lenços de papel e começa a limpar minhas coxas. Eu dou um tapa em sua mão, novas lágrimas brotando dos meus olhos.

— Lia...

— Você é tão cruel, Adrian.

— Eu sou cruel por fazer você admitir o que sente?

— Não, você é cruel por usar isso contra mim. — Eu levanto meu queixo. — Você não tem permissão para me tocar, a menos que esteja pronto para me soltar.

Sua mandíbula aperta. — Você é minha esposa e eu tocarei em você sempre que eu quiser.

— Não, a menos que você esteja pronto para me forçar.

E com isso, eu me viro e sigo para a porta, grata que minhas pernas não cedem em mim. Vou direto para fora, querendo ir para casa. Alguns guardas estão espalhados pela propriedade e eu faço o meu melhor para evitá-los para que não vejam minhas lágrimas. Assim que estou no estacionamento, pego meu telefone para ligar para Yan. Ao fazer isso, limpo minhas lágrimas com as costas da mão, mas elas continuam se multiplicando.

— Vamos, Yan. Atenda. — Eu realmente não quero ir para casa com Adrian agora.

Estou indo na direção do nosso carro quando algo frio pressiona ao meu lado.

— Muito tempo sem te ver, Duquesa.

Capítulo Trinta e Três

Adrian

Eu permaneço na sala por um momento depois que Lia sai. Respirações fortes queimam meus pulmões ao sair, mesmo quando tento desacelerá-las. Meus movimentos são espasmódicos quando me recomponho e afivelo as calças. Eu fui longe demais?

Provavelmente sim. Tenho tendência a perder a noção de tempo e espaço quando se trata de Lia. Sem mencionar tudo o que aconteceu esta noite, de Sergei e Vladimir a Lazlo, me deixando nervoso. A ideia de ela estar na companhia de seu pai o tempo todo não me agradava. Ainda não agrada.

Isso não apenas a colocará em perigo, mas ela também estará em sua comitiva o tempo todo, considerando que ela é sua única filha. Aqueles que têm ou descobrem seus filhos quando são velhos tendem a protegê-los com suas vidas. Esse é o caso de Sergei e Anastasia. Ele a tinha na casa dos quarenta e, embora a educasse no estilo da fraternidade, nunca infligia suas punições sobre ela.

Ela é sua única descendência e ele está pronto para desafiar os próprios códigos de sua existência para protegê-la. É por isso que eu sabia que ele

concordaria com meu plano. Lazlo não será diferente. Se qualquer coisa, ele terá como missão trazer Lia para mais perto dele e para longe de mim.

Já estava formando uma estratégia para separá-los, mas não contava com o fato de que ela realmente gostasse dele e quisesse ser sua filha. Que ela o chamaria de *papai*.

Eu já estava descontente com esse fato e então ela começou a mencionar sentimentos e aquele penhasco de merda que torce meu peito sempre que eu me lembro de como ela pulou dele. Quando ela disse que me odiava, perdi a cabeça fria e tive que tocá-la, senti-la, tê-la só para mim.

No momento em que ela sussurrou que me amava e gritou, eu era um caso perdido. Não é luxúria. Longe disso. Ela tocou partes de mim que pensei que estivessem mortas há muito tempo. No entanto, isso não começou agora ou mesmo recentemente.

Essa é a explicação por trás das sensações estranhas que experimentei sempre que fui ao apartamento dela, seis anos atrás, sempre que olhava para o meu relógio até poder sair e jantar com ela. Naquela época, eu pensava que era apenas por causa das necessidades físicas, por causa do quanto eu a desejava e como seu corpo se desfez ao redor do meu.

Mas não importa o quanto eu a fodesse, não importa o quanto eu a punisse, não havia como saciar a sede que eu tinha por ela. Pelo contrário, continuou crescendo e se intensificando, e isso me fez sufocá-la profundamente em minha escuridão, para fechar todas as outras estradas para que ela não tivesse escolha a não ser, ser conduzida até mim.

Em algum momento, era uma obsessão cega, negra e sem fim. Foi ficando pior quanto mais eu tinha dela, e meus métodos para forçá-la a ficar perto se intensificaram até que todas as linhas borraram. Eu poderia dizer que algo estava errado, que eu deveria parar ou pelo menos diminuir o ritmo, mas a ideia de me separar dela me deixou em um estado de espírito pior e eu simplesmente... não conseguia parar com isso.

Ela fez. Quando ela estava no topo daquele penhasco, uma dor como eu nunca senti antes explodiu em meu peito, medo também. Então ela saltou.

Tudo o que aconteceu foi por causa da minha incapacidade de desacelerar. Finalmente a recuperei e até mesmo seu terapeuta disse que seu estado de espírito está melhorando, apesar do estresse que a fiz passar na semana passada. Mas eu sei, só sei que se não pisar no freio, desta vez vou perdê-la para sempre.

O pensamento aperta meu peito mais do que quando a vi caindo daquele penhasco maldito como uma folha ao vento. Abro a porta e saio, meus movimentos precisos, mas apressados.

Quando perdi a tia Annika e fiquei preso aos meus pais, percebi que não era digno de amor, carinho e emoções positivas em geral. Meu pai me ensinou que, para sobreviver neste mundo, eu precisava descartar esses sentimentos. Veio naturalmente, provavelmente por causa de quem eram meus pais. Foi só com Lia que eu quis identificar esses sentimentos, cavar sob minha própria pele e entendê-los melhor. Enfrentá-los seria difícil, mas não é impossível, especialmente se for para ela e a família que estamos construindo juntos.

Houve momentos em que pensei que havia apenas dor e frieza em nosso relacionamento. No entanto, desde que Lia perdeu a identidade e voltou ao normal, pensei que talvez tivéssemos uma segunda chance. Uma chance onde não desistiremos um do outro. Uma chance que não vou perder. Kolya e Yan se juntam a mim no topo da escada.

— Que porra você está fazendo aqui? — Eu pergunto a Yan. — Por que você não está com a Lia?

— Você não me disse para não ficar sozinho com ela? — Ele pega seu telefone. — Espera. Ela me ligou.

Claro que ela fez.

Ainda odeio a amizade deles. Eu não me importo quantas vezes isso a salvou ou o quanto ela precisa disso. Respirando fundo, vou para fora, verificando seu rastreador no meu telefone, então congelo. Está se afastando, porra.

Capítulo Trinta e Quatro

Lia

— Luca...pare.

Meus pés doem e não é só por causa dos saltos.

Quando meu ex-amigo apareceu e segurou uma arma ao meu lado e me disse para segui-lo, eu o fiz. Não porque eu estava com medo de sua arma, mas porque ele ameaçou matar Adrian. Além disso, quero tudo resolvido para que possamos seguir em frente com nossas vidas. Desde aquele dia no parque, eu sabia que ele voltaria e faria um movimento. Eu só não sabia quando.

Depois do que aprendi com papai, agora entendo por que Luca me deseja mal. Ele é obviamente um inimigo do meu pai e tem me usado o tempo todo. Assim como Adrian. Não. Meu marido pode ter querido me usar e até planejado, mas ele não foi até o fim. Na verdade, ele odeia que eu me envolva em toda a cena.

— Luca. — Tento puxar minha mão da dele enquanto ele me arrasta para frente.

Ele dirigiu até aqui, depois de me empurrar no porta-malas, então não tenho ideia de onde estamos. Não deve ser muito longe, porque não

parecia que ele dirigia por um longo tempo. Estamos no que parece ser uma floresta, ou nos arredores de uma. Árvores altas são as únicas coisas à vista e parecem braços de monstros na escuridão. A única luz iluminando o caminho é a que vem da cabana para a qual Luca está me puxando.

É pequena, com um pátio e piso de madeira. Ele me empurra para dentro e eu tropeço, me segurando no último segundo antes de chegar ao saguão de entrada. Espero que venha outra pessoa, mas ninguém vem. Fico na entrada enquanto Luca fecha todas as cortinas com a arma ainda na mão enquanto espia pela janela. Arrepios cobrem minha pele de frio. Saí da casa de Sergei com pressa e não trouxe meu casaco, então estou apenas de vestido.

Meu olhar voa de Luca, para sua arma e, em seguida, para a porta. Se eu tentar escapar, ele vai me pegar em um piscar de olhos, considerando que ele obviamente conhece a área melhor do que eu. Ou talvez ele me machuque. Além disso, não posso escapar antes de resolver tudo isso.

Abraçando meu braço, eu fico olhando para Luca. Ele está vestindo um uniforme militar preto e um boné de beisebol que projeta uma sombra em seu rosto. Ele removeu a máscara, então pelo menos ele não é mais uma sombra escura.

— O que agora? — Eu pergunto.

Ele continua olhando para a janela. — Agora, cale a boca até que seu pai pague um preço por você.

— Um preço?

Luca se vira e cruza os braços sobre o peito para que a arma fique voltada para a frente. — Se ele quiser te trazer de volta com vida, ele terá que nos dar uma parte de seus carregamentos de drogas na América do Sul.

— Não sei quem você pensa que sou, mas não sou importante o suficiente para que Lazlo Luciano sacrificasse qualquer coisa por mim.

— Boa tentativa. Mas você se esquece de que estivemos escondendo você o tempo todo, Duquesa. Lazlo não fechará os olhos para sua única descendência de sangue.

— Então é verdade? Você está de olho em mim?

— O que você acha?

— Que tal Adrian? Por que você me fez espioná-lo e depois planejou matá-lo?

— Porque ele também é uma ameaça para nós. Não tanto quanto Lazlo, mas ele está logo atrás. Ele está matando cada um dos nossos guardas que sabem sobre sua identidade.

Ele está fazendo isso? Eu zombo internamente. Claro que sim. Ele mesmo disse que vai matar pessoas se achar que são um perigo para mim e que não devo questioná-lo sobre isso.

Eu me concentro em Luca. — E me deixe adivinhar, você não queria que ele descobrisse sua identidade e seu plano sobre me usar?

— Algo parecido. — Ele joga seu peso no sofá, balançando o braço para abraçar as costas. — Agora seja uma boa duquesa e sente-se comigo pelos velhos tempos.

— Que velhos tempos? Aquelas em que você mentiu para mim? Por que você não me disse que era um Rozetti?

— Você não teria entendido.

— Eu poderia ter tentado.

— Tentado? Você deveria ter tentado espionar Adrian ou pelo menos não atrapalhar quando fui matá-lo, mas você causou mais problemas do que valia a pena.

— Você é um idiota, sabia disso?

— Obrigado.

— Não era para ser um elogio. E se você tivesse me dito que tipo de papel eu desempenhei em sua vida e fosse genuíno sobre isso, eu de boa vontade o ajudaria com papai. Mas você teve que ir e me apunhalar pelas costas.

Ele pega o telefone e toca nele enquanto fala. — Você não está sendo dramática, Duquesa?

— Dramática? Sim, acho que posso ser dramática se descobrir que a pessoa que pensei ser minha amiga só estava me usando por causa de brigas de família ou algo assim.

— Brigas de família? — Ele me encara pelo telefone. — Meus malditos pais foram assassinados pelo seu maldito pai, e meus poucos parentes restantes me colocaram com uma família adotiva fictícia de seus trabalhadores para me salvar do destino dos meus pais. Lazlo não parou e nunca vai parar até que ele nos apague da face da terra, e embora eu prefira colocar uma maldita bala na porra da cabeça dele, não posso fazer isso, porque aquele monstro do Nicolo iria apagar os poucos membros da família que eu tenho.

Meu coração dói por ele, apesar de seus atos monstruosos. Luca está com raiva e amargo desde que éramos crianças e agora, eu entendo por que sempre há aquele rancor constante em seu olhar.

Eu me aproximo para não ficar longe dele. — Então o que você planeja fazer?

— Forçá-lo a nos dar uma parte.

— Ele não vai concordar com isso.

— Ele vai se ele quiser você viva.

— Você está falando sério? Isso é problema dele, e ele não me escolheria.

— Nesse caso, ele ficará com o seu cadáver. Talvez então ele compreenda o que significa perder uma família. — Ele faz uma pausa. — Meu tio disse que esconder você de Lazlo era nossa arma secreta. Ele estava certo.

— Foi... minha mãe foi forçada a isso?

— No começo, eu acho. Então, o homem que se casou com ela traiu a família e se recusou a entregá-la.

— Meu padrasto era um de vocês?

— Claro. Assim como sua avó falsa e o homem que a levou da Itália para os Estados Unidos. Seus pais tentaram contrabandear você, mas meu tio encontrou o homem que deveria buscá-la na cabana naquele dia, torturou-o para usar a palavra-código, depois o matou e levou você. Fizemos um bom trabalho escondendo você de Lazlo até que um dos guardas filho da puta contou a verdade sobre você para Adrian sob tortura.

Minha cabeça nada com a carga de informações e minhas pernas mal me carregam. — Minha... avó era falsa?

— Sim. Se ela fosse real, Lazlo teria encontrado você. Ele procurou por sua mãe em todo o maldito mundo.

Oh. Então ele procurou a mamãe.

— Me deixe falar com ele, Luca.

Ele estreita os olhos. — Sobre o que?

— Sobre deixar você ter as ações.

— Não faria diferença.

— Você acabou de dizer que iria.

— Só se sua vida estiver ameaçada, Duquesa.

— Ele apagará sua família da face da terra se você me machucar.

— Se este plano não der certo, ele pode muito bem fazer, de qualquer maneira. Estou em um ponto em que não tenho nada a perder e tudo a ganhar.

— Mas... — Meu protesto é interrompido quando um som vem de fora.

Luca salta de sua posição no sofá e me puxa para frente dele, me usando como escudo enquanto ele enfia a arma na minha têmpora. A porta se abre e minha respiração para quando eu faço contato visual com os intensos cinzas de Adrian.

Kolya, Yan, Boris e alguns de seus outros guardas estão com ele. Todos eles estão com as armas em punho. Meu coração bate rápido enquanto todo o comportamento de Adrian fica mais nítido e seu corpo se vira em minha direção.

— Você não deveria estar aqui. — O tom de Luca é leve, mas posso sentir seu corpo apertar atrás de mim. — Agora largue suas armas antes que eu a mate.

— Você precisa de mim, Luca, — eu digo em voz baixa.

— Não se minha vida depender disso, Duquesa, — ele me diz, então se dirige a Adrian. — Suas armas, Volkov.

O olhar do meu marido encontra o meu novamente por um breve segundo antes de ele acenar para seus guardas soltarem as armas. Enquanto o fazem, Luca me arrasta para uma porta dos fundos enquanto ainda me usa como escudo humano.

Eu tropeço algumas vezes, mas o aperto firme de Luca em mim me mantém de pé enquanto cruzamos a distância. Está tão escuro lá fora que mal consigo ver minhas mãos, mas continuo olhando para a porta até poder ver a sombra de Adrian e dos outros.

Seria uma mentira dizer que não estou com medo, especialmente sabendo da impulsividade de Luca, mas o fato de Adrian estar aqui me dá um pequeno alívio. Seixos rangem sob meus pés e quando o som das ondas atinge meus ouvidos, noto que Luca nos levou até a beira de um penhasco.

Eu respiro fundo enquanto olho para a água abaixo batendo violentamente nas rochas. Assim como naquela noite. Meu corpo treme e lágrimas brotam dos meus olhos. O pensamento de repetir essa experiência me paralisa, fazendo com que o mundo se feche sobre mim até que tudo que eu posso ouvir é a pulsação em meus ouvidos.

— Lia.

Minha cabeça se levanta para encontrar Adrian a uma pequena distância de mim e um pouco do meu medo diminui.

— Respire, *Lenochka*. Estou aqui.

— Adrian... — Eu balanço minha cabeça. — Eu não queria naquela época... eu não quero agora...

— Nada vai acontecer com você.

— Sim, vai acontecer se você não ficar longe. — Luca pressiona a arma com mais força contra minha têmpora.

Algo brilha na escuridão na mão de Adrian e meus olhos se arregalam quando reconheço a arma. Luca parece ter notado também, porque ele me puxa de volta em um movimento rápido. Eu grito quando uma bala é disparada.

Bang!

Capítulo Trinta e Cinco

Lia

Os padrões funcionam de maneira estranha. Eu não achava que acreditava neles, mas minha visão mudou completamente depois que conheci alguém que os considerava uma religião.

Se não fosse por esses padrões, Adrian não teria me encontrado. Ele não teria se inserido na minha vida e se recusado a sair.

Graças aos padrões, minha vida mudou completamente. Nem tudo era bom ou suportável. Em algum momento, odiei a mudança, mas uma coisa é certa. Se não fosse por essa mudança, eu não teria encontrado o homem que não só me salvou, mas também deu sentido à minha vida. Ele me deu Jeremy e não me permitiu fugir dele ou de mim mesma.

E agora, estamos naquele ponto em que chegamos a uma encruzilhada, que só leva em uma direção. Já se passaram dois dias desde que Luca ficou todo kamikaze. Adrian atirou nele e me agarrou, me puxando para longe da borda no último segundo quando Luca caiu do penhasco.

Eles encontraram seu corpo rio abaixo no dia seguinte. Chorei quando soube da notícia porque, embora ele fosse patologicamente manipulador, sua infância não foi das melhores, e ele só fez o que fez para que ele e sua família pudessem sobreviver.

Meu pai ficou furioso quando veio me visitar na noite do incidente. Depois de se certificar de que eu estava bem, ele prometeu encontrar o resto dos Rozettis e eliminá-los da face da terra. Minhas tentativas de convencê-lo não importavam, porque ele já havia se decidido. Adrian concordou com ele também, para minha segurança.

Ele tem estado tão ocupado nos últimos dois dias que eu mal tive um vislumbre dele. Na noite do incidente, ele me levou para casa antes de voltar para o penhasco. Ele passou ontem em longas reuniões com meu pai e depois com a irmandade. Esperei que ele voltasse, mas ele nunca voltou. Parece que esta noite será igual.

Suspirando, cubro Jeremy, coloco meu casaco e opto por dar um passeio no jardim. Eu fico olhando para a casa de hóspedes, pensando se devo ou não ir para Winter, mas acabo decido contra isso.

Ela vai dormir cedo e prefiro não a incomodar com meus pensamentos sombrios. Quando eu disse a Adrian para não me tocar a menos que ele estivesse pronto para se abrir, eu não pensei que ele iria interpretar literalmente. Mas, enfim, não sou eu que estou errada. Eu pensei que poderia tê-lo sem sentimentos antes, que poderia amá-lo o suficiente por nós dois, mas era tão exaustivo e doloroso. Tão doloroso que pensei que a morte era melhor.

Portanto, mesmo que eu pudesse aguentar por um tempo, preciso ter algum tipo de esperança de que um dia ele terá sentimentos por mim, não importa quão longe no futuro isso possa estar. Estou pronta para esperar se sei que isso vai acontecer. Nosso casamento nunca foi um conto de fadas,

mas pensei que gostávamos um do outro. Mesmo quando machucamos um ao outro.

Quando perguntei à minha terapeuta se é normal causar dor um ao outro quando eu obviamente o amo e ele se preocupa comigo, ela confirmou. Aparentemente, quando estressados, podemos descontar na pessoa mais próxima de nós. No meu caso, é Adrian. Mas eu não quero machucá-lo mais. Em troca, não quero sentir dor, pensando que ele nunca retribuirá meus sentimentos.

Quanto mais eles se aprofundam, mais apavorada fico de que voltemos ao estágio do nosso casamento em que a conexão física era tudo o que tínhamos. Eu detesto esse período. Não importa o quão sexualmente compatíveis sejamos, isso vai diminuir com o tempo e então não teremos nada. O ar frio da noite penetra por baixo do meu casaco enquanto caminho até o gazebo. Estou na entrada quando um leve farfalhar vem atrás de mim.

Adrian.

Não preciso me virar para saber que é ele. Seis anos de casamento me sintonizaram com sua presença, mesmo sem vê-lo. Engolindo, eu paro e o encaro. Ele está vestindo seu casaco de cashmere sobre uma camisa branca e calça preta, parecendo tão bonito como sempre. O homem envelhece como um bom vinho, juro.

— O que você está fazendo aqui fora no frio?

Eu levanto um ombro. — Tive vontade de dar um passeio. O que? Eu não tenho permissão para vir aqui sem a sua permissão?

— Lia... — Ele chega mais perto até que fica cara a cara comigo e eu tenho que inclinar minha cabeça para trás para olhar para ele. — Você ainda está com raiva de mim?

— Eu não estou.

— Sim você está. Você sabia que você faz beicinho quando está brava?

— Ele acaricia minha bochecha, então a curva de meus lábios. — É estranhamente adorável.

— Bem, eu não me sinto adorável.

— Eu sinto muito.

Ele... acabou de se desculpar comigo? Nunca pensei que isso aconteceria em um milhão de anos. — Você o que?

— Lamento por fazer você se sentir mal quando eu deveria ter feito o oposto. Eu perdi a capacidade de sentir amor quando era menino, mas você lenta, mas seguramente, arrancou esses sentimentos de mim. Você não só os puxou para fora, mas também segurou com força uma parte de mim que pensei ter sumido há muito tempo. Para você, eu queria voltar no tempo e manter essa parte viva no momento em que te conheci. No passado, eu pensava que as pessoas estavam destinadas a partir, então ser apegado a alguém era inútil. E pensei que em algum momento você também iria embora. Eu lutei contra você. Eu lutei contra a atração de seu perfume de rosa e sua suavidade quebrável. Mas eu não poderia durar,

porra. Não quando eu desejei sua presença no momento em que você estava fora de vista. Não quando meus pensamentos de quebrar sua pureza se transformaram em uma necessidade de protegê-la. Eu disse como meu amor é diferente, como pode ficar escuro, mas eu te amo, mais do que jamais amei alguém em minha vida. Eu não preciso apenas de você. Eu também genuinamente não posso viver sem você e a luz que você traz para a minha escuridão. Sei que você merece coisa melhor, mas não posso deixar você ir, então vou tentar o meu melhor para ser digno de você, *Lenochka*.

Um músculo se contrai em sua mandíbula e um brilho vítreo cobre seus olhos quando ele termina. Ele finalmente conseguiu. Ele... deixou ir.

Lágrimas rolam pelo meu rosto e não me preocupo em enxugá-las. — Oh, Adrian. Você já é digno de mim. Não há ninguém mais lá fora que me entende melhor do que você, que me traria de volta, mesmo quando eu passei por um túnel escuro como eu fiz. Eu só quero ser sua esposa de verdade e sua parceira para o bem ou para o mal, não apenas uma flor delicada que você esconde do mundo.

— Vou tentar ser melhor. Embora eu provavelmente nunca seja um herói.

— Quem disse que eu quero um herói? Estou perfeitamente feliz com você, meu vilão.

— Você está?

- Absolutamente. – Eu envolvo meus braços em volta de sua cintura.
- Eu te amo, Adrian, e embora às vezes doa, nunca me arrependi.

Seus lábios encontram os meus e eu grito quando ele me pega e me carrega em seus braços.

Epilogo Um

Lia

Cinco meses depois

É uma loucura como a vida pode mudar em tão pouco tempo.

Quanto... mais feliz pode se tornar.

Já se passaram quase sete anos desde que conheci Adrian. Começamos com sangue e morte, mas algo muito mais lindo floresceu na escuridão. Seria uma mentira dizer que vivemos um conto de fadas. Se há algo que não vai mudar em Adrian, é o fato de que ele é um vilão. O tipo que ainda trabalha em segundo plano para ter todos sob seu controle, independentemente de serem seus inimigos ou aliados.

Todos, exceto eu.

Ele manteve sua palavra quando disse que se esforçaria mais. Ele me deu mais liberdade e me apoiou quando decidi assumir um cargo administrativo permanente no abrigo. Um onde tenho que estar presente todos os dias. Achei que seu lado controlador repugnante iria aparecer e ele recusaria, mas ele apenas insistiu na segurança. Winter agora me ajuda enquanto ela reconstrói sua vida do zero. É mais difícil para ela, mas estou

segurando sua mão a cada passo do caminho, tentando ajudá-la a encontrar a vontade de superar o que ela pensa ser seu destino.

Tarde demais ou fim não existe. Quando ouvi o *pop* que encerrou minha carreira, pensei que minha existência não era mais necessária. Que a única razão de eu estar nesta terra era para o balé e quando essa razão desapareceu, eu não tive nenhum propósito em ficar. Adrian provou que eu estava errada, mesmo que seu método não fosse o melhor. Então Jeremy apareceu e, embora essa não fosse a solução mágica, ela desempenhou um papel importante. É assim que chegamos até aqui.

Agora, saímos como uma família e passamos mais tempo juntos, porque não importa o quão ocupados estejamos, percebemos nossa prioridade número um.

Família.

Não apenas nós três, mas também Yan, Kolya, Boris, Winter e até Ogla. Eu estabeleci como regra que todos nós comêssemos juntos pelo menos uma vez por semana e depois jogássemos Scrabble. Algo que Adrian resmunga, mas ele ainda me ajuda a trapacear. Meu marido e eu não viemos de famílias convencionais e acho que é por isso que prestamos mais atenção a essa parte de nossas vidas.

Embora eu tenha uma grande família agora. Papai não me deixou sozinha desde que descobriu sobre mim. Ele até deu uma grande festa em minha homenagem para me apresentar ao mundo como sua filha. No começo, eu não gostei muito da atenção, mas estou gostando de conhecê-lo e seu lado da família mais do que pensei que faria.

Adrian diz que é porque ele está me estragando, mas Adrian está com ciúme porque outra pessoa está me amando. Ele envolve um braço em volta da minha cintura enquanto me leva para uma das reuniões da irmandade. Ele parece tão elegante em seu smoking que eu gostaria de tê-lo só para mim.

Não adianta nada quando ele me encara, me oferecendo um de seus raros sorrisos. — Pronta esposa?

— Claro que estou. — Eu sorrio e abaixo minha cabeça.

— O que?

Aliso uma ruga invisível em sua jaqueta. — Eu simplesmente... amo estar em seu braço.

— Eu também.

— Diz o homem que sempre me tratou com frieza na frente dos outros.

— Um erro que nunca mais vai acontecer.

— Não que eu vou deixar. Não tenho mais medo de você, sabe.

— É assim mesmo? — Ele levanta uma sobrancelha divertida. — Eu tenho que manter minha reputação de monstro.

Eu mordo meu lábio inferior. — Isso significa que você vai me punir?

Um grunhido profundo sai de seus lábios. — Não me tente ou farei isso agora.

— Faça isso então, — eu sussurro provocativamente.

— Lia... — ele geme em um tom rouco.

Eu pego sua mão e o puxo para o pátio, longe de olhos vigilantes. Adrian me empurra contra a parede e me beija, seus lábios roçando nos meus trêmulos antes de sua língua encontrar a minha. Um gemido escapa da minha garganta como toda vez que ele me tem em seus braços. Parece a primeira vez, como se estivéssemos redescobrimo um ao outro a cada toque.

Eu me afasto, ofegante, antes que ele se aprofunde ainda mais e eu perca a noção do que está ao meu redor.

— Adrian... eu tenho algo para te contar.

— Mais tarde. — Seus lábios procuram os meus novamente, mas eu inclino minha cabeça e ele mordisca a pele sensível da minha garganta.

— Oh Deus...

— Hmm. Amo sua voz, *Lenochka*.

— Você faz?

— Por que isso é mesmo uma pergunta?

— Adrian...

Ele beija seu caminho pelo meu pescoço. — O que?

— Estou grávida.

Ele faz uma pausa com os lábios na minha garganta antes de lentamente se afastar, seus olhos cinzas brilhando na escuridão. — O que você acabou de dizer?

Eu pego sua mão e coloco na minha barriga lisa. — Fiz alguns exames e deram positivo. Temos que ir ao médico, mas tenho quase certeza de que estamos esperando.

Nós concordamos em ter um segundo filho não muito tempo atrás e Adrian teve uma explosão tentando me engravidar. Ele me fode em qualquer chance que tem e sempre que eu me torno uma pirralha e resmungo sobre isso, ele diz que é para dar a Jeremy um irmão e que nós dois devemos nos sacrificar pelo bem maior.

Sua grande mão acaricia minha barriga. — Nosso bebê está aqui?

— Sim. Nosso bebê.

Jeremy pode ter nos aproximado, mas foi um começo forçado. Este será diferente, este será nosso passo permanente para a felicidade.

Adrian me abraça e suspira na curva do meu pescoço antes de se afastar para me encarar. — E aqui eu estava curtindo o processo de engravidar você. Mas tudo bem, todas as coisas boas chegam ao fim.

— Por que eles têm que acabar?

— Nossa, Sra. Volkov. Você está insinuando que devo continuar?

— Quero dizer, você precisa. Se minha gravidez com Jeremy foi alguma indicação, você sabe como eu fico responsiva.

Ele sorri, os olhos brilhando. — Oh, eu me lembro.

Eu o agarro pela jaqueta. — Devemos começar agora?

— Novamente, por que isso é uma pergunta, esposa?

Então seus lábios estão nos meus novamente.

Epilogo Dois

Adrian

Um ano depois

Eu lentamente fecho a porta do berçário, fazendo o clique o mais silencioso possível.

Colocar nossa filha, Annika, para dormir é uma missão por si só. Ela é tão difícil em comparação com quando Jeremy era uma criança. E não só depois que ela nasceu, mas também durante a gravidez. Muitas vezes ela acordava Lia no meio da noite com seus chutes furiosos e se recusava a dormir. Essas noites foram as mais longas, mas minha Lenochka e eu as superamos estando igualmente acordados.

Ogla diz que Annika vai ser uma diabinha e eu acredito nela.

Jeremy está nas nuvens desde que descobriu que teria uma irmãzinha, e ele é o primeiro para quem ela sorriu. Ele disse que vai protegê-la como seu irmão mais velho. Nosso menino é tão responsável, mesmo em tenra idade, e já aprendeu a segurar a irmã corretamente. Lia o está colocando para dormir enquanto eu cuido de Annika. Às vezes trocamos e, outras vezes, encontro os dois dormindo ou Annika tendo um acesso de raiva enquanto Lia meio acordada a convence a dormir.

Os primeiros meses geralmente são os mais difíceis, mas estamos chegando lá. Mesmo que tenhamos esquecido o que significa ter uma boa noite de sono. Durante toda a minha vida, eu sabia que era esperado que tivesse filhos e herdeiros, mas nunca pensei que seria uma experiência dessas. O fato de eu poder vivê-lo com minha *Lenochka* é a razão pela qual eu não só aguento, mas também gosto disso.

Porque esta é nossa família. Minha família, aquela que eu protegeria com minha vida. Assim que fecho a porta, Lia me agarra pela mão e me leva para o nosso quarto.

Ela está nua.

Totalmente.

Porra. Não importa quantas vezes eu a veja sem roupa, ainda tem o mesmo efeito da primeira vez em seu apartamento. Ela ainda é a rosa mais linda que já vi. Lia me empurra até que estou deitado na cama, desabotoa minhas calças e monta em mim. Suas mãos acariciam meu pau já duro enquanto ela morde o lábio inferior.

— Você vai me usar, *Lenochka*? — Eu provoco.

— Eu sinto sua falta... — ela geme, lentamente me guiando dentro de seu calor úmido. — Eu mal consigo ter você ultimamente...

Sua cabeça tomba para trás com um gemido enquanto ela se abaixa até que eu esteja totalmente revestido dentro dela. Sua mão trêmula repousa sobre meu peito enquanto ela se dá um momento para se ajustar. Não importa o quanto minha besta me incite a fazer algo, para fodê-la completamente, eu o controlo, deixando Lia tê-la preenchida.

Ela começa a se mover lentamente, seus quadris girando em um ritmo crescente enquanto ela monta em mim. Meu pau engrossa dentro dela e ela prende o canto do lábio inferior entre os dentes. Mas não é apenas por causa do êxtase gravado em suas feições. É também tudo o mais. Da maneira como nossas virilhas se encontram com cada movimento para cima e para baixo ou como sua excitação escorre pelo meu comprimento.

Um brilho de suor cobre sua pele brilhante e umedece seus cabelos escuros enquanto eles batem em seus ombros. Seus seios saltam, seus mamilos inchados de amamentar quando ela acelera o passo. Estendo a mão e os belisco, fazendo-a gemer e choramingar. A visão de baixo é a única razão pela qual às vezes a deixo fazer isso. Mas até minha paciência tem limites.

Agarrando-a pelos quadris, eu a rolo e ela grita quando suas costas encontram o colchão. Mas então ela geme quando eu entro nela rápido e forte antes de ir devagar e sem pressa, o ritmo que nós dois gostamos. Seus sons eróticos reverberam pelo ar, me incentivando, implorando, pedindo por mais. O som de sua voz me deixa ainda mais duro e dou a ela o que ela precisa. Depois que ela me privou deles no passado, eu não considero seus ruídos de prazer garantidos. Sempre que ela os oferece, como agora, gravo cada um deles na minha memória.

— Oh, Adrian... sim... sim... — ela geme enquanto desmorona em torno de mim. Seu prazer se liga ao meu e eu me junto a ela quase ao mesmo tempo.

Ficamos ali esparramados um sobre o outro, beijando-nos lentamente enquanto a toco em qualquer lugar que posso alcançar. Então, nós apenas olhamos um para o outro enquanto eu acaricio seu cabelo atrás da orelha.

— Você é tão mesquinho, — ela faz beicinho, passando os dedos pelo meu peito.

— Mesquinho?

— Você não me deixou terminar de montar em você.

— Você não gosta de terminar de montar em mim. Você só gosta de começar.

— Talvez eu goste de terminar.

— É por isso que você nunca tem um orgasmo nessa posição?

— Que seja. — Ela suspira. — Estou feliz por não termos sido interrompidos.

— Não azare. O demônio está a uma porta de distância.

Ela ri baixinho, então faz uma pausa. — Ei, Adrian.

— O que?

— Lembra quando eu menti para você sobre trair?

Meu humor escurece instantaneamente. Odeio essa parte de nossas vidas, mesmo que tenha moldado quem somos hoje. Mas o que mais odeio são os sentimentos daquela época. É verdade que ela não traiu, que ela era tão fiel a mim quanto eu era a ela, mas em um ponto, eu acreditei. E aquela dor me dividiu em dois, e porque eu estava infeliz, eu a machuquei.

— Por que você está mencionando isso? — Eu pergunto.

— Estou curiosa. Se você acreditou que eu trai, como é que você nunca me deixou ir? Não teria sido a coisa mais lógica a fazer?

— Não para mim. Eu preferia ter você, mesmo sabendo que você me traiu, do que não ter você de jeito nenhum.

A umidade se acumula ao longo de suas pálpebras enquanto ela sorri.
— Oh, Adrian.

Eu estreito meus olhos. — Você está pensando em trair, Sra. Volkov?

— Nem mesmo na próxima vida. — Ela envolve seus braços em volta do meu pescoço. — Você não é apenas meu amante e meu marido, você também é meu melhor amigo e meu parceiro em tudo.

— E você é minha, *Lenochka*.

— Eu te amo, Sr. Volkov.

— Eu te amo, Sra. Volkov.

E vou passar o resto da minha vida mostrando a ela exatamente o quão profundo e cru é esse amor.

Fim

Sobre a Autora

Rina Kent é autora de best-seller internacional de romance de tudo que é inimigo para amantes. A escuridão é seu playground, o suspense é seu melhor amigo e as reviravoltas são o alimento de seu cérebro. No entanto, ela gosta de pensar que é romântica no coração de alguma forma, então não mate suas esperanças ainda.

Seus heróis são anti-heróis e vilões porque ela sempre foi a esquisita que se apaixonou por caras por quem ninguém torce. Seus livros são polvilhados com um toque de mistério, uma dose saudável de angústia, uma pitada de violência e muita paixão intensa.

Rina passa seus dias privados em uma cidade tranquila no Norte da África, sonhando acordada com a próxima ideia do enredo ou rindo como um gênio do mal quando essas ideias se juntam.